



explosiva arrogante

SE ENTREGANDO AO AMOR | *livro I*

AGATHA SANTOS





Série Se

Entregando Ao Amor – Livro 1

Agatha Santos

2019

Copyright © Agatha Santos

Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Hellen Caroline**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Vega Velásquez:

Uma mulher linda, forte, inteligente e decidida, que sempre soube o que quis da vida, que é tornar-se a CEO na empresa do seu pai. A beira de conquistar tudo que sempre quis e ter a satisfação plena de sua vida, sua consciência começa a cobrá-la de algo que ela nunca se arriscou: se entregar ao amor.

Antônio Machado:

CEO, lindo, sexy, gostoso e muito arrogante. Ele sempre gostou de ter controle de suas emoções e não se deixava levar por uma vida de aventuras.

O encontro deles não começou bem.

Ela fica louca quando ele mostra seu sorriso cínico.

Ele ama quando ela fica toda atrapalhada e se entrega às suas vontades.

Podem duas pessoas com personalidades tão fortes, se permitirem viver um grande amor?

Dedicatória

Dedico este sonho a mulher que me ensinou que com um sorriso no rosto e alegria no coração, tudo é possível. A você, minha mãe!



Hoje acordei com uma sensação estranha, algo que nunca senti, e para completar ainda tem este novo cliente, o tal magnata da exportação, que, no mínimo, deve ser um velho, chato, feio e gordo. Bufo só em pensar.

Dios Mio!

Mas tenho que mostrar para papai e meu tio Ricardo que sou capaz, e agir como uma profissional altamente competente, afinal, minha promoção depende disso e o Senhor Magnata que se prepare, pois vou desvendar seu problema ou não me chamo Vega Velásquez.

De volta à minha realidade, faço um resumo desta manhã, na qual o meu ponto alto e baixo se colidiram no mesmo lugar, ou, nesse caso, pessoa. O lindo moreno de olhos claros e cabelos fodíveis que entrou naquela cafeteria que a Aldria insistiu em me levar para um café.

Paro de pensar e reúno o material que já consegui e vou para a bendita reunião.

Chego à sala e me sento no lugar habitual onde Lola, minha assistente, ocupa a cadeira ao lado. Entretenho-me no meu notebook com a Aldria e resolvo fechar a tela de conversa enquanto respondo algumas questões que a Lola coloca sobre outros “pepinos” do departamento, quando minha janela apita novamente com uma imagem que Aldria enviou. Respiro fundo e abro a janela enquanto tomo um gole do café.

Aldria – Boa sorte, sua vaca! kkkk...

E aí ocorre o segundo desastre do dia. Sujo a tela e teclado do notebook inteiro com o café que estava na boca, mas continuo paralisada, pois a única coisa que me prende é a imagem do print da tela do computador, da Aldria com uma matéria de algum site de fofoca, dizendo o quanto o *CEO da ALM Enterprise* é o mais cobiçado entre as damas da sociedade paulistana.

Merda! É ele, falo para mim mesma.

Oh, Dios Mio. Eu estou totalmente ferrada!



“Sou teu ego, Tua alma... Sou teu céu, o teu inferno, A tua calma... Eu sou teu tudo, Sou teu nada... Minha pequena és minha amada... Eu sou teu mundo, sou teu poder... Sou tua vida, sou meu eu em você...”

Inferno de música melosa!, grito no meu apartamento, sozinha.

“Sempre sozinha.”

Ei, você! Não pense que sou uma mulher depressiva, que passa horas chorando por amores não correspondidos. Essa, definitivamente, não sou eu!

“Ou deveria ser?!”

Merda! Fiz de novo!

Ok! Vocês não estão entendendo nada, então aí vai um breve resumo da minha vida incrível.

Desde muito pequena sempre fui determinada e objetiva. Aos sete anos eu já sabia o que queria ser, como iria ser, e porque iria ser.

“Só não sabia que ia se tornar esse poço de gelo.”

Hoje sou uma mulher com vinte e oito anos de idade, independente, muito bem resolvida financeiramente, com uma incrível carteira de contatos sociais que deixaria as Kardashians^[1] no chinelo.

“HA! HA!”

Não! Não sou uma patricinha filhinha de papai mimada, que só conhece o mundo da moda e todas essas futilidades. Ei! Também não sou uma grosseirona e caipira que não aproveita o glamour do meu mundo. Enfim, voltando ao que interessa, sou bonita — sem falsa modéstia. Sou um arraso! Conheço e sei de meus atributos.

Não sou aquela Top Model, alta, magra, com bocão e anoréxica. Sou mais do tipo G.O.S.T.O.S.A. Isso aí! Infelizmente não sou só genética, malho muito. Três vezes na semana corrida e intercalo duas de Crossfit. Nos meus 1,65m não posso me dar ao luxo de comer de tudo e à vontade. Tenho controle do que como, por isso, o resultado é a medida certa na proporção certa.

O rosto sim, é genético. Tenho descendência espanhola — presente de mamãe —, então pense em uma morena, cabelos ondulados, sedosos e compridos. Nariz alinhado, boca bem desenhada, e o que eu mais amo: meu olhar. Há quem diga que tenho olhar felino, tipo Megan Fox, ou seja, sou uma mistura brasileira de curvas e atributos, com uma pitada de temperamento espanhol.

Qual o problema em tudo isso? Nada! Absolutamente nada!

“Seu coração agora virou nada? Idiota!”

Esse é o problema. Argh! Essa merda de vizinha infeliz que fica tirando onda com a minha cara cada vez que penso, falo, ajo sobre qualquer coisa.

“Só nas coisas que você tem tendências a estragar.”

— EU NÃO ESTRAGO NADA! — grito.

“Ah, não?! E como anda o coração?”

— Batendo — respondo ironicamente.

“Infelizmente foi a única função que você deixou a cargo dele.”

Dios Mio! Estou ficando maluca, bitolada, lelé da cuca! Deu para falar sozinha agora, Vega Velásquez Gouvêa?

“Você não está sendo nada disso. Só está sendo birrenta comigo.”

— Já chega! Amanhã eu marco um terapeuta.

“É só admitir...”

— Me deixe terminar minha autoanálise? — peço, desdenhosa.

“Por favor, continue...”

Acho que vocês já perceberam, né? Minha cabeça está pirando. Há algum tempo que algo dentro de mim grita que estou no caminho errado, mas como posso estar, se fiz tudo certo?

Meu pai, Sr. Pedro Henrique Gouvêa, CEO da Gouvêa & Associados, maior escritório de advocacia e direito internacional do Brasil, é o meu espelho. Tenho orgulho do que ele é, e onde chegou.

Minha família sempre esteve bem financeiramente, mas meu pai elevou o patamar e o Brasão da Família Gouvêa para um nível nunca alcançado. Claro que um grande homem não tem nada sem o apoio familiar, e assim se faz a outra metade da equação: dona Helena Velásquez Gouvêa. Para os íntimos, dona Lena.

Ela é a leveza e brilho no sorriso e olhar de meu pai. Um homem apaixonado. Implacável nos negócios, determinado e incansável. Há quem diga que ele não tem coração. Somente no íntimo de seu lar, o Sr. Gouvêa, CEO, se torna Pedro, um marido exemplar e um pai perfeito. Confesso que dos dois, ele é o que mais me mima e faz minhas vontades, mas quando cobra, Madre de Dios, ele sabe realmente como fazer.

Sempre tive excelente base familiar, tanto no Brasil como na Espanha. Ah, não falei,

né? Minha mãe é espanhola legítima, catalã de origem, nasceu em Girona, mais precisamente em Sant Feliu de Guíxols. Ai! Aquele lugar é maravilhoso!

Meus avós maternos compraram uma pequena pensão por lá e quando a coisa virou muito turística, o negócio cresceu. Hoje eles são donos de três hotéis cinco estrelas na região.

Quando meu pai, ainda nos seus trinta anos de idade e vigor, resolveu expandir o escritório do meu avô Manoel para algo mais internacional, acidentalmente foi parar em Sant Feliu de Guíxols. Hospedou-se no melhor hotel da região, que, por sinal, era dos meus avós, e conheceu minha mãe.

Na época ela tinha vinte e quatro anos, recém-formada em Hotelaria e Administração, pronta para ingressar nos negócios da família, mas, segundo ela, não foi possível resistir los ojos del diablo^[2] do Sr Pedro e se apaixonou. Incrível que em seis meses se conheceram e se casaram. Um ano depois nasce o que viria ser a única filha do casal.

Por sorte meus avós maternos, Pablo e Anita, tiveram mais três filhos: Dimas, Costa e Estevan. Todos mais velhos que minha mãe. Então, ela como caçula e única menina, tendo puxado o fervor caliente espanhol de minha avó, bateu o pé e as coisas aconteceram exatamente como queria.

Faltando um mês para o meu nascimento, meus pais retornaram para o Brasil, fixaram residência em São Paulo capital e vivem na mesma casa até hoje.

“Quanta humildade! Chamar aquela mansão de casa é no mínimo eufemismo!”

Estava demorando...

Está certo, é uma mansão em um condomínio muito exclusivo, mas não deixa de ser um lar, cheio de amor, carinho e ponto de diversão de toda a família.

Depois da morte do vô Manoel, as festas e comemorações familiares migraram lá para casa. Levando em conta que meu pai tem mais dois irmãos mais novos, tio Jonas e tio Ricardo, e

que respectivamente, um — casado com tia Agna — tem três filhas, Íris, Ariane e Alexandra, e o outro — casado com tia Rute — tem dois filhos, Júlio e Olavo.

Todo esse quase bacanal genealógico é minha família e sempre que possível estamos juntos. O único problema disso é que, mesmo eu sendo a mais velha da prole Gouvêa, todos são intrometidos e palpitam uns na vida dos outros, principalmente na minha. De todos, a única que permito e que me conhece bem o suficiente para ser levada a sério é a centrada da Íris. Ela é a segunda mais velha, tem vinte e sete anos e posso dizer que é minha melhor amiga.

Mesmo no posto de mais velha dos primos, filha do primogênito e a primeira herdeira para a cadeira do Gouvêa & Associados, meus amados primos não saem do meu pé. São possessivos e ciumentos com todas, mas como não tenho muita paciência para machismo, sou a que mais briga com aqueles dois.

Sou graduada pela USP em Administração, pós-graduada em Direito Empresarial pela PUC, e com MBA Executivo em Finanças, Controladoria e Auditoria, feito na Espanha — melhor época da minha vida — que me tomou uns bons três anos. Foi aí que consegui aprimorar meu espanhol, já que tenho fluência em inglês desde os doze anos de idade. Morar esse período na Europa realmente abriu minha mente.

“Abriu outra coisa, né, querida?!”

— Cale-se!

Oras, eu tinha vinte e quatro anos e minhas, digamos, experiências de vida, eram mínimas. Eu era a filha perfeita que estudava, estudava, estagiava, estudava. Nunca tive muito tempo para coisas bobas.

“Tipo ter uma vida amorosa?”

É isso aí. Nunca tive tempo para coisa melosa. Tive casos aqui, outros ali, mas nada, absolutamente nada, que me tirasse do meu objetivo: ser uma especialista na minha área.

E também sempre tinha aqueles dois encostos que chamo de primos no meu pé, portanto ficava impossível ter algo íntimo e pessoal com alguém.

Calma que também não sou virgem, tá?! Perdi meio tarde para os dias de hoje, mas não me arrependo de esperar. Arrependo-me do cara que escolhi como felizardo. Domênico Albuquerque. Até hoje me pergunto por que fui na onda da Aldria e do Lucca de que era muito velha pra ser “PV” — pepeca virgem. Era exatamente assim que aquele projeto de mulher enrustida do Lucca me chamava. Idiota!

Conheço esses dois desde que entrei na faculdade e foi amizade à primeira vista. Eu, uma mandona nata; Aldria, ácida, sarcástica e cara de pau; e, para arrematar, Lucca, o único gay que consegue aguentar nós duas ao mesmo tempo.

Ele e Aldria fizeram a campanha do século no meu último ano de faculdade e até compilaram uma lista dos pretendentes à “PV”. Seria cômico se não fosse trágico, porque justo nessa época, por relações comerciais e sociais, fiquei próxima de Domênico. Ele era um cara legal, terminando sua pós em Direito Público, e eu realmente o considerava um grande amigo.

Aqueles dois lunáticos que tanto amo me fizeram — quase forçaram — transar com Domênico no meu baile de formatura. Coisa mais clichê, mas é verdade. O único detalhe que ninguém contava era que Domênico era super, mega apaixonado por mim.

Para ser sincera, nem eu percebia. Ele sempre foi discreto. A coisa toda só desandou quando ele pensou que, se eu entreguei a ele minha imaculada virgindade, era um sinal de que eu realmente o amava e que tínhamos que nos casar e ser felizes para sempre. Ele teve a capacidade de falar com meu pai. MEU PAI! Antes de me fazer todo esse discurso sem pé e nem cabeça.

Conclusão: saí de casa e aluguei um apartamento com Aldria e Lucca. Nessa época eu já estagiava na Gouvêa & Associados, e, portanto, podia me dar ao luxo de rachar as contas de um apê legal com meus fiéis escudeiros, que me colocaram numa situação, no mínimo, embaraçosa.

Domênico pegou a dica de que não haveria um namoro — quiçá um casamento —

quando parei de atender suas chamadas, mudei sem dizer para onde e cortei qualquer relação com ele.

Meu pai achou rude de minha parte, já que para ele, nós estávamos superentrosados.

Coitado!

Minha mãe foi a heroína dessa fase quando tomou a frente e me ajudou a resolver tudo com praticidade e sem muitos questionamentos.

Gracias a Dio, pela mente aberta da minha mãe!

Ela e eu sempre nos entrosamos bem e ela sempre foi uma amiga e mãe nas horas que precisava.

Claro que depois de me mudar e ter a tão sonhada liberdade — não que não tivesse, mas passei a não precisar mesmo dar nenhuma satisfação a ninguém —, aproveitei para explorar certas áreas ainda desconhecidas por mim e pelo meu corpo.

“Aí a coisa começa a descer ladeira.”

Shiiiiu... Já estou terminando.

“Vá em frente, chica...”

Como estava em período de pós-graduação, morando sozinha e com meu diploma de Bacharel em mãos, fui promovida à Executiva Júnior no escritório central da empresa. Minha vida ficou uma loucura total! Ao mesmo tempo em que estava me matando para me inteirar e me resolver com meus orientadores, eu tinha uma carga horária completa para executar todos os dias, incluindo aos sábados. Aff... Aquilo realmente me deixou pirada. Meu equilíbrio acabou, sendo meus fiéis escudeiros, Aldria e Lucca, os que traziam alegria para meus dias estressantes no escritório.

Foi nessa época que adotei o sistema de cinco e só.

Saio e conheço um cara interessante, bonito, cara de mau — devo sofrer da síndrome de Estocolmo, pois amo os caras maus e principalmente safados. Claro, para quem realmente não tinha tempo de pensar em qualquer coisa que não fosse o sistema financeiro nacional ou a recuperação judicial de uma empresa, tinha que arrumar alguém no perfil safado, ainda mais depois do “trauma Domênico” —, mas prefiro deixar as coisas, digamos, mais práticas.

“Fria...”

Prática. Sempre prática!

Bom, depois de conhecer o tal gostoso da vez, a gente se “curtia”, mas no máximo cinco vezes. Exatos cinco encontros que podem variar de cinema à boate, sempre regado a sexo. Bom sexo! Entretanto, no final dos cinco encontros, o resultado é o mesmo: cada um segue seu caminho. Sem perguntas, sem pressão, sem cobranças.

Às vezes rolava um repeteco aqui, outro ali, exceções à regra, mas nada que compromettesse a essência dos cinco e só.

Isso funcionou para mim, de verdade, independente da Aldria sempre fazer questão de me dizer o quanto soa frio e que estou me tornando mais gelada que a Frozen. Seja lá o que isso for, eu estava realmente bem.

Quando terminei a pós, fui indicada a uma Universidade da Espanha para o meu MBA, quase morri de felicidade. Dar um tempo em toda aquela loucura da empresa foi ótimo, era minha chance de ficar próxima dos meus parentes espanhóis, meus avós.

Realmente esse foi o ponto alto nesses três anos, pois o “dar um tempo da empresa” não aconteceu como previsto, muito pelo contrário. Meu tio Jonas fez questão de arrancar cada gota de suor e dedicação para fazer a coisa funcionar na filial espanhola, que ficou sob sua responsabilidade para cuidar, em Girona, quando meus pais retornaram para o Brasil. Nessa época, realmente tive alguém para contar e diminuir a saudade de casa e dos meus amigos. Principalmente Íris. A linda e perfeita prima gata, diva. Se ela me vir falar isso, com certeza

rolaria os olhos e diria o quanto sou patética.

Íris tem praticamente minha idade, pena que não tenha a tendência de caminhar para os negócios da família. Ela é uma excelente cirurgiã pediatra.

Quando voltei para o Brasil, ela veio comigo. Conseguiu uma vaga para seu doutorado e foi convidada a trabalhar no Albert Einstein. Morro de orgulho daquela chica.

Outro ponto superpositivo são os espanhóis.

Madre de Dios, que cosa más caliente!

“E é aí que a Judith Flores^[3] nasce dentro dela.”

Aff! Não é para tanto! Eu nem cheguei perto de conhecer um Clube de Sexo!

“Não que você realmente não tenha procurado.”

Detalhe.

Ao contrário do que essa vizinha irritante diz na minha cabeça, eu não tentei bancar a perversa, não! Só experimentei coisas mais picantes... Ménage a trois, umas palmadas aqui e ali e algumas técnicas de bondage^[4]. Nada tão escandaloso assim.

“Claro. Fale isso pro seu pai!”

Por que sempre o coloca na conversa? Que coisa mais chata!

“Só falei por falar!”

OK!

Apesar dos efeitos colaterais, se é que posso chamar disso, realmente valeu a pena. Pelo menos consegui trazer mais prazer, propriamente dito, à vida da minha querida prima Iris, que pensava que a vida era nascer, crescer, estudar, trabalhar, casar e ter filhos. Bom, não que eu seja contra, mas onde está a parte do foder como uma louca vadia até quase estourar os miolos e ter

histórias para se lembrar quando a parte do casar e ter filhos ficar meio chata?

Enfim... Ela e eu tivemos nossa cota de perversão e safadeza na Espanha e voltamos para o Brasil felizes e saltitantes.

Pelo menos até agora...

Voltando à coisa toda do início e daquela música melosa e idiota é que: essa vozinha chata dentro de mim não para de gritar que estou errando feio em alguma coisa, e, mesmo depois de todo este apanhado da minha vida, não cheguei à conclusão de onde está o erro. Frustrante!

Aldria diz que estou na crise dos trinta, mas já disse a ela que só tenho vinte e oito anos, ao que ela alega ser irrelevante. Vai entender?!

Lucca supõe que seja falta de um macho alfa que me pegue de jeito. Pode ser. O último já tem algum tempo, então...

“Admite logo de uma vez!”

— Dios Mio, admitir o quê? — grito novamente em meu apartamento, sozinha.

“Que mesmo todas essas coisas que aconteceram com você e ter aproveitado a vida a rodo com seus amigos, se sente SOZINHA! E que o que te faz falta é ter um colo, um cafuné, braços protetores e alguém para ligar e que você sabe que vai sentir sua falta.”

— Ótimo, agora meu subconsciente é terapeuta — ironizo a minha situação.

“Ora, cale a boca! Seja uma mulher e admita suas fraquezas!”

— E se eu não quiser? — Faço manha.

“Bom... eu não pretendo ir embora mesmo, e estou aqui para lhe lembrar diariamente disso.”



Faz quase dois anos que estou de volta ao Brasil. Cheguei com tudo! Quando parti para a Espanha eu era uma Executiva Júnior e, como me aprimorei e me destaquei na filial de Girona, subi mais uns degraus e voltei como chefe do departamento de controladoria e auditoria da empresa.

Para que você entenda, minha situação é a seguinte: temos hoje a matriz da *Gouvêa & Associados* em São Paulo, uma filial em Girona e a abertura de mais uma filial daqui alguns meses no Rio de Janeiro. Quando meu pai deu o grande passo de colocar a Gouvêa no grande mercado internacional, a empresa passou a não só prestar serviços advocatícios, mas também a se especializar e assistencializar a área de direito financeiro, internacional, tributário e empresarial. Virou o pacote completo para qualquer empresa nacional ou não.

Eu me enquadro no direito financeiro. Não sou a advogada, sou a controladora, o gênio por trás do grande circo que se forma numa corte. Caço os problemas dentro de empresas e organizações, descubro esquemas fraudulentos, audito todos e cada canto da empresa que nos contrata. Na verdade, hoje coordeno uma equipe de quinze profissionais que fazem tudo isso.

Meu tio criou um grupo seleta dentro do direito financeiro e terceirizou esses serviços aos clientes. Foi uma febre e se alastrou por toda a região.

A cartela de associados à empresa aumentou 25% no primeiro ano e essa crescente não para. Há rumores de abrir mais duas filiais, mas nada ainda confirmado. Digo rumores porque

eu, mesmo sendo a mente brilhante e garota prodígio por de trás de tudo isso, fico de fora da reunião da cúpula. Assim que chamo os três sócios majoritários, compostos por papai, tio Jonas e tio Ricardo. Segundo meu pai, é melhor manter assim até que eu esteja apta a me tornar CEO de toda a empresa.

Quero, em breve, migrar para o lado interno, mais administrativo. Cuidar do coração da empresa, a área presidencial. Fazer o controle, balanços, tomar decisões, rumar a empresa para novos horizontes, mas, meu pai acha que ainda sou muito nova. Meu tio Jonas discorda e diz que estou mais do que pronta, principalmente com a experiência que adquiri nas auditorias e controladorias. Não preciso dizer que isso virou um total embate entre eles. Precisou tio Ricardo dar o voto de minerva, dizendo que temos tempo para resolver isso com calma, afinal, nenhum deles está à beira do caixão. Enfim, continuo desempenhando arduamente minha função. O lado bom é que como chefe, faço o controle e só ponho a mão na massa quando a coisa realmente é complicada.

Como não seria diferente, minha semana começa muito atribulada. Levanto às 7h e me apronto para minha corrida matinal. Amo correr. Só não amo mais que dançar e, nesse quesito, Lucca, Aldria e eu empatamos.

Quando volto da rotina *fitness*, tenho tempo só para um banho rápido e escolho a roupa do dia. Meu guarda roupa é bem eclético. Gosto de me vestir bem e até de coisas ousadas, mas no ambiente de trabalho sou impecável no estilo social. Saia preta cintura alta, camisa social de seda branca estampada com mangas e um *Manolo* preto nos pés. Aplico um pouco de maquiagem nos olhos para dar um ar sofisticado e estou pronta. Meus cabelos, como têm uma leve tendência à rebeldia, deixo soltos, e, dependendo do estresse do dia, prendo com uma caneta ou qualquer coisa que sirva como palito.

Na cozinha do apartamento é onde a magia acontece. Quando Lucca está em casa, prepara o café para todos. Como é todo meticuloso devido a sua profissão de fotógrafo, ele

sempre gosta das coisas organizadas, bonitas e bem posicionadas.

— Bom dia — digo, animada.

— Bom dia, deusa! — Como sempre, exagerado nas expressões.

— O que temos hoje aqui? Uau! Panquecas americanas? Assim você acaba com a minha rotina fitness!

— Como se você precisasse de tudo isso para manter a cintura fina.

— São seus olhos, chico.

— É, com certeza são seus olhos, Bi — responde, como sempre em sua entrada mórbida e sarcástica, minha outra fiel escudeira, Aldria.

Ela faz questão de ser mal-humorada, principalmente de manhã. Juro que às vezes escuto ela rosnar.

— Bom dia, pessoa simpática! — saúdo-a, desdenhando. Ela só me olha com seu olhar “foda-se você e sua vida perfeita”.

— Bom dia, Mortícia! — Abafo o riso para o apelido sarcástico que Lucca sempre chama Aldria quando ela está no modo cadela irritante.

Percebendo que ela já começou em desvantagem, dá um jeito de ser um pouco — digo pouco mesmo — mais agradável nesta manhã.

Discutimos sobre coisas banais do dia de cada um. Lucca terá uma sessão com uma modelo que jura que pode torná-lo hétero, o que às vezes o cansa, e Aldria vem comigo. Não contei, né?!

Ela é chefe do departamento pessoal da *Gouvêa & Associados*. Sem querer me gabar, mas foi a melhor até hoje, mesmo com esse humor sarcástico que a cerca. Ela é uma superchefe, dedicada, inovadora, e trabalha e coordena muito bem seu setor.

— Eu estou indo *pro* escritório hoje sem hora pra sair. Parece que um magnata da exportação está enrolado com questões de fraude na empresa, e, devido à urgência em atender esse novo potencial cliente, Lola teve que reorganizar toda a minha agenda e reuniões para dar prioridade ao “chefão”.

— Ah, é? Não ouvi nada sobre isso no departamento — diz Aldria.

— Não mesmo. É segredo de estado! Meu pai e tio Ricardo estão aos sussurros, me chamaram ontem na casa de *papá* para uma reunião informal e explanação sobre o assunto. O cara é muito importante, pelo visto, e não pode ter um escândalo desse aberto publicamente.

— Ah, entendo.

— Minhas lindas, preciso sair. Se eu atraso, o Andrada me mata! — diz Lucca, que levanta correndo da banquetta da cozinha e sai em disparada pegando seu material de fotografia no caminho para a saída.

— Maluco! — resmunga Aldria. — Mas e aí, vai falar o nome do tal magnata misterioso?

— Ah, o nome dele é Antonio Machado, CEO da *ALM Enterprise*.

Aldria toma seu café preto habitual, preto e forte, mas quando escuta de quem se trata, para sua caneca no ar, olha-me diretamente nos olhos, e com ar risonho pergunta:

— E você já fez sua pesquisa sobre ele?

— Na verdade não tive tempo. Após a reunião com a “cúpula”, minha mãe me prendeu horas para falar sobre a minha família na Espanha, dos meus avós que já têm idade avançada. Ela insistiu que devemos ir em breve para lá, pois há muito tempo ela não os visita.

— Entendo — comenta Aldria e juro que acho isso muito misterioso.

No seu normal, ela já estaria fazendo mil planos sobre o que faríamos na Espanha em

uma semana que passaríamos lá. Mesmo querendo questioná-la, acho melhor deixar para lá, pois já estamos em cima da hora.

— Vamos, *chica*. Hoje não posso atrasar de jeito nenhum!

— Você nunca se atrasa de jeito nenhum, sempre foi a CDF da firma! — fala com desdém.

E voltamos ao humor negro. Hoje definitivamente o dia promete.

— ISSO É A MERDA DE UM TESTE DE CAPACIDADE? — Altero-me na mesa.

— Olha esse tom, mocinha! — reclama meu pai. Aliás, Sr. Gouvêa.

Preciso sempre lembrar que aqui ele é o Sr. Gouvêa.

— Os dois, menos, por favor! — rebate tio Ricardo com aquela calma que lhe é peculiar. — Vega, seu pai não está testando nada. Você se formou com honras, desenvolveu o projeto em Girona e, tanto eu quanto ele, ou qualquer um nesta empresa, sabe o quanto você se doou e fez para que fosse possível expandir esse campo na empresa.

Bufo, pois é inacreditável a situação. Mesmo assim meu tio continua.

— Este cliente em questão, além de manter grande parte da economia do país nos eixos, está nos dando uma oportunidade de ouro. Mas com todo bônus vem o ônus. Tem que ser em sigilo, pois ele não quer e não pode comprometer a imagem de sua empresa.

— E em que raios eu me enquadro nessa equação toda? — indago, mais calma para conter os ânimos, visto que meu pai já está com aquele olhar assassino pelo meu “questionamento”.

— Ora! Você foi a pioneira desse serviço, o colocou para rodar no Brasil e tem dado muito certo. Sendo uma especialista, você consegue sanar esse problema o quanto antes. Mantém

nosso futuro cliente satisfeito e garante seu embarque para o décimo andar desse prédio. — Ele faz referência ao andar da presidência.

Isso soa no mínimo como chantagem. Provar minha capacidade? *Pra* porra com a capacidade! Eu já fiz tudo e mais um pouco para provar o quanto sou capaz!

Neste momento meu querido pai, que aqui é o Sr. Gouvêa, só me observa da mesa dele. Não diz mais uma palavra, mas mantém o olhar matador em mim, esperando que eu vá agir como uma garota.

Vou mostrar a ele quem é Vega Velásquez.

— Ok. Entendi, Sr. Ricardo. Quanto tempo até a chegada dele? Quero realizar minhas pesquisas iniciais para ter embasamento na reunião.

Meu pai, entendendo que sou agora mais magoada do que irritada, resolve intervir.

— Você tem uma hora e meia, Vega. É suficiente?

— Mais que suficiente, Sr. Gouvêa. — Ele odeia quando o chamo assim.

Ele precisa entender que aqui não somos pai e filha e que sou uma mulher de vinte e oito anos, capaz e preparada, seja para o que for.

— Tudo bem. Nós nos vemos na sala de reunião em breve.

Saio em disparada, deixando somente um aceno de cabeça como concordância.

Quando passo pela secretária do meu pai, Sra. Lins, ela percebe meu estado de espírito e desvia do meu caminho. Coitada! Tenho que me lembrar de me justificar depois com ela.

“Ah! Como se você fosse um anjo de candura todos os dias.”

Mais essa, agora. Se não fosse o bastante eu quase pirar na sala da presidência e atropelar a secretária a caminho do elevador, tenho que lidar com essa vizinha chata de novo.

“Hacia arriba toro^[5]!”

Não me provoque, vizinha irritante.

Quando saio do elevador no meu andar de direito financeiro, todos já percebem que não é um bom momento para se interpor no trajeto até a minha sala. Entro feito um foguete e bato a porta.

— Arrrrrr... — solto sem conseguir evitar.

— Ei, deu pra imitar gorila agora? — A única que se atreve a falar um disparate desses no meu estado é a Morticia da minha vida.

— Que foi? Não viu o Tropeço e resolveu vir procurá-lo aqui? — retruco no mesmo tom.

— Tá, já entendi... Nem é almoço ainda e você já precisa da sua terceira dose de café. Eu também não tive a minha, então vamos lá. — Ela abre a porta da minha sala, falando e saindo comigo ao mesmo tempo.

Ela jura que vou sair feito um cachorrinho poodle seguindo-a como se ela mandasse e eu simplesmente tivesse que obedecer.

— Escute aqui, Al...

— Escuto lá no *Mocca Café*. Aqui eu não ouço nada! — responde, totalmente indiferente ao meu mau-humor.

Sem forças e sem raciocínio para nada, acabo agindo feito o poodle a que me comparei, e a sigo para o elevador.

— *Olha*, Aldria, desculpe por agir feito uma cad...

— Não! Só vou escutar qualquer coisa que seja lá no café. E também, você só respondeu ao meu comentário. Nada demais — diz ela.

Entro no café com Aldria latindo da porta o que queria beber e como queria. Tem horas

que realmente ela consegue superar a inconveniência.

— Fabinho! O de sempre pra mim e para o gorila aqui! — ela pede na maior naturalidade, sentando-se à mesa, onde nos acomodamos todos os dias, quando precisamos de uma pausa daquela loucura lá de cima.

Ele olha para ela sem entender muito bem a linda analogia que ela faz a meu estado de espírito e responde que em dois minutos leva nossas doses de cafeína.

Aldria olha pra mim como se observasse uma criança de cinco anos que precisa dar explicações do porque pintou de novo a parede da sala. Eu bufo e começo a minha defesa:

— Sr Gouvêa! Como sempre ele quer me pôr à prova.

— Desenvolva! — ela diz.

— Esse magnata, o tal do Antonio Machado, quer realmente que a coisa toda funcione no mais absoluto sigilo. Segundo tio Ricardo, devido a posição que a empresa dele ocupa hoje no país e em parte da Europa, não pode ter um escândalo de fraude ou roubo em sua sede corporativa. Seria como jogar um cardume inteiro de sardinhas aos tubarões.

— Que triste! — comenta ela, com cara de piedade.

— O que é triste? — pergunto sem entender seu ponto.

— Um cardume inteiro de sardinhas serem jogados assim aos tubarões — responde, ainda com olhar de piedade.

— Hã? O quê? Você... você *tá* me escutando? Eu fiz um comparativo e você me corta pra fazer essa piada idiota com meu humor estando na Antártida no momento? — esbravejo,

irritada com a brincadeira sem graça.

— *Tá* mais pra Deserto do Saara — rebate, agora rolando os olhos.

— O quê?

— Seu humor. Eu disse que ele *tá* mais pra Deserto do Saara, de

tão quente, do que frio da Antártida — responde ela, agora olhando para mim tranquilamente, como se o assunto real fosse esse.

A insistência dela em quebrar meu mau humor com piadas idiotas chega ao meu limite. Eu bufo e quando me levanto para dizer a ela que não preciso disso nesse momento, o Fabinho, sempre eficiente, chega à mesa com a bandeja de cafés.

Neste caminho acontece o desastre. No ímpeto de levantar eu bato meu braço na bandeja de Fabinho antes que ele consiga tirá-la do meu caminho fervoroso. Escuto um “cacete” atrás de mim e quando me viro, realmente, meu queixo cai. Literalmente e irrevogavelmente.

O nosso pequeno acidente teve efeitos colaterais e acertou um inocente. Bom, se é que posso chamar esses provavelmente 1.85m de pura delícia de inocente.

Jesus, Maria e José. O que é tudo isto na minha frente?

“Madre de Dios...”

Hã?! Até você ficou sem fala...

Perco todo o foco do que está acontecendo a minha volta e do porquê eu estar com raiva. Na minha frente tem um espécime de homem que deveria, no mínimo, ser levado a NASA para estudos mais específicos. Um moreno lindo, cabelo bem cortado, mas que deixa um ar meio bagunçado quando quer — “fodível”, cabelos puramente fodíveis —, de uma expressão facial séria, eu diria até carrancuda, mas que não o torna feio e sim mau.

Total cara de mau. Os olhos tão azuis que parecem lente de contato, e uma boca, porra...

Que boca é essa? Faria estragos com ela!

Quando desço o olhar para observar suas medidas, naquele terno carvão que obviamente é feito sob medida, paraliso. O bendito café caiu bem na sua região, hum, pélvica. Vejo que tenta limpar com um guardanapo e o movimento torna notória certas “coisas” contidas ali, se é que me entende. Ele percebe meu olhar e antes que eu possa falar algo, me olha sério e diz:

— Apreciando a vista?

Hum? Hein? Ele falou comigo?

— Desculpe... Oh, *discúlpe me*... Eu levantei rápido demais e não vi o atendente, e...

— Você, idiota, deveria ser demitido! Tem ideia de quanto custa esse Armani? — ele me corta, direcionando toda a sua raiva para o pobre Fabinho, que agora não sabe onde enfiar a cara.

— Ei, *gilipollas*! — Cutuco o ombro dele.

Ele se vira para mim e me olha como se eu fosse uma louca, mas não dou tempo para ele apontar sua metralhadora de desaforos e ofensas para mim, então emendo:

— Fui eu quem causou o acidente! Ele não tem culpa do que aconteceu e se você fosse, no mínimo, educado, esperaria eu terminar de me explicar e me desculpar pelo ocorrido! — Ele faz menção de falar alguma coisa, mas levanto o dedo e o impeço. — E se sua maior preocupação do dia é este Armani, terei prazer em pagar o tintureiro. Ei, Fabinho! Avise ao *gilipollas* para onde mandar a conta da tinturaria e me faça um favor, querido, inclua o que ele consumir na minha despesa — peço como se fosse a coisa mais banal do mundo.

Viro-me para ir embora e percebo que a Aldria me olha com aquele mesmo olhar de hoje cedo, como se escondesse algo realmente engraçado. Não querendo ouvir mais nenhuma palavra daquele *gilipollas*, reboco Aldria pelo braço e saímos “lacrando” do *Mocca Café*.

Quando passamos pelas portas do café para a rua, fico intrigada com o comentário de

Aldria.

— Isto vai ser no mínimo interessante de se ver.



Despeço-me de Aldria na porta do elevador e vou rumo à minha sala, pois só tenho uma hora para realizar as pesquisas sobre esse tal cliente.

Faço o básico do básico e de praxe. Verifico a empresa, ramo, atividade, riscos, se há ou não terceirizados. Enfim, faço um apanhado organizacional para não parecer uma completa ignorante na frente do homem.

De todo o resumo desta manhã, realmente, o meu ponto alto e baixo se encontram no mesmo lugar, ou, neste caso, pessoa. O lindo moreno de olhos claros e cabelo fodível que entrou naquela cafeteria.

Não tive mais tempo para analisá-lo, mas daria um ótimo candidato ao sistema “cinco e só”.

“Lá vem você e essa idiotice!” - estava demorando. Não é uma idiotice, e sim um sistema seguro e infalível. Não me desvie do real objetivo aqui.

“E não comprometa esse coraçõzinho, né, fofa?!” - Bufo desta piada infantil.

Pena que quando abriu aquela boca, que dá vontade de morder, só saiu merda. Ainda não consigo acreditar que ele teve coragem de ofender o Fabinho e ainda questioná-lo sobre um terno idiota.

Sentindo minha ira espanhola subir para os poros novamente, resolvo parar de pensar em tudo isso, reunir o material que já consegui e ir para esta bendita reunião.

Não sem ficar com uma pergunta martelando em minha cabeça.

Será que o gostoso com cara de mau e arrogante terá coragem de me mandar a conta do tintureiro?

Quando chego à sala de reuniões, noto que a maioria dos convocados já está presente. Sento no lugar habitual e, Lola, minha assistente, ocupa a cadeira à minha direita.

Meu pai só faz me observar. Acho que ele tem medo que eu faça alguma cena perante esse cliente. Sinal de que realmente não conhece o meu lado profissional. A filha poderia até dar uma birra, Sr. Gouvêa, mas Vega Velásquez sabe como e quando agir.

Lola coloca meu notebook a minha frente e continuo a ler mais algumas informações que podem ser relevantes a este primeiro momento. Minha janela do *whatsapp* sinaliza uma mensagem da Aldria. Estive com a Mortícia há uma hora. Ela não trabalha, não?

Aldria – Olá! Eu – E aí?!

Aldria – Pelo jeito o gorila ainda não saiu da jaula... kkkk

Eu – Vá à merda Aldria... o q vc quer?

Aldria – Ui, quanta grosseria... só queria saber se já concluiu sua pesquisa inicial da firma que vc vai trabalhar quase que secretamente.

Eu – Já, e por sinal estou na sala de reuniões aguardando o magnata chegar... aliás, ele está atrasado.

Aldria – Vai ver ele tem seus motivos... nunca se sabe quando pode ocorrer um imprevisto...

Aldria defendendo um cara que ela nem conhece? Estranho. Aí tem!

Eu – Vai direto ao ponto, Aldria, tô meio ocupada aqui...

Aldria – ok!

Fecho a tela de conversa enquanto respondo algumas questões que Lola coloca sobre outros “pepinos” do departamento, quando minha janela apita novamente com uma imagem que Aldria enviou. Respiro fundo e abro a janela enquanto tomo um gole do café.

Aldria – Boa sorte, sua vaca... kkkk.

E aí ocorre o segundo desastre do dia. Sujo a tela e teclado do notebook inteiro com o café que estava na boca, mas continuo paralisada, pois a única coisa que me prende é a imagem do *print* da tela do computador da Aldria com uma matéria de algum site de fofoca, dizendo o quanto o CEO da *ALM Enterprise* é o mais cobiçado entre as damas da sociedade paulistana.

Merda! É ele!, falo para mim mesma.

— Srta. Velásquez, o que eu houve? O café está muito quente? — pergunta Lola, toda atrapalhada tentando alcançar um guardanapo a nossa frente para me ajudar a salvar-me da minha miséria.

— Não... Eu... Engasguei... Cof! Cof! — Simulo uma tosse muito mal fingida, pois meu pai já parou sua conversa paralela com tio Ricardo e alguns diretores para ver o que está acontecendo na outra ponta da mesa de reuniões.

— Tudo bem, Vega?

— Oh! Tudo sim, pap... Quer dizer, Sr. Gouvêa. Eu só engasguei com o café, mas já estamos ajeitando tudo por aqui.

— Tudo bem. O Sr. Machado já deve estar chegando. Ele mencionou um contratempo mais cedo, por isso seu atraso. Ele não costuma se atrasar para nada, é um homem metódico e meticuloso, deve ter sido algo realmente sério para não cumprir o horário.

Sim, de fato algo grande, como sua futura controladora e auditora que lhe deu um banho de café quente e, para fechar com chave de ouro, o chamou de babaca pelo seu comportamento rude com o atendente.

Merda! Preciso fazer alguma coisa, mas o quê?

“Pular da ponte conta como opção?” – agora não, vizinha. Eu preciso pensar.

Entro no aplicativo pelo celular e digito uma mensagem furiosamente para Aldria.

Eu – Você sabia o tempo todo!!!!!!!!!!!!

Aldria – Eu? Sabia o que, primata?

Eu – Que Antônio Machado era o gostoso arrogante que derramei café...

Aldria – Correção: eu sempre soube que aquele deus grego era Antônio Machado, seu novo cliente e imaginei que hoje pela manhã em suas pesquisas, vc tivesse encontrado isso.

Aldria - Agora o fato de você derrubar café nele e ainda ofendê-lo com a conta da tinturaria e do consumo no Mocca Café... Foi, com certeza, por sua conta!

Aldria - Eu só... assisti! rs

Fico ainda mais perturbada e desorientada. Fecho o aplicativo sem dar resposta, caso contrário, daria um jeito de matar Aldria enforcada. Só fico imaginando a cara dela de satisfação digitando essa mensagem.

Fico tão tensa pensando em uma solução para tudo isso, que não percebo a porta da sala de reuniões bater nas minhas costas. Sinto os pelos de minha nuca se arrepiarem e posso jurar que um tremor percorre meu corpo inteiro. Sento-me em meu lugar e não tiro os olhos do note com resquícios de café, foco e estudo. Cada gotícula que ainda não foi removida pela minha eficiente assistente Lola.

Escuto o seu bom-dia... Polido, direto, firme. O desespero toma conta de mim, não sei o que fazer. Não sei o que fazer!

“Por Dios, se recomponha!” - fácil falar, queria ver você no meu lugar.

“Bueno, eu primeiramente não começaria jogando café nele” - foi um acidente!

“Mas as ofensas não foram acidentais” - você não vai medar trégua mesmo, não é?!

Resolvo não dar trela mais a minha mente perturbada, que mais atrapalha do que ajuda. Fico quieta, bem na minha, pois essa é a melhor solução no momento. Aliás, Lola está tão quieta quanto eu, e quando olho para o lado para perguntar se aconteceu algo, a vejo hipnotizada e babando para, o que provavelmente seja, o CEO da *ALM Enterprise*. Dou-lhe um leve cutucão para que desperte do transe em que foi colocada. Como se levasse um choque, ela dá um pulinho na cadeira e olha para mim assustada. Sim, ela percebeu que foi pega no flagra, flertando com o CEO. Noto que ele ainda está de costas para nós duas, conversando com *papá* e tio Ricardo.

Ela me olha com cara de “o que foi?” e eu só gesticulo que não é nada. É melhor não falar nada nesta sala por enquanto, mas como se soubesse que estava tentando me esconder entre o notebook na mesa e Lola que ocupava o acento ao meu lado, meu pai inclina a cabeça e faz um gesto para que me aproxime, para, provavelmente, me apresentar como sua filhinha prodígio.

Não dessa vez, papai!

Fingindo uma calma e equilíbrio que não são meus... Não! Realmente não são meus! Levanto-me e num gesto singelo aliso a frente da minha saia e vou de encontro ao meu pai, mas a sensação é estar caminhando para a força. Respiro fundo, por duas vezes, e saio para a caminhada da aniquilação.

Ele é muito arrogante e, mesmo de costas, dá para perceber o quão alfa é.

“Ah, por favor, controle seus hormônios!” - não enche. Não tenho tempo para você agora, vizinha.

A cada passo que dou, sinto meu coração falhar uma batida. Acho que até chegar ao destino, do outro lado da sala, vou morrer de infarto... sem chance para um desfibrilador me alcançar no 10º andar rápido o suficiente.

“Será que esse alfa conhece procedimento boca a boca?” - Ah! Quem é descontrolada

agora?

Nos segundos mais longos de minha vida, chego ao meu destino. Engesso um sorriso simpático e me coloco ao lado do meu pai, não tão ao lado, mais atrás para me proteger do que possivelmente virá a seguir.

Quando entro no campo de visão de Antônio Machado, percebo na hora sua mudança de humor. Não que ele estivesse totalmente aberto e sorridente antes com os diretores, meu tio e pai, mas ele realmente se fecha quando me vê.

Mantenho meu sorriso engessado, porém, o olhar que recebo de volta me faz vacilar. Antônio permanece com a postura rígida e tensa, como se fosse um verdadeiro sacrifício me olhar. Que cara mais arrogante!

Recomponho-me do meu — quase — deslize na máscara de funcionária eficiente e estendo a mão para cumprimentá-lo com firmeza e segurança, antes que meu pai comece suas apresentações, me colocando como a princesa de seus olhos.

Ele mantém a mesma postura e feição, fechada e dura, porém, quando nossas mãos se tocam, entendo uma coisa muito importante: toda essa bagunça está apenas começando!

Choque! É exatamente isso que sinto logo que toco nele. É tão rápido, feito raio, conduz uma corrente elétrica direta para o meu âmag. Tiro a mão tão rápido quanto coloquei.

— Bom dia, Sr. Machado. É realmente um prazer conhecê-lo — digo como se fosse a primeira vez que coloco os olhos nele.

— Bom dia, Srta...

— Ow, Velásquez. Vega Velásquez. — Neste momento meu pai me lança um olhar contraditório.

Ele nunca foi muito a favor de eu não usar o sobrenome dele na empresa, mais um de nossos embates, quando tento mostrar a ele o quanto é difícil conseguir reconhecimento próprio

sendo filha dele.

— Claro! A minha nova controladora de fraudes e danos...

Juro que o vejo erguer minimamente um lado da boca, somente ameaçando um sorriso sarcástico.

Ótimo! Ele entra no jogo e resolve também fingir que nada aconteceu esta manhã. Assim consigo contornar melhor a situação e tentar realizar esse trabalho o quanto antes.

— É o que espero, senhor — respondo, ainda confiante.

Ele me lança um olhar de desafio e se encaminha para a mesa de reuniões.

Para meu total desespero ele se senta de frente para mim. O olhar que me dirige é de um gavião que avistou a sua presa e agora está na sua descida para capturá-la. *Madre de Dios!* Preciso de um socorro aqui!

Como que ouvindo meu pedido, meu pai pigarreia, chamando a atenção do Sr. Machado e dando início a reunião. Levanta alguns pontos relevantes sobre o andamento da empresa e pede mais detalhes sobre as suspeitas do CEO.

Em determinado ponto da conversa o Sr. Machado se volta para mim, que fui inteligente o bastante de somente observar, sem falar nem interferir, e pergunta:

— Então, Srta. Velásquez, pelo visto você é o gênio por trás deste departamento. O que tem a dizer? Realmente é o caso de interditar o setor financeiro, fiscal, legal e contábil da minha empresa? — Assim à queima roupa, sem dó e nem misericórdia.

Como nunca fui de negar fogo independente da situação, respondo diretamente:

— Não precisamos radicalizar, Sr. Machado. Sugiro que entremos sutilmente pelo fiscal. Se há algo a localizar, estará neste departamento, afinal, é onde mais se tem obrigatoriedade com documentação e prestação de contas governamentais. Se houver ponta solta,

ela começa lá.

— Entendo — responde, me olhando com certo brilho nos olhos.

Só isso? Dei o direcionamento de onde está vazando problemas da empresa e ele diz isso? Uau, é mesmo um arrogante!

— Sr. Gouvêa, gostaria de ter uma palavra em particular com a Srta. Velásquez. Visto que isso será feito de maneira mais contida, gostaria de discutir alguns pontos que agora cabem somente a ela saber — fala diretamente ao meu pai.

— Com certeza, Sr. Machado. Nos encontramos amanhã para a assinatura dos contratos de prestação de serviço.

— Claro!

A pior parte já foi. Consegui sobreviver até aqui, o resto é só execução.

Vega, você sabe o que fazer e como fazer, então faça! Será que agora que me cobrará o tintureiro de seu Armani?

Meu pai se retira da sala, mas não sem antes me lançar um olhar de “não estrague tudo, mocinha”. Eu o ignoro, pois, no fundo, ele sabe o quão profissional eu sou. Está só bancando o paizão que quer que a filha faça tudo certo e não tenha arranhões pelo caminho.

Quando escuto o barulho da porta se fechando, volto meu olhar, que até então se mantinha em algumas anotações, para o arrogante gostoso a minha frente. E lá está... a cara de mau! Ele ameaça um sorriso de canto de boca, o que o torna encantadoramente cínico e safado.

“Delícia!” - agora não, mente perturbada!

— Então, Srta. Velásquez, tendo claro o meio que resolveremos os problemas da minha empresa, gostaria de tratar com a Srta. o nosso assunto inacabado.

Nosso assunto? Droga! Ele não vai mesmo deixar passar barato.

— Sr. Machado, gostaria de falar sobre o que houve na cafete... — Ele não me deixa completar a frase.

— Srta. Velásquez, ainda não terminei — corta como se falasse com uma criança. — Uma vez que a Srta. causou todo o transtorno naquele café, e ainda teve a língua afiada o bastante para me dizer o que disse e ousadia suficiente para sair sem me dar o direito à resposta, creio que posso me reservar o direito à palavra por agora.

— Claro! — *Gilipollas*, arrogante de uma figa!

— Não foi uma pergunta, Srta.

Gilipollas, gilipollas, gilipollas.

— Realmente, não preciso que a Srta. pague pelo meu tintureiro ou o café que consumi naquele lugar, isso é realmente desnecessário. Agora pelas ofensas que saíram dessa sua boquinha, Srta., essas sim, lhe custarão um preço.

Neste momento me sinto uma idiota completa. Por que, *Madre de Dios*, eu tenho que ter o sangue tão quente? Olha no que fui me meter. Vergonha total!

— Tudo bem, Sr. Machado, é mais do que justo! Sobre o café e seu terno, eu realmente sinto muito, foi uma total desatenção minha. Eu só falei tudo aquilo, pois achei muito rude de sua parte falar daquela forma com o atendente. Ele não teve culpa.

— E você me contra-ataca me chamando de babaca? Droga!

— Sim — respondo simplesmente.

Agora me dou conta de que se ele foi um babaca com o Fabinho, eu fui três vezes mais quando me igualei à sua grosseria e respondi dessa forma.

— Srta. Velásquez, a Srta. me chamou de algo que realmente eu não sou. Posso ser duro, implacável e até frio para alguns, mas definitivamente não sou um “babaca”. — Ele ainda

faz aspas com os dedos.

Cansando-me de ser tratada como uma criança que está na sala do diretor para assinar o livro preto por se comportar mal na escola, resolvo cortar o papo furado.

— Tudo bem, Sr. Machado, eu entendi seu ponto. Agora não entendo onde o senhor quer chegar com tudo isso — rebato, impertinente.

— Percebo que o temperamento quente não veio de seu pai — comenta, ainda com cinismo.

Impressão minha ou este “quente” soou como se ele falasse de outra coisa, que não fosse meu temperamento? Resolvo abrandar as coisas, pois a temperatura nesta sala está elevada.

— Sim, de fato meu temperamento veio do lado espanhol da família. Minha mãe. Uma catalã de origem.

— Entendo.

De novo sendo monossilábico e, pior, fica me encarando com o olhar de gavião. Já não consigo entender mais do que estamos falando, pois suas palavras têm significados ocultos, que não sei se estão só na minha cabeça ou se ele realmente está falando de forma enigmática.

— Então?! — questiono para que pare de me olhar dessa forma, como se estivesse prestes a me comer, literalmente, e responda logo sobre o preço da ofensa.

Ele sorri e realmente me revira por dentro. Nossa! Eu ainda não havia reparado como ele tem dentes brancos. Uau! Ele poderia ser modelo da *Colgate*.

— Quero sua calcinha — diz calmamente.

“*Cric... Cric... Cric...*”

Levo alguns segundos para verificar com meu cérebro se ele realmente está funcionando de acordo com o resto do meu corpo, por exemplo, meu ouvido.

— Hã?! Oi?! Desculpe, mas não entendi o que o senhor disse — digo, totalmente desnorteada.

— Eu. Quero. Sua. Calcinha — responde calmamente e tranquilamente. O sorriso já foi embora e agora ele me olha sério, com o olhar de gavião de volta.

“Cric... Cric... Cric...”

Percebendo que até a vozinha irritante dentro da minha cabeça virou pastel junto com meu cérebro e meu bom senso, tento reunir o máximo de equilíbrio em mim e me manifesto.

— Como assim? O que o senhor está tentando me dizer?

— Para uma garota com seus estudos e capacitações, está tendo bastante dificuldade em entender algo tão simples. Eu quero sua calcinha como pagamento pelas ofensas no café.

— Isso eu entendi, senhor. O que não entendo é onde o senhor quer chegar com um absurdo desses. Está tentando me denegrir e humilhar, como fiz naquele café? — falo, um tanto indignada.

Somente um toque de indignação, pois depois de ele dizer tão claramente sobre querer minha calcinha e tratar isso de forma tão fácil... Oh, *Madre de Dios*, sinto meu corpo reagindo automaticamente a sugestão.

Enquanto tento dar um pouco de equilíbrio ao meu corpo à beira da combustão, o senhor arrogante gostoso se levanta da cadeira, prende o botão do paletó, que agora percebo que foi trocado, do terno chumbo com a mancha de café, por outro quase no mesmo tom.

Ele contorna a mesa me olhando nos olhos, o rosto impassível.

O que está fazendo?

Quando se aproxima de minha cadeira e a vira para que possa estar de frente para mim, perco o ar. Ele se inclina, apoiando as duas mãos nos braços da cadeira, e continua me

encarando.

— Estou esperando, Srta. Velásquez. E já aviso, não sou um homem de esperar tempo demais por algo que quero.

Santa Madre de Dios! Onde foi parar meu cérebro e por que não consigo me mexer? Só fico aqui, parada, olhando para aqueles olhos hipnotizantes.

— Srta. Velásquez? — indaga, com a voz mais rouca que o normal.

Entendo que está esperando o que pediu. Levo a mão à barra da saia e, sem perder o contato visual, consigo tirar minha calcinha com certa dificuldade para não mostrar nada de mais, por enquanto...

“*Por enquanto?*” - Ha! Resolveu dar o ar da graça, é?

Quando consigo pegar minha peça de lingerie branca *LaPerla*, dou graças por minha *mamita* ter me ensinado desde *chica*, que se quisesse realmente me sentir poderosa, tinha que estar sempre vestida numa boa lingerie.

Seguro a peça pelo dedo indicador e a coloco na altura dos nossos olhos, num tom de provocação. Não preciso nem mencionar que nesse momento não consigo respirar direito, sinto uma falta de ar, minha pulsação aumenta e o ar condicionado da sala deve estar com algum defeito, pois não é possível o calor que sinto neste exato momento.

Com uma das mãos ele alcança a peça, leva-a ao rosto, fecha os olhos e cheira a bendita calcinha. Meu queixo vai ao chão. *Dios Mio!* O que este homem está fazendo com a minha sanidade mental? Se já estava difícil coordenar meu corpo para simplesmente inspirar e expirar, agora, a coisa desandou de vez.

Ele abre os olhos e o sinal de sorriso que trazia no rosto se foi. Retorna a sua postura ereta, enfiando a minha calcinha no bolso da calça, e se encaminha de volta ao seu lugar para pegar suas coisas.

Sem entender essa mudança súbita de cena, viro minha cadeira para encará-lo. Agora com uma maior distância entre nós, posso começar a procurar minha razão, que deve estar escondida em algum canto desta sala.

Enquanto tento formular alguma coisa para dizer, ele interrompe meu pensamento.

— Srta. Velásquez, *te* aguardo amanhã em meu escritório central, às 8h. Sem atrasos!

Dito isso, vai saindo da sala e como se tivesse se lembrado de algo realmente relevante, vira-se para mim.

— Ah! E obrigado por tornar nosso assunto inacabado algo que realmente se vale a pena trabalhar

E assim ele sai da sala com toda sua elegância, deixando-me para trás confusa, atordoada, acalorada, sem calcinha e inegavelmente molhada.



Consigo achar o movimento das minhas pernas e caminho até o banheiro próximo à sala de reuniões. Vou até a pia, molho o rosto e a nuca, o que é muito bem vindo para amenizar o fervor que ainda sinto.

Encaro-me no espelho e pergunto a mim mesma:

Que merda foi essa?

Recomponho-me e retorno à sala de reuniões a fim de buscar minhas coisas, pois com a pressa de achar um refúgio, deixei todo meu material para trás. Encontro, então, minha eficiente assistente Lola terminando de recolher tudo.

— Ah, Lola, eu já estava vindo recolher minhas coisas. Precisei ir ao banheiro — falo, rindo meio sem graça.

— Sem problemas, Srta. Velásquez. Vi quando o Sr. Machado saiu da sala e, como a Srta. não retornava e não atendia o celular, resolvi vir verificar. Esqueceu que tem um almoço em 15 minutos com o pessoal da *Training Company*?

— Não, claro que não! Já estava me encaminhando para isso.

— Que bom! Seu almoço já *te* aguarda em sua sala e o computador já está ligado e pronto para a teleconferência.

— Ótimo, Lola, obrigada!

Obrigo meu cérebro a entrar no modo executivo e saio em disparada para a minha sala. Não posso atrasar essa teleconferência de jeito nenhum!

Um par de horas mais tarde, estou livre da teleconferência e com um almoço indigesto no estômago. Não sei se todo este desconforto se dá à minha comida japonesa ou a certo arrogante gostoso que quase me fez pirar mais cedo.

Não consigo entender como me deixei manipular assim por ele.

Entregar minha calcinha a ele? Vega Velásquez, você está perdendo o juízo?!

— O gorila já se foi? — questiona Aldria, dando duas batidinhas na minha porta já aberta.

— Já sim!

— Huumm... Você está calma demais. Achei que entraria aqui com você soltando fogo pelas ventas por tê-la sacaneado em relação ao deus grego.

— Já passou.

— Ok! Então o que a deixou assim com essa cara de boba? Foi seu pai? Ele novamente a tratou como princesinha e não deixou resolver alguma coisa do seu jeito?

— Não, na verdade.

— Tá legal... Então alguma coisa aconteceu?

— Sim, eu acho.

— Vega, seja mais clara! Você está sendo monossilábica demais!

— Foi uma coisa que aconteceu na reunião...

— O quê? O deuso realmente é um arrogante, presunçoso e te entregou de bandeja *pro*

teu pai e toda a diretoria?

— Não... Quero dizer, ele foi arrogante e presunçoso, mas não me delatou.

— Então...

— A reunião correu como esperávamos e amanhã eu inicio meu serviço na empresa dele. O que realmente importa foi ele pedir pra falar em particular comigo alegando que precisava passar detalhes sigilosos sobre os vazamentos.

— E o que isso tem de mais?

— Que ele mentiu. Não havia nenhum assunto profissional. Ele queria falar sobre o episódio do café.

— Ah... E aí ele trouxe a conta do tintureiro, então?

— Não. Ele disse que os valores que ele gastaria com isso e o consumo dele eram irrelevantes. Disse que só queria o acerto da ofensa que fiz a ele.

— Nossa, que educado para um arrogante sem coração!

— Ele exigiu minha calcinha!

Se tivesse uma câmera agora, seria ótimo eternizar a cara que a Aldria está fazendo. Seu queixo quase caiu no chão e seus olhos parecem que vão saltar da face.

— *Pra* você ver como ele é um arrogante, pretensioso, idiota e...

— Você deu? — ela me interrompe.

— O quê? — Messe momento olho para todos os lados da minha sala, menos para ela.

— VOCÊ DEU. AI. MEU. DEUS! VOCÊ DEU SUA CALCINHA PARA ELE!

Agora já não era mais uma pergunta e sim uma baita afirmação que ela estava quase berrando a plenos pulmões, gesticulando freneticamente. Levantei em disparada para fechar a

porta da minha sala. Se a Lola escutasse isto, não quero nem saber aonde enfiaria a minha cara.

— Shiiiiiiuu... *tá* doida?! Alguém pode ouvir! — sussurro para ela.

— Bom, não fui eu quem entrou na sala de reuniões da empresa com calcinha e saí sem ela porque resolvi presentear nosso novo cliente...

— *Tá, tá, tá!* Eu sei o que você está tentando insinuar. Olha... eu não sei o que aconteceu, só sei que quando dei por mim a coisa toda já havia acontecido e ele saiu da sala.

— Simples assim? Pegou sua calcinha e saiu? Uau! Ele é quente!

Olho para ela, chocada.

— Que foi? Nem vem com essa cara! Poxa! Depois de tudo que você fez com esse cara no café, ele pedir sua calcinha é no mínimo quente. Mas e agora, o que você vai fazer? Amanhã às nove você tem que estar pontualmente em seu escritório e tem que lidar com ele, sabe-se lá por quanto tempo.

E está aí à pergunta de um milhão de dólares. Respondo a única coisa possível no momento.

— Não tenho a menor ideia! E é às oito.

— Acho bom você ter uma “ideia” de tudo que isso pode virar, porque, minha querida *chica*, você está literalmente ferrada, sendo às 8h ou às 9h! Agora preciso ir, tenho que revisar algumas planilhas de horas extras não justificadas. Boa sorte, mulher macaco!

Jogando um beijo da porta, ela sai da minha sala.

Aldria e eu entramos rindo no Pub naquele fim de tarde. Definitivamente, depois dos acontecimentos calorosos do dia, merecíamos uma cerveja. *Tá* certo... Eu merecia uma cerveja, mas como detesto beber sozinha, arrastei Aldria comigo e marcamos com Lucca que já havia

encerrado seu dia de fotos por hoje.

Avistamos Lucca que já bebia sua *Corona* no balcão do bar, batucando e cantando *Speed of sound, do Coldplay*, que toca neste momento.

— Olá, querido. — Dou um selinho nele.

— Olá, minha diva — responde ele, risonho.

— Oi, meu bem — cumprimenta Aldria, dando também um selinho, nele.

— Olá, minha deusa — diz agora com um sorriso aberto de menino que ele tem. As pessoas em volta observam a interação. Adoramos chocá-los.

Também, Lucca com toda a sua beleza de garoto, apesar de seus vinte e nove anos, é muito lindo. Alto por volta de 1,80m, cabelos castanhos claro, olhos verdes, todo malhado e trabalhado nos lugares certos. Eu poderia compará-lo àquele ator, *Klebber Toledo*. Pena que a fruta que nós gostamos, ele chupa até o caroço.

Mas ele é bem discreto quanto à sua opção sexual, e são poucos que percebem à primeira vista. Ele prefere manter a discrição por conta do trabalho, afinal, qual modelo não amaria fotografar com esse par de olhos verdes?

— Como estão minhas gatas?

— Sobrevivemos a mais um dia — comenta Aldria, dando um gole em sua *Corona* que foi entregue pelo barman.

— Dia difícil, mas amanhã será melhor — digo, forçando um sorriso.

— Ô, se vai... — Aldria fala, irônica, fazendo questão de me cutucar.

— Como assim? — pergunta Lucca sem entender.

— Nada. Aldria passou o dia azeda hoje. Não reparou como ela já estava ácida no café da manhã? — omito, dando a ela um olhar de “nem pense em falar qualquer coisa que seja”.

— Humor ácido já é característica da minha Mortícia predileta — comenta Lucca, provocando-a.

— Onde foi parar a “deusa” de agora pouco? — questiona ela, fingindo-se de ofendida.

— Você sabe que, Mortícia ou deusa, eu te amo desse jeitinho. — ele garante, se aproximando da Aldria e dando uma batidinha no nariz dela com o dedo indicador.

Ela mostra a língua para ele em sinal de deboche e neste momento começa a tocar *Diva*, da *Beyoncé*. Aldria dá um salto da sua banquetta.

— Ah, meu Deus, essa é a nossa música. Venham, vamos dançar.

É sempre assim. Não conseguimos sair como pessoas normais e só beber algumas cervejas, então ir pra casa. Sempre, digo sempre mesmo, temos que dançar. Principalmente aqui neste pub, que é composto de vários ambientes.

Aldria reboca a mim e Lucca para a pista e já começa dançando a grande diva master de todas, *Beyoncé*. Ela fica à frente de Lucca e eu às suas costas, e assim dançamos sensualmente.

Adoramos fazer isso. Uma porque sabemos que podemos sensualizar o quanto quisermos que Lucca além de ser gay, sempre vai nos olhar como irmãos dele, e também porque é impagável a cara de quem está em volta.

Depois de mais três músicas de batida, algumas cervejas, e o Lucca reclamando que já foi explorado o suficiente, resolvemos ir embora.

O dia finalmente está encerrado e não tenho certeza se amanhã será tão melhor que hoje.

Antônio

Fodido!

É exatamente assim que estou. Em que planeta de merda eu fui me deixar seduzir por aquela boca atrevida, olhos de gato e um corpo... Meu Deus, que corpo!

Nos meus quase trinta e seis anos de idade, nunca pensei, não me permiti, na verdade, agir da forma como fiz hoje naquela bendita sala de reuniões.

Desde que botei meus olhos nela, naquele café, meu pau criou vida própria. Não sou nenhum tarado, mas, porra, eu simplesmente não consegui controlar o desejo que cresceu em mim ao vê-la, e a coisa só piorou quando percebi que ela estava olhando para minha virilha.

No momento em que ofendi o pobre garoto e ela virou, como uma leoa, em sua defesa, percebi como o quão babaca fui.

“Gilipollas”.

Apesar de dizer a ela na sala de reuniões que não era isso, eu inegavelmente agi como tal. Espero que ele tenha aceitado o meu pedido de desculpas que mandei Caio, meu motorista, entregar na loja mais cedo.

Fiquei desesperado quando a vi saindo daquele café sem nem ao menos saber seu nome, mas não precisei pensar muito sobre isso, pois me recordei que saiu daquela boca petulante que o atendente tinha o seu endereço para enviar a conta do tintureiro. Pois eu teria esse endereço, mas para outra finalidade, e a única que pagaria alguma coisa seria aquela boca atrevida em volta do meu pau.

Cheguei dez minutos atrasado naquela reunião, meu humor já não era nem de perto aceitável. Além da irritação de me atrasar, o que eu realmente abomino, não conseguiu tirar aqueles olhos e aquela bunda perfeita da minha cabeça.

Contrariando tudo o que poderia ser uma manhã detestável, dei de cara com aquilo que vinha me atormentando no último par de horas. Quando entrei na sala de reuniões da *Gouvêa & Associados*... aquela bunda sexy, perfeita e succulenta.

Soltei um bom-dia atravessado, tamanho o choque de encontrá-la ali, mas recompus-me rapidamente e resolvi brincar um pouco com as coisas. Deixei-a pensar que não a tinha visto e tive uma breve conversa com Sr. Gouvêa e alguns associados antes de iniciarmos.

Quando fomos apresentados pelo Sr. Gouvêa, notei certa intimidade de ambos e aquilo me incomodava de alguma forma. Só respirei aliviado quando se deu início a reunião e percebi que além de ser a mente brilhante por trás daquele tipo de trabalho, ela é também filha e futura herdeira da cadeira de CEO da empresa.

Não é de se admirar a garra e firmeza que ela tem. Seria uma ótima opção para quando seu pai se aposentasse.

A ânsia de possuí-la ali na frente de todos estava me pondo maluco, não conseguia me concentrar muito bem. Ela continuava com a mesma cara petulante de garota malcriada. Perdi-me em pensamentos sobre como ela ficaria gostosa sobre a mesa com as pernas abertas e me dando o doce mel de sua boceta.

Quando dei por mim, eu já estava finalizando a reunião e inventando uma desculpa esfarrapada para ficar a sós com ela. A energia que emanava de seu corpo me chamava como um imã, e eu, sem controle algum da situação, me deixei ir.

Choquei-a... eu sei!

E ela correspondeu perfeitamente ao meu pedido sem cabimento. Minha intenção nunca foi humilhá-la, mas mostrar que aquilo ali ia muito além de uma ofensa boba e que de um jeito ou de outro nós limparíamos nosso sistema dessa atração louca.

Agora aquela calcinha está na minha primeira gaveta, ao lado da minha cama, como um

prêmio de consolação, até que finalmente eu possa tê-la inteira embaixo de mim.

Sempre foi assim. Não faço o tipo romântico e não tenho a menor vontade de ser. Eu vi o outro lado da história quando uma garota de dezesseis anos de idade teve que se virar sozinha pra criar um filho sem pai. E onde foi parar o amor nessa hora?

A única que consegue me dobrar, pois com ela me torno fraco, é Amanda, minha irmãzinha. Seria interessante ver Vega interagir com ela. Com certeza Amanda adoraria ver a cena de hoje. Iria debochar de mim até a próxima vida.

Não, Antonio, não vá por aí.

Ela é uma foda, e, como uma foda, não terá qualquer contato mais íntimo com você ou sua família.

Meu despertador toca, alertando que já está na hora de iniciar mais um dia. Mas hoje ele começa com uma pitada diferente e acredito que prometa muita coisa.

Levanto, faço minha higiene e vou para a academia no primeiro andar. Eu moro em um triplex bem localizado e procuro manter todo o conforto por aqui. Não gosto e nem posso ficar saindo ou me expondo, não seria viável na minha posição.

Treino feito.

Coloco um dos meus ternos Armani — sempre gostei de me vestir bem —, composto de três peças, sapato italiano, abotoaduras, colônia, e estou pronto.

Na cozinha, Greta prepara o meu habitual. Café preto, sem açúcar, omeletes e só. Estou divagando sobre como e o que falar para aquela pequena boca atrevida ao chegar em meu escritório, quando Greta me interrompe.

— Senhor, Amanda disse que virá neste fim de semana e vai trazer sua amiga Claudinha. Gostaria de saber se o senhor sabe e está de acordo.

— Sim, Greta, eu sei, e sim, estou de acordo. Amanda pode mais do que eu nesse apartamento.

Rimos, pois isso é verdade. Minha irmã é uma peste que vira e mexe bagunça meus fins de semana de sossego, mas o que posso fazer se ela me tem em torno do seu dedo mindinho?

— Eu imaginei, senhor.

— Bom, já vou indo, pois o dia será bastante atribulado — digo, dando um beijo em seu rosto e saindo da cozinha. — E já falei, pare com essa coisa de senhor. Você está comigo a mais de onze anos, é mais do que da família.

— Eu sei, senhor... Quer dizer... Antônio. É costume mesmo.

— Sei. Não precisa se preocupar com o jantar. Se tudo correr como planejo, eu estarei de volta bem tarde e comerei algo pela rua mesmo.

— Humm, isso soa como um encontro? — pergunta ela com ar risonho.

Paro e volto para trás.

— Não, dona Greta, isso não é um encontro. Você sabe muito bem que não gosto dessa coisa melosa. Não tenho tempo pra isso e Amanda já ocupa muito meu tempo com chatices de mulheres, *pra* eu ainda ter que me enfiar em encontros e compromissos.

— Ah, menino! Ainda hei de ver uma moça entrar por essa porta e ver você rendido por ela.

— Ha, ha, ha... Muito engraçadinha! Não me jogue agouros, Greta. Isso pode pegar.

E assim saio para mais um dia atribulado na empresa, mas com uma ansiedade que há muito eu não sentia.

Como sempre, chego com vinte minutos de antecedência em qualquer compromisso na

minha sala. Não gosto de atrasar e muito menos fazer tudo correndo.

Minha secretária já está à mesa dela e assim que passo, ela me segue para minha sala. Já estabelecemos um padrão de rotina que eu gosto que seja cumprido à risca. Com seu *Ipad* em mãos, ela fecha a porta e se senta a minha frente.

— Bom dia, Sr. Machado.

— Bom dia, Val. O que temos pra hoje?

— O senhor tem duas teleconferências, uma com a filial de Espanha e outra com o embaixador da Alemanha para resolver as questões das cargas retidas no porto de Hamburgo, mas isso só acontecerá às quatorze horas local, devido ao fuso. Agora pela manhã, somente a reunião com o departamento fiscal que o senhor solicitou, mas não revelou a pauta. Devo preparar ou encaminhar algum memorando? Em sequência, o senhor tem reunião com o departamento jurídico para analisar os últimos contratos inconsistentes da filial no Rio de Janeiro.

— Tudo certo para as conferências. Não para a questão do departamento fiscal. Eu mesmo vou lidar com isso. Sobre o jurídico, peça que aguarde a minha chamada para a reunião, tenho algumas coisas a fazer antes disso que não estavam na programação.

— Ok, senhor. Algo mais?

— Ah, sim! Providencie o almoço para uma hora antes das teleconferências, para duas pessoas. — Val fica me encarando nesse momento, estática.

— Val, algum problema?

— Oh, não... Para duas pessoas, ok. Alguma coisa em especial?

— Peça no restaurante o de sempre, e sirva na sala de reuniões.

— Tudo bem. Algo mais, senhor?

— Não. Aliás, estou aguardando a Srta. Velásquez. Ela deve estar chegando. Pode mandá-la entrar direto.

— Tudo bem. Com licença, senhor.

— Toda, Val.

Verifico meu e-mail enquanto aguardo aquela pequena de olhos de gata e boca atrevida. Olho novamente no meu relógio e não se passaram nem dez minutos, acho que estou um pouco ansioso.

Às oito horas e quinze minutos já não aguentando mais a espera, afinal, qualquer empresa que se preze começa cedo e ela como uma terceirizada de novo contrato, deveria estar aqui antes de eu chegar.

Atrevida mesmo.

Resolvo mandar uma mensagem para ela. Ontem, quando Caio foi entregar meu pedido de desculpas ao garoto da lanchonete, pegou o telefone de Vega e, claro, que eu já o adicionei.

Eu - Bom dia, Srta. Velásquez. Está em algum dilema com seu despertador?

Aguardo sua resposta. Alguns minutos depois e vários momentos aparecendo no status “digitando”, ela vem.

Vega - Bom dia!! Quem é??

Eu - Antônio Machado, seu cliente.

Vega - Ahhhhh... Sr. Machado! Não tenho dilema nenhum com meu despertador. Por que a pergunta?

Eu - Visto que a Srta. já deveria estar aqui para iniciarmos os procedimentos de auditoria, acredito, sim, que há algum problema, pois não a vejo em parte alguma da minha sala e, olhe, não seria fácil se esconder de mim.

Novamente aquele “digitando” eterno.

Vega - Já chego aí... Sr...

Garota esperta. Tenho certeza de que sabia quem era desde a primeira mensagem, mas como sempre é uma atrevida, resolveu jogar comigo. Ah, Srta. Velásquez, a Srta. não sabe o quanto eu gosto de um desafio.

Resolvo adiantar algumas coisas para que, quando ela chegar, tenha todo o tempo disponível para olhá-la e cobiçá-la.

Toc. Toc.

— Entre — respondo, ríspido e sem paciência.

A porta se abre e todo o meu mau humor vai embora quando vejo quem passa pela porta. Ela! A pequena atrevida dos olhos de gato que está mexendo com meu juízo.

— Bom dia, Sr. Machado. Gostaria de deixar claro que meu horário de trabalho se inicia às nove horas e, sobre minha presença aqui, eu decido o que e quando é melhor — declara ela, toda petulante e chegando à frente da minha mesa, espalmado as mãos sobre ela e se inclinando em minha direção.

Fascinante.

Levantando lentamente sem tirar os olhos dela, também espalmo as mãos, bem próximas às suas, e me inclino um pouco, entrando em sua zona de conforto. Vejo que ela fraqueja, engole em seco, mas tenta manter sua postura de “fodona”.

Vou mostrar a ela quem é o “fodão”!

— Bom dia a você também, Srta. Velásquez — digo com leve sorriso, deixando claro que não me abalou em nada a sua postura ríspida. — Creio que a Srta. Não tenha entendido

muito bem a reunião de ontem com a diretoria e o CEO da empresa em que a Srta. trabalha, mas fico feliz em esclarecer.

Neste momento ela recua, não sei se por se sentir tão afetada quanto eu com nossa proximidade, ou pelo fato de mencionar a diretoria e seu pai, o CEO da empresa, sem incluí-la na equação.

Eu sei... foi baixo, mas sou assim.

Ela se senta na cadeira de frente para mesa e continua me encarando, ainda com ar de atrevida.

— Meu contrato com a empresa em que a Srta. trabalha deixa claro que esta prestação de serviços será em meus termos. Sempre irei acompanhar de perto passo a passo.

— Estou ciente disso, Sr. Machado, eu estava lá.

Sim. Ela ficou afetada com o que eu disse.

— Então isso torna mais fácil para Srta. entender que quando digo em meus termos, isso quer dizer que “o que e quando” são minhas decisões e não suas. Ah! E também a hora que é melhor, não esqueça mais disso.

— Ou o que, Sr. Machado? Irá roubar outra calcinha minha?

— Pelo que me lembro, ela foi dada a mim e não roubada — contraponho e sento-me.

— Exigida! — rebate ela, alterando a voz.

Dou um sorriso de canto de boca e resolvo mudar o rumo da conversa, por enquanto.

— Srta., devido ao seu atraso de hoje, não terei tempo de lhe apresentar muita coisa. Sairemos em cinco minutos para a primeira reunião com o departamento fiscal. Quero que só observe e guarde seus comentários e percepções para si. Discutiremos quando estivermos a sós.

Dou outro sentido ao “a sós” para que entenda que o nosso assunto inacabado está bem

longe do fim. Pelo menos, até eu fodê-la da maneira que anseio.



Duas horas de reunião e a única coisa que tenho certeza, neste momento, é que Antônio Machado é um maldito arrogante presunçoso!

“Maldito, gostoso, arrogante!” - Ah, agora não, vizinha irritante!

Tenho que admitir, o cara é bom no que faz. Inteligente, aplicado e sabe o que falar e quando falar. E é extremamente quente vê-lo atrás de uma mesa comandando um império.

Safadezas da minha cabeça à parte, consegui nessas duas horas também reunir algumas pontas soltas que foram mencionadas, mas, como ordenado pelo “Sr. Controle”, só irei me manifestar quando solicitar.

Passa do meio dia quando a reunião é encerrada. Estou morta de fome, porém, não preciso dizer nada, pois quando todos saem da sala de reuniões, restando apenas eu e Antônio — e antes que comece a formar e dar idéias ao meu cérebro do que minha *pepeca* quer —, a sala é invadida por uma cozinha portátil liderada pela secretária de Antônio.

Depois de tudo organizado para nós, sentamos em uma mesa íntima ao canto da sala, onde o garçom já havia servido nossa refeição.

— Está muito calada, Srta. Velásquez.

— Bom, aguardo a permissão de fala, Senhor — respondo com todo desdém, que nem eu sei de onde vem. Esse homem tem o poder de trazer à tona o pior de mim. *Santa Madre de Dios!*

— Não acredito que seu perfil seja de uma submissa — ele fala tão naturalmente, mas o impacto da associação com ^[6]BDSM me faz engasgar com a água que eu havia colocado na boca.

Ele se aproxima, dando batidinha nas minhas costas, o que só faz a situação piorar, pois essa aproximação está me colocando em ebulição.

— Desculpe.

— Sem problemas — diz. — Então, Srta., o que achou da reunião? Já conseguiu pegar algo?

— Na verdade, sim. As informações passadas realmente não batem e senti o líder do setor um tanto perdido com as informações. Acredito em duas teorias: ou ele realmente está cego e as coisas estão acontecendo em baixo de seu nariz sem que perceba, ou ele está muito relapso em seu cargo e deixando o comando e certas decisões a cargo de alguém abaixo dele, e que, obviamente, não está conseguindo desempenhar um bom serviço.

Ele fica me olhando e juro que por um momento eu vejo algo como admiração em seu olhar. Rapidamente ele se recupera e diz:

— Perspicaz, Srta. Também havia chegado a esta conclusão. Passe-me quais tipos de informações físicas você precisa. De logins, acesso de rede... Irei providenciar um lugar provisório para você ao lado de minha sala. Assim ninguém irá xeretar e não será importunada — informou ele. — Eu lhe darei também acesso à intranet da empresa. Ela funciona como ferramenta de transmissão de dados, arquivos ou conversas que podem ser trabalhadas de seus setores ou para outros departamentos. O único que tem acesso a ela fora da empresa sou eu e eu lhe darei também.

— Isso facilitará para os horários que não estiver aqui — comento.

— Exatamente. O resto que precisar é só comunicar a Val. Ela irá auxiliá-la.

— Tudo bem.

Mantemos a conversa num campo seguro e não temos mais “incidentes”. Claro que continua difícil olhar aquele rosto quadrado com barba rala e sorriso safado, mas ossos do ofício. Consigo vestir a profissional dentro de mim e seguir com o andamento da conversa sem perder o compasso.

— Bom, Srta., sua companhia foi muito proveitosa, mas preciso ir para duas teleconferências em minutos. Val irá acompanhá-la à sua nova sala e, no que precisar, já sabe.

— Oh, tudo bem, Sr. Machado.

— Com licença.

E com isso ele sai em toda sua imponência e elegância.

Tomara que eu sobreviva até o final disso tudo.

— Srta., está confortável? Precisa de mais alguma coisa?

— Não, Val, só isso mesmo. O Alex virá me ajudar a logar e resolver as pendências de TI, pode ir.

— Tudo bem. Com licença.

— Então, Alex? Quanto tempo até liberar meu note para a rede?

— Só mais dois minutinhos, Srta. Velásquez — responde ele.

Até que é bonitinho, mas muito novinho. Não é para o meu bico.

— Prontinho! Seu login da intranet é esse. Está pronto para uso.

— Tudo bem. Obrigada, Alex.

— Disponha, Srta.

Ele sai da minha sala provisória, deixando-me à mercê do novo pepino em minhas mãos. Como não tenho tempo a perder, coloco as mãos à obra, precisando reunir o máximo de informações. Pretendo antes de sair daqui, já deixar um relatório preliminar ao “Sr. Manda em Tudo” e verificar a necessidade de aumentar ou não minha equipe aqui.

Machado. ceo - Oi

Controle. adm - Oi

Machado. ceo - Está dando tudo certo por aí?

Controle. adm - Sim, Sr. Até a minha saída irei lhe apresentar uma preliminar...

Machado. ceo - Estou ansioso pelas suas preliminares, Srta!

Controle. adm - Hummm,ok

Será que estou entendendo o que, realmente, ele está querendo dizer? Mas que escolha de palavras também, hein, Velásquez... Preliminar?! Fala sério!

São quase dezesseis horas quando passo pela minha porta em direção à sala dele. Val tenta me avisar algo, mas pela pressa em sair logo daqui, acabo não ouvindo. Dou duas batidas na porta e a abro no automático.

Cacete!

Preciso aprender a parar de dar furos com esse homem.

Pego uma loira peituda e com cara de sem vergonha, curvada e muito próxima a ele, ao lado de sua cadeira. Ele está com uma cara não muito agradável, mas quando me vê, abrandando a fisionomia e recoloca a cadeira de frente para a mesa novamente.

A loira me olha de forma esquisita, como se eu fosse a intrusa. Bom, realmente, nesse momento eu sou, mas visto que minha vinda é de cunho profissional e estamos em um escritório, sinto-me mais do que no direito de estar aqui do que ela.

Do que eu estou falando? Estou numa disputa de território?

Preciso consertar isso.

— Desculpe interromper, Sr. Machado — digo, me aproximando da mesa e colocando o relatório sobre a mesa. — Aqui está a primeira impressão sobre o que foi dito nesta manhã. Pode avaliar com calma. Estarei de volta amanhã pela manhã e discutiremos a partir daí.

Ele parece um pouco perdido, mas se recupera e diz:

— Srta. Velásquez, essa é Adriana, uma velha amiga. Adriana, esta é a Srta. Velásquez, a menina dos olhos da *Gouvêa & Associados*.

— Não tão velha assim, Tom! Muito prazer, Srta. Sou Adriana Mendes. Que interessante, já tive negócios com a Gouvêa, mas não me lembro de você. — Ela tenta ser simpática, mas sejamos honestas. Mulheres não se conhecem e sim se analisam, e é exatamente o que ela está fazendo comigo agora. Ótimo, pois adoro plateia!

— O prazer é meu, Srta. Mendes. Realmente. Estou de volta à empresa há pouco mais de dois anos. Estive na filial da Espanha por algum tempo.

— Vega é filha do dono, Adriana, mas conseguiu, através de estudo e muito esforço, ampliar o campo de visão da empresa de seu pai.

— Oh, Tom, você, como sempre, apaixonado pelas histórias de superação. Acredito que esse rostinho lindo da Srta. não tenha passado por tantos mártires assim.

— Não foi isso que eu disse, Adriana. Mais uma vez você não entende as coisas como elas realmente são. E se me der licença, preciso ter uma pequena reunião com a Srta. Velásquez agora.

— Claro, querido. Como disse, estou de volta e passei só pra dar um “oi”. Me liga, tá?!
— ela diz, deixando sua posição ao lado da mesa. Parecia até um cão de guarda.

— Até mais — ele responde, sucinto.

— Até mais ver, Srta. Velásquez.

— Até, Srta. Mendes — digo sem nem dar um segundo olhar para ela.

Antônio mantém seu olhar no relatório, mas é visível a tensão em que fica depois do comentário inapropriado de sua amiga.

— Espirituosa sua amiga. — Não consigo segurar minha língua. Maldito sangue espanhol.

— Adriana sempre foi assim, mas sei como colocá-la em seu lugar quando extrapola.

— Como assim? — pergunto, curiosa. Afinal, que tipo de coisas ela faz para que ele precise ser mais enérgico, assim como agora?

— Acredito que a Srta. quer discutir suas preliminares para que possa ir embora, não é?!
— Ele muda o foco da conversa e eu já sinto novamente aquela energia trepidante em torno de nós.

Meu pai! Como ele consegue mudar tão rápido as feições do rosto? Já está com cara de quem quer me comer inteira, e eu devo estar com cara de que me daria inteira.

— Sim, claro! — respondo, tentando recuperar a dignidade na minha face.

Ele, como o arrogante que é, ri meio de lado do jeito que me mata, e volta a olhar para o relatório à sua frente. Passam uns cinco minutos e ele continua analisando o papel, batendo sua *Montblan*^[7] freneticamente na mesa. Encosta-se na cadeira e me olha novamente.

— Achei sua preliminar satisfatória, Srta. — ele fala isso como se me desafiasse a dizer algo.

— Que bom, Senhor. Agora se me der licença, eu...

— Não, não dou — decreta ele rispidamente, me cortando. O semblante de sedução foi

para o espaço.

— Oi? — pergunto sem entender.

— Sente-se, Srta. Velásquez, que nossa preliminar ainda não acabou. — O “nossa” não me passa despercebido.

Madre de Dios Santo, estoy perdida!^[8]

— O que mais o senhor precisa? Acredito que todas as informações de hoje já constem nesses papéis — digo, tentando disfarçar o nervosismo que cresce em mim.

— Sim, mas o acho um pouco vago. Eu quero algo mais substancial... palpável. — E a cara de gavião que quer pegar a caça está de volta.

— Palpável? Em que sentido? — logo que pergunto, já me arrependo.

— Você fez vários apontamentos, porém, existem pontas soltas, Srta. Velásquez, e eu preciso de algo mais concreto aqui para minha paz de espírito.

Agora eu realmente acredito que ele não está mais falando sobre porcaria de relatório nenhum. Meu coração está tão acelerado que realmente temo ter um infarto.

Resolvo entrar nesse jogo sem pé nem cabeça, afinal, eu não vou conseguir sair daqui sem entender aonde esse homem quer chegar com tudo isso.

— Pois bem, Sr. Machado, o que o senhor quer?

Pela primeira vez eu vejo o sorriso dele.

Grande. Aberto.

Mas não me passa despercebido, o calafrio que me consome com essa imagem.

Antônio

Vê-la assim na minha frente como um animal indefeso me excita ao extremo. Perco-me de onde estou e porque estou. Meu foco é ela e somente ela. Preciso senti-la, preciso prová-la para o bem da minha sanidade. Sei que ela também quer.

Apesar de ser petulante e cheia de si, ela se entrega nos olhos.

E eles me dizem que ela quer ser minha. Toda minha.

— Ah, Srta! Isso é uma pergunta relativa. O que eu quero pode ser totalmente diferente do que eu preciso no momento — digo com uma entonação que não deixa dúvida alguma de que não estou mais falando de porra de relatório algum.

— Ohhh...

Ela está sem fala. Isso é bom.

Aquela boquinha atrevida dela só serviria para me levar a borda e eu quero manter o controle aqui. Não vou comê-la. Pelo menos, não hoje. Quero enlouquecê-la antes disso, como ela tem feito comigo.

Levanto-me, tiro meu paletó, pois para o que tenho em mente ele irá me atrapalhar. Ela mantém seus olhos em mim, vejo que sua pupila dilata e sua respiração se torna ofegante. Bom!

Permaneço de colete, afinal, se eu tirar muita coisa, isso não vai andar como eu quero. Devagar e enlouquecedor. Vou até o bar no canto da sala e me sirvo de uma dose de uísque. Quando me viro, ela está sentada me encarando.

Vou até ela e sento-me na beirada da mesa, coloco meu copo sobre ela e seguro a ponta com as mãos para que eu consiga ter algum controle.

— Como lhe disse, Srta. Velásquez, eu preciso de algo mais palpável. O que eu tenho hoje em mãos não está sendo suficiente para acalmar meu espírito.

— Entendo, Senhor.

Maldita! Ela está jogando! Já sabe que não falo mais sobre o relatório e essa boca atrevida resolveu me provocar. Pois bem, querida, você está acordando a fera que me habita, agora aguenta!

— Se você entende, Srta., sabe que vou conseguir o que eu quero e da forma que eu quero. — Ela fica me olhando como se esperasse o comando. Excitante para caralho!

Abaixo meu tronco para ficar na altura de seus olhos e a aproximação me deixa louco, com vontade de rasgar todas essas roupas provocantes que está usando e fodê-la até que grite meu nome.

— Abra as pernas, Srta...

Ela faz, sem titubear.

Coloco a mão em seu joelho e vou acariciando, não tirando os olhos de seus olhos. Subo meu caminho pelo interior de sua coxa e vejo que ela segura mais forte no apoio da cadeira.

Quando alcanço meu objetivo, solto um grunhido. Ela está molhada. Que foda!

Dou um sorriso torto.

Aproximo-me mais de sua boca, sinto seu cheiro de mulher e seu perfume misturados, inebriante. Não a beijo, mantenho o contato visual. Minha mão não para de acariciar sua boceta, puxo a calcinha de lado e faço contato com seu ponto de prazer.

Ela sente um choque.

— Shiiii... Querida, vou fazer você se sentir bem... Muito bem... — Digo, já com a voz rouca.

Passo meu nariz pelo seu queixo e pescoço, não resisto e desço minha língua por toda a sua extensão. Meus dedos fazem a mágica acontecer e Vega não aguenta mais ficar quieta, então geme.

A cada gemido meu pau pulsa, pedindo liberdade. Uma vontade quase incontrolável de enterrar-me naquela boca deliciosa. Vendo que ela está bem molhada, introduzo um dedo e depois outro em sua vagina.

Apertada... Delícia!

Ela geme mais alto, perdendo o controle. Fecha os olhos e se entrega ao prazer que estou lhe dando. Não aguento e ataco seu pescoço, beijando, lambendo e tenho certeza que, pela intensidade, amanhã ela terá minha marca de posse em sua pele.

Isso me deixa mais louco, se é que é possível.

Seus braços vêm agora para o meu pescoço, encaro-a e isso é minha perdição.

Beijo-a. Nunca senti isso em um beijo. Quente, intenso, gostoso, e me tirou da porra do eixo. Quando me sintonizo, estou segurando-a pela nuca com força, juntando um punhado de seus cabelos sedosos, e ela estremece abaixo de mim, gozando como uma linda gatinha selvagem. Perfeito!

Retiro meus dedos do seu interior quente e macio, olho para ela e levo meus dedos à minha boca. Preciso sentir seu gosto.

Quando lambo meus dedos, fecho os olhos e é inevitável o prazer que sinto com esse gosto. A porra mais doce e gostosa do mundo. Viciante.

Quando a olho novamente, está me encarando e sua cara de safada se intensifica. Eu me recomponho. Preciso manter algum controle.

Ela percebe que mudei de postura e se ajusta como pode, porém, percebo um olhar magoado, que logo é substituído, empinando aquele nariz lindo e se levantando, ficando cara a cara comigo.

— Se isso era o seu “palpável”, Sr. Machado, já o tem. Agora, se me der licença, preciso ir.

Vira-se para sair feito um foguete, mas a agarro por trás, aproveito e esfrego meu pau sofrido naquela bunda gostosa. Ah, que delícia!

— Isso está longe de ser o meu “palpável”, Srta. Agora que provei uma dose do seu gosto, vou querer todo o resto. E vou ter... — digo ao seu ouvido, segurando-a firmemente pela cintura.

— Isso nós vamos ver, Senhor! — rebate ela com tom de raiva.

— A gata ficou arisca. Calma, gostosa! Hoje foi só uma dose, você vai ter muito mais e numa dose cavalgar, pode aguardar. Isso não acabou, Vega, e você sabe disso! — Ela se solta do meu aperto e sai marchando da minha sala.

Linda, atrevida e petulante. Merda.

O que está acontecendo comigo? Eu não beijo na boca, porra! Isso é íntimo e perigoso demais!

Ela me descompassa.

Nunca senti isso. Nunca me permiti a isso, ainda mais dentro da empresa, na minha sala. Caralho!

Estou perdendo a porra do meu juízo e a única culpada é ela.

Vega Velásquez.



Nunca cheguei tão rápido em casa.

Uau! O que foi aquilo?

Estou agora deitada após um longo banho de banheira com direito a sais e tudo, relaxamento total para minha cabeça e para a minha amiga aqui em baixo. Ainda sinto meu corpo ferver onde ele tocou e como eu fui deixar isso tudo acontecer, só *Dio* sabe.

No meio do meu interrogatório comigo mesma, toca o telefone.

— Alô. *Hola, mamá.*

— *Hola niña, Dios los bendiga*^[9]. Perdeu o endereço de sua *Mamá*, é isso, *hija*^[10] *desnaturalizada?*

— Mãe, menos, por favor. Estive aí semana passada.

— Exatamente. Desde então, nem uma ligação. Nada.

— Mas, *madre...*

— *Cállate!* Sou sua *mamá* e sinto sua falta *hija*. Venha *cenar*^[11] conosco. Até Iris virá!

— Vendo que não tenho saída do drama de dona Lena, concordo.

— Ok, *mamá*, estarei aí daqui a pouco.

— Oh, que maravilha! Traga sua *cuadrilla*^[12].

— Ok, *mamá*.

Ela adora chamá-los assim, ainda mais depois de descobrir que no entendimento brasileiro fica pejorativo. Ai, minha mãe é uma figura!

Saio do quarto para chamar aqueles dois para irem comigo. A noite será longa, mas o bom é que terei Íris e minha *cuadrilla* para me ajudar a fugir dos questionamentos de meu pai sobre a empresa, e de minha mãe sobre um futuro namorado.

— Oi, amores.

— E aí? — responde Aldria, assistindo qualquer coisa na TV.

— Oi, minha deusa, o que conta de novo?

— Nada demais — falo, tentando disfarçar o rubor que já aparece em minha face. Inevitável lembrar dele.

— Hum, sei... — Não dou tempo de Lucca tentar desvendar meus mistérios e já emendo.

— Minha *mamá* nos intimou a um jantar e adivinhem? Íris estará lá.

— Jura? Tô dentro! Vou só trocar de roupa — aceita Lucca, já se esquecendo do meu rubor. *Gracias a Dios!*

— *Fala!* — diz Aldria, olhando para mim.

— Falar o que, maluca? — questiono, não entendendo a pergunta.

— Não seja idiota! Quero saber como foi com o deus grego! No primeiro dia ele tirou sua calcinha, e hoje, o que foi? — pergunta como se minha vida fosse uma novela mexicana e que ela precisa saber o próximo capítulo.

— Ei, não sou idiota e dessa vez ele me tirou um orgasmo... Na verdade foi “o orgasmo”! — confesso, já não conseguindo segurar isso só para mim.

Estava pirando pensando em tudo e como Aldria criou a oportunidade, desembucho tudo. Ela só me olha com aqueles olhos enormes, sem dizer nada.

— O que acha? O que eu faço? *Dios Mio*, sou a pior vadia. Eu fiz coisas sujas com o maior cliente da empresa do meu pai! *Oh Dios!*

— Bom, vamos lá! Eu acho isso o máximo, continue com tudo isso, pois está funcionando, e, sim, você é uma vadia, mas, definitivamente, é a mais sortuda de todas e não a pior de todas!

— Agora não é hora pra piadas, Aldria! — reclamo, nervosa por debochar do meu desespero.

— Ué, você quer que eu diga o quê? — pergunta com cara de inocente, o que me irrita ao extremo. Juro que um dia dou uma bifa nela.

— Dizer o que, pra quem? — indaga Lucca, voltando já trocado.

— Nada, Lucca. Coisa de trabalho. Vamos, senão minha mãe nos mata antes de chegarmos! — Fujo do assunto.

Lucca é o mais ajuizado de nós três e eu sei que, se ele souber dessas loucuras, vai querer me matar e me ameaçar com seus sermões sem fim.

Chegamos a casa de meus pais e parece que a festa está montada. Não só Íris está, mas a família de tio Ricardo inteira, incluindo meus primos malas.

— Fala, gatinha! — Esse é Olavo, o caçula dos primos e o mais safado de todos.

— Oi, gatinho! — brinco com ele.

— E aí está a mulher dos meus sonhos! Ah, Aldria, quando você vai deixar essa marra de lado e me dar esse corpão delícia pra me esbaldar? — ele flerta, já pegando Aldria pela

cintura.

Olavo consegue a proeza de deixá-la sem graça todas as vezes que brinca com ela.

— Pare com isso, garoto! O que sua família vai pensar de mim? — Aldria pede, toda encabulada.

— Que eu estou de quatro por você e que você não me dá um tiquinho de bola! — responde ele, fazendo um drama.

— Até parece que um rapaz como você iria olhar pra mim. Fala sério! — Ela bufa, desacreditando.

— E por que não, Aldria? — pergunto, irritada pelo menosprezo com o qual ela se trata.

É sempre assim. Aldria é toda segura e dona de si, até que é colocada em evidência ou quando algum cara realmente bacana se interessa por ela. Ela é o que eu chamo de mulherão. Toda avantajada, curvas grandes, cintura fina. Linda! Simplesmente linda! Só não consegue ver toda a beleza que vemos e isso realmente é um fardo que carrega.

— Já chega, gente! Não sou o centro aqui. Cadê a Íris, Olavo? — Muda o rumo da conversa para não ser apedrejada por mim com um sermão daqueles.

— Tá na sala de visitas com o restante do povo. Ah, priminha, você vai adorar quem veio compartilhar de nosso jantar — ele fala com um sorriso malandro que mata metade da população brasileira, mas como o conheço bem, sei que aí vem.

— Ah, é? Posso saber quem é? — pergunto.

— O chato do seu ex... Domênico — ele solta, com um pouco de raiva agora. Esses meus primos são realmente ciumentos.

Que merda! O que ele está fazendo aqui depois desses anos todos sem vê-lo?

— Calma, priminha. Não deixarei que chegue perto de você, fique tranquila.

— É claro que ele não vai! — afirma Júlio, chegando de mansinho na conversa.

— Oi, primo! — saúdo.

— Oi, prima! Boa noite a todos — diz, olhando diretamente para Aldria. Sempre achei estranho o comportamento dele perto dela.

Acho que já rolou algo ali, mas verdade seja dita, nunca vi os dois trocando mais de duas palavras e Júlio tem certo padrão de beleza de mulheres. Modelos e loiras. Fora que ele tem uma namorada, muito chata e antipática, por sinal. Sorte que ele não nos força a ter muito a companhia dela. Simplesmente intragável!

Aldria é linda. Muito mais que as magrelas que meu primo pega por aí, e, definitivamente, muito melhor e mais agradável que a azeda da namorada dele. Mas ela está bem longe do “padrão” que ele segue.

— Vamos, porque tia Lena já está brava com sua demora, mocinha — ele fala, me dando o braço para irmos para a sala.

Olavo acompanha Aldria, que aceita de bom grado o braço do meu priminho. Aí tem coisa! Antes de Júlio chegar, Aldria estava toda envergonhada e cortando as gracinhas de Olavo, mas agora que Júlio está por perto, fica toda dada e íntima dele.

Em meio aos pensamentos, o celular sinaliza novas mensagens. Estranho, afinal, todos que tenho contato estão aqui. Quem será?

Antônio - Boa noite!

Eu - Oi

Antônio – É educado responder quando se é cumprimentado, Srta. Velásquez.

Eu - O que você quer?

Antônio - Rs... você!!!

Eu - Só nos seus sonhos, querido... ;)

Antônio - Bom, costumo realizar todos os meus sonhos, Srta., então acho que estou com o prêmio na mão...

Não perco a referência a mão que ele faz. Safado!

Eu - Pois deveria baixar a bola, Sr., pois você não está podendo tanto assim.

Antônio - Isso soa como um desafio, Srta., e Deus sabe o quanto eu gosto de um...

Sou interrompida por minha mãe, que me puxa para um abraço, como se não me visse a vida toda.

— *Hija!*

— *Oi, mamá!*

— *Vamos, entre logo. Já vou servir a mesa.*

Todos estão se cumprimentando e é quando eu o avisto. Domênico. Nossa! Ele está mais bonito, mais homem.

Está aí... Gostei!

— *Olá, Domênico!*

— *Olá, querida Vega!* — fala com a voz baixa, quase que me convidando para algo, que eu realmente fiquei tentada em aceitar, se não fosse meu celular apitando como um trem de carga prestes a bater.

Peço licença e me afasto para ler as mensagens.

Antônio - Ainda mais depois de ouvir seus gemidos...

Antônio - ... Sentir seu cheiro...

Antônio - ... Provar seu gosto...

Antônio - O que houve, fugiu da raia novamente?!? RS

Idiota arrogante. Agora você me paga!

Eu - Não, desculpe, é que enquanto você vive de passado, querido, eu estou falando com meu futuro... e você... Está atrapalhando.

Eu - Até amanhã, Sr. Machado.

Digito a mensagem e tenho certeza de que ele é inteligente o suficiente para entender, então guardo o celular na bolsa. Não dou nem dois passos e começa a tocar. Mas será possível?! Atendo sem ver quem é.

— Alô! — Estou irritada.

— Quem é? — Ouço a voz rouca que me arrepia inteirinha. Acho que ele está irritado, também.

— Quem é o quê? — Faço-me de desentendida. Já que é para enlouquecer, ele que pira primeiro.

— Não se faça de boba, Vega! Eu quero saber quem é o futuro que você está olhando, porque na certa ele se tornará rapidamente um passado bem distante! — ele fala. Fala, não... quase grita no meu ouvido.

— Ei, fale baixo! E para seu governo, não é da sua conta com quem saio ou não, e do meu futuro, entendo e cuido eu, ouviu bem? — digo baixo, mas demonstrando irritação.

— Isso nós veremos, Srta. Velásquez!

E a linha fica muda. Ele desligou na minha cara. Maldito arrogante!

— Tá tudo bem, Ve? — pergunta minha doce prima, Íris.

— Oi, minha flor linda! Tá sim! Só um mala que fica me enchendo fora do horário de serviço — respondo, recompondo minha cara de *poker face* para que ninguém descubra quem

era ao telefone.

Ficamos colocando a fofoca em dia. Com seu serviço corrido e o meu que me consome, acabamos por não ter muito tempo para nada.

— Vega. — Viro-me e vejo que é Domênico.

Ele ainda está me esperando no mesmo lugar e eu já havia me esquecido dele. Inferno de homem arrogante! Nem está aqui e já está conseguindo cumprir o que prometeu na ligação.

— Oi, Domênico. Desculpe, precisei atender e depois me distraí falando com minha prima.

— Sem problemas. Desculpe vir assim, mas meu pai me chamou pra vir a casa de um velho conhecido e só percebi quem era depois de já estarmos na porta. Eu não quero constrangê-la.

— Oh, não! Imagine. O que é isso, Domênico? A amizade continua e isso é o que importa.

— Claro, a amizade.

Nessa hora sinto que está se lembrando de coisas que sinceramente não têm porque ressuscitar. Fico meio sem jeito, mas, eis que chega meu salvador *mala* número um.

— Prima! Vamos logo para a mesa, senão sua mãe prometeu nos levar na base de tapas — Júlio chama, já me puxando pelo braço e nos encaminhando para a sala de jantar.

Fui de bom grado. Engraçado como antes da intromissão daquele arrogante eu estava olhando para Domênico com certo interesse e até curiosidade. Porém, isso se evaporou quando li a mensagem daquele homem das cavernas.

Distraio-me com o papo na mesa, realmente todos falam ao mesmo tempo e em algumas vezes grito para ser ouvida. Se eu não fosse a cara da minha mãe, diria que puxei minha tia Agna

por ser o lado grego da família. Acho que isso também não conta muito, visto que Íris é descendente direta e se mantém tão discreta na mesa que, se Lucca não falasse com ela, com certeza, passaria despercebida durante todo o jantar.

Após o jantar, que durou bem mais que o previsto, me despeço dos que sobraram, já que Iris, meus tios e primos já foram embora. Minha mãe, mais uma vez, passa aquele sermão de como é importante me manter unida à família e ser filha única e todo aquele blá, blá, blá exagerado. *Dio Santo!* Se me unir mais a eles, serei um carrapato grudado na vaca.

Só concordo. Estou cansada demais para tentar argumentar.

Quando estou saindo na porta, sou puxada e vejo que se trata de Domênico. Sabia! Ele estava me encarando demais, mas não teve chance de se reaproximar com todos ali.

— Oi — digo, sendo simpática.

— Então... Eu gostaria de sair pra conversar contigo, Vega... Pelos velhos tempos. O que acha? Você me dá essa chance?

— Olha, Domen...

— Vega, é só uma conversa. Nada demais. Como amigos. Hein?! — ele fala, meio encabulado.

Como sou coração mole, não resisto.

— Ok. Me manda mensagem e combinamos algo no fim de semana, pode ser?

— Claro, linda. Até mais.

Ele se aproxima e me dá um beijo, que era para ser no rosto, mas ele intencionalmente direciona no canto da minha boca. Dá um sorrisinho safado e volta para dentro.

Vou para o carro com Aldria e Lucca me enchendo o saco sobre que “*merda*” estou fazendo com ele e tudo o mais.

Nem ouço direito, pois a única coisa que povoa meu pensamento é aquele arrogante gostoso e o que fará quando souber que eu tenho um ex na minha cola.



Depois de um sermão do tamanho do mundo vindo dos meus amigos, consigo ir para o quarto e finalmente me entregar ao sono.

Acordo cedo para minha corrida matinal, mas meu corpo está cansado. Acho que os eventos do dia anterior não contribuíram em nada para um bom descanso. Saio para minha corrida e, aí sim, consigo começar a pensar com clareza. Incrível como minha mente se abre quando corro.

A primeira coisa que consegui ponderar foi a estupidez de concordar em sair com Domênico. E agora como vou cair fora disso eu não sei. O cara já era um grude em mim, passam-se anos e ele vem atrás de novo, até porque, aquela desculpinha de “eu não sabia que era a casa de seus pais”, não cola.

Isso está me cheirando ao Sr. Pedro Gouvêa e, se meu pai tiver um dedo mindinho nisso, irá se ver comigo.

Minha caminhada só não ajudou a chegar a uma conclusão sobre o arrogante gostoso. Cada vez que penso nele, aquela voz, suas mãos em mim... *Madre de Dios*, entro em combustão.

Chego correndo e tomo uma ducha rápida. Lavo os cabelos, mas não tenho tempo de bater secador, então vai desse jeito mesmo. Escolho um vestido branco *Carmim* que tenho, lindíssimo, sem mangas e decote quadrado, estilo tubinho, só que moderno. Coloco meu *Louboutin pump* preto, altíssimo. Aplico um pouco de maquiagem e saio para o trabalho.

Chego à área da presidência e vejo que o arrogante ainda não chegou. Ótimo! Aproveito e vou para minha sala adiantar algumas coisas.

Mergulho no trabalho e consigo assimilar bastante coisa depois da reunião de ontem, que quando observo já se passaram três horas. Estranho... Ele não mandou mensagem, não ligou e nem veio aqui. Será que não está na empresa hoje?

Pego alguns arquivos que preciso trocar no almoxarifado e saio, até porque é um ótimo pretexto para descobrir se ele está na empresa ou não.

— Oi, Val — cumprimento, toda simpática.

— Olá, Srta. Velásquez, posso lhe ajudar com algo?

— Na verdade, sim. O Sr. Machado já chegou na empresa? Nós ficamos de verificar algumas coisas logo pela manhã e ele ainda não me chamou.

— Oh, sim. Na verdade, ele chegou em seguida da Srta., mas pediu pra não ser incomodado por ninguém hoje.

— Ah, entendo. Bom, se precisar, ele me chama — digo isso com um sorriso sem graça e saio a caminho do almoxarife.

Babaca idiota! Não quer ser incomodado, mas me incomodar no meu jantar de família não tem problema, não é?!

Entro no almoxarifado, e nossa, como é grande. Vou para a seção onde preciso pegar uns documentos, quando escuto risadinhas em uma seção atrás da que estou.

Olho para trás e pelo vão das caixas vejo um homem loiro, alto, forte, (e uau!) lindo! Ele está quase que encurralando uma ruiva no armário. Aproximo-me mais, quero ver se reconheço esses dois da reunião de ontem. Droga! Derrubo a pasta no chão e faz um baita barulho. Eu me assusto, eles se assustam.

A menina sai em disparada para fora do almoxarife e ele, o cara de pau, vem até minha seção.

— Oi, boneca! — Se direciona a mim todo sorridente.

— Olá! E não sou de pano pra ser boneca, senhor! — rebato, ríspida pela liberdade que nem dei a esse homem.

— Ei, calma! A gatinha tem garras, é? — fala ele, agora próximo a mim.

— Tem! Garras afiadas e que não são pro seu bico, João! — Ouço a maldita voz rouca atrás de mim. Perfeito!

— Nossa, como as pessoas aqui hoje estão estressadas. Muito prazer, Srta. Me chamo João Williams. Sou braço direito do nervosinho aí.

— Olá, muito prazer, Sr. Williams. Sou Vega Velásquez e estou aqui contratada pelo Sr. Machado para resolver algumas pendências administrativas — apresento-me, mantendo a compostura, pois pelo jeito o tarado é importante aqui.

— A Srta. Velásquez está aqui para investigar a fraude, João — explica Antônio.

— Ah, sim! Além de encantadoramente linda, ainda é a competente auditora que meu amigo mencionou — ele diz com cara de deboche. Acho que perdi a piada interna.

— O “encantadora” fica por sua conta, Sr. Williams, mas competente, isso eu realmente sou e irei solucionar o problema sem mais delongas — decreto, mantendo uma postura profissional. Cara abusado!

— Oww! Essa doeu! Bem que Antônio disse que você é arisca — o tal João solta.

— Como assim? — pergunto, me virando para Antônio, que nesse momento fuzila o amigo/braço direito. Acho que ele não gostou nada da informação dada.

— João, você tem um departamento inteiro pra cuidar e nem deveria estar neste

almoxarifado, já que não faz parte do seu serviço — Antônio lembra, ríspidamente.

— Ok. Já entendi. Estou saindo. Até mais, Srta.

E assim ele sai, me deixando sozinha com o arrogante que acabo de descobrir que falou de mim para o amigo.

— Que história é essa de...

Ele não me deixa terminar a frase e me encurrala na estante atrás de mim. Segura os dois lados do meu rosto e me beija possessivamente.

Tento lutar, mas meu cérebro vira gelatina quando esse homem entra na minha zona de espaço. Agarro seus cabelos e o beijo na mesma intensidade. Ele junta um punhado do meu cabelo com uma mão, imobilizando meu rosto; a outra, ele desliza pelo meu corpo e aperta meu seio.

Fico louca! Ergo minha perna, mas a merda do vestido é justo até o joelho e dificulta minha tentativa. Ele percebe minha limitação, então leva a mão que estava no seio até a barra do vestido, e num puxão o traz até a altura da cintura.

— Oh, foda! — diz, olhando para minha minúscula calcinha branca.

Junta minha perna com brusquidão, elevando-a até sua cintura e começa a moer seu pau que, por sinal, está uma rocha de tão duro, bem no meu pontinho de prazer. Maldita mira que ele tem!

Gemo, enlouquecida, pois agora ele beija meu pescoço, aperta meu seio e esfrega esse pau deliciosamente na minha amiga aqui. Estou à beira do ápice.

— Tá gostando, gatinha? — pergunta, olhando nos meus olhos. Adoro essa cara de safado que ele faz.

— Sim. Continua assim que gozo rapidinho...

— Ah, é?! — indaga, me olhando com cara de sacana.

De repente ele se afasta de mim, ajustando sua gravata e arrumando o pau na calça.

— O quê? Que foi? Por que parou? — pergunto, atordoada, ainda com o vestido todo erguido até a cintura.

Ele me dá uma olhada dos pés a cabeça, coloca uma mão no bolso e com a outra alisa o queixo, como se estivesse me avaliando. Como não tenho vergonha, posiciono as mãos nas cadeiras e o encaro, esperando uma resposta para essa cena sem cabimento.

— E aí, vai explicar ou vai ficar me olhando com essa cara? — desafio, petulante.

— Não. Só me veio agora que preciso resolver algo do meu futuro, Srta. Velásquez. Até mais ver — fala e sai com aquele andar macho alfa dele.

Eu não acredito... Filho da mãe! Maldito arrogante, descarado, sem vergonha, que me deixou aqui assim! Hoje eu mato esse infeliz!

Consigo me recompor e recuperar meu pinga de dignidade. Volto marchando para minha sala. Sento e abro a intranet. O filho da mãe não vai ficar impune.

controle. adm - Oi

controle. adm – Sr. Machado?

Espero que responda, e como se trata de uma rede interna, não posso chamá-lo por todos os nomes que povoam a minha mente.

Se passam dez minutos e nada... Inferno!

Saio da minha sala em busca de sua secretária.

— Val, Sr. Machado está ocupado?

— Srta. Velásquez, o Sr. Machado não está na empresa. Saiu há pouco e não volta hoje.

— Como assim? Onde ele foi? — pergunto, indignada.

— Desculpe, Srta., mas não tenho autorização para lhe passar estas informações — responde ela, meio sem graça.

— Oh, tudo bem, Val, é que ele marcou de me passar algumas coisas, mas deve ter se esquecido. Faz o seguinte, Val. Eu vou para a minha empresa e trabalho de lá. Sem a presença dele aqui meu trabalho fica inútil. Qualquer coisa que precise, estou no celular.

Falo e já saio a caminho da minha sala. Se esse bastardo de uma figa pensa que vou ficar aqui que nem um cachorrinho à sua espera, está muito enganado!

Reúno minhas coisas e saio da sala. No corredor, trombo em ninguém menos que o tarado do almoxarifado.

— Ei, gatinha, ainda bravinha? — pergunta ele, me segurando pelo ombro.

É hoje! *Dios Mio!*

— Não sou gatinha, Sr. Williams, e não estou brava — respondo, tirando a mão dele de cima de mim.

— Calma aí, Vega, estou só brincando contigo. Até porque, se me atrever a encostar um dedo em você com segundas intenções, meu amigo e patrão arranca meu membro mais precioso. E não posso deixar as gatinhas livres e desimpedidas sem diversão de verdade.

— O quê? Do que você está falando? Ah, quer saber? Esquece! Eu estou indo para minha empresa, qualquer coisa que o seu patrão precise, ele sabe aonde me achar — comunico e já vou desviando para pegar o elevador que parou no andar.

— Isso com certeza ele sabe. Não faz outra coisa, por sinal. Eu acho que você o enfeitiçou. Além de gatinha você é bruxinha, garota! — ele fala, me seguindo até a porta do

elevador.

— Você é sempre assim? Fala, fala, fala e não diz nada? — pergunto com desdém. Já estou irritada e esse assunto sem pé nem cabeça está elevando meu nível de irritação.

— Não! Normalmente eu faço! Mas no seu caso, digamos que sou proibido de agir...

— Ok. Não entendi e não faço questão de entender. *Tô indo.* — Entro no elevador e rezo a *Dios* para que esse maluco não me siga.

Ele não me segue, mas fica lá, parado. Vejo-o sacar o celular do bolso e atender, me dando um sorriso cafajeste.

— Fala, Tom. — Nisso a porta se fecha e eu não ouço mais nada.

Tom?! Será que era aquele arrogante do Antônio? Quer saber? Que se dane ele!

A partir de hoje vou executar meu serviço o mais longe possível daqui, o mais breve e eficaz para que eu não precise nunca mais olhar na cara daquele arrogante presunçoso.

Ele vai ver o que é a ira de uma mulher de sangue quente!

— ELE O QUÊ? — a histérica da Aldria grita quando conto a ela o que aconteceu.

— Shiiiiiiiiuuuu... Quer que o Lucca escute e venha aqui farejar? — sussurro, chamando a atenção dela.

— Cara, eu virei fã do deus grego — ela declara, caindo para trás na minha cama.

— Oh, obrigada, amiga da onça! — Jogo uma almofada que ela pega antes que atinja seu rosto.

— Ah, nem vem, Vega! Você provoca o cara usando o idiota do Domênico e ainda quer que ele engula?

— *Pera lá!* Antônio e eu não temos nada! Absolutamente nada! Aliás, a única coisa que ele tem feito é me encurralar e tirar o que ele quer de mim. Nunca tivemos uma conversa decente, não sei nada dele.

— Nossa, que mudança, hein?! Pra quem gostava do sistema “cinco e só”, posso dizer que você está mais romântica.

— *Vai à merda!* Não sou mesmo de romance e nem quero ser.

Muito menos com aquele arrogante!

— Ok, sabichona. Então pra que toda essa revolta? Afinal, vocês estão num jogo, Vega?

— Exatamente! Estamos num jogo, mas dessa vez não sou eu quem está dando as cartas e isso está pirando minha cabeça.

Nesse momento meu celular apita com mensagem.

Dom - Olá, minha linda...

Eu - Oi, Domênico, boa noite

Era só o que me faltava.

— Quem é? O deuso?

— Não. Domênico...

— Eu te avisei, não avisei? Não dá trela que esse carrapato gruda. Agora aguenta, Vega.
E oh, fui! — Ela sai do quarto, me deixando com essa bomba.

Dom - Nossa, quanta seriedade... rs...

Eu - É que meio que fazendo umas coisas aqui. rs... o que diz de novo?

Que saco! É só ser direta, Vega!

Dom - Então, queria confirmar para o fim de semana, nossa conversa...

Eu - Ah, sim...

Dom - Podemos nos ver no sábado à tarde? Tipo umas 16h naquele pub que você adora?

Ótimo. Agora ele quer ir ao meu lugar de farra com meus amigos. Bom, apesar de que, não é má idéia. Convenço aqueles dois a irem e podem me salvar se a coisa ficar tensa.

Eu - Ok! A gente se vê lá...

Dom - Tudo bem... Boa noite, linda, e tenha ótimos sonhos...

Aff, ele não muda mesmo. Nem respondo.

Melhor ele já ir percebendo que não terá segunda chance ou recaídas da minha parte. Vou pra cama mais cedo, e a esperança de certo alguém me azucrinar se foi.

— Alô — respondo pelo áudio do *Bluetooth* do carro.

— Alô, Srta. Velásquez?

— Sim, é ela.

— Srta., aqui é Val, secretária do Sr. Machado. Ele pediu para avisá-la que hoje não estará na empresa, então a Srta. não precisa estar presente. Pode realizar seus serviços do seu escritório e qualquer dúvida a Srta. tem a intranet da empresa para solicitar qualquer coisa.

Filho da mãe!

— Tudo bem, Val. Agradeço.

Despeço-me e solto meia dúzia de palavrões assim que desligo o fone do carro. É um idiota, babaca mesmo!

Chego à empresa bufando. Ainda bem que no meu departamento as coisas estão

correndo como devem ser. Consegui a muito custo montar uma equipe excelente e posso comandá-los mesmo à distância.

Fecho-me em minha sala e começo a trabalhar furiosamente. A vantagem em se estar puta da vida com o cachorro do meu cliente, é que isso vira um puta combustível para eu acelerar os processos e chegar logo a essa maldita fonte de vazamento e fraude, assim me livro do problema chamado Antônio Machado.

Durante a manhã toda, trabalho com as informações que reuni nos dois dias que passei naquela empresa. O restante vou solicitando com a Val e algumas vezes o João me ajuda a bater algumas informações dos contratos de importação.

Pois é, agora ele é João. Ele tem sido bem legal e solícito, nem parece aquele tarado que conheci ontem. Não tentou nenhuma gracinha, está sendo superprofissional.

No período da tarde tenho duas reuniões. Uma com a diretoria, para verificar o andamento do processo da *ALM Enterprise*; e a outra com um possível novo cliente para a área de controladoria e prestação de serviços advocatícios.

No fim da tarde volto à minha sala e sento em frente ao meu note, até que percebo a tela da intranet da *ALM* piscando. Estranho, pois a esta hora a maioria do pessoal com quem falo já encerrou expediente, então abro a janela.

machado. ceo - Oi

machado. ceo - Pelo visto não está em sua mesa.

machado. ceo - Esteja no endereço que mando abaixo, às 18h em ponto. Sem atrasos!

machado. ceo - Leve os relatórios.

Mas que merda é essa? Ele está pensando que eu sou o quê? Sua secretária? Fico batendo meu dedo na tecla do note e ponderando qual o peso de eu mandá-lo à merda por esse sistema. Acabo que achando inviável e desisto.

Olho no relógio e são dezessete e quarenta. Droga! O endereço é longe.

Junto todas as informações da sua empresa, mais o note, e saio em disparada. Inferno de homem!

Paro meu carro em frente à entrada de um prédio luxuosíssimo. Nem preciso falar meu nome, o portão se abre, dando-me acesso e indicação à vaga de visita do triplex da cobertura.

Subo ao último andar, saio do elevador e o hall de entrada já é, por si só, um encanto. O que será que é aqui? Toco a campainha e quando a porta se abre, quase deixo a pilha de papéis e pastas que carrego se espatifarem no chão.

É ele. Antônio.

E está lindo. Usando uma calça cáqui de linho e uma camisa branca folgada por fora da calca, cabelos bagunçados e úmidos, pés descalços. *Madre de Dios*, é o pecado encarnado!

— Olhando algo que lhe interessa? — pergunta ele, formando um leve sorriso de lado. Safado!

— Não, Sr. Machado. Estou aqui tentando entender o que vim fazer no que parece ser sua residência, com todos esses documentos, a esta hora — cuspo as palavras para disfarçar o calor que está subindo pelas minhas pernas.

— Como sempre, muito direta. Vamos, deixe-me ajudá-la, Vega. Vamos entrar.

Muito solícito, ele me ajuda com as caixas que estão em minha mão e abre espaço para que eu passe. Adentro o apartamento e fico impressionada com o bom gosto do lugar, amplo e arejado. Dá para se ter uma linda visão de São Paulo com as janelas do teto ao chão de fora a fora na sala.

Ele se encaminha até os sofás e coloca as pastas na mesa de centro. Noto que tem uma

bandeja com duas taças e uma garrafa de vinho branco e, pelo que vejo, já estava bebendo.

Antônio pega um controle que está na mesa e aponta para uma caixa de som portátil que está no móvel ao canto.

— Bonita música — elogio para quebrar a tensão em mim.

— *Because the Night*, Bruce Springsteen.

— Acho que meu pai tem um CD dele — comento.

— Gosto dos antigos — fala com ar de sorriso.

— Desculpe, eu não quis dizer isso... e-eu...

— Vega, eu entendi o que quis dizer — diz ele, me olhando nos olhos de uma maneira reconfortante.

— Ok.

E volta toda minha tensão e calor.

Enquanto olho em volta da grande sala e da vista maravilhosa que tem daqui, sinto que ele não para de me olhar. Não podendo mais evitar, olho-o nos olhos e o que vejo me perturba. Curiosidade, desejo e, principalmente, determinação.

— Então o senhor gostaria de começar por qual par...

— Não — nega, me cortando.

— Não?!

— Não — repete ele, caminhando e se sentando ao meu lado.

Ele chega mais à frente e serve a outra taça de vinho que estava intacta, e me entrega. Noto que a música mudou, e esta eu conheço. *Every Breath You Take*, The Police. Algo me diz que essa playlist não é mero acaso e, sim, selecionada a dedo.

Nós brindamos, bebo um bom gole, já nervosa e ansiosa e nem sabendo pelo quê. Ele fica me olhando, como diz a música, a cada momento só me observa.

Ele leva a taça à boca e bebe um pequeno gole, mas fico vidrada vendo-o degustar como se fosse algo realmente saboroso. Minha boca seca e tomo outro grande gole de vinho.

— Com sede? — ele pergunta, fazendo sinal para minha taça que já está vazia. Droga!

— Sim. Quer dizer, esse vinho é ótimo! — respondo, tentando achar uma desculpa para o meu nervosismo.

— Sei — ele diz, sucinto.

Antônio leva a mão até meu rosto e passa a ponta do dedo indicador pela minha face. Ele observa como se estivesse de fato admirando.

— Você é linda, pequena.

— Eu não sou pequena! — retruco, com a primeira coisa que vem à minha cabeça. Minha voz está tão falha que não tenho certeza se escutou.

— E atrevida. Sempre atrevida! — acusa, como sempre, dando um sorriso para mim. Perco o ar.

Quebro o contato visual e vou para frente colocar minha taça na mesa de centro, mas nesse movimento, acabo ficando muito próxima de seu corpo. Sinto-o inalar o cheiro do meu perfume, viro o rosto para encará-lo, no entanto, já é tarde.

Ele se aproxima e me beija... não... devora minha boca! *Dios Santo*, que delícia! Suas mãos que no começo estão no meu rosto, descem alisando meu corpo. Por onde sua mão passa, minha pele fica em brasas. Ele vai se inclinando sobre mim, me deitando no sofá e me envolvendo em seus braços. Não para de beijar um minuto sequer. Sua respiração acelera e as mãos que alisavam meus seios e tronco agora escorregam para baixo, onde consegue apalpar meu bumbum.

Os beijos vão ficando frenéticos, ele passa a beijar meu pescoço e desce para minha clavícula, seguro seus cabelos. Ele tenta abrir os botões da minha blusa social rosa chá, mas perde a paciência e em um puxão voam todos os botões da pobre coitada.

Dou um grito de susto, ele ri e continua me beijando, agora o topo dos meus seios e não sei se por obra do destino ou não, estou com um conjunto *La Perla* rosa bebê que tem abertura frontal do sutiã.

— Isso facilita muito as coisas, pequena — fala sorrindo, totalmente safado. Delícia de homem!

Com um dedo ele abre o feixe e olha admirado para meus seios desnudos. Avança como um lobo faminto e chupa, morde e beija um seio, depois o outro. Nesta altura já estou gemendo feito uma louca, meu corpo sentindo total necessidade dele. Me arrepio inteira e sinto minha intimidade pulsar, tamanha a vontade de ser acariciada.

Aproveito que sua perna está no vão da minha e começo a me esfregar nela. O atrito ajuda a aliviar o tesão que me consome. Sinto que ele faz do meu corpo um banquete e se farta sem miséria, porém, ri, no mínimo achando graça da miséria que estou passando embaixo de seu corpo.

Ele continua descendo seu caminho e para com o rosto bem em frente da minha amiga necessitada. Termina de erguer minha saia preta até a cintura e olha minha calcinha minúscula.

— Ah, pequena atrevida, essas suas calcinhas me matam! — declara isso quase rosnando. Sem titubear, ele puxa minha calcinha com os dentes e só escuto o rasgar. Mais uma peça perdida.

— Agora você me deve duas calcinhas e uma camisa — falo, ofegante, olhando para ele.

— Continue contando — rebate, cheio de si, já abaixando aquela boca pecadora no meu

ponto de prazer. Morri e fui para o céu!

Ele literalmente cai de boca na minha vagina e, meu senhor, ele sabe como fazer isso! Chupa-me tão intensamente que sinto meu coração bater em meus ouvidos, tamanho o calor e prazer que sinto.

Ele trabalha incansavelmente, ora chupando, ora beijando e ora mordendo, e juro que isso está realmente me pondo louca. Sinto que ele enfia um dedo em mim, testando o canal. Ah, meu amigo, ela já está mais que pronta para você!

Mesmo dando total atenção a ela, ele não tira os olhos dos meus, como se quisesse saber minha reação a cada passada de língua que dá em meu clitóris. Ele enfia dois dedos em mim e continua me chupando. Esse movimento de vai e vem cuidadoso que faz, me leva à borda e não aguento mais.

— Ant-Antônio... eu, e-eu vou...

— *Goza*, pequena! Goza na minha boca e me dá todo mel dessa bocetinha gostosa, vai! — ele dá permissão com sua voz grossa, próximo a ela, e consigo sentir o hálito quente de sua boca.

Essas palavras sujas com o movimento dos seus dedos dentro de mim me jogam no abismo e vou de bom grado. Gozo loucamente e ele me chupa como se dependesse de cada líquido que sai da minha vagina para viver.

Fico meio perdida com meu orgasmo, pois foi intenso demais. Escuto tocar *I'm on Fire*, Bruce Springsteen, e não há nada mais propício para esse momento. Quando me sintonizo, vejo que se afastou o suficiente para tirar a camisa, por cima da cabeça mesmo, puxando pela gola, e quando tira a calça vejo que já estava sem cueca. Safado!

— Não costuma usar roupa de baixo? — pergunto, irônica.

— Só quando vou receber pequenas atrevidas como você — ele responde com sorriso

sem vergonha.

Uau! Que coisa grande! Não sou rodada, mas já saí com alguns caras e nunca vi um pênis tão grande, robusto, cheio de veias e másculo. Definitivamente, seu penis o define! Arrogante e majestoso!

— Olhando algo que gosta? — indaga com sorriso de canto de boca passando a mão pelo seu comprimento.

— Não vou negar... Sim! Estou olhando e, sim, gostei do que vejo! — respondo, sendo tão sem vergonha quanto.

Ele dá uma risada escancarada.

— Ah, pequena, o que eu faço com essa sua boca atrevida?

Adivinhando o que eu iria responder, ele se adianta.

— Não... Agora não irei ocupá-la com meu pau. Quero ouvir todos os seus gemidos e gritos na próxima vez que gozar.

Ai, tô perdida!

Ele tira uma camisinha, sabe-se Deus de onde, e veste em seu pênis maravilhoso, me olha com aquela cara de lobo faminto e se coloca sobre mim. Olhando nos meus olhos ele me penetra. Nossa, a sensação de ele me preenchendo é divina. Fecho os olhos, tamanho é o prazer.

— Abra os olhos! Quero ver o quanto você aprecia meu pau lhe dando prazer, pequena — ordena, muito próximo da minha boca.

Não resisto e o beijo com os olhos abertos. Mantemos esse contato durante o vai e vem torturante que faz em meu canal.

Ele começa a socar em mim com mais afinco e sinto tanto a minha, como a sua respiração, acelerar. Ele coloca sua mão entre nossos corpos e acaricia meu ponto de prazer.

Sinto aquela sensação se construir na minha barriga e disparar pelo meu corpo inteiro, tenciono e grito, gozando mais uma vez.

Ele eleva seu troco, segura meus quadris com força e continua metendo em mim brutalmente. Vejo que ele acelera, seus olhos dilatam e a veia de seu pescoço se destaca. Ele está próximo.

— *Goza pra mim, Antônio* — peço, olhando em seus olhos.

Sinto-o rapidamente tirar o pênis de mim, remover a camisinha e gozar em minha barriga, urrando. O líquido quente escorre por mim.

Isso foi quente! Muito quente!

— Você fica linda assim, com a minha porra marcando seu corpo — elogia, admirando meu corpo como se tivesse acabado de pintar uma tela de arte.

— Isso é muito homem das cavernas — falo, rindo dele.

Uso minha saia, que já está arruinada mesmo, para limpar o excesso de gozo deste Neandertal. Ele me observa e vem até mim, pega a minha mão e me levanta. Me beija carinhosamente, passando a mão pela minha cintura.

— Venha, vamos tomar um banho e limpar essa bagunça. — Se levanta e pega a garrafa de vinho com as taças. — Você se importa de pegar a caixa de som no aparador? — pergunta, apontando com a cabeça.

— Oh, humm... Claro! — Pego a caixa e o sigo pelo apartamento.

Ele passa por uma saleta com três portas e um acesso à escada. Subimos e ele passa por mais cinco portas e me leva direto para a última, provavelmente sua suíte.

— Venha. Depois te mostro todo o apartamento, se quiser — diz, dando-me espaço para passar entre ele e o batente da porta do quarto.

Sinto-o dificultar minha passagem só para se esfregar em mim. Tarado! Ele coloca as coisas em cima de uma cômoda no quarto, que, por sinal, é enorme, porém, muito sério, másculo, a cara dele mesmo.

Estou com os braços cruzados em meu corpo, observando as imensas paredes de vidro que assim como a sala, permitem ver todo o mundo lá fora. Escuto uma música ao fundo, *Hungry Eyes*, Eric Carmen. Definitivamente ele está tentando me passar uma mensagem, só tenho que manter os pés fincados no chão e não imaginar que isso é mais do que realmente é, sexo, puro e bruto. Ele me abraça por trás e fala no meu ouvido:

— Vamos, Vega! Temos que limpá-la para que eu possa sujá-la novamente.

Rio do comentário e ele me reboca para o banheiro.

Madre de Dios, onde estou me metendo? Sinto que estou em uma rota de colisão e no final parece que somente eu irei me ferir.



Capítulo 8
Não pense, Vega. Agá!

Antônio

Eu sabia que seria bom, intenso e gostoso, mas não fazia idéia de que ela conseguiria penetrar mais ainda em cada poro do meu corpo. Seu cheiro, seus gemidos... Fiquei louco com essa pequena atrevida.

Achei que depois de fodê-la na sala, no chuveiro e depois no quarto, eu estaria agora mais aliviado, saciado e pronto para tirá-la de minha mente. Ledo engano! Sinto-me como se tivesse tomado uma droga que me viciou instantaneamente e que, se eu não ater a cada momento, vou morrer.

Quando a levei para o banheiro, eu a senti um pouco tensa, fiz de tudo e agi naturalmente como se aquilo que estava acontecendo entre nós fosse o natural, o curso correto das coisas.

Foi a *porra* da chuveirada mais quente da minha vida! Eu a coloquei no jato d'água e a ensaboei, fiquei duro logo que vi minha porra marcando o corpo dela. Não resisti muito tempo e comecei a esfregá-la e chupar seus peitos deliciosos.

Ela gemia como uma gatinha manhosa, deliciosa, não me segurei e fiquei de joelhos para provar de novo o mel que saía daquela bocetinha apertada e gostosa. Chupei como se minha vida dependesse daquele manjar que ela me oferecia.

Não demorou, ela gozou e quando me levantei beijando seu corpo inteiro, dei-lhe um beijo na boca para que sentisse o porquê de eu estar viciado em chupá-la.

Surpreendendo-me, ela interrompeu o beijo e foi abaixando até ficar joelhos, a melhor visão do mundo para mim. Aquele olhar de gata selvagem me olhando nos olhos, lambendo com aqueles lábios carnudos e atrevidos, enfiando o meu pau sofrido em sua boca.

Sensação sem igual, ela me chupou com afinco, com vontade e tesão, curtindo aquilo tanto quanto eu. O tesão tomou conta de mim e a olhei como se pedindo a permissão de gozar na sua garganta. Nem precisei fazer qualquer movimento. Percebendo o que queria, ela trabalhou mais forte, mais duro, e eu vim com força. Esporrei no fundo de sua garganta. Foi tão intenso que rugi feito um animal no momento que gozei.

A safada engoliu tudo, se levantou esfregando-se em mim e me beijou, fazendo o mesmo que fiz com ela, me mostrando o meu gosto. Saímos do banheiro, ela parou no quarto como se voltasse há alguns momentos, quando ficou meio perdida, sem saber o que fazer. Não querendo que ela pensasse demais sobre nada disso, eu a agarrei e a empurrei na cama, caindo sobre ela.

Ela soltou uma risada leve e gostosa, desprovida de toda aquela marra e petulância que a acompanha, e pude vislumbrar um pedaço da verdadeira Vega, a garota destemida, forte e doce que eu imaginei em meus sonhos.

Continuei beijando-a e brincando com seu corpo. Minha vontade dela se tornava cada vez maior e logo a estava pegando com mais força e, mais uma vez, me entregava a esse instinto animal de posse e vontade que senti somente com ela.

Não sou um santo, longe disso. Tenho meus casos e minhas fodas, mas em toda minha vida nunca sequer cheguei perto de sentir algo assim. Tirando uma época de minha vida que fui rebelde, eu sempre tive controle de minhas ações e sempre ponderei cada passo no meu caminho. Chegar onde estou hoje não foi fácil e tampouco obra do acaso.

Trabalhei, lutei e me empenhei, por isso me sinto merecedor de tudo que me rodeia hoje, e uma das minhas regras foi sempre ficar longe de amarras. Sei onde elas podem dar e o resultado não é bom.

Vega me tira do eixo.

Agora ela está aqui, na minha cama com o lençol cobrindo parte da sua nudez e isso

parece tão certo. Caralho! Nunca trouxe mulher alguma para meu apartamento, sempre as mantive a um braço de distância, mesmo as que eram rotineiras.

Levar Vega a um hotel, algo frio e impessoal, não me pareceu certo. Tentei até me manter longe. Depois da irritação que me causou com a história de estar olhando para o futuro, fiquei tão possesso que resolvi dar o troco.

Adorei ver a sua cara de inconformada quando a deixei na borda naquele almoxarifado. Saí o mais rápido que consegui e, para não fazer uma besteira maior, resolvi sair da empresa e trabalhar de casa mesmo. Claro que antes passei na sala do João para deixar os limites entre ele e Vega muito bem esclarecidos.

Proibida!

Ela está terminantemente proibida para ele e para qualquer outro babaca que pensar em chegar perto do que é meu.

Meu!

Esse sentimento de posse irracional está fodendo meu cérebro.

Vejo Vega se mexer na cama como se buscasse algo, sinto uma esperança de ela estar em busca do meu corpo e resolvo acalmá-la. Deixo meu copo de *uísque* no chão e vou deitar-me com ela, que automaticamente joga um braço e uma perna sobre mim, e eu sinto como se estivesse em casa.

Tudo está certo, como deve estar, e isso me assusta pra porra!

Vega

Espreguiço-me entre aqueles lençóis confortáveis e maravilhosos. Ai, que delícia! Uma sensação de paz dentro de mim.

Sento-me de repente. Droga!

Vem-me a cena da noite toda de ontem e a madrugada. Sofá, chuveiro e cama.

Merda!

Mais uma vez Antônio me teve em torno do seu dedo mindinho, e agora?

Levanto-me com pressa e procuro pelas minhas roupas, recordando-me que não tenho nenhuma peça descente porque o infeliz rasgou minha calcinha, estourou os botões da minha camisa e sujou toda minha saia com seu sêmen.

Santa Madrecita de Dios! O que eu vou vestir? Olho em volta e vejo uma porta que acredito ser o closet. Quando estou caminhando, noto uma sacola que eu conheço bem. *LaPerla*.

Aproximo-me e abro, vejo um lindo conjunto azul celeste de seda e renda. Belíssimo! Pendurada na cadeira tem uma regata branca e um shorts jeans desfiado.

Junto todo o conjunto e vou para o banheiro, tomo uma ducha rápida e nem me permito pensar demais sobre tudo isso. Será que ele sempre compra roupas para todas as suas fodas?

Não pense, Vega. Aja!

Saio do banheiro, já vestida e com um coque bagunçado. Incrível como ele acertou nas minhas medidas. Vejo no canto da porta um *dockside* caramelo, marrom e vermelho. Lindo! Eu o visto, e não é que serve?! Nossa, ele realmente é observador. Até a numeração do meu sapato acertou.

Reúno toda a minha dignidade, somada com um pouco da minha cara de pau.

Calma, Vega, essas coisas acontecem o tempo todo, é natural. Vocês são solteiros e desimpedidos, foi uma transa e pronto! Agora cada um segue seu caminho, feliz e contente.

Por que pensar assim me causa um aperto tão grande no peito?

“Talvez porque não seja coisa de uma noite só, chica!” - Ah, não. Você, agora, não. Vá

embora, não preciso de você me atormentando neste momento.

Saio do quarto me lembrando do caminho que fizemos ontem, descendo as escadas com cuidado. Na sala observo que minhas roupas não estão mais espalhadas e nem as coisas que ele usou como desculpa para eu trazer estão na mesa de centro.

Escuto vozes mais à frente, acredito ser a cozinha e me encaminho para lá. Estaco no lugar quando ouço a voz de uma mulher jovem. Bem jovem.

— Tom! Não acredito que você fez isso! — Ela parece indignada.

— Amanda, por favor!

— Por favor, nada. Como você ousa pegar no meu pé do jeito que pega e traz essa mulher pra cá?

— Por que o apartamento é meu, e eu faço o que quero?! — ele fala em tom de pergunta irônica.

Meu Deus! Deve ser algum caso dele, sei lá. Uma fixa que descobriu que estou aqui e agora está cobrando direitos iguais.

Safado! Enrolando *ela* e a mim.

Volto para trás sem fazer barulho, para mim já deu isso aqui.

Eu sabia, Vega Velásquez.

Esse cara não vale nada, é arrogante demais para se importar com qualquer coisa que não seja seu ego.

Acho o escritório a caminho do quarto, vejo minhas coisas todas lá, pego somente o que me pertence e deixo os documentos todos que ele pediu. Não pediu para levar? Pois agora que analise tudo sozinho. Cretino!

Quando volto para a sala a caminho da saída, escuto uma voz rouca que arre pia os pelos

da minha nuca, logo atrás de mim.

— Aonde a Srta. pensa que vai?

Viro-me e me deparo com o inevitável. Ele numa calça de pijama de seda preta e sem camisa, cabelos bagunçados, uma cara de que teve uma noite mal dormida, porém, bem aproveitada.

Fico quente com a visão, mas recebo um banho de água gelada quando escuto a vozinha infantil da mulher, aliás, garota que sai de trás dele.

— Tom! Ela tá usando minhas roupas?

O QUÊ? O filho da mãe me deu as roupas da ninfeta? Ah, não. Essa não passa não!

— Amanda, eu...

— Desculpe, querida, não sabia que você mantinha utensílios aqui. Fique tranquila que eu tenho certeza de que o “Sr. Tenho Todas” aí, vai ficar feliz em lhe comprar algo novo. Só aceitei usar isso — Aponto para a roupa fazendo cara de desdém, mesmo tendo amado o look — porque o apressado não conseguiu deixar uma peça de roupa minha inteira.

Toma-lhe, loirinha azeda! Está pensando que vou sair por baixo?

— Ecaaaaaaaaaaaaa... Não preciso de detalhes! Que nojo. Ele é meu irmão e agora vou ficar com essa imagem na cabeça!

Ops! Eu ouvi direito? Irmão? Eles são irmãos? Merda!

Olho para a cara do Antônio, que até então estava calado me ouvindo, e vejo fúria em seus olhos. Acho que exagerei na dose. Maldito temperamento espanhol.

— Amanda, quieta! E você, já para o meu escritório. Vamos conversar — ele fala com tom autoritário que ambas nem contestamos.

Ela volta para a cozinha e eu me encaminho, cabisbaixa, para o escritório. Entro no

espaço que estive ainda há pouco e escuto a porta bater nas minhas costas.

— Que merda você estava fazendo, Vega? — ele pergunta, parando de frente para mim com as duas mãos na cintura.

Assim fica difícil raciocinar.

— Olha, desculpe, tá?! Eu achei que... Bem, eu pensei que ela fosse... Uma am-amiga... E ela falou da roupa e eu não queria ficar por baixo e acabe...

— Pare! — ele me corta. — Não estou falando do que respondeu para minha irmã. Ela é crescida o suficiente para saber que se você estava no meu quarto em uma manhã de sábado, é porque não estávamos revendo nenhum relatório da empresa. Quero saber onde você estava indo quando lhe surpreendi na sala?

Então era isso? Essa é fácil.

— Eu estava indo embora! — respondo, dando de ombros.

— Como indo embora? Sem falar comigo? Depois de ter passado a noite aqui e termos fodido feito dois loucos, você simplesmente levanta de mansinho e vai embora? É assim que costuma lidar com seus relacionamentos? — ele faz uma pergunta atrás da outra e isso me deixa muito nervosa.

De repente me dou conta de que estava fazendo um papel de cadela saindo sem falar nada. Interpretei algo totalmente errado, tirando minhas conclusões e fazendo mau juízo dele. Merda!

— Desculpe! Eu não lido assim com meus relacionamentos, até porque eu nunca tive um... — Esse final de frase falo mais para mim do que pra ele.

Será que ele está vendo isso entre nós como algo maior que uma foda?

— Fico feliz em ouvir que você não tem relacionamentos, mas isso não ameniza o fato

de que você ia sair sem falar nada — ele acusa, ainda nervosinho.

— Ok! Desculpe! Eu ouvi um pedaço da sua conversa com sua irmã e tirei conclusões erradas.

— O quê? Você pensou o quê? Que eu fosse um tarado que pega menininhas? Que juízo você faz de mim, Srta. Velásquez? — Agora ele faz cara de indignado.

— Oh, sinto muito por julgar seu caráter, Sr. Machado, mas convenhamos que isso que temos — Aponto meu dedo indicador entre nós — começou de forma esquisita e com um pedido muito peculiar de sua parte. Nunca tivemos uma conversa sobre nada que não fosse o profissional, e o mais íntimo que conheci de você, foi esse lado dominador, homem das cavernas, que pega tudo que quer e simplesmente some! — Percebo que no fim já elevei a voz, me alterando, e percebo o quão confusa ele me deixa.

Ele atravessa o curto espaço de distância e me toma em seus braços, beijando-me como se quisesse me mostrar algo. Não resisto e me entrego a esse beijo que tira todo meu juízo.

Separamo-nos relutantemente e ofegantes.

— Desculpe — ele diz, encostando sua testa na minha.

Oi? O senhor arrogante se desculpando?

— Pelo quê? — pergunto, ainda de olhos fechados.

— Por ter lhe passado a impressão errada, Vega. Temos muito que conversar, mas uma coisa já posso lhe afirmar: ninguém em minha vida inteira me fez sentir assim como você. Eu perco algo com você que nunca permiti com mais ninguém. O controle.

— Eu...

— Me deixe terminar — pede, mas de maneira suave. — Sei que pareço meio maluco, mas suas atitudes atrevidas, desde que nos conhecemos, me põem à borda, e você me fascina

com esse seu jeito menina atrevida. Ah, pequena, se você soubesse o quanto com você é diferente! — ele declara, quase num lamento.

— Antônio, eu sei e sinto também que as coisas com a gente são diferentes. São intensas. Uma coisa de pele sem explicação.

— Não. Não é só pele. Vega, eu...

— Toc. Toc. Estão vestidos? Uma garota loira inocente pode entrar? — Escuto a voz da irmã de Antônio do lado de fora do escritório.

— Pestinha! — ele fala baixo, se afastando para abrir a porta do escritório. — O que foi, malinha? — pergunta em tom de reclamação, mas sorrindo pra ela.

— Maninho, eu sei que você tem muito que falar com sua namorada, mas será que pode ligar *pro* pai da Claudinha e convencê-lo de que ela pode ir ao show comigo? — ela pede, entrando toda moleca e sentando na poltrona.

— Amanda, eu tô meio ocupado aqui — diz ele, fazendo sinal com a cabeça para mim.

— Oh, não por mim. Estou de saída. Tenho coisas pra resolver hoje — aviso, já pegando minha bolsa.

— Não fique envergonhada por mim... Vega, né? Eu não pretendo amolar muito vocês. Claro, desde que meu irmãozão dê essa forcinha pra mim! — fala Amanda, fazendo a maior cara de inocente.

Garotinha esperta.

— Você — Ele aponta para mim — toma café comigo, e você, dona Amanda, espere um pouquinho que vou ver o que consigo com o pai da Claudinha.

— Ah, mano, por isso que te amo e dou minha benção para esse namoro — afirma ela, pulando no pescoço do irmão.

Antônio ri, abraçando a irmã e olhando nos meus olhos. Eu olho para todos os lados fingindo que não ouvi o que ela disse.

— E você, dona Vega, gostei de ver. Defendendo o território quando pensou que eu fosse uma ameaça. E sobre as roupas, pode ficar, nem lembrava mais delas — fala a menina, rindo e saindo do escritório.

Olho para Antônio, que me encara como se tivesse percebido algo importante. Ele ri com aquele sorriso de lado e eu fico vermelha de vergonha.

— Abusada ela, né? — comento com ele.

— Ah, você não faz idéia do quanto, pequena. Venha. Vamos tomar café.

Durante o café, consegui vislumbrar um pouquinho do Antônio sem aquela pompa de magnata do petróleo. Ele até pareceu um cara simples, conversando sobre as possibilidades na carreira de bailarina da irmã. Noto o quanto são unidos e que ele a tem quase como uma filha e ela o vê como exemplo.

Faladeira como si só, ela adora provocá-lo a todo o momento, me citando como sua namorada. Percebo que ele não a repreende e não se incomoda com o título; já eu, fico apavorada cada vez que escuto isso.

— Então, Srta. Velásquez, quais são suas intenções com meu maninho? — Amanda questiona, jogando uma uva na boca.

Eu que estava engolindo minha dose diária de café, quase cuspo de volta na xícara e começo a tossir. Isso já está virando rotina. Antônio só faz rir e continua comendo, olhando-me como se me desafiasse a fazer uma gracinha.

— Calma, garota, foi uma brincadeira — fala, rindo de mim.

— Bom, você deveria perguntar isso a seu irmão, visto que ele armou uma cilada e me trouxe para o covil e deu o bote — digo, encarando-o.

Ele me fuzila como se não acreditasse que revelei seu plano a sua irmã. Ha! Você não me conhece, bebê.

— Juraaa? Maninho, você foi ardiloso assim, é? Bom, Vega, fique satisfeita, pois em todos os meus dezoito anos de vida, nunca vi meu irmãozão levar uma garota em casa enquanto mamãe era viva, e depois que ela partiu, nunca foi de trazer ninguém *pro* apê. Você com certeza é especial!

Fico olhando para ele, perguntando-me se tudo aquilo realmente é verdade. Ele nunca trouxe ninguém aqui. Isso deve significar alguma coisa, não é?

— Ok, cupido, chega de lançar flechas por aí! Vamos recolher essa bagunça para eu ligar *pro* pai da sua amiga — Antônio diz, já juntando a louça suja.

Adianto-me e levanto, recolhendo as coisas à minha frente.

— Sinto muito pela mãe de vocês, eu não sabia e...

— Tudo bem, Vega, já faz tempo — ele corta sem dar andamento ao assunto. Sinto que falar dela o abala.

— Bom eu vou ensaiar os passos pra arrasar naquele show – fala Amanda, já saltitando.

— E que show é esse, Amanda? — pergunto, contagiada com a alegria dela.

— Anitta, a poderosa mor! — ela responde, encenando um letreiro de filme na sua frente.

— Não! Jura? Hoje? — questiono, já superanimada. Amo dançar e adoro as músicas dela.

— Juro! — confirma. — Vai rolar o show hoje, quer ir?

Amanda vem até mim, pulando e pegando em minha mão.

— Sim! Me deixe só ver se Lucca e Aldria estão livres. Eles vão amar!

Escuto um barulho de louça batendo, dou um pulo com o susto, quando viramos damos de cara com um homem nada feliz.

— Como é? Você vai num show de funk? Ficar rebolando e deixando qualquer marmanjo se esfregar na sua bunda? Nem fodendo!

Eu paro. Olho. Olho de novo, e, finalmente falo.

— Tá maluco? — Já coloco a mão na cintura.

Se ele pensa que porque transamos vai me controlar, está muito enganado!

— Não! Minhas faculdades mentais estão seriamente equilibradas, mas o seu bom senso deve ter se perdido na animação da desmiolada da minha irmã.

— Xiiii... tô vendo que vai sobrar pra mim, entãaa... Fui! — E assim ela vai saindo de fininho da cozinha.

— Escuta aqui, Antônio! Você não manda em mim, você não é nada meu, e eu não obedeco a ninguém, escutou? — decreto com o dedo em riste.

— Escute aqui, Vega! A partir do momento que você dormiu comigo, você passou a ser minha e eu não vou deixar babaca nenhum encostar nesse corpo que só eu posso desfrutar, entendeu? — A cada palavra ele aproxima-se de mim até enlaçar-me com esses braços fortes e gostosos.

Ele me beija e me levanta pela bunda, colocando-me em cima do balcão no centro da cozinha. Ali ele começa a sua tortura sensual e psicológica. Eu sei disso, mas nem ligo porque está bom demais.

Somos interrompidos pelo som de mensagem do meu celular. Provavelmente aqueles

dois estão colocando São Paulo abaixo me procurando.

— Me deixe ver quem é. — falo e ele se afasta voltando a lavar as louças.

Olho meu celular e me espanto com a quantidade de mensagens do Lucca e da Aldria. Vejo também mensagens da minha mãe e, ai meu Deus... Domênico.

Droga!

Olho as horas e são quase meio dia. Merda!

Marquei com ele no Pub, como vou agora? Antes eu não tinha nada com Antônio, aliás, ainda não tenho, mas agora as coisas estão mais complicadas e se ele não quer me deixar ir a um show com a irmã dele, imagina se souber que marquei com um ex num Pub.

Respondo minha mãe dizendo que passo por lá esta tarde, afinal, não posso ficar o fim de semana inteiro aqui e resolvo ligar para o Lucca para explicar meu sumiço e convidá-los para o show, porque neste eu vou, ou não me chamo Vega Velásquez.

Saio da cozinha com o telefone no ouvido enquanto chama.

— Alô? — falo logo que atende.

— Sua desnaturada, sem coração, filha da mãe! Eu vou te matar, Vega Velásquez. Quase liguei pro seu pai e chamei a polícia!

— Calma, Lucca, que isso?! Eu estou bem, só não consegui ligar antes.

— Eu já imagino o porquê, sua indecente! — acusa com tom de voz “mãe galinha” que quase perdeu o pintinho.

— Não, você não imagina, querido, mas eu lhe contarei tudo — digo, rindo.

— Não tem graça, Vega... Quê? Sim, Aldria, é a Vega... — Escuto os dois discutindo ao fundo e pelo que percebo, Aldria toma o telefone da mão do Lucca.

— E aí? O pau dele é enorme? — Ela já manda na cara.

— Oi?! Boa tarde pra você também e como sabe que eu estava com Antônio? — pergunto, confusa pela certeza que ela traz na voz.

— Ha!Ha!Ha! Não me subestime, amiga. Fui eu que impedi essa bicha chiliquenta de mandar a polícia atrás de você. Quando não voltou pra empresa no fim do dia de ontem, deduzi que estava com o deuso. Agora me fala... O pau dele é tudo aquilo mesmo?

— Aldria, por favor, se contenha. Sim, eu passei a noite com ele e não vou falar sobre seus atributos másculos. Posso só lhe dizer que ele tem “a” pegada, amiga.

— Ai, que inveja...

— Vamos ao que interessa. A Amanda, irmã do Antônio, nos convidou para ir ao show da Anitta, que está acontecendo hoje na cidade, e eu super quero dançar. Vamos?

— Claroooooo. Lucca e eu estávamos montando nossos planos de sair hoje e isso encaixa perfeitamente. Agora me diz uma coisa: esse deuso vai?

— Humm, não sei. Aldria, só sei que nós vamos. Preciso desligar e resolver umas coisas. Falo contigo mais tarde.

— Ok, vai dar, sua tarada!

— Aldria!

E é assim que ela se despede de mim. Sei que com ela está tudo tranquilo, mas Lucca ainda vai me alugar um mês por esse sumiço, fora o fato de ficar me enchendo sobre o quanto é politicamente incorreto sair com um cliente tão importante da firma e blá, blá, blá. Eu sei que no fundo ele tem razão, mas não quero pensar nisso. Por enquanto está tudo muito bom para me estressar.

— Já resolveu o que precisa? — A voz rouca diz bem no meu cangote. Nesse momento meu celular vibra com mais uma ligação.

Droga!

Olho o visor e ele pisca com o nome DOMÊNICO e sua foto de perfil. Levanto um dedo pedindo um minuto ao Antônio e sei que ele viu quem estava ligando, pois a cara de morte que faz não me passa despercebida.

— Alô?

— Oi, minha linda. Como está? — ele pergunta, jogando seu charme. Coitado!

— Muito bem, Domênico, e você?

— Ansioso. Doido pra te ver. Queria só confirmar nosso encontro hoje.

— Ah, bem, Dom, eu acho que...

— Você não vai — diz por mim. — Vou tomar bolo, minha linda?

Droga! Olho para cima e Antônio me encara de braços cruzados e sei que ele sabe tudo o que está se passando nessa conversa. *Mierda*, que saia justa!

— Pois é... As coisas estão meio complicadas esse fim de semana, então quem sabe a gente não se fala na próxima semana e resolve isso?!

— Olha, Vega, eu sei que as coisas no passado ficaram estranhas, mas você não pre... —
Paro de escutar o que ele está falando.

Antônio se coloca atrás de mim e começa a passar os lábios pela minha nuca e pescoço, além de começar a esfregar sua ereção crescente na minha bunda.

— Querida, acabe logo com isso — ele sussurra no meu ouvido.

Ah, *Madrecita de Dios*, perdi outra calcinha. Ensopou.

— Vega? Quem está aí com você? Você está me ouvindo?

Droga! Filho da mãe! Agora percebo que ele não falou ao meu ouvido e sim próximo a

minha boca, mas não para me seduzir e sim para que quem estivesse ao telefone pudesse escutar e perceber que estou acompanhada.

Arrogante!

— Ah, Dom, olha só, me liga durante a semana, *tá?! Aí* marcamos nosso encontro. — Não me despeço e desligo o telefone.

Estou agora cara a cara com Antônio, eu sei que ele não está feliz pela ligação e, muito menos, por eu dizer que irei marcar um encontro com alguém, porém, estou puta da vida por me manipular assim.

— Quem era?

— Não é da sua conta! — rebato, irritada.

— Claro que é! Terei que lembrá-la todos os lugares do seu corpo que eu tomei posse desde ontem, Vega?

Droga! O maldito sabe me manter presa em sua teia.

— Você não vai a encontro nenhum, com porra de homem nenhum — declara, me encarando.

— Antônio... Existe um limite que você não está enxergando e eu vou lhe mostrar.

— Pois eu também tenho algo a lhe mostrar, Vega — ele diz isso e me dá um bote, me juntando pelas pernas e me colando sobre seus ombros, feito o homem das cavernas que eu sempre digo que ele é.

— Me solta, Antônio! Me solta! Você tá louco? — grito feito

Ele golpeia minha bunda com um tapa estalado.

— Calada! Você já extrapolou sua cota e minha paciência chegou ao fim. Agora, pequena atrevida, está na hora do seu castigo.

Ele caminha em direção ao seu quarto, no corredor consigo ver somente as pernas da Amanda. Ai, Meu Deus, que vergonha!

— Owww! Não sou obrigada a ver isso!

— Não está acontecendo nada aqui, Amanda, só seu irmão que resolveu pirar — falo de cabeça para baixo.

— As duas, caladas! Amanda, eu já resolvi com o pai da Claudinha. Me comprometi a ir e ficar de olho em vocês e ele a autorizou a ir também. E você, pequena atrevida, irá a essa quase orgia, mas vai comigo!

Falando isso, ele deixa Amanda no corredor e sai me carregando como um pedaço de filé de carne. Ele entra no quarto e fecha a porta com o pé. Aproxima-se da cama e simplesmente me joga sobre ela. Eu quico feito bola e começo a rir.

Ele me olha com uma cara de tarado e fico séria na hora, engolindo seco. Ele não está para brincadeiras.

— Agora, pequena atrevida... é a hora do seu castigo.

Com essa cara que está me fazendo e a ereção enorme que está exibindo sob a calça de pijama, eu acredito que esse castigo vai valer a pena. Cada segundo!



Depois do “castigo” de Antônio para mim — diga-se de passagem que serei muito levada para levar vários desses castigos —, muito contra sua vontade fui embora. Tinha que passar na minha mãe, dar um “oi” para dona Lena não surtar, depois iria para casa arrumar umas coisas e planejar a minha noite de farra.

Se Antônio pensa que me enlouquece — bom, sim, ele enlouquece! —, hoje à noite será minha desforra. Vou até a casa dos meus pais, pensando em tudo que passamos desde ontem. Sim, ele é fechado e arrogante, mas quando estamos nós dois, ele me trata como uma jóia. Ele me intriga e confunde na mesma medida.

Chego a casa dos meus pais ainda muito pensativa com tudo que está acontecendo na minha bagunça que chamo de vida. Entro e escuto *Vivir sin aire*, Maná, vindo da cozinha. Vou direto para lá, já sorrindo. Minha mãe sempre foi assim, adora música, e eu puxei isso dela com certeza.

Entro na cozinha e me deparo com uma cena que me emociona ao extremo. Ela e meu pai estão no meio da cozinha dançando. *Mamá* com a cabeça apoiada em seu ombro, e ele de olhos fechados, sorrindo. Sempre achei lindo o amor que um tem pelo outro. Mesmo depois de tantos anos juntos cultivam esse sentimento da mesma forma.

— A próxima dança é minha — falo, parada no balcão da cozinha.

— Filha! — meu pai diz, ainda abraçado a minha mãe.

— Chica!

Minha mãe se desvencilha dele, vindo me dar um abraço de urso que me sufoca. Exagerada!

— Calma, mãe. Assim você me quebra! — peço, mas sorrindo.

Ela me olha, olha, e olha novamente. Faz uma cara de desconfiada e solta.

— Está tudo bem, minha *niña*?

— Claro, *madre*. Por que não estaria?

— Que pergunta é essa, querida? — indaga meu pai, já desconfiado.

Sr. Pedro vive com a pulga atrás da orelha.

— *Nada, cosa madre*^[13]! — diz, indo para suas panelas no fogão.

Hummm! Pelo cheirinho só pode ser *a escalivada*. Prato feito com berinjela e pimentão vermelho, assados em um molho à base de azeite e alho picado. Uma delícia!

Na bancada já vejo fresquinhos os *pà amb tomàquet*, ou pão com tomate. Bastante simples. Esse é um dos pratos que não podem faltar em uma autêntica mesa Catalã.

Almoço com eles e sempre sinto-me muito bem com meus pais. Muita conversa, brincadeiras... *Papá* sempre provocando minha *madre*. Divirto-me. Assim que terminamos, ele se retira para resolver algumas coisas no escritório, e ficamos eu e minha *madre* tirando a mesa e arrumando as coisas do almoço.

— *Chica*, venha aqui. — Minha mãe me olha e indica a banqueta pra eu sentar.

— Que foi, *mamita*? — pergunto, já desconfiada. Minha *madre* não dá ponto sem nó.

— Desde que passou por aquela porta hoje, notei que está diferente, mais leve, com brilho nos olhos. A que se deve isso? Foi pelo seu encontro com Domênico?

— O quê? *Madre*, como sabe do encontro? E como assim diferente?

Não é possível que aquele idiota do Domênico falou alguma coisa para minha mãe. A não ser que...

— *Madre*? Foi a senhora que armou de trazer Domênico aqui e fazê-lo me convidar para sair? — pergunto e, pela cara, dela já sei a resposta. — MADRE! Não acredito que está confabulando pelas minhas costas!

Levanto-me da cadeira, indignada.

— *Enfriarlo*, não foi bem assim... Você sabe da amizade de seu pai com o pai de Domênico e ele comentou que o pobre rapaz nunca lhe esqueceu. Ele ficou com pena e resolveu dar uma forcinha, já que você nunca mais namorou depois dele.

— PORQUE EU NÃO QUIS! *Madre de Dios*, é difícil para *papá* entender que sou uma *mujer* que procura sua independência ao invés de um marido? — esbravejo e mais uma vez dou graças por ter saído da casa deles. Isso me sufoca!

— *Hija, enfriarlo!*^[14] — pede minha mãe, exasperada pelo meu nervosismo.

— Como? Me diz, *madre*! Eu não quero um namorado ou marido, seja como for, principalmente Domênico!

— Eu entendi, *hija*. Vou falar com seu *papá*. Ele não fará mais isso.

— Isso a senhora pode ter certeza que não! Nem que eu não ponha mais os meus pés aqui, *madre*. Eu não deixarei ninguém comandar o curso de minha vida.

Despeço-me dela, que fica com cara de choro me vendo sair pisando duro de raiva. Nem passo para dar tchau ao meu pai. Estou puta da vida!

Chego a casa e meus amigos estão de bobeira vendo TV. Sento e conto tudo a eles. Desde a armação de Antônio, nós juntos, minha confusão com a irmã dele e, finalmente hoje, o

almoço com final desastroso na casa de meus pais.

— Eles só querem seu bem, Vega — fala Lucca, me consolando.

— Querem é deixá-la maluca, isso sim. Amiga, você tem que dar um basta nessa situação e mostrar *pro* seu pai que você é capaz. — Aldria fica indignada.

— Eu sei, gente. Entende agora porque esse meu rolo, ou sei lá o que com Antônio, é ainda mais complicado? Se meu pai descobre que estou saindo com o cliente mais importante da firma hoje, minha chance de provar meu valor e merecimento naquela empresa vai se tornar zero. Ele não pode nem sonhar!

— A não ser que ele resolva casar vocês dois — Aldria idealiza com um sorriso no rosto. Ela é uma idiota mesmo.

Ideia de doida.

Antônio - Tá pronta, pequena?

Eu - Já descendo...

Antônio - Esperando e ansioso... ;)

Depois dessa nem respondo nada. Ele me deixa de pernas bambas com pouca coisa. Chamo os dois maritacas que já estavam fazendo esquentinha na cozinha e descemos para encontrar Antônio e Amanda.

Vejo paradas duas Land Rover Discovery4 preta. Desce da primeira Antônio, eu paro. Ele está totalmente comestível. Lindo numa camisa preta de algodão gola V, calça jeans surrada e um sapatênis escuro. Gostoso demais!

— Amiga, fecha a boca, senão a baba escorre — fala Aldria, me dando um cutucão.

Droga!

Do segundo carro desce João. Uau! Ele está lindo, porém, mais despojado numa camiseta estilosa e jeans rasgados. Totalmente lindo, só não mais que o pecado encarnado à minha frente.

— Boa noite, minhas lindas! — João nos cumprimenta, todo galanteador.

Aldria cora, eu sorrio, e Antônio rosna. Ele rosna?

— Boa noite, João. Como tem passado? Deixe-me apresentar. Esta é Aldria, minha amiga, e este é Lucca, meu amigo também. Moramos todos juntos.

João cumprimenta Lucca com um aperto de mão e chega perto de Aldria, pega sua mão e beija-lhe o rosto. Ela fica um verdadeiro pimentão. Tadinha! Quando João vem para o meu lado, Antônio entra em sua frente, me bloqueando, e disfarça cumprimentando Lucca e Aldria.

— Já que estamos todos apresentados, podemos ir, não é? — chama, sem paciência nenhuma, se colocando ao meu lado e puxando minha cintura, colando-me no corpo dele. Homem das cavernas!

— Meu amigo, você é um idiota! — João diz e todos riem.

— O quê? — O safado dá uma de desentendido.

Neste momento a janela do primeiro carro se abaixa e aparece a cabeça loira da Amanda.

— E aí, meu povo?! Não vamos dançar até morrer? — ela grita.

— Amanda, menos! — Antônio diz, já fechando a cara.

Dios Santo! Esse cara não sabe se divertir?

— Ai, Antônio, *deixa ela*. Ela *tá* animada! — falo, defendendo Amanda e sorrindo das suas estripulias.

— Com você, pequena provocadora, me entendo daqui a pouco. Isso que você chama de roupa? Falta pano no seu guarda roupa?

Ah, estou perdendo outra calcinha. Essa possessão me irrita na mesma proporção que me excita.

Droga!

Não sei porque está tão estressadinho.

Coloquei uma blusinha de seda preta com ombro caído, um shorts cintura alta, todo desfiado e rasgado curtinho, e minha *lita boots Jeffrey Campbell* preta. Toda normal para um baile tipo Anitta.

— Eu tô supernormal pra ocasião, Antônio! — defendo, deixando claro o exagero dele.

— O seu castigo, pequena atrevida, também será na mesma proporção de normalidade desta sua roupa indecente — ele fala, sussurrando em meu ouvido.

Perdi o rebolado. Droga de homem que me deixa descompassada!

— Podemos ir? — pergunta Aldria, notando minha cara corada e o olhar safado e irritado de Antônio.

— Claro — responde ele, sorrindo e saindo da nossa bolha de tensão sexual.

— João! Você, Aldria e Lucca, vão no carro de trás, com três seguranças. Eu, Vega, Amanda e Claudinha, vamos no da frente, com Caio e mais dois seguranças — dita as regras, como o “rei” que é.

— Ok. Vamos, Srta.?

Mais uma vez, João faz Aldria corar.

— Vamos — ela responde.

— Vamos — Antônio concorda, já me rebocando para o carro da frente. Nossa, que

nervosinho!

— Para que tantos seguranças, Antônio? — pergunto, um pouco desconfortável pela quantidade de urubus vestidos em ternos à nossa volta.

— Não quero problemas hoje. Eles vão evitar isso — esclarece ele sucinto. Já vi que azedou.

Entro no carro e a festa está armada. Uma Amanda muito feliz, somado a uma Claudinha contagiante, começam a cantar e dançar dentro daquele carro, que mais parece um salão de festas de tão grande.

Antonio senta ao meu lado e coloca o braço no encosto atrás de mim. Não me toca, mas se mantém próximo. Quero vê-lo distante quando eu chegar lá e começar a dançar. Aguarde-me, Sr. Machado!

Chegamos ao meio daquela loucura de entrada, mas passamos direto. Entramos por uma entrada lateral da casa de shows, discreta e sem movimentação, onde somos direcionados por uma mulher até a área VIP que está lotada. Ela continua caminhando e nos dá acesso a uma porta, e é como se tivéssemos em uma sala reservada. Parece uma extensão do palco.

Fica à frente da área vip e somos separados do palco, literalmente, por uma cordinha. Não acredito! Já estive aqui algumas vezes, mas nunca sequer vi esse lugar. É um ambiente não muito grande, comporta no máximo 20 pessoas. No canto há um bar com um atendente, cheio de pufs e sofás.

Vejo que dois seguranças se posicionam ao lado da porta e o restante se espalha na sala. Quando viro para questionar Antônio, uma Amanda muito irritada vem para cima dele.

— Tom! Como você acha que vou me divertir trancafiada nesse cercadinho de bebê, com você e mais seis brutamontes — ela reclama, cruzando os braços, bastante irritada.

— Simples... Você veio dançar e vai dançar. Aqui tem espaço suficiente e os seguranças não ficarão em seu caminho.

— Você é um porre! Tô indo pra área Vip, pelo menos. — E vira, marchando para a porta que passamos há pouco.

— Amanda! — ele a chama, enérgico, mas eu seguro seu braço.

— Calma, Antônio! Ela quer se divertir e conhecer pessoas, deixa ela — falo, tentando fazê-lo entender.

— Ela quer me dar dor de cabeça, isso sim! — Ele fica carrancudo.

— Pare. Olhe, adorei aqui, pertinho do palco e super-reservado. Deve custar uma fortuna — Mudo de assunto.

— Na verdade, essa área é exclusiva do dono e ele me emprestou — explica, passando a mão pela minha cintura e quando ia me beijar, eis que surge minha praga.

— Ei! Legal aqui, mas vamos circular pela área vip, quero calor humano — fala Aldria, dando uma de esperta.

— Vou com você — aviso, me desvencilhando de Antônio e o deixando com uma cara de boi bravo.

Vejo sua luta interna, mas estou determinada a mostrar a esse homem das cavernas que eu não tenho cabresto.

— Não demore! — Ele me dá um selinho muito do sem graça e vai em direção ao bar.

Fica ele, João e Lucca conversando. Impressiono-me em como Lucca se dá bem com ele de cara. Se bem que é outro superprotetor e não se incomodou do jeito alfa de Antônio.

Saímos para a área Vip que está lotada, começamos a andar no ambiente e noto que as pessoas se afastam da gente, dando passagem. Acho estranho.

Andamos mais um pouco e vejo ninguém mais, ninguém menos, que Domênico. *Madre de Dios*, o que eu fiz? Parece praga! Ele me vê e vem em minha direção, todo sorridente.

— Problemas à vista — sussurra Aldria entredentes.

— Percebi.

— Oi, minha linda! Sabia que te veria por aqui! — diz, vindo me abraçar.

— Domênico... Que surpresa... — falo, realmente muito sem graça de vê-lo depois do bolo no Pub.

— Pois é. Vim tirar meu ego da fossa depois do bolo que me deu!

Ele permanece com a mão em minha cintura, para meu incômodo. Não quero nem imaginar Antônio se visse isso.

— E mesmo depois do bolo, você não se toca que ela não quer nada contigo — Aldria comenta do meu lado, com cara de poucos amigos.

Dou uma cutucada nela, que nem liga.

— Como sempre, ácida, né, Aldria? — ele pergunta seriamente.

— Feito limão! — responde ela, mais irônica.

Quando vou falar alguma coisa, escuto uma voz atrás de mim.

— Senhor, por favor, retire sua mão da cintura da Srta. Velásquez.

Olho para trás e dou de cara com dois urubus de terno. Por isso ninguém chegava perto de nós duas. Antônio! Estava bonzinho demais em ficar no reservado e me deixar sair aqui sozinha.

— Ei, Vega, diga a ele que somos íntimos. Seus seguranças não sabem disso? — pergunta, rindo da situação.

Coitado! Acha que são meus guarda-costas.

— Não sabem, porque vocês não são! — diz uma voz muito irritada atrás de mim, me puxando com brusquidão. Cambaleio e bato com as costas no peitoral dele. Antônio.

— Quem é você? — Não, Domênico, não vá por aí.

Intervenho antes que a coisa fique feia.

— Domênico, foi bom te ver, mas tenho que ir agora. — Viro e vou empurrando Antônio que não sai do lugar, dificultando minha saída rápida dessa cena constrangedora.

— Era ele hoje no telefone, Vega? — pergunta Dom, com a voz cheia de dor e mágoa. Droga! Por mais sem noção que ele seja, eu nunca quis sofresse.

Viro-me e dou de cara com um rosto sofrido. Eu ia falar algo tentando amenizar, mas o “Sr. tem controle de tudo” entra na frente.

— Sim, babaca! Era eu mesmo e sugiro que você procure seu caminho. Já percebeu que Vega está acompanhada, então saia andando! — exige, encarando Domênico, e o desafiando a fazer qualquer movimento.

— Sim, percebi. Vega, eu te ligo pra marcar aquele encontro — diz, olhando para Antônio, que bufa fazendo menção de ir atrás de dele, que está caminhando para a saída. Seguro-o pelo braço.

— UMA PORRA QUE ELA VAI! — ele esbraveja para que Domênico escute e vira toda sua ira para mim.

Droga! Agora eu vou levar sem dever... Ele me segura pela mão e sai me rebocando de volta ao reservado.

— Ei, eu quero continuar aqui. O show não começou ainda — debato, petulante, tentando e falhando miseravelmente em parar os passos de Antônio.

— Você quer ficar aqui? Ótimo! — Ele faz sinal para o segurança e em seguida se aproximam mais dois urubus de terno e ficamos, eu, ele e Aldria, cercados por um muro de ternos e músculos. Ridículo!

— Ai, amiga... O senhor possessivo é seu e eu tô saindo daqui.

Tô vendo Amanda e Claudinha e vou pra lá. Quero paquerar, né?!

— Claro, amiga, vai lá. Eu vou *pro* reservado com esse homem das cavernas.

Antônio olhava para frente, mas eu sabia que estava atento e escutando tudo que eu e Aldria falávamos. Nesse momento vejo João e Lucca vindo em nossa direção.

— Cara, o reservado é bom, mas nós queremos agitação. Aldria, coisa linda, vem comigo e Lucca. Vamos nos divertir! — João sugere, indo para o lado de Aldria e fazendo minha amiga rir de suas palhaçadas.

— Aonde você vai? — Antônio pergunta, vendo eu me soltar dele e marchar em frente.

— Ao reservado. Assim ninguém me olha, me toca e o Sr. homem das cavernas não precisa bater no peito feito gorila ou mijar em torno de mim! — falo, olhando para ele com raiva.

O desgraçado sorri de lado e vem em minha direção. Filho da Mãe!

— Tá bravinha? — Tem a audácia de falar isso me pegando pela cintura e beijando o meu pescoço. Ah, mas isso não fica assim, não. Se ele quer azedar minha noite eu vou botá-lo louco.

Tiro suas mãos de cima de mim, olho para ele e falo:

— Se não posso ficar aqui como uma pessoa normal, vamos para essa droga de reservado. Mas já aviso, Sr. Machado, eu não serei tocada por homem nenhum!

Eu sei que ele entendeu o recado, ainda mais pela cara que está fazendo. Raiva, indignação, desafio e vontade, estão estampados em seu rosto.

Viro e vou para o reservado e entro direto pegar uma bebida, opto por cerveja, para esfriar meu sangue, que ferve de raiva. Arrogante. Hoje você me paga!

As luzes do palco se apagam e sabemos que o show vai começar. A porta do reservado se abre e uma tropa marcha para perto de nós para assistir o show.

Esqueço minha irritação e me empolgo com as meninas. Os homens ficam no bar e nós vamos para perto da corda para ver a musa da Anitta, como se não estivéssemos perto o suficiente. Mais um passo e eu me torno parte do corpo de bailarinos dela.

Hum, isso me deu uma idéia. Antônio não quer que ninguém me toque, certo? Mas não falou nada sobre me olharem.

A apresentação começa, de cara, com *Show das Poderosas*. Gritamos como doidas e começamos a dançar. Lucca não resiste e vem a nosso encontro. E é agora que minha vingança do homem das cavernas começa.

Danço na batida da música, sei todas as coreografias, rebolo, desço até o chão, sensualizo e eu sei que ele está do bar olhando para mim. Sinto seus olhos queimarem nas minhas costas, ou bunda... vai saber.

Meu foco agora não é ele e sim o palco. E para meu espanto, a cantora diva Anitta nota nosso reservado bem animado e faz sinal para uma moça que vem até mim.

— Oi. Anitta está te convidando pra dançar no palco com ela.

Para tudo! Não acredito que vou dançar com essa diva! Arrasei!

— Vai logo, Vega! — grita Aldria.

Amanda e Claudinha ficam mais frenéticas, se é que é possível, e quando olho para Antônio vejo que o desejo sumiu do seu rosto e em seu lugar brota um homem fervendo, mas de ira. Jogo um beijinho no ar para ele e vejo João dando tapinhas nas suas costas e morrendo de rir.

Vou para o palco, linda e formosa. Abraço a musa inspiradora das minhas danças e as luzes se apagam.

— E VOCÊS ACHARAM QUE EU NÃO IA REBOLAR MINHA BUNDA HOJE? — diz sua icônica frase no microfone.

Não acredito! Eu vou dançar a *Sanfoninha* com ela. Antônio vai surtar e eu adoro.

Começa a batida, nós duas fazemos a entrada da dança e já sei tudo, pois cansei de ver o DVD e os vídeos no *Youtube*. Fazemos os movimentos e quando ela faz a parada com a bunda para o público, eu faço igualzinho e requebramos ao som da batida até o chão. Até quadradinho fazemos. Amo isso! Termina e eu estou em êxtase, nunca fiz nada parecido e confesso que foi uma experiência maravilhosa.

— ESSA GAROTA É QUENTE!

O público masculino começa a gritar e assoviar, ouço coisas como “gostosa”, “te pego inteira”, “rebola no meu pau”. Nossa! O povo está ousado...

— AHH, MENINOS, PELO QUE POSSO VER DAQUI, ELA JÁ TEM UM BOY ESPERANDO POR ELA!

Olho em direção ao reservado e Antônio está na ponta da corda, só que para dentro do palco, com os braços cruzados e cara de poucos amigos.

Abraço Anitta e saio do palco, com um público vaiando o fato de eu já ter um boy. Quando chego perto de Antônio, ele avança em mim como um leão dando bote na gazela, e me beija espalmando as duas mãos na minha bunda.

Foi um beijo punitivo e ao mesmo tempo uma demonstração pública de a quem eu pertencço. Quando ele para seu ataque brutal e se afasta, está com um sorriso de lado na boca. O público que vaiava agora está aplaudindo.

— UAUUU! TÔ PRECISANDO DE UMA PEGADA DESSAS!

Escuto Anitta falando. Ele olha para ela, sorri e acena. Fico puta. Está flertando com ela! Descarado! Agora quem sai rebocando-o para dentro do reservado sou eu. Escuto uma risada alta e vejo-o rindo de mim. Babaca!

Entro no reservado com todo mundo gritando, as meninas frenéticas e o show continua. Vou para o bar beber alguma coisa.

— Não sabia que tinha esse gingado, gatinha! — Vem João, rindo.

— E não é *pro* seu bico, João! — fala o armário atrás de mim.

— Nem *pro* seu! — digo, dando uma golada na cerveja gelada. Que delícia!

Bato-a no balcão e viro-me para sair, mas o *Sherek* me segura no lugar.

— Que foi, pequena? Era pra eu estar feito louco aqui, já que você foi exhibir sua bunda pra centenas de marmanjos — acusa, próximo de mim. Muito próximo, por sinal.

— Claro! E eu que fiquei dando bola pra cantora, né, *gilipollas?!* — vomito para ele.

Ele ri. Acredita que o idiota ri de mim? Solto-me dele e vou para perto das meninas.

E assim passamos o resto do show.

Ao final, as meninas conseguem pegar autógrafos e tiram fotos com Anitta. Depois vamos para as “naves espaciais”, no caso os exageros de carros, e assim como fomos, voltamos.

Tentei argumentar com Antônio que seria mais fácil eu ir no carro com Aldria e Lucca, já que iríamos para o mesmo lugar, mas quem disse que o homem aceitou?

— Você vai comigo pra minha casa.

— Ahhhhhhhh! Pode me deixar na Claudinha, então. Não vou ficar de vela, não! — diz Amanda, rindo com Claudinha.

— Não, Antônio. Eu vou *pro* meu apê e você, Amanda, pode ficar no apê do seu irmão mesmo.

— De jeito nenhum. Quero você comigo! Ainda temos assuntos inacabados — ele fala, roçando aquela boca pecadora na minha orelha. Sinto um calor se espalhar pelo meu corpo inteiro.

“Uh-lá-lá... hoje tem!” - Merda! Minha consciência tarada e eu perdemos o foco.



Capítulo 10
que é tudo isso, então, se não é namoro?

Antônio

Assim que deixamos a maluca da minha irmã e sua amiga na casa dela, ataco Vega no carro mesmo. Foda-se que tem mais dois seguranças e Caio dirigindo.

— Antônio, pare! — ela fala, olhando para frente.

— Parar? Não, pequena. Hoje você me provocou, desafiou e me colocou no meu limite. Preciso sentir você.

Digo no ouvido dela enquanto escorrego a mão para o vão de suas pernas. A safada diz não, mas abre as pernas para mim. Assim que eu gosto.

Ela geme quando pressiono minha mão em sua boceta. Mesmo que por fora do shorts, sei que o atrito está deixando-a mais molhada. Mordisco seu queixo e pescoço, inalando o cheiro inebriante de seu perfume. Gostosa pra caralho!

Vejo que ela está perdendo o controle, pois começa a gemer mais intensamente e a rebolar na minha mão. Ela leva a sua mão delicada bem no meu pau, e, caralho, cravo os dentes no pescoço dela para conter o gemido de prazer.

Isso está saindo de controle. Afasto-me dela de repente e ela me olha com uma cara embriagada de luxúria, os olhos pesados de prazer. Porra! Preciso comê-la!

Não digo nada e volto à minha posição normal. Eu estava praticamente em cima dela. Vega se ajeita no banco com cara de inocente... Mas de inocente essa atrevida não tem nada!

Minha raiva volta com força. Só me lembro de ter sentido isso em uma época da minha vida e não foi nada bom. É incrível como essa mulher consegue tirar meu prumo com tanta facilidade.

Primeiro com esses pedaços de pano que ela insiste em chamar de roupa, depois com o

babaca do ex. Sim, eu sei quem é o idiota. Quando vi o nome piscando na tela do celular e a saia justa que ela ficou, percebi que ali tinha coisa e, claro, mandei Caio investigar. Bingo!

Um ex.

Um maldito idiota que quer o que é meu.

Quando o segurança me mandou mensagem dizendo que tinha um cara muito próximo da Vega, saí feito um touro atrás dela na área VIP. Ao ver o imbecil com a mão na cintura dela e além de tudo dizendo que eram íntimos, pensei quatro vezes em socar sua carinha de trouxa.

Dei meu recado e espero que ele tenha ouvido, para seu próprio bem. Sou um homem civilizado desde que não ameacem aquilo que eu estimo, e Vega é minha. Farei qualquer coisa para ninguém atravessar meu caminho.

Tudo bem, eu exagerei em colocar quatro seguranças à nossa volta na área VIP, mas já estava no meu limite. E o que esse demônio com cara de anjo fez? Como a privei na área VIP, resolveu se exhibir para a boate inteira.

Quase tive um AVC quando ela me mandou o beijo e foi para o palco. Demônia! Ela estava levantando a sua bandeira de guerra e declarando a mim que não obedece a ninguém.

Quando saiu do palco, fiz questão de ir a seu encontro para que todos vissem a quem ela pertence. Se pensou que daria seu show e sairia como a gostosa solteira, estava muito enganada! Agarrei-a e beijei seus lábios, que não sei como não sangraram, tamanha a minha raiva na hora. E de quebra, só para dar um gostinho do que senti vendo-a dançar, flertei com a cantora.

Ela ficou puta! Não chegou mais perto de mim e fez questão de me ignorar. Mal sabe ela que isso só me excita mais ainda. Quanto mais ela fica de birra, nega e me evita, mais tarado eu fico nela.

Chegamos ao meu apartamento, não perco tempo e no elevador mesmo, eu a ataco. Empurro-a com força contra a parede espelhada e começo devorando sua boca. Com uma mão

junto seus cabelos e os puxo, deixando-a à minha mercê, com a outra mão eu puxo uma perna até minha cintura e começo a me esfregar contra o seu corpo feito um animal no cio.

Cacete! Se esse elevador não chegar logo eu vou gozar a seco. Vega fica louca e me enlaça com a outra perna, levo minha mão a sua bunda para sustentá-la e começamos a foder de roupas. Literalmente isso. Droga! Preciso lembrar-me de amanhã pegar as filmagens do elevador. O prédio é meu, então, tenho total acesso. Vantagens de se ter dinheiro.

Ouçõ o *ding* do elevador e saio com ela no meu colo. Como é a cobertura e o elevador tem senha, a porta está aberta, o que me facilita para entrar sem perder esse contato gostoso com ela.

Vega geme e me beija como se quisesse me engolir. Ótimo, é recíproco.

— Ah, pequena, você está me matando. Tenho certeza que essa bocetinha rosada e gostosa já está toda meladinha pra mim, não tá?! Diz que tá? — falo entre beijos.

— Sim, An-Antônio... Ela tá prontinha — confirma, quase que em lamento.

Nem fodendo vou subir a escada. Meu desejo já passou da sanidade. Coloco-a na mesa de jantar. Hoje ela será meu banquete e será a porra do cardápio mais saboroso da face da Terra.

— Vou te foder sem dó, sua atrevida! Hoje você aprende de vez que é minha! — prometo, rasgando aquela coisa ridícula que ela chama de blusa.

— Antônio! — chama meu nome, jogando a cabeça pra trás.

Ah, Vega, hoje você me promete o mundo. Rio, sacana. Tiro seu shorts e a calcinha vem junto. Ela mesma tirou o sutiã. Sento na cadeira e puxo seu quadril para frente. Perfeito.

— Quieta, Vega! Estou com fome, preciso comer meu doce predileto agora. — Não espero mais nada pra cair de boca na boceta dela.

Porra, está toda molhada e eu chupo tudo. Lambo, mordo e dou batidinhas no seu

clitóris. Ela grita de prazer.

Afasto o suficiente para colocar um dedo no seu canal, e, cacete, ela engole meu dedo.

— A quem pertence essa boceta, Vega? — pergunto, agora olhando em seus olhos. Ela continua sentada, apoiando as mãos para trás. Visão perfeita desses peitos gostosos. Aproveito e belisco um, depois o outro.

— Responde! — ordeno em tom enérgico.

— Você! — ela responde, olhando dentro dos meus olhos.

Como recompensa, desço a boca e chupo seu ponto de prazer, vendo que sua perna treme. Ela está na borda.

— Vai deixar aquele babaca tocar em você, Vega? — pergunto como se fosse uma conversa comum.

— Humm... não... ah, delícia...

Ela enfim dá sua resposta, entre gemidos, pois continuo socando o dedo nela e brincando com o bico dos seus seios.

— Você não vai ter porra de encontro nem com ele e nem com outro homem, entendeu?

Aumento a pressão tanto no seu canal como nos seus seios. Ela grita e geme ao mesmo tempo.

— Entendeu, Vega?

Paro tudo.

Ela me olha praticamente atônita. Vejo em seus olhos o desespero por eu ter interrompido seu prazer, mas não poderia deixar de colocar as coisas às claras com ela.

— ENTENDI! DROGA, ME FAÇA GOZAR!

Atrevida!

Volto a socar o dedo e desço minha boca chupando tudo que aquela bocetinha gostosa tem para me oferecer.

— Ahhhhhhhhhh... Ant... Anton... Antônio! — Ela goza. Linda. Perfeita. Espetacular.

Meu pau está babando dentro da cueca. Levanto-me e só dou tempo de abrir o cinto e colocá-lo para fora, cobrindo-o com a camisinha que estava no bolso e enfiando-me nela.

Ela grita e eu rosno.

Porra de boceta apertada e viciante. Soco com vontade. Ela passa os braços em meu pescoço e me beija. Vou mais fundo. Preciso gozar nela e para ela.

Afasto o suficiente e encosto nossas testas uma na outra.

— Vou gozar pra você! — aviso com a voz falhada.

— Sim, pra mim! Só pra mim!

E com isso eu grunho seu nome e gozo como um animal, sentindo minhas pernas bambearem. Cacete, foi intenso!

— Porra! Você ainda me mata, pequena!

— Posso dizer o mesmo.

— Venha! Vamos subir e tomar uma ducha. Ainda não terminei com você — falo isso e a reboco do jeito que estamos para o meu quarto.

Acordo cedo. Mesmo tendo uma noite daquelas com minha pequena, eu tenho esse hábito há anos.

Saio de mansinho para não a acordar. Está tão linda dormindo, que deixo-a

descansando. Acho que peguei pesado com ela... Depois da sala de jantar, eu a fodi na porta do quarto, no chuveiro e na cama. Só parei porque ela disse que não aguentava mais gozar.

Visto minha roupa de esportes e desço para a academia, no primeiro andar. Como o prédio é meu, adaptei várias coisas para meu conforto. Permito que os moradores dos outros andares também utilizem.

Vejo entrar uma loira e reconheço-a imediatamente. Adriana. Merda!

— Antônio! — diz ela, surpresa.

— Adriana, por que a surpresa? Eu moro aqui. Já você por aqui, me surpreende. — Sou sucinto.

— Ah, estou hospedada na casa de uma amiga.

— Sei.

Paro minha esteira e resolvo dar por encerrada minha corrida. Isso pode dar merda.

— Está ocupado hoje? Poderia subir *pro* seu apê e tomarmos um café.

— Melhor não. Estou acompanhado, Adriana — falo e noto o desapontamento no seu rosto.

— Ah, pensei que não trouxesse suas fodas para seu apartamento familiar. Para isso usa os hotéis, não é?

Lembra ela em tom irônico.

— Isso era para as fodas, Adriana, como bem disse. Quem me acompanha não é uma foda, é alguém que estimo e respeito demais pra isso. — Jogo na cara. Ela precisa entender o seu lugar em minha vida. Passado. Exatamente lá.

— Ai, essa doeu, Tom! — choraminga, alisando meu peito.

Que droga!

— Podem doer mais coisas, se você quiser. — Uma voz soa alterada atrás de mim.

Merda! Vega!

— Dá licença?! — diz Adriana, não dando muita bola para Vega, que agora está ao meu lado e juro que estou vendo-a bufar.

— Toda, querida. Já está na hora de você ir embora! — Vega exclama, cruzando os braços na altura do seio. Ela está vestida no mesmo shorts de ontem, só que com uma das blusinhas que Amanda deixa em casa. Linda.

— Antônio, quem é esta? — Mas não é possível que ela não se toque.

— Adriana, lhe apresento novamente, Vega Velásquez — digo, passando a mão pela cintura de Vega, que mantém a mesma postura rígida.

— A garota que está trabalhando com você.

— A minha namorada — corrijo-a e fico feliz com o que sai da minha boca, mesmo sem pensar. Sinto Vega ficar mais rígida ainda.

— Namorada? Uau! Parabéns, querida! E você, Tom, quando quiser, me procure — solta isso na cara da Vega com todas as segundas intenções possíveis.

Sinto que Vega vai avançar nela. Eu aperto meus braços à sua volta e respondo enquanto Adriana ainda está saindo.

— Não preciso te procurar, Adriana. Tenho tudo que preciso. Tchau e boa sorte!

Ela dá uma parada e não se vira para nos olhar, então sai.

Recebo uma bela cotovelada na costela.

— Caralho! Tá maluca, Vega? — reclamo, alisando minhas costelas. A atrevida bate forte.

— Quem é essa infeliz? E não ouse tentar mentir pra mim!

Ela fica me encarando e com os braços cruzados. Está com ciúmes. Acho graça e rio.
Foda!

Não deveria ter feito isso. Ela sai em disparada, dou uma corrida e a paro.

— Ei, ei, ei... Espere!

— Não sou palhaça, Antônio. — Eu a abraço, mas ela continua com a postura de antes, com as mãos cruzadas.

— Sei que não. Só achei legal você com ciúmes.

— Eu não estou com ciúmes!

— Ah, não? Querida... fala sério, Vega!

— E quem disse que somos namorados? Que papo foi esse?

— Bom, desde que você conhece minha família, veio ao meu apartamento onde nunca nenhuma outra mulher entrou, e que, desde que você jogou café em mim, não tenho cabeça pra mais nada a não ser você. Sim, a qualifico como minha namorada.

— Você é maluco? Qualifica? Um namoro depende da vontade e acordo de ambos... —
Nesse momento eu a solto.

— E você, Vega? O que é tudo isso, então, se não é namoro?

— Olha, Antônio, essa coisa entre a gente é muito intensa e eu não sei dar um nome, mas vamos com calma, ok?

— Calma? Ok. O que seria calma? A gente se vê e se fode quando dá?

Droga, falei demais! Essa mulher me deixa louco.

— Não, querido! Pelo visto era isso que você fazia com ela.

— E você com aquele babaca da boate.

— Ah, nem vem, Antônio. Eu não tenho culpa dos sentimentos do Domênico. Nunca dei esperanças.

— Esperança, não. Mas já deu pra ele, não foi?

Merda, o que eu estou fazendo?

— Isso não é da sua maldita conta!

— Então o que é da minha conta, Vega? Me explica, porque eu não estou entendendo mais nada.

— Que droga de homem arrogante!

Sai da sala pisando duro e entra no elevador. Dou um tempo para o meu sangue esfriar.

Será possível que seremos sempre assim? Fogo e pólvora.

Quando subo para o apartamento, está tudo bem quieto. Merda!

Ela foi embora? Começo a procurá-la por todas as partes, entrando em desespero. Pego meu celular e começo a discar seu número. Entro no escritório e a vejo no computador e com relatórios nas mãos.

— O quê? O que você está fazendo, Vega? Achei que tivesse ido embora — falo, totalmente confuso.

— Você quer que eu vá? — pergunta, parecendo chocada.

Faz a menção de levantar, porém me adianto e a enlaço pela cintura e a beijo profundamente. Tento mostrar nesse beijo o quanto meus sentimentos por ela são profundos.

— Bom... Acho que isso é um não! — Ela sorri, travessa.

— Definitivamente é um não. O que faz aqui?

Sentei em minha cadeira, trazendo-a para o meu colo. Ela se acomoda, mas seus peitos estão bem na altura da minha boca e a danada está sem sutiã. Dou uma mordida de leve.

— Ahh, Antônio! Pare de ser tarado! — ela fala, empurrando meu rosto.

— Tarado? Você que coloca essas belezinhas na minha cara e quer que eu fique quieto?
— Agarro sua cintura com mais força.

— Pare com isso e mantenha o foco! Estava olhando a análise horizontal e vertical da matriz.

— Sim. Eu solicitei essa semana ao departamento financeiro. Iria lhe mostrar amanhã.

— Pois bem. Realmente tem algumas discrepâncias. Vou solicitar mais algumas análises para este departamento.

— Claro! Você tem carta branca, pequena. Estou tendo problemas na filial espanhola e acredito que tenha a ver com essas malditas fraudes.

— Seria bom você estar lá, então quem sabe a ponta solta de ajude com respostas aqui.

— Claro. Está resolvido. Vamos para a Espanha.

— O quê? Não, eu não. Você, Antônio. Você vai. Eu fico daqui analisando os documentos.

— De jeito nenhum! Você é o gênio por trás desse corpo gostoso. Preciso de você lá. Quanto antes formos, logo resolvemos isso.

— Homem teimoso! Eu comando um departamento inteiro, sabia?

— Claro que sim. E isso lhe torna ainda mais sexy, Srta. Velásquez. — Meu pau começa a dar sinal de vida.

— Nem pense! Preciso ir embora. Tenho que organizar umas coisas, pois essa semana

será puxada.

— Ok. Já vi que está me dispensando. Tudo bem. Vamos tomar um banho. Eu te deixo em casa e passo para pegar minha querida irmã e levá-la pra casa dela.

— Ela mora com seu pai?

Droga, Vega, não vá por esse caminho.

— Não — respondo, sucinto. Espero que ela pegue a dica.

— Bom, então ela mora sozinha? Nossa, com um triplex desse... Que bobagem.

— Qual o problema? Pelo que sei, a Srta. mora com dois amigos sendo que seu pai tem uma linda mansão em um condomínio de luxo.

— Como você sabe disso?

Vejo que ela fica meio assustada.

— Eu sei de tudo, *baby* — digo, dando uma piscadinha e saindo rumo ao banheiro. Por agora me livro de qualquer interrogatório desnecessário.



Chegada a manhã de segunda feira e com isso as obrigações do departamento. Nossa! Hoje realmente está corrido por aqui. Aviso a Antônio que não poderei sair daqui e ele diz que irá mandar alguns documentos para eu dar uma olhada.

Estou saindo da minha sala, a caminho da sala do Júlio para tirar algumas dúvidas, e dou de cara com ele. Antônio.

Dios Mio!

Ele fica lindo em terno três peças. Puta merda! Meu pai chega, cumprimenta-o e ambos já me viram, então não dá para fugir.

Nesse fim de semana maluco não consegui conversar com Antônio sobre a nossa situação aqui na empresa. Quero manter as coisas no sigilo. Preciso provar a meu pai que cresci e sou capaz, o que significa que um relacionamento com o nosso cliente em potencial não é a melhor maneira de se provar minha capacidade.

Ambos acenam para mim. Droga!

Coloco meu sorriso mais que amarelo no rosto e vou na direção deles. Quando estou próxima o suficiente, mas ainda mantendo certa distância de qualquer intimidade, estendo a mão para Antônio.

— Bom dia, Sr. Machado! Não era necessário trazer os documentos pessoalmente. Nós enviaríamos um boy para buscá-los. Bom dia, Sr. Gouvêa!

— Bom dia, minha menina! Pare com essa formalidade, filha. Sr. Machado sabe que sou seu pai — diz ele, sorrindo para mim.

Antônio tem brasa nos olhos e se lembra de que tem que dizer algo.

— Pode me chamar de Antônio, Sr. Gouvêa. Acho que já passamos dessas formalidades.

Ele se dirige ao meu pai, mas os olhos estão cravados em mim.

Merda!

— Sendo assim, me chame de Pedro. Se me dão licença, tenho uma reunião agora. Vega, atenda Antônio. Isso aqui está uma correria hoje! — Meu pai sai sem perceber a tensão que se formou aqui.

— Bom, Srta. Velásquez. Aqui estão seus documentos e eu aguardo um apontamento até o fim do dia.

— Antônio, eu...

— Srta., a cordialidade de me chamar pelo primeiro nome se estendeu somente ao dono da empresa, não aos funcionários.

Dizendo isso ele me entrega a pasta de documentos. Mantém o olhar frio e distante, se vira e vai embora.

Fico parada. Chocada. Ele sempre foi arrogante e vá lá que isso tem seu charme, mas grosso... isso nunca. Já me perdi no que estava fazendo. Volto para minha sala e fecho a porta. Não quero ser incomodada.

Nunca pensei que, em poucas palavras e em sua frieza, ele me abalaria tanto assim. Penso em ligar para ele e explicar as coisas. Ele precisa entender. É minha carreira em jogo, poxa! Chego a pegar o telefone, mas do jeito que saiu daqui, duvido que me atenda. Já sei!

Abro o meu App do *YouTube* e procuro por uma música.

É a única forma de ele ouvir e eu rezo que entenda a mensagem. Essa música pode dizer mais do que estou disposta a revelar, mas eu preciso que ele saiba que o que sinto por ele também é intenso e inigualável. Seleciono *Iris*, Goo Goo Dolls, e envio o link para ele por mensagem. Espero, espero... e nada de ele visualizar.

Preciso colocar minha cabeça para funcionar, senão ficarei maluca. Resolvo trabalhar e quando aquele cabeça dura visualizar, espero que me responda.

O dia simplesmente se arrasta e mesmo estando até o pescoço de serviço e coisas a fazer, controlar a equipe, orientar clientes e ainda arrumar tempo para rever a nova documentação que o Antônio deixou aqui... não consigo parar de olhar a tela de mensagem.

Ele não visualizou.

Tentei chamá-lo pela intranet de sua empresa, mas está como ocupado, logo, qualquer mensagem enviada fica em espera até que mude o status. Quer saber? Se ele quer bancar o idiota e ogro, o problema é dele. Eu não fiz nada que o ofendesse.

“Isso é o que você pensa” - merda! Resolveu voltar para me atormentar, vizinha chata?

“Sou sua consciência, idiota. Meu papel é lhe avisar quando está a fazer mierda” - além de intrometida, é grossa... Eu mereço!

— Mais alguma coisa pra este dia, *Dios*? — pergunto em voz alta, elevando as mãos e olhando para o teto. Exagerado, eu sei.

— Ficou maluca de vez, foi? — Mereço. Sim, eu mereço.

Aldria no meu pé... Perfeito!

— Não enche!

— Nossa! Pelo jeito não rolou nenhum sexo por telefone com o deuso.

— Nem me fale desse ogro!

— O que aconteceu no paraíso agora, espanhola arretada? — ela pergunta, sentando-se no sofá que tenho em minha sala.

Relato para ela tudo que aconteceu e tudo que fiz para chamar a atenção dele.

— Coitado! — diz ela.

Oi? Coitado? Ele? Mas que cacete!

— Como é? Ele, o coitado? E eu, sou o quê? Ele está exagerando, Aldria! — falo, indignada.

— Você é uma insensível. Vega, seja inteligente. Depois de como viu esse homem agindo com você, achou mesmo que o trataria como um simples cliente na frente do seu pai e ele agiria normalmente? Nunca, querida! Você vacilou!

Quando termina de falar, ela faz sinal de arminha com a mão para o meu lado.

— Você sabe que meu pai não pode sonhar com isso, devido à minha condição na empresa — digo quase em súplica para que ela entenda meu ponto.

— Exato... Eu sei, ele não!

Merda! Odeio-a! Ela e minha consciência. Elas trabalham juntas para fazer eu me sentir assim. Olho no relógio, fim de expediente. Ele deve estar na empresa ainda. Levanto pegando minhas coisas e saio em disparada para a porta.

— Isso aí, garota. Agarre o nosso homem!

Dou um aceno com a mão, pois não tenho tempo para suas gracinhas. Dirijo como posso, mas essa merda de trânsito dificulta minha vida. Chego à empresa e já passam das 18h, mesmo assim vou até o balcão, a recepcionista me avisa que o Sr. Machado já foi e nem Val está

mais em seu posto.

Saio meio desanimada.

E agora?

Olho meu celular e nada. Ele ainda não visualizou. Já que estou na chuva, vou me molhar de vez. Sigo para o apartamento dele. Quem me viu e quem te vê, Vega Velásquez. Correndo para se explicar para um homem.

Nunca, em meus vinte e oito anos de idade, eu me imaginei numa situação dessas. Quer dizer, eu o conheço há quanto tempo? Uma semana e meia? Nem isso! Isso me assusta demais. Ele é intenso e eu me torno mais intensa ainda com ele. Não consigo dar nome ao que temos, mas, definitivamente, não quero que acabe. Pelo menos não no momento.

Chego ao seu prédio e o porteiro simpático me deixa subir direto. Acho que se lembra de mim do fim de semana. Ele mesmo digita o código e subo. Cada andar que o elevador alcança, o meu estômago parece que vai explodir. Inferno! Nem sei o que vou dizer.

Quando chego ao hall, noto que a porta está só encostada, dou uma batidinha e entro. Estou tão apreensiva de vê-lo e ele me desprezar que mal noto a cena à minha frente.

Antônio está sentado em seu sofá com um copo de uísque na mão, a outra está jogada no encosto do sofá. Ele está com a cabeça apoiada no encosto de olhos fechados e parece realmente cansado. Aí que percebo uma mão alisando sua perna e... Que merda é essa?

Adriana vaca, filha da mãe, está quase em cima dele e no meu desespero de ser rejeitada, não notei a lambisgoia quase pulando em cima dele. Senti-me culpada e o safado tendo colo e atenção dessa nojenta?!

Pigarreio para ser notada. Os dois me olham no mesmo instante. Ela sorri com ar de triunfo. Vaca! Já Antônio, se levanta no mesmo momento, com cara de quem viu fantasma.

Bom, qual fantasma foi, não sei, pois eu estou mais para versão capeta.

— Vega... — ele fala meu nome num sussurro.

— Sr. Machado... — Respiro fundo. Não posso perder a pose agora. — Vim lhe trazer pessoalmente os relatórios que solicitou, já que são de suma importância. Não quero incomodá-lo, por isso já estou de saída.

Deixo os relatórios na mesinha que nos separa, mas ele é mais rápido e me segura pelo braço.

— Me deixa explicar. Isso não é o que está pensando.

— Desculpe, senhor, mas não estou pensando nada — minto, mantendo a mesma frieza com a qual ele me tratou mais cedo.

— Vega... — tenta de novo, em tom de súplica.

Droga! Já estava começando a sentir pena dele, mas tinha que vir a hiena e estragar tudo.

— Querida, já deixou o que tinha que deixar, já pode ir — aconselha Adriana.

Tento responder, mas levo um susto com o grito de Antônio.

— CALA A PORRA DA BOCA, ADRIANA! SAIA DA MINHA CASA AGORA!

Nossa! Até eu fico com medo.

— Querido, o que está acontecendo? Estávamos tão bem e...

— NÃO! VOCÊ CHEGOU AQUI HÁ MALDITOS CINCO MINUTOS E ESTAVA ME ENCHENDO O SACO! — Ele me solta e vira toda sua ira para ela. Quase sinto pena da coitada. Quase...

— Eu não sei o que você quer, Adriana, mas coloque uma coisa nesta maldita cabeça de vento que você tem. Eu te fodi muito tempo atrás e só. Você só entrou na minha casa hoje porque eu tive um dia de merda e não queria me desgastar e descontar minha raiva em você, mas

já deu pra mim!

— Antônio... — ela só diz isso, em seguida levanta pegando sua bolsa e vai saindo de cabeça baixa. Como não sou tão boazinha assim, cutuco-a.

— Tchau, querida! — falo, quando ela passa por mim.

Ela continua seu caminho e Antônio vai em seu encalço e bate a porta quando ela sai.

Ele vem e para na minha frente.

— Vega, eu...

— Não. Isso que acabei de ver não muda nada, Sr. Machado. Não me prova que se não chegasse, essa vadia não estaria com as mãos dela em outras partes do seu corpo.

— Você está certa. Eu fui um idiota e babaca, admito. Estava... Estou puto com você pela forma que me tratou na frente de seu pai. Parecia que queria me esconder como um casinho sujo.

— O quê? De onde tirou isso? Você não me conhece e não sabe dos meus motivos, Sr. Machado.

— Pare de me chamar assim, cacete!

— Eiiiiiii! Só estou seguindo as ordens do Magnata da Exportação!

— É impossível conversar com você! — reclama, puxando os cabelos e andando feito um leão enjaulado.

Por mim, que fique careca!

— Nesse ponto concordamos. Estou saindo.

— Vega, nós ainda não terminamos! — exclama, vindo atrás de mim. Eu paro e me viro para ele.

— Realmente. Nós nem começamos.

Ponho na frase todo o desprezo que consigo reunir.

— Se é assim que você quer, Srta. Velásquez, passar bem — diz agora, bancando o indiferente e abrindo a porta para mim. Infeliz!

— Sim, Sr. Machado, é exatamente assim que tinha que ser!

— Não, Vega... Não tinha... — Ele tenta avançar, mas sou mais rápida e levanto as duas mãos em sinal de impedimento.

— Eu não posso. É melhor acabar agora que ainda não começou, Sr. Machado. Tenho metas e não sairei delas por nada nem ninguém. Não se preocupe, sou profissional e continuarei te assessorando via e-mail e sistema. Quando necessário, mandarei alguém de minha confiança à sua empresa.

Falando isso, eu saio. Sinto meu rosto molhado e noto que são lágrimas. Nunca chorei por ninguém, mas como diz minha *madre*, sempre temos a primeira vez para tudo.

Aldria

Chego ao Pub com Lucca toda esbaforida. Puta que pariu! Vega vai me causar um troço qualquer dia! A cena que vejo se não fosse trágica, seria cômica.

Vega está no karaokê do Pub, bêbada feito gambá e cantando *10%*, Maiara e Maraisa. Ela está realmente retratando a letra. Lucca sai em disparada, tentando salvá-la de sua miséria, e eu procuro feito louca o celular na minha bolsa.

— “Garçom troca o DVD, que exa moda me fax xofreeer e o coraxão não ‘guenta’.
Dexe jeito você me dextxmonta, cada doxe rai na conta e os 10% aumentaaaa. Ai cê me arrebentaaaaa! E o coração não ‘guentaaaaa’. E os 10% aumentaaaaa”.

— Aldria, me ajuda aqui.

Agora Vega enlaçou o pescoço do pobre Lucca e ainda canta a música na sua versão mega bêbada, claro.

— V-vei... cantaaar... Aldlia...

Ela chama e gargalha. Manguaça.

— Calma. Preciso do meu celular.

— Pra que, criatura? Temos que tirá-la daqui.

— Não sem antes filmá-la. Aqui. Achei. Afasta que eu vou gravar, Lucca.

— Você tá de palhaçada comigo, Mortícia! — resmunga, tomando o celular da minha mão.

— Claro que não! Amanhã essa louca não vai se lembrar de uma vírgula e quando você começar seu milionésimo sermão, vai te chamar de doido e rir da sua cara.

Ele para e olha para ela, que ainda canta. Gente, que coisa mais lamentável! Lucca então me encara e entrega o meu celular.

— Anda logo com isso...

— Luccaaa... Volta aqui!!!!!!... Vai me abandonar também... — grita ela no microfone.

E sai de perto, indo até o balcão para pegar uma cerveja para ele.

Agora toca *Você não me Ensinou a Te Esquecer*, do Caetano Veloso. Nossa... e eu achava que não poderia piorar! Vega canta, pragueja em espanhol, chora e ri, tudo ao mesmo tempo. Trágico!

Depois de colher um bom material, saímos eu e Lucca rebocando esse *Furacão Catrina* ao rumo de casa. Dou lhe um banho e a coloco para dormir.

Ouço seu celular tocando. Olho na tela e... uau! Quantas chamadas! Abro o histórico e vejo que, das sessenta ligações perdidas, a maioria é de Antônio, várias de Amanda, e algumas de João.

O celular toca novamente, piscando JOÃO na tela. Resolvo atender, precisando entender o que a maluca da minha amiga fez dessa vez.

— Aloww.

— Aldria?

— Eu mesma. A que devo a honra? — brinco com ele.

— A honra é toda minha, princesa. Continua com essas curvas maravilhosas? Me diz que tá usando aquelas saias de trabalho superjustas que abraçam essa sua anca gostosa, vai!

Gargalho! Esse João não tem jeito. Desde que nos conhecemos, foi amor à primeira vista. Quem vê, pensa que ele me ama e vive atrás de mim, mas isso não passa de uma brincadeira nossa e como ele realmente é lindo, acabo entrando na onda.

Não me iludo não. Ele é meu amigo e só. Infelizmente, meu coração está fechado para qualquer outro tipo de coisa, mas isso é assunto para outra ocasião. Neste momento, preciso de respostas.

— Você não vale nada!

— Quando você vai me levar a sério, hein?

— Nunca! — Continuo rindo.

— Tudo bem, princesa. Na verdade, preciso falar com Vega. Ela está por aí? — ele pergunta, mudando seu tom para apreensivo. Hum... Aí tem e eu vou descobrir.

— Isso depende. O que você sabe? Desembucha!

— Olha, não sei muita coisa, só que Antônio quebrou a sala dele inteira, xingando a

Adriana e só repete que relacionamento só estraga a vida das pessoas. Está no sangue dele.

— Como assim? Quem é Adriana? E o que está no sangue dele? Não estou entendendo mais nada.

— Adriana foi uma foda antiga de Antônio.

— Por isso fui socorrer minha amiga, que estava no Pub bêbada feito gambá, cantando a sofrência do corno e rogando suas pragas espanholas no Sr. Machado por tê-la traído?

— Não! Antônio jamais faria isso! Nunca!

— Como você tem tanta certeza? Essas coisas acontecem e eles nem tinham um namoro firmado.

— Não, Aldria. Antônio nunca faria isso com ninguém!

— Por quê?

— Digamos que ele teve exemplos sérios sobre isso e aprendeu.

— Não entendi.

— Princesa, há coisas que não dão pra entender mesmo. Bom, pelo jeito a “pequena” do meu amigo está desmaiada, certo?

— Sim.

— Ok. Tento falar com ela amanhã. Esse malentendido precisa ser resolvido. Beijos, delícia!

— Você não presta, João! Beijos!

Em todos esses anos que conheço Vega, nunca a vi dessa forma. Ela nunca se permitiu, nunca deixou sua cabeça e coração fora do corpo por outra pessoa. Preciso ajudar minha amiga. Seja o que for, irei descobrir.

O que você esconde, Sr. Machado?



Alguém anotou a placa do caminhão que passou em cima de mim? Nossa... não consigo levantar a cabeça. Respiro fundo e paro para pensar. Aí, volta o caminhão a passar de novo por cima de mim.

Maldito! Eu me corroendo de culpa, vou atrás do infeliz e ele resolve deixar aquela loira azeda para consolá-lo. Deveria ter enfiado a mão na cara dela.

Saí tão transtornada de lá que fui direto para o Pub. Bebi quatro doses de tequila de uma vez, depois fiquei na cerveja. Só espero não ter feito merda, porque eu só me lembro da minha preocupação com os 10% da conta. De resto, não lembro nem como cheguei aqui.

De repente a porta do meu quarto é aberta por uma animada Aldria e um risonho Lucca, ao som de *Bang Bang*, Jessie J com Ariana Grande e Nicki Minaj. Que merda de música alta! Cubro a cabeça com o travesseiro.

— Acorde, bela adormecida! Já passam das 10h e você precisa exorcizar o estoque do Pub que resolveu beber ontem. — ela fala, pulando em cima de mim. Chata!

— Abaixa isso, por favor — peço em um gemido.

— Só se levantar agora e ir *pro* banho.

— Tudo bem, eu vou, mas desliga essa merda.

— Pronto, minha linda! Tome seu banho que te esperamos na cozinha com café e

analgésicos.

— Vocês são os melhores!

Levanto-me com dificuldade. *Madre de Dios*, bebi demais!

— Espere até ver seu vídeo — Aldria comenta, saindo do quarto.

De que merda de vídeo ela está falando?

Vou para o banho e resolvo que água fria é a melhor coisa para me acordar. É inevitável pensar em tudo.

“*Você é minha!*” “*Você me pertence!*”

Acho que isso só se aplica de mim para ele e não ao contrário. Sinto um aperto idiota no peito. Que saco! Saio do chuveiro e vou me enxugando para o quarto. Com certeza meus fiéis escudeiros inventaram uma desculpa na empresa para eu não ir e não ter minha mãe no meu pé neste momento.

Coloco um vestido soltinho florido para dar uma animada na minha cara de defunto e saio na caminhada da vergonha com um gosto de sola de sapato na boca.

— Olha... a cantora do *The Voice* resolveu dar o ar da graça! – fala Aldria assim que apareço na cozinha.

Sento na banquetta e uma caneca de café fumegante já me espera, junto a mais dois analgésicos. Maravilha! Dou uma golada de café e tomo os analgésicos.

— Cantora do quê? — pergunto, lembrando-me da piadinha dela que não entendi.

— Falar só faria você negar, então assista — diz ela, sacando o celular e colocando um vídeo para eu assistir.

De começo não entendo, até que surge uma imagem à minha frente. Não... Mas que porra eu fiz?

Entrego o celular depois de assistir a cena deprimente. Cheguei ao fundo do poço.

— Como você está se sentindo, linda? — questiona um Lucca que afaga meus cabelos e me olha com cara de piedade.

— Agora, uma merda total. Também... depois desse vídeo — respondo, colocando as duas mãos no rosto.

Uma vontade de chorar incontrolável, mas não posso fraquejar.

— Calma, aspirante à cantora. Ninguém vai ver. Só queria te mostrar sem você negar — Aldria tranquiliza, porém, me olhando com cara de desconfiada.

— Que foi? Por que tá me olhando assim?

— Nada. *Tô* aqui me perguntando: pra uma pessoa que não se relaciona e nunca deu o braço a torcer sobre o deus grego, você afundou o pé na jaca legal por uma bobeira.

— Bobeira? *Peraí!* Ele me trata feito lixo por uma coisa mal explicada, mando aquela música... Ai, que ódio de ter mandado a música. Culpa sua! — acuso, elevando a voz.

Lembrei-me dela me azucrinando e por isso resolvi bancar a romântica e fiz papel de trouxa.

— Minha? Tá maluca, Vega? Te disse e repito: você precisa entender e aceitar o que sente pelo Antônio e aprender a lidar com isso.

— Tá vendo, Lucca?! Por causa desse discurso, acabei mandando uma mensagem e, se não bastasse, fui atrás do infeliz. Adivinha? Ele já estava deixando aquela hiena loira acariciar *ele*.

— O QUÊ? — perguntam os dois com espanto.

Detalho tudo o que vi e falei em seu apartamento. Os dois só me olham e não demonstram nada. Termino meu relato com lágrimas

quase rolando rosto abaixo. Que merda de ficar vazando água pelo olho... Saco! Devo estar na TPM, só pode.

— Minha linda... Acalme-se. Daqui a pouco ele te procura e vocês conversam e...

— Não tem conversa! — exclamo. — Isso acabou antes de começar. Não daria certo mesmo. Meu foco é minha empresa e eu não posso me expor dessa forma. Não agora, que estou a um passo de conquistar tudo pelo que lutei.

— A custa do que, Vega? Sua felicidade?

— Do que você está falando? Ele é só mais um caso. Quantos eu já tive assim? Lembra? “Sistema *cinco e só*”? Pois foi isso.

— Não, querida... Não se engane.

— Lucca. Pare, tá legal. Você não é minha mãe. Pare de dar sermão em algo que nem você vive ou viveu, pelo que me lembro.

— Claro. Eu não vivi, Srta. Velásquez, porque, por incrível que pareça, achar um cara legal no meio do meu mundo é bem complicado. Não sou um cara mimado que morre de medo de se entregar ao amor e fica aí arrumando desculpas esfarrapadas pra fugir do que sente. Se toca, Vega! Tá na cara que você caiu de amores por ele e pelo que vi na boate, ele está de quatro por você! Então pare de ser tão autossuficiente e vá atrás da sua felicidade de verdade — aconselha um Lucca muito alterado e firme. Nunca o vi desse jeito. Acho que eu peguei pesado.

Quando vou tentar falar com ele e me desculpar, sai pisando duro, pega suas coisas e vai embora. Merda! Aldria, que só está observando calada, olha para mim com cara de paisagem. Mereço...

— O que foi? — pergunto, já me armando para suas gracinhas.

— Opa! Aqui não, amiga. Até porque, se falar pra mim as merdas que falou ao Lucca, eu lhe sento a mão na cara! Curta sua ressaca, pois eu vou para o escritório. Alguns realmente

precisam trabalhar para sobreviver.

Com isso ela sai, toda imponente.

E eu fico na minha total miséria. De ressaca, cansada, sem meus amigos e, principalmente, sem ele!

Passo o resto do dia no apartamento, curtindo minha ressaca. Nunca fiquei tão mal depois de uma bebedeira. Pior que agora está me batendo uma outra ressaca, dessa vez, moral. Estou sem meus fiéis escudeiros e me sinto uma merda.

Deito na cama e tento tirar um cochilo para ver se passa esse mal-estar e essa dor de cabeça. Viro de um lado para o outro e nada... só piora. Levanto-me e vou para a sala, coloco *Netflix* e vou assistir aquela série do Arqueiro que a Aldria simplesmente ama.

Realmente o cara é um gato, no entanto, me pego a todo momento imaginando um certo moreno de olhos claros fazendo parte das cenas. Que inferno!

O que está acontecendo comigo? Foi mais um caso e só.

Pego o celular para fuçar nas redes sociais, quase nunca tenho tempo para isso mesmo. Quando abro o celular tem mais de sessenta ligações perdidas, inúmeras mensagens, mas a única coisa que consigo focar é nas mensagens dele.

Antônio - Vega, me atende!

Antônio - Onde você está? Estou te procurando há horas... já liguei até pro seu pai dando uma desculpa qualquer...

Antônio - Mas que droga, Vega!!!!

Antônio - A gente precisa conversar e você sabe disso!

Antônio - Eu vi sua msg com a música... preciso saber se entendi direito isso...

Antônio - Ok!!! Te darei um tempo para se acalmar, mas saiba que isso entre nós não acabou e está muito longe de terminar, Srta. Velásquez.

Maldito arrogante e exagerado! Mesmo dizendo que me daria o tempo, que supostamente a cabeça maluca dele queria, ainda continuou me ligando. Sessenta ligações? Sério isso? Pois vamos ver, Sr. Machado. Em mim você não coloca mais um dedinho sequer.

Por que fui mandar aquela música estúpida para ele? Vai ficar se achando.

Fico pensando e pensando, e decido mandar outra música. Preciso deixar claro a ele que isso que nós *não* começamos, não vai virar e nem se concretizar.

eu - This Ain't a Love Song – Bon Jovi

eu - Pega a dica dessa e vê se me esquece, Sr. Machado...

Espero que com isso ele entenda que isso não é merda de romance nenhum e ele pode se esfregar naquela hiena oxigenada, pois não estou nem aí. Olho para a tela e vejo um “digitando”. Não demora nem um minuto e vem sua resposta.

Antônio - Impossível, Srta. Velásquez. Você está impregnada em minha pele e não há a menor condição de eu tirá-la de lá.

Antônio - Bed Of Roses – Bon Jovi

Conheço essa, mesmo assim corro na busca Google para ler a tradução, sem cabeça para interpretar nada. Apesar de ele ter escrito suas intenções, que, diga-se de passagem, bem arrogantes como ele é, quero saber o que a letra diz.

Levo uns dez minutos lendo a letra. Pois é, entendi. Ele só quer me deitar em uma cama.

“Não é só isso de que se trata a letra, chica!” - só essa que me faltava! Olha aqui, ô vizinha sem noção. Se você me acompanha, você estava lá e viu tudo.

“Posso dizer que vi uma aproveitadora indo pra cima dele e ele a escorraçando” - ha,

ha... Por que eu cheguei, né?! Senão tivesse ninguém interrompido, garanto que ele estaria com a língua na garganta dela em dois tempos. Ai, que ódio! Vontade de furar os olhos dele e arrancar as mãos dela!

No meio do meu devaneio com a minha mente, escuto a campainha tocar. Atendo a porta e penso que só pode ser uma pessoa, a primeira a subir sem ser anunciada e saber que eu estou em pleno dia de semana em casa. Íris.

— Oie! — Abro a porta tentando manter a melhor cara de felicidade.

— Corta essa, prima. Estive agora na empresa e Aldria já me adiantou toda a história e, quando digo toda, é toda mesmo! Você realmente deu sua calcinha pra ele na reunião?

Merda de Aldria linguaruda.

— Você falando assim, soa pior do que é.

Vou até o sofá, me jogo nele e cubro o rosto com ambas as mãos.

— Vega, olhe pra mim — ela exige. — Vai, desembucha tudo que essa cabeça dura vem pensando.

Como não foi um pedido e sim uma ordem da minha doce prima, eu acato e começo a contar tudo que aconteceu e relato o que venho sentindo. Foi difícil, visto que sou uma bagunça total desde aquele incidente no café.

— Venha, vamos sair... tomar um ar. Você precisa colocar a cabeça em ordem e nada melhor do que um passeio e compras para isso.

Mesmo Íris sendo a mais recatada de todos, ela sabe como agradar e entender cada um de nós.

O resto da semana passa bem atribulado. Devido à minha falta no começo da semana, a

coisa toda se acumulou. Para ajudar, Lucca continua estranho comigo, tratando-me de forma, mesmo eu tentando ser um doce com ele. Aldria continua no humor negro, a única diferença é que ela não para de me chamar de idiota a cada chance que tem.

Outra novidade é que Antônio se mantém distante, cumprindo o combinado na mensagem. Claro, tirando o fato de me enviar todos os dias uma música por mensagem. Fiquei muito curiosa sobre onde ele aprendeu tantas músicas que falam de sentimentos, saudades, perdão e recomeço.

Sempre deixo para vê-las à noite, no íntimo de meus aposentos, onde posso desfrutar e dormir as escutando e tentando entender a real mensagem por trás de cada uma. Afinal, não posso voar em pensamentos e sensações, isso seria arriscado.

Quase final de expediente e semana, estou arrumando os últimos detalhes do relatório que preciso enviar hoje para Antônio.

Realmente a coisa lá está complicada e semana que vem terei que voltar à empresa. Há muitas pontas soltas, só não entendo como não pegou antes.

A porta da sala se abre e entra uma Lola um tanto esbaforida, parecendo que correu uma maratona.

— Srta. Velásquez, você tem visitas.

— Calma, Lola. Parece que correu uma maratona. Quem é?

— Sr. Antônio Machado — ela responde e enrubesce.

Agora entendi o porquê de estar afoita. Efeito Machado.

— Bom... Me dê cinco minutos e mande-o entrar.

Pego o celular para ver a mensagem que ele enviou hoje, preciso estar preparada. O que este homem está fazendo aqui, se já havia lhe comunicado por e-mail que enviaria o relatório e

segunda pela manhã estaríamos em reunião? Olho a mensagem e está lá, *Angel*, Sarah Maclachlan. Corro no Google para ver a tradução já que não tenho tempo de ouvi-la inteira.

Só pode ser piada. Segunda chance? Não, querido, você não teve nem a primeira! Lembro-me de uma música que cairá perfeitamente bem. Envio.

Vejo que ele visualiza e não envia nada de volta. Passado um minuto a porta do escritório é aberta por um Antônio muito atento ao seu celular, que toca em alto e bom som *Have You Ever Really Loved A Woman?*, Bryan Adams. Recado dado.

— Sério que você pensa que não sei tratar uma mulher? Não me lembro de você reclamando de meus tratos, Vega!

Own, acho que deixei alguém com o ego ferido... Dane-se!

— Se foi para isso que veio aqui, Sr. Machado, sugiro que dê meia volta e vá embora. Cumpra o que prometeu e me deixe em paz! — falo, mantendo a seriedade e fingindo miseravelmente que a presença deste homem com mais de um metro e oitenta, um maldito terno três peças e seu relógio que o deixa ainda mais com cara de macho alfa, não está causando estragos em minha intimidade necessitada.

Ele me encara, olha para o celular e desliga a música. Quando volta seu olhar para mim, juro que há fogo em seus olhos. Vejo uma fera enjaulada e basta um pequeno toque para liberá-la e, adivinha quem é o cordeiro assustado? Exatamente eu! Engulo seco enquanto ele se encaminha para a mesa e se senta à minha frente e, até nesse simples movimento, este infeliz consegue ser sexy. Inferno!

— Primeiramente não vim aqui para discutir isto, Srta. Só fui pego de surpresa. — Ele arqueia a sobrancelha, me desafiando a falar alguma coisa. Eu simplesmente continuo olhando-o. — Segundo... que me lembre, sempre cumprio as minhas promessas e principalmente a última — diz, inclinando o corpo para frente e eu, por reflexo, encosto em minha cadeira. Pareço um bichinho acuado — que isto entre nós não havia acabado e estava longe de terminar.

Engulo em seco mais uma vez, e Antônio volta ao seu lugar, se encostando à cadeira, colocando o calcanhar apoiado no seu outro joelho. Muito à vontade. Isso me irrita. Resolvo mudar o rumo da conversa, pois isto já está indo para um caminho que não deve ir nunca mais.

— O senhor veio pelos relatórios? Eu disse que enviaria.

— Pelos relatórios também. Preferi vir pessoalmente. Pelo que tenho acompanhado, as maiores discrepâncias estão na filial da Espanha. Pretendo embarcar no meio da semana que vem e resolvemos logo isso.

— Tudo bem.

— Ótimo! Embarcamos quarta pela manhã — ele anuncia, fazendo menção de se levantar.

— O quê? Como assim embarcamos? Eu não vou... Não posso. Tenho inúmeras coisas por aqui e você não pode simple...

— Srta. Velásquez! Isto é, sim, um comunicado. E sim, você vai. Já acertei com seu pai, que é o CEO e controla sua bunda nesta empresa! — me interrompe, grosseirão, e fala com todo o ar arrogante que ele consegue. Imbecil!

— Pois saiba que falarei com ele, porque ninguém, senhor, controla minha bunda em lugar algum! — rebato, me levantando também e cruzando os braços.

— Bom, Srta., eu ficaria muito feliz em lhe mostrar alguns lugares em que sua bunda seria controlada facilmente e por mim — ele diz com a maior cara de sacana, se levanta e abotoa o paletó.

Perco o ar, o rebolado, o raciocínio, e tudo mais que possa imaginar. Como ele consegue fazer isso? Ir de arrogante a safado em segundos?

— Respire, Vega — sugere, saindo da sala.

Infeliz! Cachorro! Ordinário! Eu mato esse idiota!

Hoje meus pais resolveram fazer uma reuniãozinha em casa, e quando dizem isso é porque será “a festa”. Minha mãe, como boa espanhola, sempre gostou de farra, festa e família em volta, e como já disse, meu pai faz todas as vontades dela. Sempre acabam marcando uma “reuniãozinha”, como eles chamam, só que isso se estende não só à família, como também a amigos e parceiros de negócios.

Estou terminando de me arrumar. Hoje resolvi encarnar a espanhola que habita em mim. Escolhi um vestido estilo sereia preto com um bordado de rosas vermelhas até os joelhos com babados na barra, decote canoa sem mangas, só com um laço em cada braço para dar um charme. Grita, Espanha! Adoro!

Ganhei de minha *abuelita* Anitta, quando estive em *Sant Feliu de Guíxols*^[15] alguns meses atrás. Realmente ele ficou perfeito e a escolha foi excelente. Aplico um pouco de maquiagem e resolvo usar o cabelo solto, meio selvagem. Calço meu *Manolo Blahnik* e estou pronta.

Escuto uma batidinha na porta do quarto e entra Lucca, muito charmoso, vestido em um jeans, camiseta e blazer dobrado até os cotovelos. Ele arrasa no estilo.

— Oi, diva! — ele diz, meio sem graça.

Eu jogo a minha *clutch* na cama e corro para pular em seu pescoço. Ele ri e me gira no ar. Não aguentava mais essa distância que colocou entre nós. Tentei conversar e me desculpar e, apesar de dizer que estava tudo bem, sei que não estava. Começamos os dois a rir e ele me coloca no chão, me dando um beijo no rosto.

— Senti sua falta — falo, manhosa.

— Eu sei, linda. Desculpe agir daquela forma, mas não consigo ver você se sabotando.

— Eu não me saboto — defendo-me, fazendo cara de ofendida. Ele me repreende no olhar e eu baixo minha bola.

— Sim, você está e sabe que está. Eu, assim como seus pais e até a maluca da Aldria, queremos o seu bem e, Vega, todos nós precisamos de amor, querida! — ele fala, se sentando comigo na cama.

— Mas eu tenho o amor de vocês e eu tenho meus sonhos e objetivos, você sa...

— Shiii... Eu sei o quanto lutou e luta por tudo que você quer. Agora me diga onde está escrito que uma mulher não pode trabalhar e se realizar na vida e ao mesmo tempo ter um companheiro, alguém que lhe ampare? Hã? Vega, minha linda, você precisa aprender a se entregar ao amor, e ele, aquele que mais lhe incomoda, é o que detém seu coração.

Olho para ele tentando assimilar o que verbalizou e o que venho sentindo, mas não tenho coragem de assumir. Sou uma idiota! Sinto uma lágrima teimar em cair e Lucca a limpa, sorrindo para mim.

— Viu como não é tão horrível assim admitir? — ele pergunta, dando um beijo carinhoso na minha testa.

Nesse momento meu celular vibra em cima da cama e quando ambos olhamos, é ele! O homem que detém algo que nunca entreguei a ninguém. Pego o celular e vejo que é uma mensagem.

Antonio - Right Here Waiting - Richard Marx

— Outra música. Ele está me colocando louca com isso, Lucca. Não consigo raciocinar sobre o que ele quer dizer.

— Talvez não seja pra raciocinar, linda, e, sim, sentir.

Com isso Lucca se levanta e diz que está aguardando a Mortícia e eu na sala.

Sentir.

Vamos fazê-lo sentir também, Sr. Machado.

Eu - What's a Woman - Vaya con dios

Eu - Difícil dar segundas chances sem se saber quem é o homem por detrás dessa capa... #ficaadica

Não há resposta imediata. Recolho minhas coisas e vou encontrar meus amigos. Como todos iremos beber, resolvemos que um táxi sanaria a desavença de quem se abdicaria hoje e, no fim, os três felizes é a melhor solução.

Como havia dito, não é uma simples reuniãozinha. Vejo uma fila de carros na frente da mansão e logo na entrada noto um Olavo muito saliente com uma loirinha. Espera aí... Eu conheço essa loira.

— Amanda!



Mulher infernal! Essa pequena atrevida está me deixando maluco com essas músicas. Até agora foi fácil interpretá-la. Ela me coloca como o errado, o safado, e segue seu rumo. Agora me vem essa música que fala de amor, segundas chances e saudades.

Estou tão ou mais confuso ainda. Desde que peguei a primeira música que ela mandou, percebo o mistério e sei que estou pisando em território totalmente desconhecido aqui.

Quando minha mente parou de querer só foder e seguir em frente?

— Nossa, mano, que cara é essa? — pergunta Amanda, que vem me dar um beijo.

— Não é nada, Amanda. Está pronta? Vai com isso?

Faço cara feia para a pouca roupa que ela usa.

— Não enche, Antônio. Vai pegar no pé da Vega que é sua namorada — fala ela, dando de ombros e irritada.

— Não diria namorada. No momento não somos nada — esclareço mais como uma reflexão do que para ser ouvido.

— O que houve? O que você aprontou, Antônio?

Indaga Amanda, já de braços cruzados à minha frente.

— Ei! Quem disse que eu fiz algo? Não fiz nada, ela que é doida!

Penso em como aquela bruxa pode ter enfeitiçado a todos.

— Duvido! Vocês homens não valem nada — ela acusa, bufando, indo se sentar.

— Como assim nós homens, Amanda? De quem mais você está falando e que experiência você tem nisso?

— Antônio, corta essa tá legal?! Já sou grandinha e tive namorados... Papai sabe!

— E COMO EU FICO SABENDO DISSO SÓ AGORA? — grito, irritado, sentindo meu sangue começar a ferver.

Não é possível! Elas estão de complô e resolveram me deixar maluco!

— Exatamente por isso. — E aponta para mim. — Você é protetor demais, tem mania de achar que tudo e todos têm algo de ruim dentro de si e que a qualquer momento vai nos atacar. Pare com isso, mano!

Depois de jogar tudo isso em minha cara, ela deixa o escritório.

Fico ali ainda por alguns minutos assimilando suas palavras. Claro que sou protetor, sempre tive que cuidar dos que amo desde novo. Sempre fomos sozinhos, ela sabe toda a história e parece não se incomodar.

— Antônio... Cara, acorda! — Levo um susto com João, que está diante de mim, estalando os dedos.

— Quê? Não enche! Você tá pronto? Vamos logo nessa merda de jantar.

— Tô vendo que o adorável humor só tem piorado desde que sua pequena te meteu o pé no rabo! — implica ele, vindo atrás de mim.

Paro de repente e me viro para ele, soltando fogo pelos olhos.

— Ela não meteu *porra* nenhuma! — digo, apontando o dedo na cara dele.

— Se você diz, amigo... — fala, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Ela só está sendo mimada e atrevida, mas sabe que o que temos não terminou. —

Volto a caminhar.

— E o que exatamente vocês têm, parceiro?

— Eu ainda não sei. Mas descobrirei hoje — declaro, ainda andando pelo corredor.

Começo a sentir uma leveza maior. Vou vê-la fora do escritório, sem as regras e normas.

Somente nós dois.

Chegamos cedo. Eu falei para o idiota do João que estávamos adiantados, mas ele, como sempre, não me escuta.

Entramos e somos recepcionados por uma senhora linda que, com certeza, é a mãe de Vega. Uau! Já sei como minha pequena ficará daqui uns anos e isso muito me anima.

Que merda de pensamento foi esse?

— Sr. Machado — ela me cumprimenta, muito simpática e cortês. Encantadora igual a filha.

— Sra. Gouvêa, é um imenso prazer conhecê-la. Agora vejo de onde vem tamanha beleza da Srta. Velásquez — falo, beijando-lhe a mão.

— Ora, o que é isso?! Agradeço a gentileza e, sim, minha filha é linda mesmo! — Ela desloca o olhar e cumprimenta Amanda. — Oi para você, linda! Qual seu nome?

— Amanda, senhora.

— Eu me chamo João Williams. Sou os braços e pernas desse grandão aqui! — se apresenta João, brincando com a anfitriã.

— Até parece! — Bufo.

— Calma, meninos! Todos sabem que vocês se amam — Amanda zomba, curtindo a piada.

Todos riem e Sra. Gouvêa nos encaminha até o marido dela, Pedro.

— Mano, eu vou rodar — diz Amanda, saindo de fininho.

— Sr. Machado — Ricardo me cumprimenta.

— Nada de formalidades — peço. — Por favor, somente Antônio. Este é João, meu assessor.

Trocamos algumas palavras, sempre em torno dos negócios. Eu tento a todo custo me concentrar em tudo, mas fica difícil, principalmente tendo sempre que me virar para ver se ela chegou.

— Procurando alguém, Antônio? — Pedro pergunta com olhar questionador.

— Sim. Minha irmã. Ela veio e não conhece ninguém. Não a quero deslocada.

— Oh, rapaz... Fique tranquilo! Olavo, meu sobrinho, está aqui e tem alguns amigos da idade deles. Ela se enturma.

Concordo com a cabeça.

Saco meu celular e resolvo responder à música dela. Se entendi direito, ela sente o mesmo que Amanda me disse no escritório de casa. Mando uma música, mas, para que não haja brechas ou dúvidas, coloco uma mensagem também.

Eu - “Patience - Gun’s Roses”

Eu - “Houve um tempo que eu não tinha certeza / Mas você acalmou minha mente / Não há dúvida, você está em meu coração agora...”

Espero que seja claro o suficiente para ela entender. Quando me viro para o salão, a vejo. Merda! O celular quase cai da minha mão. Que porra é essa? Ela está perfeita, linda, gostosa, e vou matar cada filho da puta que olhá-la, começando por João, que come minha mulher com os olhos. Isso mesmo... Minha! Somente minha!

— Dá pra parar, cacete?! — falo entredentes.

— O quê? — pergunta ele, olhando com cara de falsa inocência.

Cretino!

— De comer *ela* com os olhos, porra!

Sussurro, chegando mais próximo dele.

— Difícil, né?! Ela está uma beldade espanhola, amigo — Quando vou dar uma cotovelada, escuto algo na roda que muito me interessa.

— Te digo, Pedro, ela estava acompanhada. Domênico me contou.

— Impossível! Ela não está namorando, Heitor. Se estivesse, Lena saberia e eu também.

— Então por que ela desmarcou o encontro deles? E parece que o tal que estava com ela enfrentou Domênico, mas meu filho disse que deu seu recado.

Mas que merdinha infeliz... Mentiroso!

— Que recado?

— Deixou claro que ele e Vega têm uma história, meu amigo. Você sabe, o amor é assim!

— Olhe, Heitor, vou ser sincero e lhe dizer que faria gosto do namoro de minha filha com o seu filho, se isso for da vontade dela. Nunca pressionaria minha filha a nada. Vega sabe o que faz, mais irei me informar sobre esse tal que estava com ela. Não gosto de pensar que esteja em má companhia.

— Está certíssimo, meu amigo. Se fosse minha filha, faria o mesmo! — ele diz isso, mas olha na minha cara.

Desgraçado! Ele sabe que sou eu, claro!

Está jogando merda no ventilador e na minha cara, sabendo que eu não posso dizer nada.

Não fujo a uma boa briga, babaca, e você verá que não.

— Era eu, Pedro — falo naturalmente, me intrometendo na conversa dos dois.

— O quê? — pergunta Pedro, me olhando, não entendendo o que eu disse. O babaca mor me encara como se não acreditasse no que estou falando.

— Era eu quem estava com a Srta. Velásquez no clube em que encontrou com o seu filho. Heitor, certo? — esclareço com naturalidade, encarando o pai do merdinha.

— Você? Como assim?

Pedro demonstra estar confuso.

— Minha irmã, que ainda não tive o prazer de lhe apresentar, conheceu a Srta. Velásquez numa reunião minha com ela e acabaram que por fazer amizade. Surgiu o convite por parte da minha irmã para esse show e resolvi ir para mantê-las em segurança. João me acompanhou.

— Oh, entendo.

— Realmente ela foi abordada por um rapaz, mas como eu não sabia de quem se tratava, fui um pouco protetor. Peço-lhe desculpas pela confusão, Pedro, mas sou extremamente cauteloso com quem tenho qualquer afinidade. É meu natural.

— Que isso, rapaz?! Se você cuidou do meu bem mais precioso, só tenho a lhe agradecer — ele fala com um sorriso de alívio.

Toma essa, seu babaca!

— Ah, e só para constar, não houve recado nenhum da parte de... Domênico, não é? — Faço pouco caso como se o nome não fosse importante. — Eu que deixei claro a ele que se

importunasse a Srta. Velásquez novamente, se veria comigo.

Declaro e me despeço, deixando Pedro com ar de riso e um merda mor, de quem nem me lembro o nome, com uma cara furiosa.

Idiota!

Ele está mexendo com a pessoa errada e querendo algo dessa pessoa que não daria nem por toda fortuna do mundo. Vega é minha e aquele imbecil e o filho idiota não ficarão em meu caminho... Nunca!

— Aonde você vai? — Quer saber João, com cara de que adorou o que presenciou.

— Marcar meu território e deixar claro, de uma vez por todas, que aquela brasileira meio espanhola, é minha! E com o que é meu, ninguém brinca!

— *Arriba, Toro!* — comemora João, gargalhando.

É um babaca mesmo!

Vega

Depois de cumprimentar Amanda e tirar o bobo do meu priminho que babava em cima dela, entro em casa que, como previsto, está cheia. Sinto meu celular vibrar e vejo do que se trata. Mensagem dele.

— Oh, se você não pegou a dica, amiga, eu peguei — diz Aldria, a bisbilhoteira.

— Pare de ser intrometida! — brigo, meio rindo.

O que posso dizer? Amei!

— Vamos circular ou ficar de enfeite de porta? — pergunta Lucca.

— Vamos lá — E entramos os três no salão.

De repente bato numa parede imensa e dura. *Madre de Dios*, conheço esse perfume.

Olho para cima porque, mesmo com meus saltos altíssimos, o bendito é mais alto que eu.

Na trombada sinto suas mãos circularem minha cintura. Fico olhando para aqueles olhos lindos e ele exhibe um sorriso de canto que o deixa com a maior cara de sacana. Eu odeio quando ele faz isso.

Mentira... Eu amo!

— Opa! Cuidado, Srta. Velásquez! — diz um Antônio muito risonho e simpático, mantendo as mãos em minha cintura.

— Desculpe, Sr. Machado, eu estava distraída e não o vi.

Neste momento, caem como uma bomba em nossa bolha, meus primos infernais.

— Ei, ei, ei... Quem és tu? E o que fazes com minha linda aqui? — pergunta Olavo, sarrista, mas que no momento demonstra a posse da família e se coloca entre mim e Antônio, abraçando-me pelo ombro.

Antônio solta fogo pelos olhos, chegando a bufar. Merda!

— Eu sou Antônio Machado, e você?

— Ele é Olavo Gouvêa e eu me chamo Júlio Gouvêa. Somos a família dela — responde Júlio com cara de poucos amigos, apontando para mim.

Dios Mio, mas que merda de climão aqui.

— Ok, todo mundo já foi apresentado e, por sinal, eu sou João. Deixemos a macheza de lado e vamos aproveitar. Aldria, minha coisa linda e maravilhosa, como consegue ser tão desejável a cada dia?

A fala de João quebra o clima tenso e volta a atenção da roda para a Aldria.

Ela fica roxa de vergonha. Por mais que esteja se acostumando com as brincadeiras de João, acho que se incomoda pelos outros. Vejo que na hora ela olha na direção de Júlio.

Ele, que já não tinha uma boa cara para Antônio, agora parece que chupou limão azedo. Vira todo o conteúdo do seu copo de *uísque* e simplesmente nos dá as costas e sai. Juro que ainda descubro que coisa rola ali, viu?!

— Pare com isso, João — pede ela, meio sem graça.

Eles continuam com as piadinhas. Meu primo abusado já me esqueceu e agora conversa com Amanda e Lucca sobre músicas e bandas alternativas. Percebo que ele fica bem interessado nela e isso também não foge da percepção de Antônio.

— Como estão as “Deusas da Dança”? — pergunta João, que estava com a mão no ombro da Aldria e agora circula a mão no meu ombro.

— João, tire essa mão daí agora!

Antônio ordena, porém, contido. Somente para os outros, pois os que o conhecem, sabem que ele está no limite para não se exaltar.

— Calma aí, Tom! Eu sei que a gata é sua...

João meio que se desculpa, tirando a mão do meu ombro. Acho que ficou com receio do olhar de Antônio.

— É bom que você não se esqueça disso! — diz Antônio, olhando para mim e não para João.

Possessivo!

— Vamos circular, João, porque do jeito que o seu amigo macho alfa está, ele vai arrancar um membro do seu corpo e reze pra ser um braço mesmo.

João solta uma gargalhada chamando a atenção de várias pessoas, incluindo minha mãe. Ela me dá um olhar questionador, deixando claro que estava observando e viu muito além das aparências.

Ela vem ao nosso encontro e... ferrou!

— Vega, eu... — Antônio é interrompido por minha *mamita*.

— *Hija, como estás hermosa en ese vestido que su abuela le dio!* — ela fala, beijando meu rosto, em seu perfeito espanhol de raiz.

— Desculpe, Sr. Machado...

— Por favor, senhora, me chame de Antônio — diz ele, todo galante.

Mas é um pilantra mesmo. Jogando charme para a minha mãe. Pior, acho que ela está caindo.

— Oh, neste caso me chame de Lena. Assim que todos me tratam. Estava eu dizendo a minha *hija* o quão bela ela está no vestido que minha *madre* deu a ela — explica minha mãe o que me disse em espanhol.

— *Sí, ella és hermosa!* — ele concorda, me elogiando e mostrando a minha *mamita* que havia entendido o que ela disse.

— Que galante e fala minha língua. Antônio, você acaba de ganhar muitos pontos comigo! E só pra te ajudar neste circo que chamo de família, Pedro é o provedor do lar, mas não se intimide com a cara de mau dele. Ele ladra, mas não morde!

Dando seu recado nada sutil, sai andando e me deixa com cara de tacho na frente de um Antônio muito sorridente.

Tenho vontade de tirar esse sorriso no tapa da carinha linda dele.

— Acho que minha mãe lhe mandou uma direta — comento, constrangida.

— Gostei dela! Gosto de pessoas diretas, Vega.

— Jura?! Pois não pareceu isso em seu apartamento quando eu fiquei esperando uma explicação direta para o que vi. — Cruzo os braços, mas mantendo a fala mansa.

No caso, só a fala está mansa, porque só de lembrar, meu corpo entra em combustão.

— E o que você acha que viu, pequena? — pergunta, agora colocando as mãos nos bolsos da calça. De novo o sorrisinho de canto. Vou morrer, *Madre de Dios!*

— Eu vi uma hiena oxigenada partindo pra cima de você e o “Sr. Eu Sou Dono do Mundo” não estava nem um pouco incomodado com tudo aquilo. E tira esse sorriso da cara que estou perdendo a paciência!

Altero a voz.

Droga!

Acalme-se, Vega!

Ele dá um largo sorriso. Infeliz!

— Você viu coisa demais, pequena, mas aqui não é a hora e o momento de falarmos disso, até porque, ainda preciso entender o porquê de eu ser o casinho sujo que você esconde do papai... — ele diz, agora sério.

Fico sem ação. Nunca imaginei que ele pensaria isso.

— Antônio, eu...

— Minha linda!

Essa não...

Tudo sempre pode piorar!

— Oi, Domênico — cumprimento-o, tentando manter a maior distância possível, enquanto ele me envolve em um abraço de urso e ignora completamente Antônio. — Lembra-se do Antônio?

— Ah, sim... Oi, como vai? — Ele estende a mão a Antônio para cumprimentá-lo, porém, mantém a outra na base da minha coluna.

Não é possível! Hoje não é meu dia!

Antônio olha para a mão dele estendida e leva seus olhos a outra mão de Domênico, que permanece nas minhas costas, então eleva o rosto e me olha. Perco-me na miríade de emoções que seus olhos profundos me passam. Vejo raiva, posse, desejo e atitude.

Para evitar uma possível confusão, ainda mais aqui, com toda minha família e amigos, disfarço e saio do lado de Domênico e me posiciono mais para o lado de Antônio. Vejo-o respirar e tirar um pouco da tensão que está em sua mandíbula e, em contrapartida, um Domênico muito insatisfeito.

— Agora, ótimo! — responde Antônio, dando a mão a Domênico.

E acho que ele aperta um pouco forte demais, pois vejo Domênico arquear sob o aperto e fazer uma leve careta.

Quando soltam as mãos, noto Domênico alisar sutilmente a sua. É... ele realmente exagerou no aperto. Homem das cavernas!

— Vega! — meu pai me chama.

— Com licença — digo e saio em retirada.

Tenho medo de deixá-los sozinhos, mas prefiro não pensar muito nisso.

Vou de encontro ao meu pai e o abraço. Ficamos meio estremecidos com a tentativa dele de me juntar com Dom, mas acho que minha *mamita* soltou as cartas certas sobre a mesa e ele se tocou do que fez.

Tem me tratado melhor e não toca nem no “assunto” Domênico. Arrisco um olhar em direção aonde os dois estavam e vejo que não estão mais juntos, sinto alívio. Ficamos conversando banalidades até que minha *madre* anuncia o jantar.

Depois do jantar, algumas pessoas já se foram. Eu costumo dizer “os de fora”, pois nós e os amigos próximos ficamos e começamos a festa. Minha mãe fez um ambiente no salão de entrada que dá para dançar, segundo ela, essa é a única maneira de manter os jovens até o final. Minha mãe é sabia!

Estamos lá dançando e curtindo. Todos nós. Lucca, Aldria, João, Amanda, Olavo e eu. Júlio, logo que acabou o jantar, foi embora, com cara de quem mataria uns quinze.

Antônio está do outro lado conversando com meu pai, meu tio e alguns amigos deles. Graças a Deus, Domênico se tocou e foi embora com o pai.

Durante o jantar tive que rebolar miúdo para não entregar nada do que estava rolando. Antônio sentou de frente para mim de propósito, só para ficar me encarando. Nem preciso dizer que a comida desceu entalada, né?!

Por sorte, ou por ter amigos que entendem quando você está na maior saia justa, Lucca, João e Amanda ocuparam as cadeiras mais próximas de mim e de Antônio, fazendo com que Domênico não ficasse perto de mim.

Apesar da tensão entre mim e meu “homem das cavernas”, tudo correu bem e consegui sobreviver ao jantar.

Como não sou boba nem nada, vi bem os olhares de minha mãe e os bochichos dela com minha tia Rute, esposa de tio Ricardo, e algumas amigas na mesa. Vou pagar um dobrado para enrolá-la depois deste jantar.

Pior que não sei nem o que vou dizer a ela. Afinal, o que eu sinto? Faz pouco tempo que esse tornado chamado Antônio Machado caiu na minha frente e de lá para cá não me reconheço mais. Eu sei que sinto algo por ele, forte e intenso, mas não estou pronta para pensar muito nisso.

— Tá dando bandeira, amiga. — Aldria me cutuca e continua dançando.

— Hã?! Não, eu... *tava* pensando e... bom... — Me enrolo, pois já não sei mais nem o

que eu estava fazendo. Uma bagunça total.

— Minha amiga querida, pare de ser turrone e se entregue logo para tudo isso que vocês dois estão evitando. Tá na cara que ele está de quatro por você e não pense que seus pais não notaram, porque notaram, sim. Principalmente sua mãe.

Lamento essa última parte. Não que eu não ame meus pais e, poxa, minha mãe é muito minha amiga, mas o problema é que tem horas que me sufoca tanta atenção e cuidado.

— Percebi também — admito.

— Percebeu o quê?

Íris questiona, muito animada.

— VOCÊ! — falo, espantada, pois ela acaba de chegar e ainda veste roupas brancas, provavelmente acabou de sair do plantão.

— Oie. Ai... tentei sair antes, mas sabe como é, né? *Tô* morta de fome! — Ela faz uma careta.

— Venha! Vou lhe alimentar, garota!

Aldria sai rebocando Íris para a cozinha à procura de algo para ela comer.

Continuo dançando, agora com Lucca, pois tocando minhas batidas preferidas, tenho que aproveitar. Se conheço bem minha *mamita*, não irá demorar a mudar para as músicas antigas que ama.

Sinto o celular vibrar. Automaticamente olho em direção a Antônio e o vejo mexendo no seu. Lá vem bomba!

Antônio - Já percebi que seu amigo é gay, mas se continuar a se esfregar nele, assim terei que intervir...

Rio alto da mensagem. Olho para ele que me encara como se esperasse o desafio. Acho

melhor não aguçar seu instinto.

Eu - Ok, homem das cavernas... mas ele é só meu amigo, aliás, o melhor amigo...

Olho para ele de novo e vejo que termina de ler a mensagem e torna a me olhar, sorrindo de canto. Aquele sorriso particular, que te envolve e parece que você se torna o centro do mundo do cara, pois é, ele está sorrindo assim.

Acordo dos devaneios com o vibrar do celular.

Antônio - Eu sei, pequena... Mesmo assim me incomoda...Você é minha, esqueceu?!?

RS ;)

Sou dele? Sim! Eu sou dele! Não posso negar que, no curto espaço de tempo em que estive com Antônio, ele preencheu todas as lacunas que na minha vida inteira nunca encontrei respostas. Estou cansada de me manter no muro e não me entregar a nada, pois preciso manter o foco das coisas.

Está resolvido! Vou seguir o conselho do meu lindo amigo e me entregar a isso tudo. Abro o buscador e procuro por uma música que responda e deixe claro minha intenção, assim como ele fez na última música que me enviou.

Eu - “Joe Cocker - Up where we belong”

Eu - “Quem sabe o que o amanhã traz? / Num mundo, poucos corações sobrevivem / Tudo que sei é o modo que me sinto / Quando é verdadeiro, eu mantenho vivo”

Vejo-o olhar para o celular e sua postura se enrijece. Droga! Daqui eu consigo ver sua mandíbula endurecer.

Acho que exagerei. Ele não gostou.

Ele pede licença ao meu pai e atravessa o salão. Não me olha nenhuma vez. Desanimo. Está vendo, Vega Velásquez? Isso que dá. Nunca fez essa coisa de romance, quando resolve

arriscar, acaba fazendo merda e das grandes!

Puxo Lucca pelo braço e vamos para o canto da sala onde meu pai mantém sua preciosidade, seu estoque pessoal de bebidas.

Sirvo-me de uma generosa dose de uísque e coloco um pouco para Lucca.

— O que está acontecendo, princesa? — pergunta Lucca atônito, me vendo virar quase que de uma vez, a bebida do meu copo.

— Nada — respondo sucinta.

Sento-me na banquetta e apoio a mão na cabeça. Sinto o celular vibrar, tiro-o da *clutch* com o coração acelerado e está lá, mais uma mensagem desse ser infernal, porém, desta vez não sei se realmente quero ler.

Coragem, Vega!

Seja o que for, você saberá lidar com isso.

Antônio - “Save The Last Dance For Me - Bruce Springsteen”

Quê? Abro furiosamente o buscador, precisando saber o que significa essa música. Conheço o cantor, mas a música não. Só para ajudar em minha ansiedade, a porcaria da internet resolve me deixar na mão.

Percebo que minha mãe já trocou o ritmo da noite, começando a “sessão dona Lena”. Ela simplesmente ama essas músicas românticas para dançar a dois. Neste momento escuto um pigarro atrás de mim e sei que é ele.

Viro-me e ele está com a mão estendida, olhando-me como se eu fosse a coisa mais preciosa e importante para ele. Olho para sua mão e para seu rosto, percebo Lucca ao meu lado quase vibrar e escuto ao longe Aldria gritando “finalmente”. Filha da mãe! Com ela me entendo depois.

Dou um sorriso tímido sabendo que todos estão olhando e, quando digo isso, é porque sei que meus pais estão analisando cada momento e passo de nós dois e, quer saber? Dane-se!

Dou minha mão para ele e ele me leva ao meio do espaço onde minha *mamita* já dança com meu pai. Ela me olha com emoção, confirmando suas suspeitas., mas não entendo o porquê de tanta relevância nisso.

Tudo bem. Antônio é de longe o cara mais bonito com quem já saí e com quem meus pais já me viram com maior proximidade, mas daí a se emocionar...

Por favor, mamita, não me envergonhe.

Antônio me enlaça e traz meu corpo para junto do seu. Estamos tão próximos que sinto o movimento de sua respiração um tanto contida. Ele me embala e dançamos esse ritmo gostoso. Agora começo a ter uma clara ideia do porquê minha mãe sempre dançar esses ritmos no final das “festinhas”. É gostoso, íntimo, e nos faz sentir bem. Epa! Calma aí, Vega!

Olho em seus olhos e o vejo sorrindo, mas não aquele sorriso de arrancar calcinhas que adora me dar. É um sorriso tímido, contido e íntimo. Não que eu não goste da sua cara de safado, mas este sorriso me faz ver mais uma de suas facetas, fazendo-me questionar: o que este homem reserva para mim?

Ele recita versos da música e quando diz “...save the last dance for me...”, entendo que é a música que mandou e me emociono. Não adiantaria nenhuma relutância, birra ou negação minha. Sempre soube que no final ele teria a última dança.

Sorrio com a analogia que ele fez com a música e que só agora me dei conta. Já não me importo mais em esconder de ninguém tudo que estou sentindo e querendo, o que me importa é somente ele... nós.



Terminamos a música e sinto vários pares de olhos em cima de mim. É uma droga ter família e amigos enxeridos.

Antônio percebe que fico incomodada e se afasta, segura minha mão e se curva, beijando-a castamente. Um verdadeiro lorde. Escuto minha *madre* fazendo um “ohhh”, e eu riria da situação, se não fossem esses olhos penetrantes me cativando a todo momento. Ele me hipnotiza e me torno o vagalume à procura da sua luz quando ele está à minha volta.

— Boa noite, Srta. Velásquez. Obrigado por me conceder a última dança — dizendo essas palavras que só eu e ele entendemos, ele se vira e sai, indo se despedir dos meus pais.

Fico parada com cara de tonta, tentando entender o que foi tudo isso. Estávamos em uma bolha mágica, linda, onde tudo era perfeito. Disse não através de palavras, mas disse que ele teria sua chance e ele me responde com aquela música e todo aquele significado e, agora, ele vai embora.

Encaminho-me até o meu grupinho, que está animado em algum debate.

— Ai, João, você é hilário! — diz Amanda, toda sorridente.

— São seus olhos, princesinha! — João fala e aperta o nariz de Amanda.

— Com certeza são seus olhos, Amandinha — Íris rebate, mais para si e com cara de poucos amigos.

— Tem gente que deve comprar limão de balde pra manter a cara azeda — João replica, olhando direto para minha prima.

Uau! Nunca vi Íris bufar. Acho que ele está mexendo com fogo.

— Só se for pra espirrar nessa sua cara de panaca.

Íris diz e sai pisando duro em seguida.

— *Madre de Dios!* O que eu perdi aqui? — pergunto, indo para perto de Lucca.

— Nada demais. No mínimo querem se comer. Esses dois vão ficar na mesma palhaçada que você e o Antônio. Só não sei se rola pedido de calcinhas e essas coisas — diz Aldria, bebericando sua marguerita.

A vaca bebeu todas!

— O QUÊ? — indaga Amanda com os olhos quase saltando da face.

Lucca e João gargalham da minha cara que, no mínimo, está muito vermelha. Mas que droga! Olho para Aldria com aquele olhar que só dou a ela quando extrapola nas merdas que fala.

— Esqueça, Amandoila. Tô bêbada! — Ela tenta disfarçar.

— Esqueço nada! Essa o Sr. Antônio vai ter que explicar.

— O que eu tenho que explicar, Amanda?

Chega Antônio na roda.

— Que história é essa de vo... — interrompo-a antes que a merda piore.

— NADA! Aldria e Amanda resolveram pegar no meu pé, Sr. Machado. Só isso! — Dou ênfase no “senhor” para ele entender que não gostei nada da patifaria de me dar boa-noite sem ao menos conversarmos sobre tudo isso que está rolando.

Ele me olha e dá aquele sorriso que me deixa doida.

— Amanda, vamos — chama. — João, você vem ou fica?

— Eu vou.

E assim eles se despedem e deixam a reuniãozinha que já está no fim. Como não sou burra e não quero e nem estou pronta para o interrogatório de dona Lena, saio de fininho, deixando Lucca e Aldria para trás, entretendo minha mãe.

Chego em casa e vou direto para um banho. Nossa... essa noite realmente foi uma loucura!

Entro na banheira, meu corpo pedia para relaxar, ainda mais depois daquela dança tão reveladora. Fico um tempo ponderando tudo que aconteceu essa semana, aliás, não só na semana, mas desde aquela trombada no café.

Como minha vida mudou em duas semanas.

Antônio veio e bagunçou tudo, no entanto, não consigo e nem quero me arrepender de nada.

Nunca me senti tão viva e com vontade de viver.

Saio do banho ainda com a cabeça confusa, resolvo me entregar aos braços de Morfeu para ver se consigo clarear minhas ideias, pelo menos nos meus sonhos.

Acordo com uma batida gostosa, não me lembro de ter colocado música antes de dormir. Como está escuro... Percebo que algo cobre meus olhos, e quando levo a mão para tirar, escuto a voz que é capaz de levar meu coração à boca.

— Tire a mão, Vega! — É ele!

O que ele está fazendo aqui e por que estou vendada?

Sinto meu coração bater tão forte que penso que vou infartar.

— O q-que voc... você... o que... — tento perguntar, mas ainda estou desorientada.

— Respire, pequena! — orienta com voz mansa.

Arrepio-me de novo.

Como ele consegue fazer isso com meu corpo?

É uma pergunta que não sei se terei resposta algum dia. É automático, como se fosse um reconhecimento.

— Antônio, o que está acontecendo? O que faz aqui? Por que estou vendada? — pergunto, afobada.

— Sempre ansiosa, pequena. Calma! Respondendo à todas as suas perguntas, eu lhe disse o que estaria acontecendo conosco com a nossa última música. Foi só uma questão de adaptação ir levar minha irmã e vir para você. Eu estou aqui para terminar de começar nossa noite, pequena. E você está vendada porque, como diz a música, “tudo é sobre você, só você”.

— Achei que quando se afastou e se foi, eu não o veria mais. Voltaria a agir como sempre, distante — digo, me controlando para manter a venda. Estou curiosa para vê-lo.

— Não mais, pequena. Nunca mais.

— Você veio só para terminar? — questiono com medo.

— Não interprete errado novamente, pequena. Eu vim findar nossa noite, mas não a nós — ele esclarece com ar de reprimenda.

— Ok. Que música é essa? — pergunto, mudando o foco. Não quero estragar a noite.

— *Untitled (How Does It Feel)*, D’ Angelo. Aconselho a se concentrar na letra enquanto eu cuido de você.

Juro que essas palavras soam tão pecaminosas que fico com dificuldade de entender o

que ele quer de mim. Sinto a cama afundar próximo aos meus pés e prendo a respiração.

— Respire, pequena. Preciso de você totalmente relaxada — diz, subindo as mãos pelo interior das minhas coxas.

Como eu vou relaxar? Com essa mão grande que está à procura de um alvo, e eu sei o quanto o alvo quer isso no momento. Ele continua sua mágica, subindo vagarosamente a mão, e por onde ela passa sinto brasa em minha pele.

Quando ele está próximo, muito próximo do objetivo, para e retira suas mãos de mim. Já estava ofegante com toda essa carícia, agora sem seu contato, sinto frustração. Decido reclamar a sua falta, no entanto, ele é rápido e sinto o gelo nos meus seios. Nem havia percebido que estava nua.

— Ahh... Antônio!

— Isso, pequena. Geme pra mim! — ele fala próximo ao meu ouvido e consigo sentir o calor do seu corpo junto ao meu e o contraponto do gelo, que agora circula em meu mamilo e me deixa em um mar de sensações que só faço ofegar.

— Antônio... por favor...

— O que você quer, pequena? Peça! Hoje a noite é sua.

— Toma-me como sua.

Não me importo com a forma com que eu peço para ele me possuir. Quero sentir. Somente isso!

— Seu desejo é uma ordem, minha pequena.

Com isso ele me beija e esse é um beijo novo, profundo, intenso e acima de tudo, íntimo. Ele me consome com sua boca e eu me agarro a ele enlaçando minhas pernas em sua cintura.

Ele mantém uma mão apoiada ao lado da minha cabeça e faz carinho em meus cabelos, enquanto a outra passa pelas minhas coxas e se encaminham para minha bunda, onde ele suspende para ter melhor acesso ao meu traseiro.

Continuamos nos beijando e nos consumindo, nos esfregando cada vez mais frenéticos e necessitados um do outro. Sinto-o tirar minha venda, mantenho os olhos fechados.

— Olhe pra mim, pequena. Preciso ver você — pede Antônio com a voz rouca pelo tesão.

Quando eu abro meus olhos, sinto-me em casa. Literalmente sinto como se tudo entre nós fosse mais que certo e perfeito.

— Linda! Você é linda! — ele elogia, beijando meus olhos, nariz, boca, pescoço, e vai descendo seu caminho pelo meu colo.

Chupa meus mamilos deixando a atenção das mãos para ele, que continua sua tortura me beijando na barriga. Aproxima-se da minha vagina e sinto sua respiração bem lá.

Oh, eu vou morrer, mas morrerei feliz!

Sinto sua língua passar de fora a fora na minha fenda, arquejo e tento fechar as pernas, mas Antônio é mais rápido e a segura com as duas mãos espalmadas entre minha coxa e minha virilha.

— Antônio, eu...

— O que, pequena? Diga.

— Me chupa logo! — falo, impaciente.

Ele ri baixo e isso é tão sexy que quase morro de tanto tesão. Sem que espere, ele me chupa e, por *Madre de Dios*, vai engolir minha amiguinha. Tudo que Antônio faz comigo é tão intenso que chego à beira do orgasmo em pouco tempo.

— Não, minha linda. Você vai gozar, mas a primeira da noite será no meu pau.

Quase gozo só por essa boca suja dele.

Ele se levanta, ficando de joelhos entre as minhas pernas, e vejo que está só de boxer *Calvin Klein* branca. Babo, é lógico! Ele percebe meu olhar e sorri, safado, abaixando a boxer e deixando aquele volume todo vir à tona. Livre, solto e duro... Muito duro!

Ele termina de tirar a cueca e já coloca a camisinha. O filho da mãe sabe que está sendo observado e aproveita para dar seu show, se masturbando na minha frente. Cretino!

— O espetáculo está ótimo, mas eu prefiro você aqui, senhor — digo com cara de safada, cutucando-o com a ponta dos dedos do pé.

Ele ri, pega meu pé e leva até a boca e começa a beijá-lo e a chupá-lo. O tesão retorna com força total.

— Chega de brincar, pequena.

Antônio vem feito um lobo faminto para cima de mim, enfia a mão no vão das minhas pernas, testando minha umidade. Percebendo que estou mais que pronta, não perde tempo, se coloca em cima de mim e posiciona seu membro em minha entrada. Ele para e olha nos meus olhos.

— Hoje acaba a brincadeira, pequena. Você é minha!

E assim se enfia em mim de uma única vez. Uau!

A sensação é tão forte que fecho os olhos. Ele enfia uma mão por baixo da minha cabeça e junta um monte de meus cabelos, mantendo meu rosto e pescoço a seu bel prazer. A outra mão ele circula minha anca e aperta. Acho que terei marcas amanhã, mas nem ligo. Adoro!

Ele me beija, chupa, morde e enfia seu pau em mim e a cada estocada sinto a sua intensidade e a nossa conexão. Percebo o meu orgasmo se formar no fundo do meu ventre, fico

louca e cravo minhas unhas nas suas costas. Como resposta, ele grunhe no meu pescoço e é uma delícia. Antônio me olha e começa a fazer movimentos, circulando os quadris em mim, o que é o meu fim.

Caio do abismo e vou para o nirvana. Chego ao ápice e sinto- o intensificar seu aperto e seus movimentos em meu interior. Antônio não tira os olhos dos meus e os vejo se escurecendo ainda mais. Ele está perto.

— Goza pra mim, senhor! — peço com cara de safada.

E ele goza imediatamente, urrando meu nome e me chamando de pequena atrevida.

Estamos deitados em minha cama, ele encostado na cabeceira e eu deitada em seu peito, com a perna jogada sobre ele, que fica acariciando minhas costas e eu seu peito.

Tudo tranquilo e muito gostoso, estou embalando para risonhar quando ele fala:

— Pequena, preciso lhe perguntar uma coisa. Isso está me atormentando — diz ele com voz rouca, o que faz coisas comigo. Realmente eu sou um caso perdido.

— Claro. — Levanto meu rosto, apoio a mão no queixo e fico olhando para ele.

— Por que você se portou daquela forma perto do seu pai? Claro que eu não lhe trataria com tanta intimidade, principalmente na empresa, mas você fez questão de colocar uma distância entre nós, e isso não entendi.

— E por não entender resolveu ser tão grosseiro comigo? — retruco, olhando em seus olhos. Vejo passar remorso por eles.

— Desculpe. Eu não quis ser grosseiro, mas esse é meu *modus operandi*. Quando me sinto atacado, eu reajo.

— E toca bem na ferida.

— Sim — ele responde na sua total sinceridade.

— Olha, eu não quis te ofender e nem nada disso. Amo meus pais, Antônio, eles sempre foram tudo na minha vida, mas tenho certa dificuldade em fazê-los entender que tenho minha vida e minhas necessidades. Meu pai ainda me vê como sua princesinha, por mais que tenha feito e provado minha capacidade profissional. Deixá-lo perceber que estou envolvida com um cliente em potencial, pode me prejudicar ainda mais nos meus objetivos profissionais, entende?

— Entendo, pequena. Porém, não acho que seu pai te desmereça tanto assim.

— Você é meu teste de capacidade, Antônio — falo com firmeza. Ele precisa entender meu ponto.

— Como assim? — pergunta, confuso.

— Antes de você ir para aquela bendita reunião, meu pai e meu tio conversaram comigo e, n a s entrelinhas, meu pai deixou claro que você seria meu último teste para assumir a cadeira de CEO da empresa — explico a ele, já alterando meu humor.

— Aquela cadeira é sua de qualquer forma, não precisa de um teste.

— Bom, mas ainda preciso provar a ele que não sou mais a sua princesinha.

— Não mesmo! Agora você é minha. Minha princesinha.

Após dizer isso ela me dá um beijo e toda a indignação crescente em mim se desfaz.

Perdemo-nos no beijo e quando dou por mim, ele está me puxando para cima dele e me apalpando em todos os lugares.

— Você me deve muitos orgasmos por essa semana, pequena — diz ele segurando meu rosto e sinto seu membro me cutucando.

— Te dou todos que quiser, senhor!

— Fico louco quando me chama assim — exclama e ataca minha boca. Nos perdemos

novamente nessa sensação maravilhosa de estarmos juntos.

— Acorde, dorminhoca. Já passam das dez. — Escuto essa voz gostosa no pé do ouvido.

Tem melhor maneira de acordar?

“Tem sim... ele nos fodendo...” – cala a boca, mente pervertida!

— Bom dia! — Espreguiço-me, sorrindo.

— É ótimo ver esse sorriso pela manhã.

Olhe que coisa fofa...

— Obrigada! É bom acordar com a sua voz.

— Só a voz? — Antônio pergunta com cara de sacana, dando-me um beijo casto.

— Você inteiro, seu convencido! — Enlaço-o pelo pescoço e beijo sua mandíbula e bochecha.

— Vai, levante-se. Estou te esperando na cozinha. Se ficar aqui, não vai prestar!

Ele não me dá tempo de resposta, pois já sai me puxando para me pôr de pé. Detalhe: estou totalmente nua e ele vestindo sua boxer.

— Você vai sair assim? E o Lucca e a Aldria? — pergunto, confusa, caminhando para o banheiro.

— Eles dormiram na casa de seus pais.

Estaco na porta e me viro para ele.

— E como você sabe disso?

— Eu combinei com sua amiga maluca, baby.

Esclarece ele, espertinho, e sai do quarto, me deixando com cara de tacho.

Vou para o banheiro e faço minha higiene pensando: desde quando Aldria e Lucca estão tão amiguinhos de Antônio? Volto para o quarto e visto um vestidinho leve e soltinho, indo à procura do furacão Antônio.

— Aí está você! Venha, vamos tomar café.

Olho para a mesa e está cheia de coisas. Aonde ele arrumou tudo isso? Pão, ovos mexidos, frutas frescas, café, suco, geleia, leite e mais algumas coisas que não identifiquei.

Reparo que ele já está vestindo uma camiseta azul desbotada, uma bermuda jeans branca e papete. Lindo e comestível!

— Uau! Quanta comida. Virá um batalhão, é? — pergunto, indo até ele, dando um beijinho e sentando na banqueta da cozinha ao seu lado.

— Não tinha certeza do que você gostava, então, mandei Caio trazer de tudo um pouco. Espero que goste.

— Seu motorista é também seu mordomo?

— Caio é mais que isso. É meu braço direito, meu homem de confiança.

— Entendo.

Ficamos conversando amenidades da vida.

Incrível como ele está mais sociável, aberto, até parece outro Antônio.

— O que você tem planejado pra hoje?

— Por esse período, nada. Mais tarde, sim, mas é surpresa.

— Sei. Venha, vamos até a sala assistir algum filme.

— Só se eu tiver acesso livre a você — ele diz, enlaçando-me pela cintura.

— Tarado!

— Sempre!

Estamos no meio do filme quando me lembro de algo que, na verdade, estava guardado no fundo da minha mente.

Aquela hiena oxigenada.

Eu preciso saber direito o que estava acontecendo lá.

— Antônio?

— Humm...

Homem na frente da televisão é tudo igual, né?!

— Antônio, olhe pra mim — peço, desencostando dele.

— Fala, pequena.

Ele dirige sua atenção a mim, bufando por ter que parar seu filme sangrento. Nunca vi...
Pra que tanto sangue?

— Quero saber o que estava rolando no seu apê naquele dia — falo, meio sem graça.

Acabo de azedar o clima.

— Exatamente o que você viu. Nada a mais, nada a menos.

— Então você estava mesmo com aquela hiena — afirmo, me levantando, sentindo o sangue ferver.

Antônio me dá um puxão e me senta em seu colo. Tento sair, mas ele é bem maior e mais forte que eu.

— Tire esse bico da cara, pois eu disse que foi o que você viu e não o que essa sua cabecinha entendeu.

— Dá na mesma!

— Não, não dá! Eu fiquei muito puto pela forma que você agiu comigo e fiquei ainda mais puto por ter te tratado daquele jeito. Confesso, eu exagerei... Saí um pouco mais cedo do escritório, não tinha cabeça pra nada. Cheguei em casa e fui tomar uma bebida para pensar em como corrigir tudo aquilo com você.

— E onde a loira azeda entra nisso? — pergunto, cruzando os braços.

— Eu estava sentado bebendo quando ouvi a campainha. Achei estranho, já que ninguém tem ordem pra subir. Pensei que talvez pudesse ser Amanda e atendi. Quando vi Adriana, estava sem paciência, mas ela entrou dando uma desculpa, que sinceramente não estou lembrado. Tornei a sentar e beber, foi quando você chegou. Eu nem estava ouvindo-a falar.

— Mas ela estava com a mão em você — argumento, indignada.

— Sinceramente, pequena, eu não estava com a cabeça nesse mundo. Só me dei conta quando vi você na sala. Foi quando explodi com ela por insinuar que estava acontecendo alguma coisa. — Olho dentro dos olhos dele e vejo verdade. Antônio pode ter sido tudo nessas duas semanas, mas nunca mentiu.

— Ok. Eu acredito em você. Deixo claro, Antônio, que se “essazinha” olhar pra você de novo, eu a deixo cega! E não ri, não, que pra você a coisa vai ser ainda pior.

Ele começa a gargalhar. Idiota!

— Recado mais que anotado, pequena. Não sabia desse seu lado possessivo.

— Aprendendo com o mestre.

Digo e dou um beijo nele.

— Se isso foi uma direta, sim, sou possessivo, cuidadoso e não dou sopa com o que é meu! — ele fala me olhando intensamente.

Nossa, está mais quente aqui?

— Sei.

— Se sabe, vamos aproveitar este momento e deixar claro que não quero aquele merdinha perto de você. Peguei uma conversa estranha do pai dele com o seu, mas fiz questão de corrigir tudo.

Fico confusa, mas Antônio me relata o que aconteceu.

— Nossa! Sempre soube que o pai dele fazia muito gosto da nossa relação, mas não esperava que fosse fazer isso. Estranho.

— Sim. Agora vamos deixar isso pra lá. Vem cá. Me dá um beijo, minha morena gostosa!

— Eita! Tem quarto na casa, viu, dona Vega! — Escuto a Aldria.

— Oi pra você também, sua peste.

— Ué?! Achei que a vinda de Antônio pra cá curaria sua azedice. Já vi que nem ele conseguiu essa proeza.

Jogo uma almofada na cara dela e Antônio só faz rir. Entra na brincadeira e fica me zoando junto com Aldria. Sinto que será perigosa essa amizade dos dois e perderei as forças de vez.

— Qual a boa? — Entra Lucca na sala.

— Nada demais. Vamos assistir a um filme?

Lucca e Aldria aceitam de primeira, e Aldria já vai para a cozinha fazer a pipoca. Aproveito a deixa e corro atrás dela, precisando de respostas.

— Oie — falo, parando no balcão, olhando para ela.

— Que foi? *Que tu qué?* — Esperta.

— Quero saber como Antônio teve acesso tão fácil ao apartamento esta noite e o que ele andou falando com você?

— Bom... Dei minha chave a ele e... errou, queridinha. Eu quem fui falar com ele.

— E por quê?

— Vega... Eu precisava saber o que fez minha amiga cantar em um karaokê louca de bêbada. Além de entender algumas questões sobre o “senhor misterioso”.

— Quais questões?

Ela consegue aguçar ainda mais minha curiosidade.

— Nada demais. Ainda não descobri nada de concreto, a não ser que você tem uma ex pegajosamente chata no pé dele.

— Isso nós conversamos — esclareço.

— Que bom! Ele é um bom homem, Vega. Meio duro e fechado, mas se você tiver paciência, terão um futuro juntos. — Ela me encara com uma seriedade que raramente vejo nela. — Além de ser gostoso pra cacete! — ela completa e eu começo a rir.

— Pequena, eu preciso ir — Antônio diz, entrando na cozinha e deixando Aldria meio desconcertada. Bem feito! — Tenho que resolver umas coisas, mas passo aqui mais tarde pra te buscar, tudo bem?

Mesmo contra a vontade, pois o queria aqui, eu concordo.

Ficamos os três mosqueteiros assistindo a filmes, jogando conversa fora e, claro, eles me contando do quanto minha mãe os atormentou para saber detalhes do que acontece entre Antônio e eu.



Capítulo 14
Não mais, pequena. Nunca mais

Antônio

Estou agora a caminho do apartamento de Vega e, sinceramente estou muito inseguro sobre esta noite. Tudo entre nós tem acontecido tão rápido e tão intensamente, que estou com medo de dar o passo maior que a perna.

Droga!

Fechar contratos multimilionários internacionais é brincadeira de criança para mim. Por que raios estou tão nervoso de levar Vega para jantar com a minha família?

Sei que sou fechado e que não gosto de expor meu íntimo, porém, isso é minha proteção de que tudo que tenho de valioso está bem guardado. E agora ela é valiosa também e constatar isso está me assustando pra porra!

Estaciono na porta do edifício onde Vega mora e a chamo em seu celular para que desça. Sinto as mãos suarem frio.

Calma, Antônio, você consegue fazer isso, cacete!

E então meu mundo para...

Como da primeira vez que a vi, sinto o mundo parar de girar para que possa admirar sua beleza. Linda! Perfeita!

Merda! Ela está usando um jeans e não sei como entrou nela de tão justo, marcando aqueles quadris e coxas que me deixam duro. Desço do carro e dou a volta para abrir a porta para ela.

— Uau, que galante! — diz ela no seu bom humor.

— Para você sempre, pequena!

Dou uma piscadinha e não resisto, enlaço-a em meus braços e a beijo.

— Vamos?

Desfiro um tapa em seu traseiro, fazendo-a entrar no carro.

— Ai, Antônio! — ela reclama, mas sorri. Safada!

No caminho para nosso destino, vamos conversando Amenidades. Assunto com ela não falta. Temos gostos parecidos e discordamos fielmente em algumas coisas.

— Chegamos.

Paro em frente a uma casa linda e modesta em um condomínio aqui de São Paulo.

— Onde estamos?

Ela observa a casa e me olha confusa.

— Venha, você vai ver.

Desço e a cada passo que dou, sinto-me mais nervoso. Que merda!

Ela desce do carro e vem em minha direção. Pego em sua mão e ao mesmo tempo em que quero sentir seu contato, preciso de seu apoio. Ela me acalma e me desespera na mesma proporção.

Caminhamos para a entrada e toco a campainha.

— Ah, finalmente! — cumprimenta Amanda, mega sorridente.

— Amanda? Oi! Nossa! — fala Vega, surpresa.

— Antônio... Você não disse à Vega aonde estava indo? — minha irmã pergunta, nos beijando e dando espaço para entrarmos.

— Era surpresa, pestinha!

— Espero que ao fim da noite ela tenha achado a surpresa agradável.

E ali está Cláudio, mais que mentor, um grande amigo.

— Boa noite! — cumprimento-o com um meio abraço.

— E quem é essa moça linda? — pergunta Cláudio.

— Essa é Vega Velásquez. E pode tirar esses olhos dela, viu?! Esta já tem dono! — brinco e vejo Vega arregalar os olhos.

— Que horror, Antônio! O que seu pai vai pensar? — diz ela, cumprimentando-o simpática.

— Ele não é meu pai, Vega.

Fecho a cara e Vega me olha confusa.

— Não se preocupe, criança. Antônio é avesso à essa palavra — ameniza Cláudio, quebrando o clima que causei.

— Ele é o padrasto de Antônio e meu paizinho, Vega. Não ligue não. Antônio tem esse jeitão desde que mamãe morreu, mas nos ama incondicionalmente.

Amanda e sua bendita língua solta.

— Chega de assunto pesado. Vamos aproveitar o jantar e tentar não afugentar a pobre moça.

Nesta hora dou risada. Cláudio ainda vai ver que de pobre e indefesa, Vega não tem nem o dedo mindinho.

— Espere até o fim da noite e este discurso muda, Cláudio! — comento, ainda rindo.

Vega me fuzila com o olhar e acho que entrei em maus lençóis.

— Veremos... — ela responde, ainda rindo, mas entendo que seu olhar me desafia e como isso me excita. Estou virando um tarado, só pode.

O jantar transcorre bem. Ninguém mais menciona o fato de Cláudio não ser meu pai, porém, vejo a curiosidade estampada no rosto da minha pequena.

Cláudio e Vega parecem conhecidos de velhos tempos, tamanha a afinidade entre os dois. Também pudera! Esse homem que agora ri com as piadas irreverentes de Amanda na sala, foi e é um grande homem.

Nunca vou me esquecer de onde ele me tirou e, principalmente, por ter mostrado a minha mãe que se pode amar uma segunda vez. Um amor de verdade, puro, calmo e compreensivo.

Vou à cozinha buscar mais vinho e Cláudio vem em seguida, com certeza já estava esperando o momento de conseguir ficar a sós comigo.

— Fala, Cláudio!

Viro-me para ele, abrindo outra garrafa de vinho.

— O quê? Eu não estou dizendo nada! — ele se defende, apoiando as duas mãos na bancada com fingida inocência.

— Te conheço há dezoito anos, então, não me venha com essa tá?! — rebato com um sorriso.

— É ela, não é?

Pergunta ele com um brilho no olhar.

— Sim... Não... Eu não sei! — Bufo, largando a garrafa no balcão.

— Como assim? Achei que você fosse Antônio Machado. O cara que sempre sabe o que quer e como quer!

Agora ele quem toma a garrafa para abri-la.

— Olha, eu já não sei mais se sou esse cara. Fato é, que, desde que essa pequena entrou

em minha vida, não consigo ter controle nenhum sobre nada.

— Interessante.

— Por quê? — Olho para ele confuso.

— Porque, meu caro, você me descreveu quando conheci sua mãe.

— Mas você engravidou minha mãe logo de cara! — replico, ainda enciumado de toda aquela história.

— Já faz dezoito anos. Supere! E isso não diminui em nada o fato de amá-la e querê-la ainda mais. Sua mãe foi meu sol e me deixou a estrela mais linda desse mundo.

— Amanda — falo, emocionado. Não posso negar o quanto Cláudio mudou nossa vida.

— Sim. Sua mãe me deixou uma grande lição, garoto. — Bufo, pois apesar de me conhecer já nos meus dezoito anos, nunca deixou de me chamar assim.

— É mesmo, velho? Diga qual é? — pergunto, tirando sarro dele.

— Me ensinou que para eu ser um bom homem e um pai de família, eu teria que sempre ser exemplo para você. E me deu a honra de ajudar a torná-lo o homem que é hoje. A vida nunca é como planejamos, mas é fato que, quando encontramos alguém realmente especial, tudo se torna perfeito, mesmo que pareça bagunçado.

Fico sem palavras. Não somos acostumados a falar desse período de nossas vidas, foi tudo muito conturbado e, para mim, muito doloroso.

Ele termina de abrir a garrafa e sai da cozinha, me deixando com meus pensamentos confusos.

— Senhor, só assine mais aqui e já está liberado. — Faço sem paciência o que Val me pede.

Coitada! Ela não tem culpa da pressa e da ânsia que me consome pelo simples fato de que vou encontrar minha pequena. São malditos quatro dias sem vê-la e eu já não me aguento mais, principalmente pela atrevida ficar me provocando por mensagens.

Depois do jantar maravilhoso na casa de Cláudio, saí de lá definitivamente mais leve. Estava com medo e inseguro de que as coisas fugissem do controle ou que de alguma forma eu não conseguisse ver Vega como parte do meu mundo particular. Sim, porque é fato que ela é importante para mim. Incluí-la na lista muito restrita que tem acesso a meu maior bem, que é minha família, era uma *puta* prova de quão de quatro estou por ela. Desespero e empolgação me consomem ao mesmo tempo.

Apesar de estar soltinha, acho que pelo vinho, eu não aceitei as “diretas” dela para ficar no seu apartamento naquela noite. Tive que ouvi-la me chamar de idiota em espanhol e outros nomes que não consegui entender direito.

Não que eu não quisesse.

Por Deus! Juro que aquele jeans que estava usando me deixou num estado priápico! Se pudesse, a possuiria no capô do carro logo que a vi saindo do prédio quando a busquei mais cedo. Eu tinha questões, dúvidas, coisas a pensar, principalmente depois das palavras de Cláudio. O que senti quando a percebi tão bem encaixada no meu seio familiar deixou-me um pouco abalado. Precisava processar tudo isso.

No domingo conversamos somente por mensagem, ela deixou claro estar irritada, mas não disse o motivo. Eu já sabia que era por não tê-la feito minha na noite anterior. Ela estava se sentindo rejeitada, mas ledo engano. Eu a quero e percebo hoje que a quero de uma forma que nunca quis nada em minha vida. Eu preciso dela.

Por sorte ou azar, não nos vimos desde aquele dia e, hoje, estou adiantando tudo que posso para ir buscá-la. Vamos juntos para a Espanha.

Essa é outra questão que está mexendo com minhas estruturas. A fraude dentro da

empresa. Quem será o filho de uma puta que está me fodendo, bem embaixo do meu nariz? Quando terminar, esse infeliz irá desejar nunca ter nascido!

Finalizo algumas questões que preciso deixar para João, já que ele ficará no comando enquanto eu estiver fora. Ele é um filho da puta nesse mundo, mas, aqui na empresa, o safado manda muito bem. E como se adivinhasse que precisava dele, aparece na minha sala com cara de deboche.

— Pronto pra sair em lua de mel?

Se joga no meu sofá como se estivesse em casa. Folgado.

— Vai se fuder! Escuta... Está aqui tudo que precisa para essa semana. Quando me hospedar, verifico um horário do dia para conversarmos — explico, passando uma pilha de pastas e documentos para ele.

— Uau! Mesmo com aquela deusa, você vai reservar um momento para mim? Sinto-me lisonjeado, amigo! — zomba e solta uma gargalhada pela minha cara.

— Pare de ser babaca!

Enquanto conversamos, meu celular apita com uma mensagem.

Vega - Oie... Já estou pronta lhe aguardando, senhor...

Eu - Bom saber que sempre está pronta pra mim, Srta. Velásquez.

Vega - Excitada e ansiosa... com a viagem... senhor...

Eu - Excitada? Interessante...

— Oww... Tô falando contigo! — João faz sinais na minha cara e, como estava distraído com a minha pequena, não percebi. — Pelo sorriso idiota, é a Vega, né?

Estampa uma cara de sacana para mim.

— Sim para o sorriso, nunca para o idiota! E que liberdade é esta de tratá-la pelo

primeiro nome? — Fecho a cara.

— Idiota! — Agora ri como um palhaço. Não entendi a piada.

— João, agora o papo é sério! Fique de olho em tudo. Vega disse que o primo dela, que tem parceria com a empresa, virá durante este período verificar algumas coisas no jurídico. Dê o espaço que ele precisa, mas mantenha o olho no andamento das coisas. Eu quero pegar esse filho da mãe que está ferrando com a empresa.

— Claro! Pode contar comigo! Só não sei se vai dar certo eu e aquele mauricinho juntos.

Ele faz uma careta.

— Por quê? Qual o problema? — Fico confuso. Eles nem se conhecem.

— Você não viu a cara do filhinho de mamãe quando me viu brincando com a Aldria? Achei que ele ia torcer meu pescoço.

— Vai ver ele é afim dela.

— Pode ser... Tenho certeza que arrumei pra minha cabeça.

— Deixe de ser bobo, cara. Vou nessa. Nós nos falamos assim que pousarmos. — Junto minhas coisas e vou saindo da sala.

— Tom, só não judia da Vega, tá?! Cuida bem daquele corpinho delícia!

Sinto o tom de sarcasmo e provocação mesmo de costas.

— Cuidado, boca grande! Vai perder o emprego e os dentes — respondo, dirigindo-me à porta.

Escuto o bastardo gargalhando, mas nem dou ouvidos. Ele quer me cutucar.

Chego ao edifício da Vega e resolvo fazer uma surpresinha.

Como ainda falta algum tempo para o voo, subo para encontrá-la e, quem sabe, não consiga tirar uma lasquinha daquela pequena atrevida?! Só de imaginar que estaremos a sós, já fico duro. Dou uma ajeitada no meu pau dentro das calças para não passar vergonha.

Desço no seu andar e percebo a porta da frente aberta, dou uma batida de leve e chamo por Vega, mas como está tudo quieto, entro. Ela deve estar em seu quarto, vou surpreendê-la. Passo pela sala e escuto um barulho vindo do quarto. É, ela realmente está lá. Abro a porta devagar e perco o ar.

Vega está imprensada a um armário com o merdinha do babaca do ex se esfregando e a beijando. Cego! Fico exatamente assim! Parto para cima dos dois, junto o merdinha pela camisa e o puxo. Dou-lhe um soco no meio da fuça, porém, ainda não contente e com a raiva em mim longe de sumir, soco-o mais vezes. Ele tenta reagir. Coitado! Além de eu ser maior, treino todos os dias.

— Antônio, pare! Você vai matá-lo! — Escuto Vega falar e isso me para. Minha raiva se direciona a ela.

— Parar? Realmente eu tenho que parar, Vega? — questiono e arrasto o filho da puta e o jogo no chão da sala.

— Isso não vai ficar assim! — ele ameaça, cuspiendo sangue e se levantando com dificuldade. Quase rio do babaca.

— Não vai mesmo! — Avanço sobre ele e termino de erguê-lo pela camisa.

— NÃO! — grita Vega.

— Não se preocupe. Só vou colocar seu amiguinho para fora, mas sem machucá-lo, Srta. Velásquez.

Sou o mais irônico que consigo. Minha vontade é acabar com a raça desse infeliz.

Arrasto o imbecil pela camisa e o jogo para fora do apartamento e bato a porta sem dar

um segundo olhar para ele. Fico girando em círculos feito um touro bravo. Estou bufando. Que merda aconteceu aqui?!

— Antônio! — Ouço-a chamando, mas não consigo olhá-la.

Preciso socar mais alguma coisa. Urgente!

— Eu vou buscar minhas coisas no meu apartamento. Caio virá te buscar e nos encontramos no aeroporto. — Abro a porta para sair, não me dando ao trabalho nem de olhá-la nos olhos.

— Mas... E-eu... Eu pensei que íamos juntos daqui... — Sinto a súplica em sua voz.

— É melhor não. — Bato a porta nas minhas costas. Preciso primeiro esfriar a minha cabeça.



Quatro dias. Finalmente vou ver meu arrogante gostoso hoje, já não aguentava mais de saudades dele.

Passamos esses dias trabalhando feito loucos e adiantando o máximo de coisas. Vamos para a Espanha hoje no fim da tarde, aliás, isso me lembra que preciso falar com o Júlio sobre as questões da empresa do Antônio.

Levanto-me e vou até sua sala, mas não sem antes dar uma olhada rápida no celular. Como não conseguimos nos ver, temos conversado muito por mensagem. Não exatamente conversado. Na verdade, tem rolado uns papos quentes e isso só tem me deixado mais úmida de vontade de tê-lo.

Chego à sala de Júlio, que está finalizando uma ligação e, pelo teor, acho que é com a namorada mala.

— Isabela, já deu! Não estou com tempo e nem saco pra aguentar isso! — Pigarreio para ele me perceber na sala.

Ele me olha e faz sinal para me sentar.

— Se eu não te atendo no celular, é porque tenho coisas mais importantes a fazer, então não ligue na empresa. Preciso desligar.

Uau... sem um tchau e nem nada!

— Problemas no paraíso, primo?

Sou sarcástica mesmo, não gosto dela. Nunca gostei.

— Nada demais. — Sucinto como sempre.

— Já te falei que a odeio e não sei porque você perde tempo com ela.

— Você veio bancar a conselheira amorosa, priminha? Pensei que estava com muitos afazeres devido à sua viagem com o Sr. Machado. Aliás, estou sabendo de certa dança, no final da reunião na casa dos seus pais. Qual é desse cara, Vega?

Espertinho, tira o foco dele e me coloca na mira.

— Nada demais, priminho.

Sou irônica e devolvo sua resposta.

— Sei. — Ele bufa.

— E o que me trouxe aqui foi exatamente isso. Ficarei fora por vinte dias, no mínimo. A coisa toda na *ALM Enterprise* está um mistério sem fim, tenho vasculhado as áreas, fiscal, contábil e financeira, e só encontro furos e pontas soltas, porém, nada que ligue com nada. Como o principal vazamento sempre vem ou está relacionado à filial da Espanha, vamos para lá auditar tudo. E preciso da sua ajuda.

— Da minha ajuda? Em quê?

— Estive olhando alguns contratos e sei que passaram pelo jurídico. São erros grotescos, Júlio. Nunca um corpo jurídico de uma empresa poderia deixar essas coisas. Ainda não mostrei a Antônio, pois quero algumas respostas antes.

— E é aí que eu entro? *Peraí!* Você o chamou de Antônio? E onde fica o Sr. Machado?

— Modo de falar, só isso. Foca no importante. Preciso de você lá dando uma olhada em

alguns contratos e pedi ao Sr. Machado para deixar livre acesso para você, assim, será minha ponte com a matriz.

Dou ênfase no “senhor”, só para provocar.

— Entendi. Com quem devo falar lá?

— Acredito que com João, já que é o braço direito dele.

— O quê? Aquele abusado que estava na reunião?

— O João? Tadinho, Júlio, ele é um amor e muito engraçado.

— Vi mesmo. Ele cheio de gracinha com vocês... De onde vocês se conhecem para darem tanta liberdade pra ele?

— Tá falando de mim ou da Aldria? — Agora o peguei.

Nunca vi meu primo ficar sem graça.

— Tá louca, Vega?! O que eu tenho a ver com a sua amiga maluca?

— Está respondendo com outra pergunta — acuso. — Vou te ajudar a sair dessa miséria, priminho... Nós o conhecemos num show e ele sempre foi muito bom e respeitoso com a Aldria. Ele só é brincalhão e isso faz um bem enorme pra ela, devido aos seus problemas.

— Problemas? Que problemas? O que a Aldria tem?

— Uau! Isso porque você não tem nada com ela... São coisas dela, Júlio. Se quiser, fale você mesmo com ela. Posso contar contigo?

— Humm... Ah, sim, claro! Eu irei marcar minha visita e nós conversamos por telefone.

— Tudo bem. Eu já vou indo. Ainda preciso passar umas coordenadas à Lola.

— Ok, priminha. Só tome cuidado, e mais ainda com o Sr. Machado. Estou de olho nele.

— Pare de ser bobo, Júlio. Pode deixar que sei me cuidar.

— Mande beijos *pros* tios e pras primas.

— Sim, mandarei. Agora eu vou, pois ainda vou me despedir de papai e passar para dar um abraço na minha mãe.

— Prevejo choradeiras.

— Nem me fale! — Saio da sua sala rindo e sem dúvida alguma de que entre ele e Aldria existe muita coisa.

Terei de ser paciente e esperar o tempo da minha amiga para me contar, seja o que for.

— Mãe, por favor... São só vinte dias, não precisa chorar!

Falo para minha mãe, que me agarra como se nunca mais fosse me ver na vida. É sempre assim. Se tenho que me afastar, ela faz esse drama. Típico de dona Lena.

— *Callate!* Vou ficar sem minha *hija*, tenho direito de lamentar.

— Tá bom, mãe. Agora chega, tá?! Preciso ir. Antônio vai me pegar daqui a pouco.

— Antônio? Então a dança surtiu efeito? — indaga, curiosa.

— *Mama* — falo em um lamento.

Eu e minha boca enorme. Agora ela vai virar a investigadora do FBI para tirar informações.

— Ora, *hija*, eu vi bem como ele ficou te olhando naquele dia.

Está *enamorado de ti*.

— Para, mãe, que isso?! Claro que não! Olha... eu preciso realmente ir. Deixa um beijo pra *papá* e diga que ligo quando pousar.

— Tudo bem, minha filha. Que *Santa Maria* lhe proteja, minha *niña*.

Depois de muito choro, lágrimas e lamentações, consigo finalmente chegar em casa e ir finalizar minhas coisas para a viagem.

Já tinha deixado tudo arrumado, só preciso tomar um banho e trocar de roupa.

Para tirar todo o estresse e correria dos últimos dias, resolvo tomar banho de banheira com direito a sais e óleos perfumados. Se for honesta comigo mesma, tenho que admitir que tudo isso também é para me preparar para ver meu arrogante gostoso. Estou doida de saudades.

Engraçado que houve uma época em que não perderia meu tempo com ninguém, muito menos com alguém tão dono de si. Antônio consegue tirar coisas de mim que nunca pensei ser possível. Ele me encanta com o cuidado e atenção que me dirige.

Mudo de roupa e já estou pronta finalizando algumas coisas, troco umas mensagens com ele. Ótimo! Já está chegando e essa provocaçãozinha com certeza apimentou as coisas. *Tô* doida para sentir aquele corpo maravilhoso em volta de mim.

Não demora muito minha e campainha toca. Estranho... Antônio deveria demorar, no mínimo, vinte minutos para chegar. A não ser que ele tenha me mandado mensagem já a caminho. Quis me surpreender e eu amei, lógico!

— Olá, senhor, se adian... O que você está fazendo aqui? — Elevo minha voz.

— Oi, linda! Desculpe vir assim. Sei que está indo viajar e queria falar com você antes.

— Como você subiu, Domênico? — Cruzo os braços na altura do peito.

— Acho que o porteiro se lembra de mim.

Não engulo essa.

— Jura? Vou falar com o síndico, então.

— Vai me deixar aqui? Podemos conversar?

Está com aquela cara de pobre coitado.

— Ok, Domênico. Seja breve. Antônio está a caminho e realmente ele não vai gostar de vê-lo aqui.

— Nossa, como as coisas mudam! Em outro tempo você jamais aceitaria um homem ditando sua vida. — Sinto o sarcasmo em sua afirmação.

— Ei! Isso não mudou! Não gosto e não deixo ninguém ditar minha vida, mas fato é que, depois da palhaçada da boate, ele tem suas reservas e, pra fechar com chave de ouro, você não foi nada legal no jantar.

— Desculpe, Vega. Poxa, entenda meu lado. Eu ainda te quero, te desejo, e ver aquele arrogante com você não está sendo fácil.

— Sinto muito, mas o que exatamente você quer que eu faça? Domênico, faz muito tempo que tudo aconteceu entre nós e, sinceramente, nunca tivemos nada além de alguns encontros.

— Eu nunca te esqueci e você sabe disso! Nossas famílias estão em pleno acordo com o nosso arranjo.

— O quê? Arranjo? Tá maluco? Minha *mamita* e meu *papá* nunca fariam nada pelas minhas costas!

— E o que me diz do jantar aquele dia na sua casa? Isso foi coisa do seu pai com o meu...

— Meu *papá* interpretou a intenção errada e já deixei tudo muito claro com ele. Afinal de contas, o que você quer, Domênico?

— Você! — Vejo uma brasa em seus olhos. É como se fosse realmente necessário me ter.

— Impossível! Não sou uma propriedade e, além do mais, nunca alimentei nada em relação a nós dois. Esquece isso, tá?!

— Não posso, Vega! Vá pra essa sua viagem e aproveite, mas quando retornar, me dê essa chance?

Eu bufo. Literalmente. E na cara dele. O que ele pensa da vida? Não lhe dou um segundo de atenção com essa pergunta maluca e saio em direção ao quarto a fim de pegar minhas malas. Antônio já deve estar chegando e a coisa vai piorar.

Entro no quarto e de repente sinto um puxão. Estou encurralada contra o armário e Domênico, que começa a beijar meu pescoço e a passar a mão em mim. Chego a sentir asco. Quando vou empurrá-lo, sinto outro solavanco, agora para longe, e estou livre dele.

Antônio!

Merda!

Parece um touro enfurecido. Ele pega Domênico e começa a socá-lo. Domênico até tenta revidar, mas a ira que emana de Antônio o cegou e ele parece uma máquina com um único objetivo: matar Domênico.

Tento chamá-lo a razão e parece que funciona. Porém, não contava que sua ira se voltaria contra mim. A maneira que me olha entrega todos os seus pensamentos e neles eu sei que sou a errada da história. Ele me julgou... da pior maneira.

Ele arrasta Domênico como um boneco até a sala, e mais uma vez intervenho. Não quero que ele seja prejudicado por se deixar levar pela raiva. Ele coloca Domênico para fora e não perde a oportunidade de me tratar com indiferença.

Tento falar com ele, entretanto, age como um leão enjaulado e, no fim, acabo concordando que é melhor ele sair sozinho e se acalmar. Depois conversamos sobre toda essa palhaçada.

Quarenta minutos depois dessa loucura, Caio chega para me pegar e vamos em total silêncio até o aeroporto. Vejo Caio desviar para uma área restrita. Quando para o carro, entendo

que é um hangar particular. Estamos indo no jatinho particular de Antônio. Com esse clima, vão ser muito interessantes estas dez horas de viagem.

Desço do carro e não avisto ninguém ao redor. Caio tira minha bagagem e se encaminha para o jato. Eu o sigo, não sabendo se Antônio já está aqui ou não.

— Srta., poderia me dar seu passaporte e documentos? — pede uma comissária loira muito bonita e educada.

— Claro, aqui estão. Sr. Machado já chegou?

— Sim. Está no quarto e pediu que assim que a senhorita chegasse, se acomodasse nas poltronas. Ele logo estará aqui.

Babaca!

Não me quer por perto e fica mandando recadinhos por terceiros.

— Tudo bem, obrigada.

Sento-me e resolvo abrir meu *Ipad*. Leio alguns e-mails e deixo algumas indicações à minha equipe, quando é anunciado que iremos partir em cinco minutos. Nesse momento Antônio sai de uma porta ao fundo e vem ao meu encontro. Está lindo e irresistível, vestindo uma camiseta branca simples e um jeans claro, totalmente suculento, marcando toda sua coxa e também seu parque de diversões.

— Ângela, querida, pode me servir uma dose de *uísque*?

Como é que é?

— Claro, senhor. — A vaca maldita dá um sorrisinho em sua direção.

— Srta.

Ele tem a audácia de me cumprimentar seco, depois de ter flertado abertamente com a aeromoça.

Infeliz, cafajeste, sem vergonha! Ele me paga!

— Senhor. — falo com a mesma voz melosa e doce da vaca da aeromoça.

Instala-se uma quietude anormal entre nós. Eu sei que tenho que explicar muitas coisas, mas, poxa, ele estar nervoso eu entendo, agora dando bola para a comissária, aí já é demais!

— Aqui, senhor. — Ela entrega o uísque a ele. — Se precisar de qualquer outra coisa, não hesite em me chamar. Qualquer coisa... — a vaca fala, batendo os cílios. Nojenta!

— Claro, querida.

Ele piscou para ela? Eu vi isso? Eu tentei, juro que tentei, mas não dá!

— Escuta aqui, ô boneca de presépio. Já fez sua função, que foi servir a bebida, e só! Não tem mais nada pra você aqui!

— Desculpe?

— Vega! — Antônio me repreende.

— É isso mesmo que você escutou, ô loirinha sem noção! E você nem ouse me dizer nada, porque isto aqui — Faço sinal em círculos entre eles — vai lhe custar muito caro.

— É mesmo? Engraçado... não me lembro de você pensar em mim enquanto aquele merdinha colocava as mãos em você em seu quarto.

— Eu não tive culpa! — defendo-me. — Não dei brecha pra isso. Estava sendo atacada, se não percebeu.

— Não a vi empurrando-o. Se eu não tivesse tirado *ele* de cima de você, o que mais não teria acontecido?

— Não foi assim não! Você não viu nada do que aconteceu!

— Ilumine-me. — Odeio essa cara de sarcástico dele.

— Eu não sei como ele conseguiu subir ao meu apartamento sem ser anunciado pela portaria. Abri a porta achando que era você e quando percebi que não era, tentei mandá-lo embora, mas ele alegou que precisava conversar. Pedi pra ele ser breve, pois você estava a caminho. Enfim, ele veio com o mesmo assunto de chance e ficar comigo, mas eu o cortei, fui ao meu quarto pegar a mala e foi quando tudo aconteceu. Ele me agarrou e você chegou. Eu não tive tempo para reação.

Ele fica me olhando, olhando, e quando estou pronta para explodir pela ansiedade de ser tão analisada, o piloto avisa que já estamos livres para circular pelo jato. Antônio sem dizer uma palavra, tira o próprio cinto, se levanta e vai para o fundo da aeronave.

Ah, ele não vai sair e me ignorar, deixando-me sem resposta. Solto meu cinto e vou atrás dele. Entro pela porta e... Caramba, é um quarto completo! Quando vou me virar para acender a luz, sou grudada e arremessada na cama. No susto, acabo gargalhando.

— Estou muito puto ainda, pequena. Te darei o benefício da dúvida, assim como fez comigo em outra situação, mas juro que se aquele monte de bosta olhar pra você de novo, ele estará comprando a passagem *pro* inferno!

— Uau, grandão, que possessivo!

Enquanto ele fala, vai tirando a roupa e ficando só de boxer preta. Até suspiro quando ele vem em minha direção na cama.

Voltou ao modo predador e tenho certeza que pretende foder até minha quinta geração. Se não é pela saudade de todos esses dias, será pelo simples fato de me remarcar como dele e me lembrar do quão bom ele é. Como se fosse possível esquecer isso.

— Falo sério, pequena! Você é minha e não vou permitir que isso se repita! — ele diz e já está pairando sobre mim.

Confesso que já não penso com muita coerência, essa energia que ele emana me

hipnotiza e eu me perco em pensamentos. Meu raciocínio lógico simplesmente para.

Ele não se aproxima, fica parado como se esperasse por algo. Permaneço olhando para ele e entendo. Ele quer minha confirmação, e eu não preciso de um segundo a mais para dá-la.

— Sim, Antônio! Sua! Sou sua e somente sua!

Ele avança em mim como um animal dando o bote e, pela graça de Deus, sou seu pedaço de carne. Ele me beija com voracidade e isso me deixa mais excitada ainda. Antônio sabe como trabalhar sua língua. Enquanto me beija, tira minha calça de linho, interrompe o beijo só para puxá-la e volta a me devorar, puxando a blusinha que estou usando, deixando-me só de sutiã.

— Ah, essas calcinhas, pequena... — fala isso dando um puxão e despedaçando a pobre coitada.

— Me deve mais uma, senhor!

— Não mandei parar de contar. — Faz a piada pelo meu estoque já perdido devido à sua brutalidade.

Ele levanta meu sutiã e fico nua dos seios para baixo. Ele não parece muito preocupado com isso, visto que agora massageia e beija meus seios que já estavam sedentos pelo seu toque. Começo a ofegar, o tesão que este homem me causa vai além do normal. Para ajudar, ele começa a me foder a seco, pois esfrega aquele mastro enorme, que mesmo com cueca, consigo sentir o quão duro e firme está.

Isso é tortura!

Confesso que a mais deliciosa delas, mas o filho da mãe sabe trabalhar em torno para me manter somente na borda. Começo a ficar ansiosa, preciso do seu pau em mim urgente.

— Antônio... Por favor.

— O que foi, pequena? Não está gostando?

Infeliz! Ainda dá uma de dissimulado.

— Eu preciso de mais...

— E o que você quer? — Ele quer me fazer implorar.

Infelizmente, para minha real situação, até rastejo, caso seja necessário.

— Você... Preciso de você... Dentro de mim...

— Tudo para você, pequena.

Não sei como ele como faz, mas em segundos consegue colocar uma camisinha e, quando acho que vai me penetrar, chega bem perto do meu ouvido e diz:

— Vire-se, pequena atrevida.

Fico sem entender direito e ele me ajuda pegando em minha cintura, me vira de costas para ele, colocando-me de quatro.

— Você tem um belo rabo, pequena, e confesso que a visão daqui está espetacular.

Ele está atrás de mim e fala bem próximo do meu lugar proibido. Fico mais molhada, se é que isso é possível. Sinto sua língua passando pelas minhas nádegas e amassa minha bunda com as mãos. Ele desce a língua pela minha fenda e para bem lá. Retraio-me um pouco.

— Shiiiiiiiiiii... Calma, pequena... Ainda não será hoje que vou comer seu rabinho gostoso... Dá pra ver que é virgem e quando eu tomá-lo será realmente muito bom para nós dois.

Ele fala tão próximo que sinto o calor do seu hálito.

A mão dele circula meu clitóris e dou um gritinho pelo choque. Ele começa a massageá-lo em círculos e torna a lambar minha fenda. Nossa, isso é tão bom que fico meio louca e no meio da excitação que me causa, começo a balançar minha bunda na sua cara.

— Isso, pequena. Se entrega, vai... — Antônio me incentiva e eu sinto meu orgasmo ir se formando no fundo do meu ventre.

— Ant-Antônio...

— Que foi, pequena? Quer gozar, né? Forte e gostoso?

— S-sim...

Ele para tudo que está fazendo e eu lamento com um gemido, escutando sua risada sacana atrás de mim. Segura meu quadril com uma mão e sinto a cabeça gorda de seu pênis roçando minha entrada. Fica ali na borda, esfregando tanto em meu canal como em meu clitóris.

Ele quer me enlouquecer, só pode. Quando penso em reclamar, ele entra com tudo. Grito.

Nossa! Isso realmente foi forte!

Ele retorna, tirando-se quase inteiro de mim e voltando a socá-lo com força. Grito novamente. É uma foda punitiva. Sinto cada impacto e parece que ele atinge meu útero, gemo feito uma louca e ele aumenta a velocidade. Meu orgasmo rapidamente me atinge, como um raio, rápido e certo. Fico mole e lânguida, sem saber direito o que fazer.

— Ainda não terminei com você, gatinha.

Ele se inclina sobre mim e com uma mão puxa um monte dos meus cabelos, minhas costas arcam e quase encosto minha cabeça no seu peito. A coisa fica mais intensa, ele leva sua mão até minha vagina e ali acaricia meu ponto de prazer e parece que, instantaneamente, consegue me deixar pronta novamente.

É fogo e calor. Sinto que vou morrer se não gozar novamente em seus braços. Mais uma vez ele consegue sua mágica e eu gozo fortemente. Perco um pouco dos sentidos e quando vejo, Antônio já me deitou de lado na cama e colocou somente uma perna minha em seu ombro. Nessa posição fico totalmente aberta a ele. Sabendo disto, ele enfia seu pau em mim e soca sem dó.

Uma mão ele segura minha perna e a beija, a outra ele acaricia meus seios. Olho-o nos olhos e vejo que estão mais escuros e enevoados pela luxúria. Silenciosamente, peço seu gozo para mim e ele vem, forte, quente e intenso. Ele urra meu nome e me sinto em casa.

Ele cai sobre mim, cansado e ofegante e, assim, nos entregamos aos braços um do outro, satisfeitos e relaxados.



Capítulo 17
Merda! Preciso de um psiquiatra

Antonio

Olhar Vega assim dormindo me dá uma paz que há muito tempo eu não sentia. Se é que algum dia eu senti. Confesso que ainda estou bastante reticente pelo que ocorreu no seu apartamento, mas, se esfriar minha maldita cabeça, tem coerência sua explicação.

Ainda estou puto da vida com aquele bastardo infeliz, mas não posso culpar Vega pelo que ele fez. Eu sabia, naquela bendita reunião na casa dos pais dela, que tanto o pai quanto o filho estariam jogando para ganhar. Ainda acho que tem mais aí do que interesse amoroso. Já avisei a Caio que o quero investigando a fundo a vida daquela família inteira, até o cachorro se for preciso.

Vega se mexe do meu lado e minha atenção se volta para ela. Interfono para a comissária e peço um lanche leve para dois. Com todos esses acontecimentos, não me alimentei direito e duvido que Vega tenha feito isso. Alguns minutos depois, escuto uma batida suave na porta e levanto-me para atender.

— Senhor, aqui está o que pediu — Ângela fala o mais docemente possível.

Fiz uma merda enorme em mexer com Ângela só para afetar Vega.

— Obrigado. Pode deixar que levo daqui.

— Se precisar de qualquer coisa, estarei lá na frente, senhor — ela fala alisando o cabelo e escorregando a mão pela lateral de seu corpo.

Sou homem, sei o quão bonita ela é, mas não tenho a menor intenção de trocar o que tenho em minha cama agora por ela.

— Se ele precisar de algo a mais, lindinha, pode ter certeza de que darei a ele — declara uma Vega raivosa atrás de mim.

Quando ela levantou que não percebi?

— Oh, tudo bem. Com licença.

E assim ela se vira e vai saindo corredor afora.

— Toda, querida! — Vega puxa o carrinho de comida e bate a porta da cabine.

— Pequena, pra que tudo isso...

Deveria ter ficado de boca fechada, pois ela me olha como se eu fosse uma virose muito ruim.

— Se o “Senhor Arrogante” não tivesse sido um completo cafajeste flertando com ela, nada disso seria necessário.

— E você ficou com ciúmes, foi? — pergunto, enlaçando-a pela cintura. Tudo nessa mulher me deixa duro.

— Isto não vem ao caso. O importante é você saber que eu acabo com ela e com você se continuar com essas gracinhas.

— Recado anotado, pequena. Agora venha aqui, porque essa ceninha sua me deixou com um puta tesão! — Eu a ergo pela cintura e caio com ela na cama, onde nos perdemos mais uma vez nos braços um do outro.

Desembarcamos em Barcelona dentro do horário previsto. Vamos para o hotel e nos instalamos. Vega e eu na suíte principal, Caio e a equipe de segurança em outro quarto, também no mesmo andar.

— Vamos tomar um banho e pedir alguma comida, pequena? — sugiro, a enlaçando e beijando seu rosto.

— Tudo bem, estou morta. Preciso dormir.

Vamos para o banheiro e tomamos um banho relaxante de banheira, regado a muitas carícias e provocações. Minha pequena está cansada e eu não seria um ogro a ponto de insistir com mais sexo, pois, se fizesse, tenho certeza de que ela não negaria. Depois do banho e de alimentá-la, coloco-a na enorme cama *king* e fico admirando sua beleza.

— Olhando algo que gosta?

Provocadora!

— Sim. Muito! — Ajeito meu pau na cueca e isso não passa despercebido por ela.

— Humm... Poderia vir examinar de pertinho... — ela fala, toda manhosa.

— Pequena, você precisa descansar.

— E você?

— Eu vou revisar alguns e-mails. No Brasil ainda não amanheceu, mas já deixarei algumas coordenadas ao João.

— Tudo bem — responde, resignada. Vou até ela e lhe dou um beijo casto.

Saio do quarto. Na verdade, tudo isso foi mais uma desculpa para deixá-la dormir. Nunca que me deitaria ao seu lado e simplesmente dormiria sem antes fazê-la minha. Aproveito que tenho esse tempo para deixá-la descansar e acalmar meu amigo aqui, e vou realmente, verificar alguns e-mails.

Quando me dou por satisfeito, volto para o quarto, me aconchego ao seu lado e, instantaneamente, ela me procura, se encaixando em mim. Meu peito infla e me sinto em casa. Fazia muito tempo que não sentia isso.

Acordo em um sobressalto e olho ao redor, mas não vejo ninguém. Nossa! Ontem eu simplesmente apaguei! Olho o relógio e constato que são oito horas ainda, o que significa que dormi cerca de duas horas, somente. Levanto-me e vou fazer minha higiene, quando volto para o

quarto tenho a melhor visão em uma manhã. Vega está inclinada mexendo na sua mala e veste somente uma minúscula calcinha vermelha. Endureço instantaneamente e vou como um felino atrás de sua presa sem fazer um ruído, me encaixando em seu quadril, passando meu pau muito excitado em sua bunda gostosa.

— Vejo que alguém acordou animadinho! — ela fala rindo e se erguendo.

Viro-a para mim e devoro sua boca num beijo cheio de promessas.

— Só ficou animado com a bela visão do parque de diversões!

Recebo um tapa no braço.

— Ai! O que eu posso fazer se você estava arrebitando essa bunda deliciosa na minha direção? — me defendo.

— Eu não estava nada! Estava apenas procurando uma roupa para vestir, já que ainda não deu tempo de colocar tudo no armário. Que horas você pretende ir para a empresa? — pergunta e vira-se novamente, procurando coisas na mala.

Merda! Essa visão não está ajudando meu raciocínio. Com muito custo, saio de perto dela e vou em busca de um terno.

— Daqui uma hora, mais ou menos. Já temos três reuniões marcadas para hoje, além da conversa com o diretor geral daqui.

— Vai mesmo demiti-lo?

— Sim. É fato que as maiores discrepâncias estão vindo daqui, e o prejuízo acumulado está estratosférico no balanço. É impossível esse imbecil não ter visto nada. Das duas uma: ou está no meio da falcatrua, ou é um completo incompetente que não sabe gerir nem uma padaria.

— Tudo bem. Já estou pronta.

— Então vamos. Quanto antes começarmos isso, mais cedo podemos sair e aproveitar.

— Aproveito e a agarro-a, dando um beijo com vontade.

— Comporte-se, Sr. Machado! Na empresa sou sua analista e nada mais...

— Perfeito. Tenho algo grande para você analisar. — Olho para ela e pendo a cabeça para o lado, a secando.

— Cretino!

— Nunca disse que não era.

Dando um tapa na sua bunda, saímos do quarto e percebo que Vega muda a postura, assumindo a imponência de uma profissional auditora e se comportando como uma verdadeira empresária.

Fico excitado da mesma maneira. Merda! Preciso de um psiquiatra!

— NÃO QUERO OUVIR SUAS DESCULPAS, SR. DELLANO! — Bato em minha mesa. Isso já deu pra mim.

— Mas, senhor, eu não sabia de nada...

— Mais um motivo para demiti-lo. Como não sabe o que acontece na empresa a qual você é o responsável? É um incompetente! Caio, tire esse cara daqui agora.

— Mas, senhor...

— Vamos, senhor. Já ouviu o Sr. Machado.

Caio o reboca para fora.

— Uau! Você é durão!

— Não tenho tempo mais para isso, Vega. Preciso chegar ao fundo e tenho que começar tirando as cabeças podres.

— Entendo. Vou usar a sala de reuniões para dar uma olhada em alguns documentos e aproveito para falar com Júlio sobre como andam as coisas no Brasil.

— Tudo bem.

Faço menção de levantar para acompanhá-la, porém, ela me detém com um dedo em riste.

Merda! Ela realmente está levando a sério essa coisa de se manter afastada na empresa. Eu não gosto nada disso.

Aproveito que estou sozinho e ligo para fazer reservas no *Caelis*, um restaurante maravilhoso e íntimo. Não é porque vim a trabalho que não irei aproveitar com a minha pequena.

Confirmo as reservas com a minha assistente e a deixo incumbida de conseguir um presente especial para Vega. Espero surpreendê-la.

Volto ao modo trabalho e consigo verificar algumas coisas que a distância dificultava analisar. A equipe de auditoria que virá a partir de amanhã será da filial da *Gouvêa & Associados* em Girona, onde seu tio comanda hoje.

Finalizo alguns contratos e verifico as horas... Nossa! Realmente o tempo passou! Dou por encerrado esse dia e a única coisa que me anima nessa confusão toda que está sobre minha cabeça, é o fato de que vou embora daqui muito bem acompanhado da minha pequena atrevida, que, por sinal, já está mais do que na hora de eu sair em busca.

Chego à sala de reuniões e o que vejo não me agrada em nada. Quem é esse imbecil em torno de Vega?

— Atrapalho algo? — pergunto com a pior das caras.

Vega dá um pulinho de susto.

Querida, te peguei no flagra!

O imbecil nem se mexe para se afastar dela.

— Oi Ant... Sr. Machado. Estou aqui com Lorenzo e ele está me passando algumas informações do setor financeiro. — Vega fica nervosa.

Isso é bom. Ela sabe que eu não gostei.

— Entendo. E para isso precisam ocupar quase a mesma cadeira? — questiono, parado de frente para eles com as mãos nos bolsos da calça.

Se esse cara não sair dali, terei mais uma demissão hoje.

Vega fica vermelha feito pimentão e o imbecil entende o recado e se afasta dela. Ótimo!

— Srta., vamos. Por hoje damos como encerrado o dia.

— Desculpe, Sr., mas acabo de dizer a Vega para que fique a fim de eu lhe passar mais algumas coisas, que depois a deixo no hotel.

Nunca, infeliz!

— Não. Ela não vai ficar aqui além do necessário e muito menos você vai levá-la a algum lugar!

Vega pigarreia e se levanta, juntando suas coisas, completamente afoita. Eu só dirijo um olhar assassino ao imbecil, de que nem me lembro mais o nome, e ele pega a dica e sai da sala.

— Boa noite a todos.

— Boa noite, Lorenzo — não me incomode em responder.

Quando ele sai, vou até a porta da sala e a tranco, fechando também as persianas das paredes de vidro.

— Que papelão, Antônio! — Agora sou Antônio.

— Por que, pequena? — pergunto, me encaminhando para ela, tirando o paletó e a

gravata.

Ela para e coloca as mãos na cintura, como se me desafiasse. Claro que não me intimido e circulo sua cintura, me inclinando para cheirar seu pescoço. Sou viciado nesse cheiro!

— Antônio, pare! Estamos na empresa — ela fala, mas noto que já esta totalmente afetada pelo meu toque.

— Não pareceu pensar nisso quando deixou aquele monte de merda ficar tão próximo de você. — Continuo beijando-a e vou descendo para seu colo.

Abro alguns botões da sua blusa. Delícia de peitos.

— Ah... Eu não fiz nada... Eu... Ahhh...

— Que foi, pequena? Perdeu a fala? Que porra era essa de deixar você no hotel e ficar sozinho com ele, hein? — indago isso e torço o bico do seu seio e volto a morder o alto de seu colo.

— Eu... Antônio... Não... Eu não disse... Ahhh, *Madre de Dios*...

Pego-a pela cintura e a coloco sentada sobre a mesa, abro suas pernas e num puxão rasgo a calcinha. Ela grita e me beija com vontade. Passo a mão em sua fenda e ela está deliciosamente pronta, molhada. Puxo a cadeira de frente a ela, sento, puxo seu quadril mais para a beirada e ela vem de bom grado.

Passo minha língua no meio de suas dobras e sinto o gosto que me leva à loucura. Doce e suculento. Perco o controle e ataco sua boceta, mordendo, beijando e esfregando minha cara nela. Vega grita de prazer e em resposta lhe dou um tapa no seu clitóris.

— Quieta! Quer que todos saibam que está sendo fodida pelo CEO aqui e agora?

Ela não responde, mas prende os lábios nos dentes no intuito de se controlar. Volto a chupá-la e como já está bem úmida, enfio um dedo testando seu canal. Começo um torturante vai

e vem com o dedo e chupo seu clitóris ao mesmo tempo. Vejo que ela respira com dificuldade, enfio mais um dedo e ela arfa. Começo devagar e vou acelerando os movimentos, rapidamente sentindo Vega se quebrar em mil pedaços, gozando como uma gatinha manhosa e tentando ao máximo controlar seus gritos.

Termino de chupá-la e lamber toda sua fenda. Quero tudo dela. Qualquer resquício do seu mel me deixa louco. Termino e tiro do meu bolso um lenço. Limpo sua intimidade e me levanto, beijando-a com vontade.

— Uau! Isso foi... incrível!

— Isso foi para lembrá-la a quem isso aqui pertence — rebato, cobrindo sua vagina com a mão. Ela geme.

— Você me puniu?

— Não. Estou lhe dando um aviso. Não quero mais ver esse frangote ou qualquer outro homem tão próximo assim de você, ou terei que tomar outras medidas.

— O quê? Vai contratar seguranças para controlar meus passos e quem se aproxima de mim? — Ela vai se afastando e ajeitando a roupa, mas notando que não respondo, me olha com os olhos saltando da face.

— Você nem ouse pensar nisso, Antônio.

— Veremos.

Não seria uma má idéia. Limpo meus pensamentos e a ajudo com suas coisas. Precisamos ir embora porque ainda tenho planos para hoje.

Estou tomando um drink no bar do hotel enquanto espero Vega, que se arruma na suíte. Se ficasse com ela, não prestaria e não conseguiria cumprir com tudo que planejei para hoje.

Estou admirando o local quando noto algumas pessoas à minha volta apontarem e olharem em direção à entrada. Viro-me por curiosidade e a vejo... Vega Velásquez. Linda, sedutora, maravilhosa em um vestido nude lindíssimo até o pé, com uma fenda no meio da coxa direita, deixando à mostra boa parte de sua perna.

Sinto meu pau endurecer e preciso me controlar para não fodê-la bem aqui. Minha funcionária merece um aumento, acertou em cheio o que pedi. Vega não poderia estar mais perfeita. Levanto e me encaminho até ela. Quando chego próximo, pego sua mão e a beijo em sinal de cumprimento.

— Que galante, senhor! Boa noite!

— Boa noite, senhorita!

— Adorei a surpresa — ela diz, dando uma volta em torno de si mesma para me mostrar o presente.

— Garanto-lhe que a surpresa é mais minha do que sua.

Não resisto e a puxo para meus braços, dando-lhe um beijo que nos deixa sem fôlego.

— Venha, vamos para esse bendito jantar. Já estou me arrependendo e quase te levando lá pra cima para te foder inteira.

— Nossa! Que educado, senhor.

— Não me provoque, Vega — falo, dando um tapa em sua bunda e a puxando pela cintura rumo ao restaurante.

Vega

Definitivamente, Antônio é um cara muito possessivo e maluco! Como consegue me dominar a ponto de fazer essas coisas com ele, eu não sei!

“Mas eu sei bem por onde ele te domina” - ah, não. Não acredito que você voltou pra

me atormentar!

“*Eu nunca fui embora. Aliás, uau! Esse gostosão está de cair o queixo hoje!*” - Olho em direção a Antônio e sou obrigada a concordar com minha consciência.

Ele veste um terno sob medida inteiro preto sem gravata e, pra ajudar, deixou os cabelos jogados, meio selvagem. Está com cara de estar pronto para o crime, e eu, pronta para ser seu maior delito.

— Como estão as coisas no Brasil? Hoje o dia foi tão corrido que não tive tempo de falar com João. — Tirando-me dos devaneios com a minha consciência, sacudo a cabeça para me situar no que ele disse.

— Hã... Está tudo ok! Quer dizer, ao menos com a empresa.

Lembro-me da briguinha de ego entre João e Júlio pelo *Skype* mais cedo quando liguei numa chamada de vídeo para saber como estavam as coisas. Pareciam duas crianças.

— Por que diz isso?

— Júlio e João estão se estranhando, eu acho.

— João comentou algo assim.

— Como? Ele não gosta do Júlio?

— Na verdade, ele acha que Júlio não gosta dele, devido àquela reuniãozinha na casa dos seus pais. João percebeu o incômodo de Júlio em relação às brincadeiras dele com a Aldria.

— Oh... é? Interessante...

Sabia que tinha coelho nessa toca.

— O que é interessante, pequena?

— Nada não. Deve ser adaptação dos dois. Vamos rezar para que se acertem e consigam

nos auxiliar aqui.

— Disso não tenho dúvidas, João é um farrista, mas na empresa sempre foi responsável.

Chegamos ao restaurante e fico impressionada. Estamos na frente do *Caelis*. Amo esse restaurante. Tive a oportunidade de conhecê-lo na época em que morei na Espanha. Meus tios, Jonas e Agna, são frequentadores assíduos daqui. Fico momentaneamente tensa. Se eles me virem aqui... Merda! A família inteira vai saber.

— O que foi, pequena?

— Nada. Eu já conheço aqui. Ótima escolha!

— Que bom! Reservei uma mesa íntima para nós.

Por que eu sinto isso como uma ameaça?

— Tudo bem, senhor. Só espero que isso não seja uma armadilha para mim — digo, dando a mão para ele e saindo do carro.

— Nunca, pequena. Tudo que faço para você e por você é sempre na melhor das intenções.

— Sei.

Ele pega minha mão e caminhamos para o restaurante. De fato, a mesa que reservou é a mais íntima. Fica em um canto privilegiado do restaurante, de pouco acesso aos demais.

O garçom se aproxima e Antônio faz o pedido de um vinho maravilhoso, escolhemos nossa comida e ele se retira. Estamos sentados lado a lado, já que a cadeira faz gênero sofá em meia lua, de forma que os casais podem ficar mais próximos e desfrutar do jantar ao mesmo tempo. Antônio está com uma mão atrás no encosto do sofá e a outra começa a passar preguiçosamente na minha perna.

Quem olha pensa que somos um casal apaixonado, com um homem muito romântico

admirando sua mulher. Ninguém tem ideia do que o olhar pecaminoso no rosto de Antônio me mostra. E como que para provar um ponto, sinto seus dedos escorregarem para minha fenda do vestido.

Espero que ele goste de surpresas.



A cara que Antônio faz para mim agora é simplesmente impagável! Só não solto uma bela gargalhada, porque mesmo surpreso, ele ainda continua sua tortura sensual em mim.

— Pequena, o que faço com você? — Tem a voz rouca e baixa.

Uma loucura! Quase gozo só de ouvi-lo falar.

— Acho que você já está no caminho, gostosão. — Fecho os olhos quando ele desce o dedo para o meu canal já muito úmido.

É impressionante a sensação dos dedos dele em mim, que me queimam feito brasa e ao menor toque já estou ligada e pronta para o que ele quiser.

— Estou muito feliz e irritado de perceber que não tenho restrição alguma para o meu objetivo. Sem calcinha, Srta. Velásquez?

E com isso ele tira os dedos de mim e os leva até a sua boca e chupa com vontade, parecendo que degusta do seu doce predileto. Safado!

— Fiz mal, senhor? Achei que seria uma boa surpresa. — Não resisto e dou um beijo nele.

Por que ele tem que ser tão sedutor? Deixa-me doida!

— Uma ótima surpresa, pequena, se agora não tivesse que redobrar o cuidado com os

babacas que vão olhar para o seu traseiro e perceberem, através desse vestido colado, que não deixa a menor margem para imaginação, que você está sem calcinha.

— O vestido foi presente seu. — Tento soar o mais inocente possível.

— Pequena atrevida! — ele exclama e me beija, agora com mais fome e vontade.

Tento me controlar, mas não consigo e me entrego totalmente. Se ele não frear as coisas, é bem capaz de sermos presos por atentado ao pudor.

Escuto um pigarro ao longe, mas não me importo, afinal, estamos em um reservado e se alguém não quer ver estrelas, não olhe para o céu. Para meu lamento, Antônio quebra esse momento quente e direciona o rosto à nossa frente. Vejo-o abrir um sorriso camarada e quando viro o rosto para ver para quem ele está sorrindo, fico chocada. M.E.R.D.A!

— Tio...

Minha voz sai num sussurro.

— Vega?! Pensei ter reconhecido você. — Continuo parada.

Pareço uma estátua grega, imóvel, e tenho certeza de que nem estou respirando também.

— Olá, sou...

— Antônio Machado. Nosso mais novo associado no Brasil. O senhor foi citado em algumas teleconferências. Prazer, sou Jonas Gouvêa, um dos sócios e irmão do pai dessa garota aqui. — Saio do meu estado de torpor e me levanto, dando a volta na mesa e abraçando meu tio.

— Benção, tio Jonas. — Minha voz sai um fiozinho que nem sei se ele ouve.

— Deus abençoe, menina. Depois conversamos, sim?! — Não foi uma pergunta. Ele teria milhões de questionamentos a fazer, mas para minha paz e tranquilidade, sei que ele não falará com meus pais enquanto não ouvir de mim tudo o que acabou de ver.

— E a tia Agna e as meninas?

Já consigo falar um pouco melhor.

— Estão do outro lado, no lugar de sempre. Vá para Girona ainda essa semana. Precisamos resolver algumas questões da empresa, aí você aproveita e passa a noite em casa e mata a saudade das meninas. — Ele me beija a face mais uma vez. — Até mais, Sr. Machado. No que precisar, é só falar com Vega e mando alguém para auxiliá-lo — ele cumprimenta Antônio novamente, que até então só observava nossa interação.

— Agradeço a oferta — Antônio diz e ele sai.

Volto ao meu lugar e me jogo no sofá.

Que droga, Vega!

Tanto cuidado no Brasil para não ser descoberta e deixa isso acontecer justo com o cara que foi seu mentor... Ensinou-lhe sobre ética, respeito e responsabilidades. Mostrou-lhe o que é ter pulso firme e como manter o respeito dentre todos.

O que ele está pensando de mim agora?

— Não. Não pense por esse caminho. — Antônio toca suavemente meu rosto, virando-o para ficar de frente com o seu.

Suavemente retiro sua mão do meu rosto, me inclino para pegar a taça de vinho e a tomo quase inteira.

— Tanto cuidado e... — Balanço a cabeça.

Como esse destino é ingrato. Anos sem voltar à Espanha, semanas escondendo de todos meu enrosco com Antônio, para chegar à Espanha e ter tudo assim de badeja no primeiro dia?!

— Não pense tanto assim. Não entendo qual o problema. Sou um homem solteiro e você uma mulher solteira. O que tem de mais nisto? — Ele torna a virar o meu rosto em sua direção, dessa vez sinto o incômodo em sua voz.

— Você é o maior cliente em potencial hoje da empresa. Se eu quero ser levada a sério, preciso manter uma postura e conduta de uma empresária de respeito.

Espero que ele entenda meu lado.

— E estar saindo comigo é baixo o suficiente para que você perca a possibilidade do seu posto?

Droga, ele está magoado!

— Não é isso que estou dizendo. Antônio, eu...

— Senhores... Posso servir? — o garçom nos interrompe e eu sinto uma muralha de gelo surgir entre nós. Caramba! Ele não consegue entender.

— Claro — ele responde e já não dirige mais o olhar para mim.

Passamos o jantar inteiro em silêncio e aquele clima gostoso foi embora. Não sei o que falar para me justificar. Admito que surtei e que fiquei sem ação quando vi meu tio e, depois que ele saiu, fiquei me sentindo péssima, mas só queria que Antônio entendesse meu ponto. Perco-me em pensamentos e tentando achar alguma maneira de falar com ele sobre isso.

— Vamos? — ele pergunta, mas noto que já está se levantando e me estende a mão.

Aceito e saímos do restaurante com ele atrás de mim, mantendo a mão na base da minha coluna. Diferente de quando entramos, agora ele desempenha o papel cortês de me guiar pelo caminho até a saída.

— Você não vai pagar a conta? — pergunto, puxando assunto quando saímos do restaurante.

— Caio já cuidou disso — responde sucinto. Isso começa a me irritar.

— Entendo. — Baixo a cabeça e permaneço na minha. Se ele quer bancar o infantil, que seja!

Voltamos para o hotel num silêncio ensurdecedor. Caio, percebendo o clima pesado entre nós, coloca uma música. No fundo, para tentar amenizar o clima. Não adianta nada.

Quando chegamos em frente ao hotel, Antônio desce do lado oposto e não o espero contornar o carro para me dar a mão.

Ele que vá para o quinto dos infernos com seus bons modos!

O porteiro abre a porta do carro e saio sozinha, não o esperando. Continuo meu caminho para dentro do hotel, parando somente na porta do elevador. Sinto-o se aproximar e bufar atrás de mim.

— Com pressa? — pergunta baixinho e próximo ao meu ouvido.

— Sim. Muita! — respondo, cruzando os braços.

O elevador apita chegando ao térreo, mais do que depressa eu entro e aciono o botão da suíte. Ele se mantém tão distante quanto eu. Que inferno! Como uma noite pode começar tão bem e terminar nesse desastre?

“Culpa sua, que nega essa delícia de mau caminho” - para de ser intrometida... E tarada!

Entro na suíte e vou direto para o banheiro. Faço todo meu ritual, tiro a maquiagem, o vestido lindo que ele me deu e os meus acessórios. Visto a camisola preta que levei e quando saio do banheiro, não o vejo no quarto. Estranho.

Dou uma olhada na sala e vejo que ele está escutando alguma banda de rock das antigas e tomando uma dose, acredito eu, ser de uísque. Quer saber? Não vou correr atrás dele, não! Volto para o quarto e deito-me.

O sono custa a me tomar e quando me toma, tenho sonhos perturbados. Essa noite realmente não terminou como eu havia imaginado.

Levanto-me no susto. Olho para o lado e percebo que a cama nem foi mexida. Ele não dormiu aqui. Ótimo!

Faço minha higiene matinal e coloco uma roupa para trabalhar, escolhendo um vestido de seda acinturado rosé com detalhes em azul marinho, *Diane Von Furstenberg*. Completo o look com um sapato ‘Romy’, *Jimmy Choo*. Deixo meus cabelos soltos e aplico um pouco de maquiagem.

Saio preparada para enfrentar o possível mau humor daquele arrogante gostoso, mas só encontro Caio sentado em uma poltrona lendo jornal. Quando me vê, levanta-se imediatamente.

— Srta... — me saúda Caio. — Estou te aguardando. Devo levá-la agora para a empresa ou prefere ter seu café antes?

Não acredito que aquele cretino de uma figa me deixou para trás!

— Não. Na verdade, temos uma mudança de planos. — Caio me olha espantado.

— Vamos para Girona, na filial da *Gouvêa*. Tenho uma reunião emergencial com o presidente.

— Isso não foi mencionado, Srta.

— Pois estou falando agora. Algum problema?

Sei que ajo de forma rude, mas estou no meu limite com Antônio e meu alvo acaba sendo Caio.

— Não. Nenhum.

Quando já estou no carro, acomodada, meu celular toca. Olho a tela e, claro, tinha que ser ele.

— Sim? — Tento soar educada, mas sai petulante. Fazer o quê?!

— Aonde pensa que vai?

Acho que ele está bufando. Isso já está virando uma característica.

— Sr. Machado? Oh, desculpe. Um imprevisto. Tenho uma reunião na filial em Girona hoje com o presidente e isso é inadiável. Visto que ele também é meu tio, irei pernoitar por lá e volto amanhã cedo. Fique tranquilo, pois o processo da auditoria continua correndo normalmente.

— Vou dar ordens ao Caio para que vire o carro agora mesmo.

— Nem pense! Ou pego o primeiro avião e volto para o Brasil. Você colocou essa distância, Sr. Machado, agora lide com ela! — Desligo o telefone na cara dele.

Você vai aprender a me tratar, Sr. Machado. Por bem ou por mal!

Noto um levantar de lábios de Caio que, obviamente, estava ouvindo tudo no banco da frente. Quando me nota observando, se recompõe. Acho que ele gostou de ver eu colocar o padrão dele no lugar.

Chegamos a Girona quase duas horas depois. Nossa... Que saudades daqui! Dou as indicações e Caio me leva direto à filial da empresa. Pelo horário que chego, sei que vou pegar meu tio livre. Ele é bastante metódico com sua rotina e gosta de trabalhar num horário que coincida com a sede no Brasil.

O difícil é conseguir chegar até a presidência. Rever pessoas queridas é muito bom. Encontro Rubí, secretária do meu tio há mais de uma década. Apesar de fazer algum tempo que não a vejo, ela continua linda.

— *Hola querida, ¿cómo estás?*

Uso meu perfeito espanhol e quase fico surda com o berro que Rubí solta na antessala da presidência.

— Oh, por *Dios*, seu *tío* vai me matar!

— Rubí! O que está acontecendo?

Meu tio aparece na porta de sua sala com uma cara assustada, não sei se pelo grito de Rubí que agora me abraça e dá pulinhos no meio da antessala, ou se por ver que quem está nos braços dessa maluquinha sou eu.

— Vee! — Saio do abraço de uma Rubí que tem a decência de envergonhar-se pelo seu arroubo e voltar para sua posição na mesa. Paro diante do meu tio.

— Podemos conversar, *tío*?

— Claro, venha. Rubí, dois cafés fortes.

Ele e eu sabemos que isso não vai ser fácil.

Entro naquela sala em que já estive inúmeras vezes, o cheiro continua o mesmo — cravo e rosas. Minha tia Agna é apaixonada por flores e sempre disse ao meu tio para manter um vaso fresco destas no escritório, a fim de dar graciosidade e leveza ao ambiente. E ele, como sempre foi louco por ela, obedeceu.

— Adoro esse cheiro!

— Eu também. Me faz sentir perto dela o tempo todo.

Ele não precisa me dizer de quem está falando. Viro-me para meu tio e ele me encara e sei que essa conversa não será nada fácil para mim. Meu celular apita com uma mensagem, não preciso olhar para saber que é de Antônio.

Antonio - Desculpe. Eu sou um completo idiota (gilipollas). Mereço seu silêncio. Agora pode voltar?

Eu - Desde que te vi a primeira vez já adivinhei quem você era... RS... voltarei amanhã. Vou ficar com minha família hoje.

Coloco o celular na bolsa, não querendo ver o reboleio que ele fará quando ler isso. Quando levanto meus olhos, meu tio me encara com um sorriso de lado estampado na face.

— Era Antônio?

— Sim. — Não vou negar, até porque, acho que não adiantaria mesmo.

— Vega, eu fiquei bastante assustado ontem. Primeiro você não avisou que estaria na Espanha e, bem, quando vi você sendo engolida...

— *Tío*... — lamento, colocando uma mão na face. Ai, que vergonha!

— Tudo bem... Quando reconheci você e me aproximei, reconheci o Sr. Machado também e fiquei um pouco...

— Decepcionado?! — falo, olhando para ele.

— Não! Eu ia dizer preocupado. Quer dizer, você todo o tempo que ficou aqui foi tão aplicada ao seu objetivo na empresa e nunca namorou. Saiu, farreou, o que era normal, mas sempre manteve seu foco. Eu não estou na posição de lhe cobrar nada, até porque, você não está cometendo nenhum crime. O que eu quero saber é: que *raios* está acontecendo com você?

— Eu... *Tío*, é complicado! Eu não sei o que está acontecendo. Busco essa resposta e... Eu não sei... — Realmente eu não sei.

— Então sugiro que você descubra, Vega, pois a maneira que eu vi aquele homem ontem te olhando, lembra-me muito uma pessoa há trinta anos.

— Quem? — Estico-me na cadeira, pois agora realmente me interessou isso.

— Eu! — Ele ainda sorri de lado como se tivesse revelado o prêmio da loteria.

— Não entendi.

Confusa é pouco, agora.

— Nesse período que mencionei, Vega, foi quando conheci sua tia Agna e, por Deus,

ainda lembro-me de como foi e parece que só faz trinta dias! Se este homem tem a mesma determinação que tive para conquistar sua tia, você está em maus lençóis, mocinha!

Fico encarando meu tio e minha cara condena que estou mais confusa agora do que quando entrei pela porta.

— Você não percebeu ainda, né? — Ele ri. — Minha sobrinha linda e determinada, que é um gênio no ramo de controladoria... Esse homem está apaixonado por você e não me pareceu se intimidar comigo, então deduzo que seu pai ou qualquer outro que ousar interferir entre vocês dois, vai se dar mal! Estudamos Antônio Machado quando resolvemos prestar serviços para a multinacional dele. Ele é inteligente e sabe o que faz. Determinação é seu nome do meio, querida.

Pisco umas duas vezes e continuo o encarando. Em que mundo eu estava que nunca enxerguei nada disso que meu tio está falando? E como ele percebeu isso com um encontro de menos de cinco minutos?

— Mas como? Isso é impossível! Antônio é controlador, fechado e não gosta de se expor. Eu nunca sei como agir e as coisas ficam complicadas porque parece que sempre tem alguém no meio e quan...

— Respire, Vega.

Faço o que ele me pede. Acho que estou tendo uma mini crise de pânico.

— Minha filha, vou lhe contar uma historinha. Quando conheci sua tia, eu era um cara jovem, bonitão e sarado. — Sorrio com a descrição. — Ei, não ri, não, é verdade! Conheci sua tia no auge da minha juventude, tinha acabado de terminar a faculdade de Direito e fui para a Grécia estagiar em uma multinacional. Foi lá que conheci minha Luz.

Ele sempre se refere a ela dessa forma.

— Acho lindo quando a chama assim.

— É a verdade. Ela é minha luz. Enfim, quando a conheci, eu era um assessor júnior na empresa, e ela, a secretária da recepção. Rapidamente consegui me aprimorar e subir na empresa, me tornando diretor de planejamento. Eu estava bem. Sempre flertei com ela e no começo era muito receptiva, mas com o tempo, conforme eu subia em minha carreira, senti Agna se afastando. No dia em que conquistei a promoção que tanto almejei, decidi sair para comemorar e a convidei. Ela negou, disse que seus pais eram rigorosos e que não poderia ir. Fiquei puto! Eu era jovem e mimado, Vee... E não pensava em nada além do meu umbigo.

— Entendo — falo, o incentivando a continuar.

— Saí, farreei, e como não era nenhum santo, fiquei com uma garota da contabilidade. Coisa de uma noite só. Eu não sabia que no outro dia seria o maior comentário dentro da empresa, e quando tentei ir falar com Agna, pois mesmo não tendo nada, sempre deixei bem claras as minhas intenções, ela me respondeu que me negou esse tempo todo, pois sabia que seria assim. Que na primeira oportunidade eu a trairia e não pensaria nela. Aquilo acabou comigo. A partir dali, recalculei minhas metas. Eu teria Agna em minha vida e como minha mulher. E eu fiz, Vee, tudo que estava em meu alcance para tê-la. O resultado você já sabe!

— Sim, eu sei... E admiro muito o casamento de vocês.

— Obrigado, minha filha. Fácil não é, mas olhar para minha Luz e imaginar que eu poderia ter sido teimoso e ter seguido outro caminho, me provam que fiz a coisa certa.

— E por que você me contou tudo isso agora, *tio*? — Não entendo qual a relação disso com o meu caso e de Antônio.

— Porque, menina, a mesma determinação que coloquei para mim naquela época, vi nos olhos de Antônio ontem, e, Vega, você é a meta dele!

Engulo seco. Será? Eu sei que temos um envolvimento maluco e que quando estamos próximos não conseguimos nos controlar, mas ser algo a mais para a vida dele, não sei se é real.

— Não pense demais, Vega. Há coisas na vida, minha filha, que são para serem sentidas.

— Tudo bem.

— Bom, agora que já conversamos, vou avisar sua tia e suas primas que está na cidade. Vai dormir em casa, né?!

— Claro, *tío!* — Me animo com ele. Dos três, tio Jonas sempre foi o mais animado e engraçado.

Passo parte do dia com ele trabalhando em algumas coisas do escritório do Brasil, assim como em algumas coisas da filial da *ALM Enterprise*. Saímos para o almoço e agora me permito pegar o celular para verificar as mensagens. Algumas de Aldria, Lucca, minha mãe, meu pai e, claro, Antônio.

Antônio - Tudo bem... sentindo sua falta...

Muito estranho não contestar. Vai ver que realmente está aprendendo.

Por muita insistência de minha tia Agna, meu tio nos leva direto para casa. Hoje, pelo visto, ninguém trabalha em Girona. Quando chego é uma gritaria, abraços, beijos, choros e mais gritos — só faltou quebrar alguns pratos —, de uma verdadeira família meio grega, meio espanhola e meio brasileira.

— Minha querida! Como você está? E seus pais, seus tios e minha menina? Me diga que Íris está bem.

— Calma, querida. Assim você mata Vee sufocada! — Meu tio ri da montanha de emoções que tia Agna despeja em mim.

— Ora, me deixe, marido! Diga-me, criança, como estão todos?

E nos colocamos a conversar sobre tudo que tem acontecido por lá nesses últimos dois

anos, mesmo tendo certeza de que ela sempre conversa com tia Rute e minha mãe, e tenho mais certeza ainda, de que ela não passe mais de dois dias sem falar com Íris.

Minhas primas não estão em casa. Arianne está no campus da faculdade, cursa medicina e está em período de provas; Alexandra está no cursinho, resolveu que vai seguir os passos do pai e irá começar estudando comércio exterior.

— Alguém tinha que seguir meus passos — ele fala, carrancudo.

Ele sempre quis que Íris fosse como eu, tivesse aquela veia CEO dentro dela, mas não, minha prima é doce demais e apaixonada demais por ajudar a quem precisa.

É uma tarde maravilhosa, regada a muita conversa e lembranças de quando morei aqui. Minha tia se empolga tanto que me arrasta para a cozinha e enquanto eu bebo um vinho na bancada, vai preparando uns quitutes gregos maravilhosos.

— Primaaaaaaaaaaaaaaaa... — Uma linda morena de olhos azuis, claros como o céu, pula sobre mim, quase me derrubando da banquetta.

— Oww! Alexandra, minha pirralha! — Dou-lhe um abraço forte.

— Ei! Pirralha, não! Já sou uma adulta, afinal, dezoito aninhos bem distribuídos.

Ela ondula o corpo feito uma minhoca.

— Meu Deus! Você é tão maluca quanto Amanda! — comento.

— Quem?

— Nada... Uma amiga de São Paulo. — Disfarço para fugir de quem falo.

Empolgamo-nos na conversa sobre como estão as coisas, ela com seus possíveis namorados e tudo que tem feito nesse período. Conta-me tudo sobre a decisão de seguir os passos da família. Acho que dei uma boa influenciada nela quando morei aqui.

Mesmo em meio a tanta empolgação, verifico sempre que posso o celular. Antônio não

entrou mais em contato. Nada. Começo a sentir algo estranho, como se um vazio tomasse conta de mim. Parece que nem aqui no seio de minha família, que eu não vejo há tanto tempo, me sinto acolhida.

Essa inquietude tem um nome e se chama Antônio Machado.



Como tinha feito uma valise com alguns pertences, pois já tinha a intenção de dormir na casa de meus tios, subo para o quarto que usei por um bom tempo.

Quantas recordações tenho daqui. Muita alegria, liberdade... Aqui fui feliz. Não que no Brasil não seja, mas aqui descobri que posso caminhar por mim mesma. Foi algo libertador na minha vida.

“As orgias foram realmente libertadoras... ai, ai...” - mente pervertida, esquece isso! Se Antônio sonha com isso, estou perdida!

Inevitavelmente acabo fazendo um comparativo com minha vida atual e, sinceramente, tudo estaria da mesma forma se não fosse pelas últimas semanas e aquele ser dos infernos na minha vida. Antônio realmente está me mudando e agora percebo isso. E o que me assusta é que essa mudança, apesar de brusca, não me espantou, como tantos outros fizeram.

— Olá, priminha.

Entra a espreitada da Alexandra pulando no quarto.

— Oi, garota! E então, o que me conta de novo?

— Eu? Nada. Já você, tem muito que explicar, né? — Fico confusa.

— Não entendi.

— Bom, deve ter um ótimo motivo para o 1,85m, no mínimo, de pura delícia, estar agora sentado no sofá da sala de casa esperando por você.

— O QUÊ? — praticamente grito.

— Oww... Calma, “garota”... — ela fala rindo e eu continuo em estado de choque.

Antônio!

Como ele veio parar aqui? Sem convite, nada. Só nos falamos de manhã onde ele foi totalmente complacente com a minha decisão de ficar longe. Não discutiu ou exigiu nada. Eu deveria ter desconfiado que estivesse fácil demais.

— E aí? Vai contar como aquela beleza toda foi parar na sua vida? Porque dizer que ele é cliente da empresa, sinceramente, não cola! — ela cruza os braços, me olhando com impertinência.

— Eu... Não tem nada acontecendo, garota. Desça e avise que eu já estou indo. Vou tomar um banho.

— Tá legal. Mas que tem coisa aí... Ah, isso tem! — Ela sai pulando, assim como entrou. E Antônio ainda diz que eu sou atrevida.

Sinto minha boca seca, tento controlar meus batimentos cardíacos e coordenar minhas pernas, mas tudo isso está muito difícil agora.

O que está acontecendo contigo, Vega Velásquez?

“Isso é amor...” - Madre de Dios, começou!

“Quando você cair em si, vai ser ótimo de se ver... ha, ha, ha...” - posso com isso?!
Minha consciência tirando onda com a minha cara.

Resolvo dar um tempo do meu próprio cérebro. Vou entrar em pane se continuar essa discussão sem cabimento. Entro no modo prático, jogo todas essas sensações de lado e rumo ao

banheiro para tomar uma ducha. E foi a melhor das minhas decisões. A água me lavou e me relaxou, pelo menos um pouco.

Saio do banho e coloco um shorts e blusinha que trouxe. Essa época do ano faz bastante calor por aqui e como eu não ia sair mesmo, resolvi trazer algo que eu ficasse à vontade. Faço um rabo de cavalo, passo um *gloss* e finalmente desço para a sala de visitas.

Escuto muitas risadas e logo identifico a de Antônio. Não que ele de fato já tenha rido tão abertamente perto de mim, mas o timbre de voz é inconfundível e também tem o fato de me arrepiar inteira com esse som. Meu corpo é um traidor!

Entro na sala e o vejo bastante à vontade, mas quando me vê fica sério. Sua expressão muda completamente de limpa e descontraída, para profunda e intimidante. Vejo mais coisas ali e quando ele percorre o olhar pelo meu corpo, sinto minhas pernas virarem gelatina. Ele está me secando inteira na frente da minha família e pouco está se importando. Bom, eu também não estou.

Caminho até ele e estendo a mão para cumprimentá-lo, como faria com qualquer outra pessoa. Ele me olha confuso e parece que irritado também. Pega minha mão e me puxa com brusquidão em sua direção, meu corpo bate no dele e automaticamente me enlaça pela cintura, me aperta forte e beija o canto da minha boca. Sinto-me fraquejar. Efeito Antônio!

— Senti sua falta pequena — ele sussurra em meu ouvido e eu perco mais uma calcinha.

Como sempre.

Do jeito que nos aproximou, afasta, mas mantém-me perto, mais precisamente ao seu lado.

— O jantar está pronto — anuncia minha tia, que tem um sorriso de “eu ganhei na loteria” no rosto.

— Venha, Antônio. Hoje você vai provar da culinária grega — convida meu tio, saindo

da sala.

— O que você está fazendo aqui? — sussurro para ele, tomando à frente.

Sinto um puxão pela cintura e bato com as minhas costas naquele peitoral duro e firme. Ai, delícia!

— Vim buscar o que me pertence, pequena — diz ele, passando a mão que estava em minha cintura para minha bunda. Ele consegue me descompassar muito fácil, no entanto, recupero o prumo e dou um tapa em sua mão.

— Venha, seu tarado! Vamos jantar antes que eu vire o prato principal — falo, fazendo piada para amenizar esse clima que surgiu entre nós.

— Pequena, você será a minha sobremesa! — promete, rindo no meu pescoço. Acelero meus passos, senão é bem capaz de eu atacá-lo aqui.

O jantar, por incrível que pareça, corre melhor do que eu imaginava. Meu tio e Antônio criam uma sintonia maravilhosa. Conversam sobre tudo. Negócios, lazer, lugares na Europa. Eu fico impressionada com o quanto ele está acessível.

Minha tia, assim como minha mãe e tias no Brasil, ficou babando nele. Fora Alexandra, que o olhava como se os olhos fossem pular para fora do rosto. Num dado momento ele conversava com ela sobre estudos e perspectivas a que ela aspira, principalmente por ser a área dele.

— Alexandra, dedique-se e terá uma vaga em minha filial.

Os olhos dela até se enchem d'água. Tadinha!

— Jura? Oh, meu Deus! Mãe, você ouviu isso? — grita ela.

— Sim, minha filha.

— Vega, prima, se você não casar com ele eu te mato!

E ela solta essa bomba.

Para o meu azar, estou no meio de uma taça de vinho e, claro, cuspo inteira no prato de salada à minha frente.

Meu tio solta uma gargalhada e tia Agna chama a atenção de Alexandra. Ela, coitada, fica vermelha. Bom, a merda já está feita!

— Tudo bem, pequena? — Antônio alisa minhas costas e sorri. Ele acha graça do meu desconforto.

— Sim, claro — digo, ainda tossindo um pouco.

— E não precisa matá-la, Alexandra. Deixe-a bem viva que no resto eu me viro! — ele brinca, dando uma piscada para ela.

Espera aí. Como assim? Casar? Ele sugeriu que vai me levar para o altar? Mas nós ainda nem namoramos, como pode isso?

— Respire, Vega — ele sussurra.

Fecho os olhos e simplesmente faço o que ele pede.

Meu tio, como uma boa raposa velha que é, puxa outro assunto, falando sobre a Grécia, que é sua segunda paixão, já que ele diz que a primeira é a grega difícil que convenceu a se casar com ele. O resto do jantar transcorre sem mais saias justas, mas essa informação fica martelando no meu cérebro.

Quando minha tia oferece a sobremesa, Antônio se pronuncia.

— Desculpe, Sra. Gouvêa, mas terei de recusar. Voltaremos ainda hoje para Barcelona, pois amanhã o dia será intenso.

Não perco a conjugação do verbo.

— Voltarão? — Pois é, meu tio também não perdeu.

— Sim. Vega e eu. — Ele me olha como se me desafiando a negar. Eu nunca conseguiria fazer isso.

— Sim, *tío*... Eu volto hoje com Antônio. Amanhã o dia será puxado!

— Mas que pena! Bom, de qualquer maneira, aguardo vocês para uma visita com mais tempo e pode me chamar de Agna.

— Tudo bem, Agna. Voltaremos sim. E você, mocinha, dedique-se e a vaga é sua!

— Com certeza, primo — responde Alexandre e quase morro, lhe dando um cutucão.

— Ai! Isso dói, Vega.

Mas é petulância demais!

— Alexandra! Comporte-se.

— Tudo bem, Agna. Eu tenho uma assim em casa. Amanda é bem parecida com ela.

Sorrio, pois fiz a mesma comparação esta tarde.

Despedimo-nos e eu pego minhas coisas que já havia deixado no quarto que ocupava. Volto à sala e noto um olhar diferente entre meu tio e Antônio.

— O que houve?

Paro entre os dois, que estão de pé na sala, ambos com as mãos nos bolsos, um encarando o outro. Se fosse um cenário árido, juraria que estavam prestes a duelar.

— Nada, minha filha. Nós nos falamos no decorrer da semana.

— Vamos, Vega! — Antônio chama, sério. Alguma coisa ardeu e eu vou descobrir o que é.

— Tudo bem.

Sáímos e dou de cara com um carro lindo. Jaguar preto, conversível. Só reconheço pelo símbolo inconfundível na frente dele.

— Nossa, que lindo! Jaguar!

Percebo Antônio se esticar, todo orgulhoso. Homens e seus brinquedinhos.

— Sim. *V12, Série 3*, conhece? — Os olhos dele até brilham.

— Não... Reconheci a marca pelo símbolo inconfundível. — Ele abre a porta do carona para eu me sentar.

Ele entra no carro e continua falando.

— É um clássico. 1975 o ano de fabricação. Há poucos dele no mundo. Eu o arrematei em um leilão na Alemanha.

— Se ele é seu, onde o mantém? — pergunto, confusa, já que estamos hospedados em um hotel.

— No hotel mesmo. Nunca quis uma propriedade aqui, por isso mantenho um aluguel de vaga. Só fico neste hotel quando venho à Espanha.

— Então você tem uma raridade em mãos. Uma antiguidade! — falo, rindo.

— Pode-se dizer que sim. Por que está rindo? — Ele toca minha perna com uma mão e com a outra continua controlando o volante. Fica sexy demais.

— Você é um homem das antigas. Gosto musical antigo, dançarino de bolero, e agora essa paixão por carros clássicos. — Sinto-o tensionar a mão e ficar mais sério.

— Parece que sim.

Uau, chegamos ao Pólo Norte, pelo gelo que está no carro.

— Desculpe... Eu disse algo de errado? Eu...

— Não. É só que eu me lembro de coisas.

— Posso perguntar o que são essas coisas?

— Lembro-me da minha mãe, Vega — ele diz com um ar cansado. — Ela quem me fez adquirir o gosto por essas coisas.

Sinto que sua voz traz uma emoção profunda.

— Você realmente era ligado a ela, né? Falo isso porque noto que sempre se esconde quando ela é citada, e agora vejo sua emoção.

— Sim. Ela foi a melhor pessoa que já conheci na vida. Determinada, carinhosa, guerreira e valente. Apesar das dificuldades da vida, nunca se deixou abater.

— Nossa! Você falando assim, fiquei com vontade de conhecê-la. Deve ter sido realmente uma grande mulher.

— Uma vez, quando eu tinha por volta de dez anos de idade, ela estava trabalhando para colocar alimento em casa e eu cheguei da escola mais cedo. Fiquei brincando com meus amigos na rua de casa e não vi a hora passar. Quando ela chegou, me chamou para entrar e vi que estava brava. Perguntou por que não cumpri com minhas obrigações do dia, sendo elas fazer tarefa, tomar banho, esquentar a comida que ela tinha deixado pronta na geladeira e arrumar minhas bagunças do quarto. Disse para ela que preferia me divertir. Então ela me sentou e me disse que a vida é composta de escolhas e que se eu sempre escolhesse o caminho da diversão, iria me sentir feliz por um momento, mas que com o passar do tempo, a vida me cobraria minhas obrigações como homem. Ela disse que um homem de verdade sabe o momento de se divertir e de ser sério, pois para ser digno é necessário sempre ponderar na balança da responsabilidade.

— Ela era sábia.

— Sim, Vega, ela era muito sábia. Ela me deu o melhor conselho que eu poderia receber e, apesar de já ter se passado mais de vinte anos, cai como uma luva para mim agora.

— Como assim? — Meu coração vem parar na boca. Ele dá sinal e encosta o carro na estrada.

Olho para Antônio, que desliga o carro e vira-se para mim. Ele pega minha mão na sua e a outra passa pela minha face.

— Você é tão linda! — diz e me olha com tanta intensidade que eu coro.

— Antônio...

— Pequena, eu sei que começamos totalmente errados e que eu sou um homem um pouco fechado. — Olho para a cara dele com deboche. — Tudo bem, muito fechado. Hoje, depois de vê-la longe e passar um dia de cão sem senti-la perto de mim, eu entendo que realmente não posso mais manter isso entre nós dessa forma. Quero você... Como nunca quis nada na vida! E usando o conselho da minha mãe, eu te digo: a diversão acabou, Vega.

Fico atônita.

O que ele está querendo dizer com isso?

— Antônio, o que...

— Quero você como minha namorada, por enquanto. Quero que todos saibam que estamos juntos. Sua família, amigos a imprensa... todos! Você não é descartável, Vega. Você é permanente em minha vida! — Sinto-o limpar uma lágrima minha, que nem eu havia percebido que caía pela face.

Fico olhando para ele e finalmente eu entendo. Ele também não é descartável. Até hoje me escondi de qualquer possibilidade de amar, pois sempre quis manter meus objetivos intactos. E agora percebo que minha força e combustível para realizar qualquer sonho, não é me isolar do mundo e negar isso que sinto. Simplesmente me entregar a este homem, que me tira do eixo de várias formas e, todas elas são maravilhosas, se torna meu complemento, de sonho e objetivo. Não preciso destruir um para ter o outro. E agora eu quero Antônio Machado.

— Pequena, diga alguma coisa! — Ele parece aflito.

Jogo-me em seus braços e o beijo intensamente. Ele me enlaça e todas as nossas frustrações e dúvidas que carregávamos nessas semanas se dissipam. Entregamo-nos de alma neste beijo, e não tem coisa melhor no mundo do que estar nos braços do meu arrogante gostoso.



Chegamos ao hotel afoitos. A necessidade que sentimos um do outro é gritante, e mal passamos pela porta da suíte e ele me joga contra a parede e continua seu ataque à minha boca e meu corpo, assim como fez no carro e no elevador. *Dios*, que as câmeras do hotel não tenham flagrado nada demais.

Antônio me consome em beijos e mordidas, enlaça uma perna minha e puxa até seu quadril, e lá vamos nós para a tortura deliciosa de moer em minha intimidade. O fogo, que já não era pequeno, incêndeia de vez.

Eu o puxo pelos ombros e o agarro como posso. Antônio solta minha perna e vai me beijando entre o pescoço e o colo, leva a mão ao botão do meu shorts e o abre.

— O quanto você está pronta para mim, Vega? — ele sussurra em minha boca. Não consigo raciocinar uma resposta.

Ele vai escorregando e descendo meu shorts até estar de joelhos à minha frente. Um homem pode achar muito sexy ter uma mulher de joelhos diante de si na hora H, em compensação, um homem de joelhos na frente de uma mulher realmente é enlouquecedor, principalmente, se esse homem é Antônio Machado.

Ele aproxima seu nariz de minha intimidade e inala, esfrega o nariz e sinto o calor de sua boca me invadir. Olha-me com intensidade e, apesar de ele estar de joelhos, a submissão está

totalmente em mim. Ainda com os olhos cravados nos meus, ele passa a mão pelo fundo da minha calcinha e com um puxão a rasga ao meio.

Sorri sacana como se me desafiando a dizer qualquer gracinha, pena que no momento não sei onde deixei meu cérebro. Ele ataca minha vagina como se estive com muita fome, chupa intensamente meu ponto de prazer e eu me perco em sensações. Ele não tem tempo de fazer muita coisa ali, pois o tesão que incitou em mim durante todo o caminho, explode em sua boca. Gozo chamando o seu nome e estremeço inteira com a intensidade do orgasmo. Ele continua chupando, agora com mais tranquilidade, sugando até a última gota que posso oferecer.

Quando se afasta de mim, vejo o brilho de meus fluídos em sua boca e isso me excita. Devo estar virando uma maníaca, só pode!

— Nossa...

Sério, Vega? Só isso que consegue dizer?

— Ainda nem comecei, pequena. — Ele se levanta e me pega no colo. Dou um gritinho pela ação repentina.

— Agora que já tive um pouco do seu gosto para controlar meus desejos, vamos para o quarto. Eu quero fazer amor com você, minha pequena. — Ele me beija castamente e sinto meu coração bombear mais rápido. Eu nunca fiz amor.

Antônio caminha comigo em seu colo até o quarto e me coloca com todo cuidado na cama. Já não era mais aquela fera sedenta por prazer que me encurralou na porta de entrada. Ele também não está contido, mas sim, calmo. Com todo o tempo do mundo, termina de me despir e fica nu. Quando se deita sobre mim, sinto coisas que realmente nunca imaginei possíveis.

Antônio me ama. Venera meu corpo. Cuida de todos os meus sentidos, saciando não só minhas necessidades carnis, como também meus sentimentos. A calma com que me possui é enlouquecedora e, ao mesmo tempo, um bálsamo para qualquer dúvida que possa sentir sobre

suas reais intenções comigo.

Algo novo está surgindo ou já existia, mas só agora entendo e irei me permitir viver intensamente tudo isso.

Depois da noite de amor e revelações de ontem, Antônio fez questão de chegar à empresa de mãos dadas comigo. Confesso que fiquei um pouco tensa, não estou acostumada a ter vida pessoal e profissional misturadas assim.

“Você nunca teve vida pessoal, chica!” – ah, não me enche, não!

Claro que todos os olhares estão em nós. Se não é pelo fato de o dono ter chegado, com certeza é por estar de mãos dadas com sua analista.

No andar da presidência, Antônio me dá um beijo casto e se encaminha para sua sala. O pessoal da *Gouvêa* já está operando em alguns setores e todo o corpo administrativo entrou em polvorosa ação depois disso.

Passo pelo setor financeiro, pois ainda preciso pegar algumas informações com Lorenzo. Dessa vez irei me manter com uma mesa entre nós, assim o senhor “homem das cavernas” não terá motivos para mijar em torno de mim.

— Com licença... Bom dia, Lorenzo! — A cara dele está péssima.

— Bom dia! A que devo a honra da primeira dama da empresa estar em minha humilde sala logo cedo?

Bem cínico. Ótimo! Também sei ser.

— Não há honra e sim trabalho. Preciso dos relatórios que estávamos revisando outro dia, e sendo ou não a primeira dama, seja do que for, o seu traseiro, meu *bem*, está em minhas mãos. Te aconselho a ter mais cuidado ao falar comigo!

Ele me olha espantado. Não esperava por essa.

— Desculpe, Vega. Foi uma brincadeira.

Sei...

— A minha também foi, *querido*. Agora, pode, por favor, separar tudo e enviar para a sala de reuniões? — peço com a maior cara de inocente.

— Claro! Eu vou separar e te envio.

— Obrigadinha!

Saio da sala com toda a imponência que me cabe. Idiota!

Aproveito que Antônio está no modo gritos para todos os lados e vou para a sala de reuniões trabalhar em algumas coisas. Minha cabeça está meio avoada e me perco em pensamentos sobre a noite de ontem.

Seus beijos.

Seus olhos.

Suas mãos.

Decido tomar o primeiro passo, já que estamos oficialmente juntos. Confiro a hora e sei que no Brasil é cedo, mas ela com certeza já está de pé.

Faço a chamada de vídeo no *Skype*.

— *Hija!* Que saudades, minha *chica!*

Minha mãe, meu porto seguro.

— Benção, *mamita!*

— *Dios te bendiga!*

— Como estão as coisas por aí?

— Ah, tudo como sempre. Só seu *papá* que está mais irritado. Acho que sente sua falta e não quer falar. — Ela ri.

— Imagino. Depois irei chamá-lo.

E eu perco a coragem, não sabendo mais o que falar. O que ela vai dizer?

— O que houve, *hija*? Está com a cara igual quando era criança e aprontava, depois queria esconder a arte por medo de levar um sermão.

— *Mamita*, eu... eu... conheci alguém.

— COMO? POR DIOS! AÍ? VOCÊ VAI FICAR DEFINITIVAMENTE NA ESPANHA? COMO PODE ISSO?

Ela surta com a possibilidade que cria diante da minha informação.

— *Mamita*... Mãe... MÃE! — Finalmente ela se cala. Já estava começando a fazer a ladainha da lamentação. — Me escuta, tá?!

Ela só sinaliza a cabeça para cima e para baixo e eu volto a falar.

— Eu conheci alguém... E eu realmente estou me envolvendo, mãe, e isso me assusta da mesma forma que me anima. Eu nunca pensei que sentiria isso, ainda mais por ele. Arrogante, cheio de si, e ao mesmo tempo terno e carinhoso comigo.

— Oh, *mi hija és amante!* — ela fala já limpando o canto dos olhos.

— Não! Mãe, eu não estou amando... Quer dizer, estamos nos conhecendo e eu não sei como vai ser, mas é fato que quero viver isso.

— *Hija*. Um homem como Antônio, você não encontra por aí, não! Tem que dar valor, senão perde. — Como ela sabe?

— Quem disse que é Antônio? — pergunto, espantada.

— E você acha que sua *madre* nasceu ontem? Minha filha, só não viu quem não quis

naquela reunião em casa... E claro, o fato de ele pedir aquela música pra dançar com você. Ele é um homem das antigas — diz ela, toda apaixonada pelo meu namorado.

— Tá, mãe! É ele, sim! E estamos meio que... namorando.

— Não esperava menos dele. Aliás, achei que só saberia quando fosse noivado. Ele não tem cara de homem paciencioso.

Quão sábia essa mulher pode ser? Sorrio com vontade.

— Você não tem idéia, *mamita!*

Termino de conversar com ela, que resolveu bancar a investigadora e quis saber todos os detalhes. Pulei as partes picantes, apesar de ela ter feitos perguntas bem constrangedoras. Essa é dona Lena!

Do nada Antônio entra feito um furacão na sala, bufando e xingando para todos os lados.

— Ei, Tom, o que houve? — Levanto-me atônita. Isso não é o normal dele.

— Aquela pestinha quer me colocar louco — ele diz e se joga na cadeira, passando as duas mãos pelo rosto.

— Quem? Amanda? — Me aproximo e abaixo à sua frente.

Ele me olha, segura meu rosto e me beija.

— Só você para me acalmar — ele afirma, encostando a testa na minha.

— Pensei que eu fosse a atrevida que te tira do sério — zombo, com ar de riso. Ele também ri, baixo. — Me fale, o que aconteceu?

— Amanda... Ela está colocando Caio maluco e de rebarba me arrastando junto.

— Como assim?

— Ele é meu chefe da segurança e você sabe que, na minha posição, não posso deixar quem está à minha volta desprotegido. Então para vir à Espanha, Caio montou uma equipe para guardar tanto ela quanto Cláudio. Eu preciso disso, Vega, para minha paz de espírito — justifica ele, suplicante.

— Entendo. Mas o que ela fez?

— Ela tem saído para baladas, arrumando muita amizade com homens, entre outras coisas. E, pra piorar, não tem obedecido ao guarda com os procedimentos.

— Tom, ela tem aproveitado a vida. Na idade dela você não fazia as mesmas coisas? — Ele me olha assustado.

— Definitivamente, não! Nem quero imaginar minha irmãzinha fazendo as coisas que eu fazia naquela época!

— Nossa, mas o que você fazia de tão sério, Sr. Machado? — pergunto com sorriso no rosto. No mínimo, fodia tudo que andava.

— Eu... Eu não... Não é essa a questão! Amanda precisa entender que tem que obedecer aos requisitos de segurança!

— Você já falou com ela?

— Não. Caio ligou e os dois discutiram.

— Caio discutindo com alguém? Nossa, ele é tão controlado e discreto!

— Pelo visto Amanda tem o dom de testar a paciência masculina.

— Você quer que eu converse com ela? De repente eu falando, possa ajudar, como uma amiga...

— Você faria isso, pequena?

Como negar com essa carinha de coitado?

— Claro! Eu a chamo ainda hoje e tento colocar juízo naquela cabeça doida.

— Obrigado! Agora venha aqui me dar um beijo, venha. — Antônio me puxa para seu colo e de imediato sinto seu pau firme e duro no meu bumbum.

— Ui! Tem alguém animadinho aqui — falo, beijando seu rosto.

— Com essa bunda gostosa esfregando nele, fica difícil contê-lo, amor. — Paro minhas carícias. Ele me chamou de amor?

— Que foi, pequena? — Acho que ele nem percebeu.

— Nada... Lembrei que conversei com minha mãe hoje e contei sobre nosso namoro.

Aliso a lapela do seu terno, olhando para baixo.

Antônio ergue meu rosto com a ponta dos dedos e acaricia minha face.

— Eu fico muito feliz em ouvir isso.

Ele me beija ternamente.

Envolvo meus braços em seu pescoço e me entrego a esse beijo. É muito bom descobrir tudo isso que estou sentindo por ele e, principalmente, sentir que retribui da mesma forma.

— Depois dos acontecimentos de ontem, esqueci-me de te perguntar uma coisa.

— Que foi, pequena?

— O que rolou entre você e meu tio? Quando cheguei à sala não sabia quem estava ganhando aquele duelo — Antônio ri.

— Nada demais. Ele me deu o recado de quase pai e eu deixei claro que não sou moleque e que assumiria minhas responsabilidades com você.

Responsabilidades? Então foi por isso que ele veio com o papo de namoro e todas aquelas coisas? E eu achando que era sentimento de verdade, mas o que rolou foram ameaças do

meu tio.

— Vega, nem ouse pensar isso. Meu pedido oficial de namoro nada tem a ver com o que seu tio me disse. Além do mais, quem me chamou para ir até lá foi o próprio.

— O QUÊ? Meu tio te chamou? — Estou chocada.

— Pois é, pequena. Por mais que você negue, tenho todos a meu favor! — Ele ri e me beija. Dou uma mordida no lábio dele.

— AI! Vega, tá maluca?! — Levanto-me do seu colo e vou para minha mesa trabalhar.

— Estou sim, Sr. Machado! E trate de voltar ao trabalho, que vou conversar com Amanda. E tenha em mente, senhor, que a única que você precisa convencer de algo, sou eu.

— Me lembrarei disto, Srta. Velásquez. — Ele levanta e passa a mão nos lábios e sai me xingando de doida varrida.

Volto ao trabalho, e que trabalho!

Tem sido difícil amarrar as pontas soltas. O esquema de vazamento está muito bem estruturado, dificultando o desmembramento.

Estou analisando alguns contratos de pessoal e como fico com dúvidas, resolvo chamar Aldria.

Eu - Olá...

Aldria - Fala, vaca... Lembrou que tem amigos...

Eu - Não enche, Aldria... Preciso da sua ajuda com alguns contratos de pessoal aqui...

Aldria - Sabia que queria usar meus talentos... Manda aí, vou olhar...

Eu - Obrigada, gatona...

Aldria - Ok...

Envio os contratos e continuo olhando os contratos financeiros que Lorenzo trouxe mais cedo. Já passou mais de uma hora e ainda não saí do lugar. Nenhum relatório bate. Como isso tem passado pelo departamento inteiro? Resolvo chamar Antônio.

Eu - Tom... tá aí...

Antônio – Oi. Fale, pequena...

Eu - Você está sozinho na sala?

Antônio - Sim... Está com algo sujo em mente? ;)

Eu - Pare de ser safado... Tô indo aí...

Antônio - Não custa sonhar... Venha que estou te esperando...

Encaminho-me para a sala da presidência, que é bem próxima da sala de reuniões. A porta está fechada e como a secretária dele não está ali, entro direto, já que o avisei que estava a caminho. Paro abruptamente.

Antônio está sentado em sua mesa, com a vadia da secretária quase em cima dele, sinalizando onde deve assinar algum documento. Respiro fundo e pigarreio.

— Oi, pequena. Entre, só estou assinando alguns documentos para Srta. Iolanda.

— Claro, amor! Na minha época como secretária, eu usava *post-it* para sinalizar as assinaturas, assim evitava o fato de ter que me esfregar no meu chefe para qualquer coisa.

Mando logo na cara.

A Srta. Vadia fica roxa e abaixa a cabeça, já Antônio fecha a cara e mais do que rapidamente entrega os documentos de volta para ela.

— Pode ir, Srta. Depois termino isso.

— Claro, senhor. Com licença.

A vadia sai que nem me dirige um olhar. Bom para ela.

— O que foi isso, pequena?

— Ainda nada. Mas vai virar se continuar permitindo vadias pularem em cima de você, entendeu? — Espalmo as duas mãos na mesa à sua frente.

Ele encosta-se na cadeira e sorri de lado. Odeio quando faz isso. Mentira! Amo! Mas ele não precisa saber.

— Ciúmes, pequena?

— Não, querido, mas caso insista nisso, acho que vou convidar Lorenzo para rever relatórios.

Levanto-me, cruzando os braços na altura dos seios.

Antônio perde o humor. Fecha a cara e se endireita na cadeira.

— Não fale bobagens! O que você queria comigo?

Nossa, ficou grosso de repente!

— Mostrar a você esses relatórios. Nada bate e, sinceramente, não tem como o corpo financeiro da empresa não estar a par dessas discrepâncias. De fato, o diretor que você demitiu estava metendo a mão. Agora, a pergunta é: quem mais está?

Antônio pega os relatórios e começa a folheá-los, do nada ele esmurra a mesa e acabo dando um pulinho com o susto.

— Desculpe, pequena. Eu... Minha vontade é enforcar esses infelizes!

— Antônio, acalme-se. Eu sei que você quer tudo por debaixo dos panos e sinceramente seria o melhor caminho, mas nós já estamos aqui, você demitiu o diretor, não vai dar pra segurar muito tempo. Meu conselho a você, como analista e auditora, é cortar o mal pela raiz.

— Demitindo todo o departamento — ele deduz, exasperado.

— Exatamente. Não há muito que fazer.

— Mas e as conexões no Brasil? Alguém lá estava acobertando tudo isso.

— Sim. Vou chamar João e Júlio novamente. Se eles não tiverem se matado, teremos algumas respostas.

— Tudo bem. Quando chamá-los me avise, quero participar.

— Tudo bem.

Decidido isso e volto para minha sala. A vadia nem estava em sua mesa quando passei. Sorte dela, pois lhe daria um recadinho nada delicado.

Ocupo minha mesa e minha mente, precisando finalizar alguns dados e chamar Júlio e João no *Skype*. Aldria ainda não me deu retorno sobre os contratos, mas acredito que, finalmente, estou encontrando a luz no fim do túnel.



— Oie! — fala uma Amanda muito feliz na tela do meu note. Parece que estava adivinhando que iria chamá-la.

— Olá, mocinha encrenqueira! — Vejo seus ombros caírem e ela diminui seu sorriso.

— Já está sabendo? Juro, Vega, eu não tenho culpa! Aquele idiota, chefe da segurança do meu irmão, pensa que manda em mim! — defende-se, indignada.

— Ow, calma garota! Ele só quer fazer com que as coisas corram bem para que seu irmão fique aqui o tempo necessário e tranquilo.

— Mas eu não estou fazendo nada demais, Vega. Só saio com uns amigos para me divertir.

— Alguém conhece esses amigos? Seu irmão não sabe quem são eles e fica preocupado. Hoje em dia, Amanda, não dá pra confiar.

— Eu sei, Vega! Poxa, eu só me rebelei porque o segurança, que aquele brutamontes do Caio colocou na minha cola quase quebrou o pulso de um amigo, porque ele me abraçou por trás em uma balada. Pode isso? — Ela até altera a voz.

— Nossa! Disso eu não sabia... Vou conversar com seu irmão, mas tente não se meter em encrencas, ok?!

— Contanto que aquele babaca não me ligue exigindo coisas — ela fala, bufando.

Juro que, mesmo que fisicamente sejam diferentes, no pavio curto, Antônio e Amanda são iguaizinhos.

— Tudo bem, marrenta, fique tranquila. Vou ver o que faço por aqui.

— Tá bom! Se cuida e cuida direito do meu irmãozão, hein?!

— Pode deixar!

Nós nos despedimos e continuo meus afazeres.

Antônio

— Eu sabia! — Bato na mesa, sentindo o sangue ferver.

— O que o senhor quer que eu faça? — pergunta Caio.

— Volte para o Brasil! Quero você próximo a minha irmã, nem que tenha que trancá-la dentro de casa.

— Sim, senhor! — Com isso Caio se retira da sala.

Não foi à toa que mandei Caio investigar aquele merdinha do ex-namorado da Vega. Quando peguei aquela conversa do pai do infeliz com Pedro, sabia que tinha coisa ali.

Uma firma à beira da falência leva qualquer homem na posição dele a tomar medidas drásticas. Insistiu com Vega em reatarem, como não teve abertura e ainda levou uma surra, agora se faz de amigo da minha irmã. Com quem ele pensa que está lidando?

Isso não vai acontecer, nunca!

Quando Caio relatou o que minha irmã estava fazendo, pensei que pudesse ser excesso de zelo de sua parte. Mas quando descobri que o infeliz que o segurança deu uma prensa na

boate, era ninguém menos que Domênico Albuquerque, entendi seu ponto.

— Olá! Podemos fazer a conferência agora? — Vega entra, toda sorridente. Disfarço meu mau-humor. Não quero expor minhas suspeitas ainda.

— Claro. Venha, sente-se ao meu lado.

Ela puxa uma cadeira e se posiciona um pouco longe para meu gosto.

— Está com medo de mim, Srta.? — pergunto, sacana, e puxo sua cadeira até colar na minha.

— Engraçadinho! A conferência é com meu primo e se ele perceber algo, é fato, cairá nos ouvidos de meu *papá*.

— E você não quer seu pai sabendo por terceiros, certo?

— Exato! Agora se comporte! — ela fala, já acionando a chamada em vídeo que é atendida no segundo toque, porém na tela não vemos ninguém.

— Olá! Júlio? — Vega me olha, confusa.

— Júlio? Aqui é Antônio Machado, você está por aí?

De repente escutamos uma discussão ao fundo...

“Você não vai almoçar com porra de cara nenhum! Está aqui para atender a empresa e não aos empregados dela!”

“Ah, e agora você é meu chefe e decide isso por mim? E o que você está querendo dizer por atender aos funcionários dela? Tá me chamando de puta?”

“Se fosse seu chefe você já estaria na rua por ser tão insolente! E se a carapuça está cabendo em você, não posso fazer nada!”

Escuto um barulho e tenho certeza de que foi um tapa. A porta do escritório bate com força e um Júlio transtornado aparece, sentando na cadeira em frente à tela.

— Porra de mulher! — Ele bufa e antes que diga mais alguma coisa comprometedora, eu me adianto.

— Boa tarde, Sr. Gouvêa! — Júlio ergue o rosto espantado para a tela. Vejo a marca vermelha em sua face e seguro o riso.

— Júlio, que merda você e Aldria estavam discutindo? E desde quando você a trata assim?

Vega, que até o momento não havia se manifestado, surge feito uma leoa em defesa, de quem agora descubro ser, a sua amiga.

— Eu... Nada, Vega. Aldria é muito petulante e não aceita ordens — ele fala, passando a mão no rosto. Noto seu desconforto.

— Uma porra que não! Você a chamou de puta? Júlio Gouvêa, desde quando você se tornou esse homem? — Vega se altera.

— Vega, calma! — tento amenizar.

— Calma nada!

— Agora não é o momento, Vega. Depois conversamos. Deem-me um minuto e já chamo vocês. Com licença.

Ele encerra a chamada.

— Filho da mãe! Eu mato *ele*! — Vega se levanta e pega seu celular.

— O que você vai fazer, pequena?

— Vou ligar para Aldria. — Ela sai da sala toda atrapalhada e soltando xingamentos em espanhol para o primo.

Não demora muito e ouço o *Skype* tocar e um Júlio com cara de paisagem aparece na tela.

— Boa tarde, Sr. Machado. Desculpe o inconveniente.

— Sem problemas. Vega saiu para falar com Aldria, então seremos só nós dois.

— Claro.

E assim Júlio começa a relatar sobre suas desconfianças com o departamento jurídico no Brasil. Diz que o material colhido por Vega bate com as informações incoerentes no Brasil e ele leva ao mandante do esquema. Senhor Marcos.

— Filho da Puta! Júlio, eu não quero que fale nada. Passe isso a João e peça para a Aldria providenciar a demissão do departamento inteiro. Já que não tenho solução, vou começar do zero.

— É o melhor a fazer. Posso lhe oferecer apoio jurídico e indicar, claro, a *Gouvêa* como sua parceira nesse departamento. Sobre o pessoal, Aldria é perfeitamente capaz de reestabilizar para você em pouco tempo e nos outros setores, você tem a melhor para o plano de contingência: Vega Velásquez.

— Sim! Ela é a melhor! — Sorrio quando falo dela. É inevitável.

— Sim. E muito profissional, senhor. Ficarei no aguardo do retorno de vocês.

Noto o desconforto quando falo de sua prima.

— Por enquanto tenho que colocar a filial em ordem. Vai levar o prazo estabelecido, provavelmente precisarei de ajuda aqui. Falarei com João, vou correr a informação de que estou findando a filial devido às fraudes. Assim Marcos não irá desconfiar. Quero eu mesmo pegá-lo no Brasil.

— Isso é fácil. Vou controlando os danos por aqui, fique tranquilo.

— Tudo bem. Obrigado mais uma vez.

— É o meu trabalho, senhor.

— Júlio, eu não tenho nada a ver com sua vida, mas se tem algo que realmente quer, vá atrás. Esperar não vale a pena.

— Eu não entendi. — Ele me olha sério.

— Acho que entendeu. Ficamos por aqui. Obrigado — falo isso e finalizo a chamada.

Nem sei por que me intrometi nisso, mas fato é que esse cara está em maus lençóis com a doida da amiga da Vega.

— Desculpe a demora. Estava acalmando Aldria.

Diz Vega, entrando brava na sala.

— Tudo bem, pequena. Júlio retornou e já resolvi os próximos passos com ele. Preciso que você chame João e Aldria. Tenho que conversar com os dois.

— Tudo bem.

— Ela está bem?

— Aldria? Claro! Tenho é pena do meu primo! Aldria vai se vingar com gosto dele.

— Nossa... Vocês exageram!

— Exageramos nada! E você que tire de lição, Sr. Machado!

— Ah é, pequena?

— Sim. Agora vamos ao que interessa.

— Fazer você gozar! — Ela gargalha.

— Não agora, querido. Vamos trabalhar!

E passamos o resto da tarde trabalhando. Juntos. Sinto que mesmo com a minha empresa passando por essa crise, o meu mundo está totalmente em ordem, simplesmente porque Vega está ao meu lado.

Mas que droga! Mais uma mensagem com fotos da Adriana nua. Se Vega pega isso, ela me mata e não tenho culpa. Essa maluca não entende que não quero nada com ela.

Eu - Adriana, se continuar com isso, irei bloquear seu número. Estou tentando manter a educação, mas não está sendo fácil.

Adriana - Eu sei que você gosta, benzinho... Em nome dos velhos tempos...

— Já pediu o jantar? — Me assusto.

— Humm... Não, estava esperando... pra você escolher.

Ela para, me olha e arqueia a sobrancelha.

— E desde quando você me espera? Pode pedir algo leve. Tô morta! — ela fala, se jogando no sofá do lado oposto ao meu. Pego seu pé e começo a massageá-lo. — Nossa, que delícia!

Fecha os olhos.

— Posso fazer mais coisas deliciosas — insinuo e vou me inclinando até chegar próximo ao seu rosto. O celular dela toca.

— Droga!

Ela resmunga e atende.

— *Abuelita! Bença.* Como tem passado? Eu vou... Não... Abue... Tudo bem, estarei aí no fim de semana — ela fala e me olha como se implorando a concordar. Sinalizo que sim com a cabeça.

— Tudo bem, *abuelita*, fica combinado. A benção — ela diz e desliga o celular, bufando fechando os olhos, jogando a cabeça para trás.

— Então, era sua avó?

— Isso...

— E ela quer te ver?

— Sim!

— E você não quer vê-la?

— Sim!

— Você não quer que eu vá? — pergunto e não consigo disfarçar minha irritação.

Sempre que Vega tenta me afastar e isso me deixa fora do eixo.

— Não, claro que não! — Ela se senta e vem para meu colo. — Eu quero que você vá.

O problema é que será difícil.

— Por quê?

— Minha avó é pior que minhas tias juntas, sem contar meus tios e primos que vivem por lá.

— Pois eu vou amar conhecê-los. São parte de você, pequena, e tudo sobre você me interessa.

Beijo-a.

— Fale isso na volta! — Ela e eu rimos.

Ficamos o resto da noite assistindo programas idiotas e trocando carinhos. Como Vega e eu não somos de pouca coisa, tudo virou de ponta cabeça e acabamos a noite exaustos, suados, porém, muito satisfeitos depois do sexo que fizemos na sala, no corredor e na cama.

O resto da semana corre como planejado. Demissões em massa, justificativas à imprensa, controle de danos, contratações. Minha sorte é que minha pequena é extremamente

eficiente e estava conseguindo tirar de letra todo aquele caos.

— Posso entrar, senhor? — Iolanda bate à porta.

— Claro.

— Chegou mais esta papelada de manhã e veio sinalizada como urgente.

Ela vem ao meu lado da cadeira e se abaixa, curvando o tronco para o meu lado. Sua blusa um tanto decotada mostra mais do que deve, e apesar de eu não ter culpa nisso, incomoda-me pra cacete.

— Deixe-me ver isso. — Olho os papéis e ela não sai da mesma posição. Se Vega entrar aqui, estou perdido.

— Senhorita? — Olho para ela.

— Sim, senhor.

Me lança um olhar “foda-me” e isso me deixa irritado.

— Pode se retirar. Eu vou demorar com isso aqui e não há a necessidade de você ficar ao meu lado.

— Pensei que o senhor pudesse precisar de mim para algo mais... — ela fala, manhosa.

— Se eu precisar de qualquer coisa no âmbito profissional, solicitarei. Acho melhor a senhorita se recompor. Sou seu chefe e um homem comprometido.

— E o compromisso dele tem nome e sobrenome. E adivinha, queridinha? — fala Vega da porta da sala. Acho que pelo seu olhar, pretende matar a garota. — Se você não se colocar imediatamente em seu lugar, eu vou colocá-la, mas vai ser na rua!

Iolanda se põe ereta e sai da minha sala sem nem respirar direito.

— Oi, amor... — digo para amenizar minha barra.

— Não me venha com essa! Pode mudá-la de setor ou demiti-la, entendeu?!

— Pequena... Só estaremos aqui mais quinze dias, depois ela será funcionária do novo diretor.

— E você vai manter uma vadia desta como secretária do seu novo diretor da filial. Pra quê? Pra ele manter mais a cabeça nos peitos dela do que nos relatórios de controle?!

— Tudo bem. Você tem um ponto. Agora, venha aqui me dar um beijo, sim? — Ela vem e se senta no meu colo, mas continua com cara amarrada. — Pequena, não faça assim. Você sabe que só tenho olhos pra você — argumento, erguendo o queixo dela e começando a beijar seu pescoço e queixo.

— Espero que os olhos e todo o resto... Senão te capo, Sr. Machado! — Ui.

— Calma! Sem agressões! Pronta para amanhã? — pergunto, me referindo a nossa viagem a Sant Feliu Guixols.

— Nem me fale...

— Vai dar tudo certo. Acredite em mim.

— Tudo bem. Tenho boas notícias. Aldria e Júlio chegam hoje.

Por essa eu não esperava.

— É mesmo? Pensei que eles haviam programado chegar aqui na segunda.

— Achei melhor adiantar e, além do mais, minha *abuelita* terá mais um homem para ela atormentar além de você! — Sorrio da intenção de Vega.

— Você é malvada! — digo e beijo o pescoço dela.

— Só um pouquinho.

Passamos um tempo trabalhando em algumas questões, até que meu telefone toca, avisando que temos visitantes. Mando que entrem e Vega sai feito louca para abraçar uma Aldria

que também age como uma louca. Fico parado feito um bobo admirando a felicidade da minha pequena, e volto minha atenção a Júlio, que está com a mesma cara de bobo que eu, mas no caso dele, admirando a amiga maluca da minha namorada. Coitado... Está perdido!

— Como vai, Júlio? — Estendo a mão e cumprimento um Júlio um tanto abobado. Rio dele.

— Sr. Machado, como vai?

— Agora melhor, já que vieram resolver as questões trabalhistas para mim.

— Fique tranquilo quanto a isso.

— Sr. Machado, boa tarde! — Aldria me cumprimenta.

— Boa tarde, Srta. Garcia!

— Se quiser me mostrar onde vai ser minha sala, posso ir adiantando algumas coisas.

— De forma alguma. Depois dessa viagem cansativa, vocês vão descansar. Vega e eu estávamos indo almoçar agora, nos acompanhe. Podemos conversar e acertar algumas coisas, depois vamos para o hotel.

— Claro! — ambos respondem.

— Não desfaçam as malas. Amanhã vamos para Sant Feliu Guixols.

Aldria se anima e dá pulinhos na sala. Júlio a olha e balança a cabeça.

— Casa da sua avó? Sério? — pergunta um Júlio meio descrente.

— Sim, senhor e não reclame! Da última vez que viemos, ela adorou sua companhia.

— Vega, ela me apalpou! — Eu rio, imaginando a cena.

— Deixe de ser frouxo, Júlio! — fala Aldria.

— Já sei! Você será minha namorada!

Aldria olha para ele, espantada, Vega segura o riso.

— Lógico que não! Você já tem a lambisgoia anoréxica.

Justifica, disfarçando o rubor na face.

— Será sim! Aí ela não se aproxima de mim... Velha maluca! — ele diz, ignorando o comentário sobre a namorada.

— Ei! Você está falando da minha avó!

— E eu tenho que aguentar vocês duas e sua avó o fim de semana inteiro! — ele resmunga como se isso fosse uma tortura.

— Antônio, lhe faz companhia, assim, divide o fardo — Vega sugere, meio apreensiva.

Aproximo-me dela e passo a mão por sua cintura.

— Pelo visto a coisa andou — Júlio diz, colocando as mãos nos bolsos.

— Sim! Vega e eu estamos namorando.

— Seu pai sabe? — pergunta ele, diretamente para ela.

— Ainda não. Mas mamãe sabe, tio Jonas e tia Agna sabem e agora minha família na Espanha saberá.

— Algum problema, Júlio? — questiono.

— Não, Sr. Machado. Enquanto mantiver minha prima feliz... — ele diz, me encarando, mesmo sem completar.

Admiro isso. Poucos têm essa coragem.

— Esse é meu objetivo de vida.

— Ah, que lindo! Tão meloso que quase fico diabética. Agora podemos ir almoçar? — Aldria quebra o clima tenso.

Saindo da sala, vejo Júlio acompanhar Aldria.

— O que você tá fazendo? — ela pergunta, encarando a mão que ele colocou em sua cintura.

— Estou testando meu lado namorado — responde ele e segue seu andar, puxando-a.

Vega ri da cena, e eu começo a acreditar em meu amigo João. Esse cara realmente tem uma queda pela amiga maluca da minha pequena.

Chegamos a um restaurante próximo da empresa e logo chamamos a atenção dos que estão em volta.

— Larga minha mão, seu frouxo! — quase grita Aldria.

— Fale isso de novo e te mostro o frouxo! — Júlio se aproxima dela. Isso vai dar merda...

— F. R. O. U. X. O! — reafirma e mal termina, Júlio a suspende em seus ombros e sai do restaurante com ela, gritando a plenos pulmões. Minha pequena olha chocada e, de repente, estoura em uma gargalhada. Nem eu resisto e dou risada da cena.

— Venha, pequena, vamos pegar uma mesa.

E quando nos viramos, Vega tromba sem querer em uma pessoa. Ela olha para pedir desculpas e um homem a encara de forma estranha.

— Veve? É você mesmo? Oh, *Dio*, é você! — ele exclama, a puxando para um abraço.

Mas que porra é essa?!

Ele levanta minha pequena pelo traseiro?

— Juan? Nossa, que surpresa!

Ela não vai dizer nada?

Assisto a cena e não sei como eu ainda não fiz nada.

— Vega?! — chamo-a e ela parece se recompor e voltar a me olhar.

— Antônio. Oh... Este é Juan, um velho amigo! — ela diz, me apresentando ao infeliz.

Incomoda-me a forma como ele me analisa, parecendo interessado.

— Prazer. Antônio Machado, *namorado* da Vega. — Dou ênfase no título. Não gostei dessa merda de “Veve”.

— Namorado? Nossa, você mudou, hein?! Nunca imaginaria isso vindo de você, *Furacão!* — ele comenta, rindo.

Mas que caralho é esse de Furacão?

— Estou correndo — continua o cara. — Bom saber que está por aqui. Aparece no clube, leva ele. Quem sabe a gente não se diverte? Foi bom te ver, Veve! Boa sorte, cara! — Antes de sair ele dá um beijo no rosto da Vega, que está mais do que sem graça, em seguida dá uns tapinhas nas minhas costas.

Ele não dá tempo de mais nada e já sai porta fora. Volto meu olhar para Vega, que finge mexer na unha para não me encarar. Tem merda aí e merda que eu não vou gostar de saber... Mas que eu vou descobrir, eu vou!

— Venha, *Furacão*. Vamos pegar a nossa mesa. — Ela me olha chocada e, pela primeira vez, Vega não me dá uma resposta atrevida.



Chegamos a casa da minha *abuelita* quase na hora do almoço. Ela sai para nos receber ao lado de meu *abuelo*. A emoção me toma e corro para abraçá-los.

Que saudade sinto do cheiro deles, desse carinho e desse abraço.

— *Mis abuelos!* — cumprimento-os emocionada.

— *Mi nieta!* Como está, *hija*? — fala minha avó.

— *Hola querida.* — Meu avô me abraça.

— Estou bem. Esses são Antônio, Aldria, e Júlio, que vocês já conhecem.

— *Julius!* Como está, garoto? — pergunta ela, apertando sua bochecha.

— Ótimo, senhora, e namorando... Olha ela aqui! — Ele coloca Aldria na sua frente, que fica sem graça.

— *Hola, hermosa niña!* — Ela abraça Aldria.

— Olá, dona Anitta, é um prazer conhecê-la.

— E fala tão bem minha língua. Que maravilha!

Ela se vira para Antônio e fica séria. Ai, *Madre de Dios*, nos ajude!

— Você deve ser o noivo de minha *nieta*.

Vou corrigir o mal-entendido, mas Antônio se adianta.

— Sou! Prazer, senhora, sou Antônio Machado, ao seu dispor — ele se apresenta, pegando a mão dela para beijar.

E com isso a ganha. Ela abre um sorriso lindo e fica encantada por ele.

— Mas que encantador! — ela diz, abismada.

— Eu sou Pablo, avô desta *niña*, e já lhe aviso. Logo que Estevan chegar, iremos ter aquela conversinha de homem para homem. E você, Anitta, pare de babar no rapaz! — meu avô resmunga e todos caímos na risada.

— Oras, me deixe em paz, homem! Venha, venha, vamos entrar. A comida está na mesa.

E com isso minha avó se vira para mim, dando uma piscada, pois conseguiu quebrar o clima que vovô tentou impor. Ela é tão sábia quanto minha *madre*. Não é à toa que são mãe e filha.

Apesar de terem feito fortuna na Espanha, meus *abuelos* nunca se perderam de suas raízes e sempre mantiveram a mesma casa no fundo da sua primeira pousada. Ela ainda funciona, mas agora, mais como uma área recreativa e de passeio diurno. Aqui é o paraíso e o lugar onde sempre gostei de passar meus fins de semana quando morei na Espanha.

Almoçamos calmamente, conversando e atualizando meus avós das notícias do Brasil. Contei como estão dona Lena e Sr. Pedro, e eles me adiantaram como anda a vida de meus tios e primos por aqui. Pena que estão todos em viagens pela rede de hotéis, e somente tio Estevan, o eterno solteirão da família, que fica ao redor, cuidando dos negócios locais e não deixa meus avós sozinhos, já que têm certa idade.

Após o almoço, minha *abuelita* sobe para os quartos, a fim de nos mostrar onde vamos

dormir. Não me espanta em nada, quando ela para no corredor indicando os quartos que iremos ocupar.

— Você, minha filha, fica com Aldria no quarto que era de sua *madre*. Já conhece o caminho. E vocês — Ela aponta para um Júlio e um Antônio com cara de poucos amigos — ficam no quarto dos meus *hijos*, deste lado. E nada de visitas noturnas — emenda. — A modernidade pode rodar o mundo, mas não entrou nesta casa!

Aldria e eu ficamos rindo da cara do Júlio emburrado e de Antônio, que está, no mínimo, chocado.

— Vamos colocar roupas de banho e podemos ir até as cachoeiras aqui de perto. Vocês vão amar! — falo, indo com Aldria para o quarto.

Entro, fecho a porta e caímos na risada.

— Você viu a cara de Antônio? — pergunto, ainda rindo.

— Sim, eu vi... Coitado!

— Eu avisei a ele que seria difícil, ele insistiu.

— Mas ele não conhecia sua *abuelita*.

— E Júlio? Como tem se comportado depois daquilo no escritório? — Tento de todas as formas tirar a história a limpo com Aldria, mas ela sempre se esquivava.

Isto está me irritando além da conta. Sei que eu tenho que respeitar suas vontades, mas... Poxa! Sou a amiga dela de todas as horas.

— Normal... Quer dizer... Nós nunca nos topamos muito, então... — Ela é evasiva.

— Bom, pelo menos ele está mais brincalhão com você. Nunca vou esquecer a cena do restaurante!

— Nem eu, amiga. Aliás, você já falou com Antônio sobre Juan? Ele ficou com aquela

cara azeda o almoço todo.

— Não, amiga. E, o pior, ele não questionou nada no quarto ontem. Achei que ia me encher de perguntas, mas simplesmente se calou.

— Olha, Vega, acho melhor você contar logo que mostrou sua preciosa para um monte de espanhois, antes que você encontre mais algum admirador! — Fico chocada com a franqueza dela.

— Cala a boca, sua doida! Se ele escuta isso assim, não quero nem pensar. Eu vou falar, só preciso de uma deixa.

— Tudo bem. Estou aqui, se quiser uma ajuda.

— Tudo vai dar certo. Tirando o fato de toda vadia querer pular em cima dele!

— Claro! Um homem desses, o que você pensa? — Alguém bate à porta.

— Entre — falo, amarrando a canga de Aldria para ela.

— Pequena, vamos? — Antônio me seca inteira.

Estou vestindo um biquini amarelo com uma saída de banho de crochê branca.

— Você vai assim? — Ele acorda do estado “cobiça” e aciona o modo “macho alfa”.

— Vamos e, sim, vou assim! Algum problema? — Paro, colocando a mão nas cadeiras.

— Desde que nenhum babaca te coma com os olhos, não teremos problema, *Furacão!*

Ele vem ao meu encontro, me enlaçando pela cintura. Não perco a piadinha com o apelido pelo qual Juan me chamou.

— Aí, vamos logo! — Entra Júlio de supetão e para abruptamente quando vê Aldria em um maiô vermelho estampado de flores estilo “engana mamãe”, que cobre a barriga e mostra todo o resto. Lindo!

— Que foi? — Aldria o encara.

— Nada... Vocês demoram demais — responde sem graça.

— Então vamos logo! Quero mostrar uns pontos bem legais para vocês — digo, puxando Antônio que vem atrás de mim, com a mão na minha cintura.

— Pula, Vega! — Antônio incentiva lá de baixo, no pé da cascata que encontramos no meio desse lugar lindo.

— Tá maluco?! De jeito nenhum! — falo, cruzando os braços.

Não é tão alto assim e ele está embaixo, mas eu sou medrosa.

— Vamos, *Furacão!* Vai ficar com medo agora?

Merda! Como ele consegue acionar o pior de mim com tão pouco? Eu sei que vou me arrepender...

— Eu não amarelo, *gillipolas!* — digo e ele gargalha.

— Prove! — Ele estende os braços para o alto e faz sinal com o dedo, me chamando.

Mesmo que não me sentisse desafiada no momento, eu pularia, pois quem resiste a esse homem com cara de sacana, fazendo sinal com a mão te chamando? Ninguém!

— Você tá maluca! Só pode! — Aldria resmunga, sentada nas pedras.

— Sempre fui, amiga! — afirmo isso e pulo.

Grito feito doida durante o pulo, mas logo sinto a água me tomar e braços fortes me puxarem para cima. Estou segura nos braços de Antônio.

— Muito bem, pequena! Provou ser corajosa — ele elogia e me beija. Não é um beijo comum, e sim daquele tipo que ele adora fazer antes de me comer. E adivinha quem está

querendo participar da festinha? Minha amiguinha aqui em baixo!

“*Não se esqueça de mim...*” - não enche!

Saímos da água antes que a coisa se intensifique. Meu primo, apesar de parecer complacente com tudo, tem nos observado, e sei que virá com seu discurso protetor e vai, com certeza, falar com meu pai. Não antes de mim.

Deitamos na canga que levei e tomamos sol, um ao lado do outro. Nossa! Isso aqui é o paraíso! Fecho os olhos, deleitando-me do sol gostoso na minha pele, porém, não consigo relaxar por muito tempo. Sinto alguém me olhando e quando abro os olhos Antônio está quase em cima de mim.

— O que foi? — pergunto, sorrindo.

— Até quando você vai me enrolar, *Furacão*?

Diz com ar de deboche, mas dentro dos seus olhos eu vejo a ebulição de curiosidade, raiva e ciúmes.

Ai! Que *Madre de Dios* me proteja! É agora!

— Olha, Antônio... — Sento-me, ele ainda continua deitado de lado na canga e só de sunga, de um jeito que realmente fica difícil o raciocínio. — Eu tive um passado antes de você, e fiz coisas das quais eu não me arrependo. Aprendi e vivi muito, e isso foi bom e me tornou quem sou hoje.

— Pequena, não enrole! — reclama, agora mais sério, formando um vinco entre as sobrancelhas. De repente escuto um grito e levanto-me correndo, a tempo de ver Aldria caindo na água.

— Aldria! — grito e quando saio em sua direção, sinto alguém me erguer. Esperneio e só paro quando escuto Antônio sussurrar em meu ouvido.

— Calma, pequena... Calma. Júlio já foi pegá-la.

E aí percebo que Júlio, que se mantinha do outro lado do riacho, nada fervorosamente até Aldria e a puxa para a margem do nosso lado.

Antônio me solta, vendo que estou mais controlada, e corre para ajudar a tirá-la da água. Abaixo-me em torno dela, quando Júlio diz:

— Afastem-se.

Ele tapa o nariz dela e com sua boca cobre a dela, fazendo os procedimentos de primeiros socorros. São segundos que parecem eternos e já sinto meu rosto banhado em lágrimas.

— Aldria... — sussurro

Júlio faz a massagem cardíaca e respiração boca a boca mais uma vez, então ela começa a tossir e cuspir água.

— Graças a Deus! — dizemos eu e Júlio ao mesmo tempo.

— Aldria, você está bem? — Antônio toma a frente, vendo que Júlio está paralisado, olhando para ela.

— Sim, eu... Meu Deus, você encostou sua boca na minha? — pergunta ela, já limpando os lábios e me olhando. — Vega, amiga, eu me afoguei, não tenho culpa nisso!

Começo a rir da cara de desespero que faz.

— Fui eu... — Ela olha pra frente e vê Júlio, ficando estática.

— Ele que pulou na água e te salvou, amiga — explico. — Mas o que deu em você para pular sozinha?

— Eu fui dar uma olhada da ponta e me desequilibrei. Como não sei nadar, acabei engolindo água — esclarece, olhando para Júlio. — Hum... Obrigada.

— Não há problema — diz ele. — Faria por qualquer pessoa.

Então se levanta e sai, andando para longe.

Olho para Antônio, que entende o recado e segue Júlio. Num momento está superpreocupado com ela e no outro a trata como uma qualquer.

— Tá vendo por que o detesto?! Tento ser educada e recebo patada.

— Calma, amiga! Vamos voltar, sim?! Acho melhor você descansar.

E assim juntamos nossas coisas e chamo Antônio, que já voltava sozinho ao nosso encontro, sem Júlio. Aviso que vamos voltar e ele prontamente concorda.

Chegamos a casa e coloco Aldria para descansar no quarto. Depois de verificar que está tudo bem com minha amiga e que só foi um acidente, saio em busca de respostas e hoje, o Sr. Júlio Gouvêa, não me deixará sem elas.



Capítulo 23
Eu te amo!

Antônio

— ELE O QUÊ? — grito no telefone.

— Ai, meu ouvido! Fiquei surdo... Porra, Antônio — fala João, alterado durante a chamada.

— Como assim o cara sumiu, João? Onde está Caio que não colocou uma sombra atrás desse infeliz? Não posso voltar hoje para o Brasil. Ainda temos muito o que colocar em ordem por aqui.

— Eu sei. Caio colocou alguém seguindo o infeliz, mas ele conseguiu fugir. Ele simplesmente sumiu.

— Porra! — xingo, exasperado. Já estava ansiando chegar ao Brasil e detonar esse infeliz. Agora ele sumiu!

— Caio mantém uma equipe direcionada para isso. Não se preocupe, vamos achá-lo.

— Tudo bem. Não há muito que fazer por agora. E sobre a família Albuquerque, conseguiu o que te pedi? — mudo o assunto, me lembrando de que tenho uma pedra para tirar do meu sapato. No caso, para tirar de cima da minha mulher.

— Sim. Fiz o levantamento que me pediu. Podemos usar um testa de ferro e entrar com o pedido de compra.

Pondero um pouco.

— Não. Vou resolver isso quando eu voltar. Ainda quero descobrir o que esse infeliz tanto quer...

— Sua namorada, não é obvio?! — opina João e sinto o ar sacana desse filho da mãe.

— Vai se foder! Te ligo segunda.

Desligo sem dar mais brechas. Do jeito que estava, ele já ia mudar o foco só para me sacanear.

Vou à busca da minha pequena. A mera ideia de uma ameaça contra nós dois, mesmo que vindo daquele babaca do ex dela, deixa-me muito incomodado. Vou resolver isso de uma vez por todas. Não o quero perto de Vega e muito menos da minha irmã.

Procuro Vega ao redor da casa e não a encontro. Quando estou passando pelo corredor próximo ao seu quarto, vejo-a com Aldria conversando. paro quando escuto algo.

— Amiga, fale logo de uma vez! Duvido que Antônio nunca tenha feito nada dessas coisas — Aldria fala, parecendo estar consolando Vega.

— Ele é ciumento e possessivo. Como você acha que ele vai reagir quando me ouvir dizer que saí com um monte de caras e adorei praticar *Ménage*?

PUTA QUE PARIU!

Viro em meus calcanhares e volto de onde vim.

Que porra, Antônio?!

Isso que dá ficar bancando a mulherzinha e ficar ouvindo conversa dos outros. Merda! Monte de caras? Sempre soube que minha pequena não era boba nem nada, mas nunca pensei que ela tivesse sido tão aberta a essas opções. Começo a imaginá-la em um ambiente com dois caras alisando-a, e meu sangue ferve.

Calma, Antônio. Respire, cara!

Então era disso que se tratava o *Furacão*? Merda! Ela já saiu com aquele idiota.

Ao retornar pelo mesmo percurso, vejo dona Anitta sentada em sua cadeira, olhando um álbum. A expressão dela é de total encantamento e me aproximo, pois fico curioso. Eu sei, estou parecendo uma mulherzinha. Preciso achar outro foco pra não dar uma prensa na minha pequena.

— Oh, olá, rapaz! Estou tão distraída com lembranças que não te percebi aí. Venha, sente ao lado desta velha, um pouco.

— Claro, dona Anitta! Na verdade, fiquei curioso com o que a senhora tem aí — falo, meio sem graça.

— Isto aqui é meu maior tesouro, menino.

— Posso ver? — pergunto, esperançoso.

— Pode.

Ela me entrega.

Fico admirado ao perceber que se trata de um álbum de família, com fotos de várias pessoas que nunca vi. Mas noto que quase todos têm traços parecidos e me lembra muito minha pequena.

Paro em uma foto e perco o chão. É Vega, numa versão mais antiga, linda em um vestido de noiva.

— É minha Lena. Linda, não é?

— Sim! — Fico emocionado com o que vejo.

Não consigo parar de pensar que esta poderia ser Vega e quão linda ela ficaria em um vestido de noiva. Sinto meu peito doer e uma necessidade que estava adormecida dentro de mim, explode. Eu preciso dela, eu a quero para sempre ao meu lado. Eu amo essa mulher e faria qualquer coisa para mantê-la comigo. Dane-se o que ela já fez! O que importa é que depois que botei meus olhos nela, passou a ser minha.

— Casaram-se em pouco mais de seis meses de namoro. É assim, meu filho. Quando o amor acontece, não existe tempo certo. Você vai e faz!

Com isso ela se levanta, me deixando em meus pensamentos conturbados.

Vega

— Antônio?! — Vejo-o sentado na varanda, perdido no álbum em seu colo. Reconheço-o. É o álbum de casamento da minha *madre*. — O que você está fazendo aí?

— Pequena...

Ele larga o álbum na mesinha ao lado e se levanta, vindo ao meu encontro. Quando está próximo o suficiente, me enlaça pela cintura e me dá um beijo, tirando-me do chão. Não sei o que deu nele, mas confesso que me sinto contagiada por esse sentimento. Quando percebo, estamos girando e rindo.

Ele para de repente e me coloca no chão. Nunca deixando seus olhos se perderem dos meus. Sinto sua energia modificar para algo mais intenso, bem como meu corpo inteiro se arrepiar.

— Eu te amo — ele sussurra próximo a minha boca, e meu coração martela no peito. Me sinto meio surda, tamanho o turbilhão que se forma dentro de mim. Antônio fica me olhando como se procurando alguma resposta.

— Obrigada! — falo, abraçando-o.

“Sério isso, Vega Velásquez?” - agora não, vozinha... Estou tentando controlar uma situação aqui.

Sei que não era o que ele esperava, mas simplesmente não sei o que dizer. O que sinto por ele é muito intenso e forte, mas não sei se é amor. Quer dizer... como a gente faz para ter certeza? Sinto o corpo dele tensionar. Droga!

— Não me importo com nada do seu passado, pequena. Confesso que estou com um puta ciúmes de você, mas respeito suas escolhas. Só não quero mais nenhum imbecil te tocando. Você é minha, entendeu? — ele diz tudo isso e se eu já não estivesse em uma mini crise de pânico, surtaria no momento.

Como ele descobriu?

De repente um raio cai na minha cabeça. Ele me ouviu falando com a Aldria, claro!

— Antonio, eu... — Afasto-me dele tentando dizer algo, mas seu telefone toca. Muito oportuno.

— Alô?

Ele atende e vai se afastando para falar com quem acredito ser Caio. Sinto-me uma imbecil. Meus olhos ardem e meu peito afunda dentro de mim.

Saio dali, pois não quero ter que falar mais nada com Antônio. Estou confusa. Sei que ele ficou magoado com o lance do “obrigada”. Quem agradece depois de um “eu te amo”? O mínimo que se espera é que a pessoa retribua. Como vou fazer isso se me sinto tão confusa e faz tão pouco tempo... Como vou ter certeza? Como se não bastasse, ele me deixa uma puta prova de confiança simplesmente encerrando o episódio com Juan, sem questionamentos e nem surtos.

Caminho pelo pomar da minha *abualita* e vejo Júlio sentado embaixo de uma árvore. Ainda não o tinha visto depois do que aconteceu na cachoeira.

— Oi.

— Oi.

Ele me olha e vira o rosto, mexendo no chão com um graveto que tem na mão.

— Júlio, o que está acontecendo? Quer dizer, você nunca foi tão aberto assim com a gente, mas ultimamente está demais. Você vive para o trabalho e ainda namora aquela azeda da Isabela, e até agora não entendo o que faz com ela. — Ele bufa.

— Sério, Vega? Você quer falar de mim e do meu comportamento? Bom, vamos então falar um pouquinho de você — Olho-o assustada. Ele nunca falou assim comigo —, que nunca teve um relacionamento sequer. Sempre se manteve a um palmo de distância de qualquer um e

mesmo tendo todo o conforto do mundo na casa dos seus pais, quis a todo custo ir morar sozinha. E como se isso não bastasse, o que raios você está fazendo com o maior cliente em potencial da empresa do seu pai, Vega?

— Júlio...

— Não me venha com essa cara não, priminha. Dá pra perceber que o cara está de quatro por você, mas e aí? Você vai sair do seu pedestal inalcançável e perceber que ele quer você? Que ele é apaixonado por você e faria qualquer coisa pra te ver feliz? Percebe que toda vez que ele escuta seu nome, isso o deixa mais do que feliz e que cada vez que você o renega ele se sente um lixo?

Agora entendo. Eu estou sendo o seu desabafo.

— Tenho certeza de que ela sabe de tudo isso, primo.

Digo e de repente ele me olha com espanto. Acho que se tocou que foi além do que deveria.

— Do que você está falando?

— Priminho, nós somos iguais, não é?! Saia você também desse pedestal e enxergue o que está à sua volta. Se ela não viu tudo isso que você acabou de me dizer, é porque você não está sendo claro o suficiente. — Ele engole seco.

— Desculpe... Eu não queria dizer... eu...

— Não precisa se desculpar. Eu entendi e na verdade você acaba de me ajudar a enxergar algumas coisas que também precisava ver.

— Vega! — Vejo Aldria me gritando do início do pomar.

— Falando na diaba... — Sorrio com o comentário dele.

— Venha, vamos. Temos que arrumar tudo para voltar.

A volta é silenciosa. Nem as farpas entre Júlio e Aldria acontecem no carro. Antônio se mantém quieto. Ele ainda está incomodado com o que aconteceu e confesso que eu também. Preciso esclarecer tudo.

Chegamos e vou direto para o banho. Preciso me lavar e limpar minhas ideias. Quando saio do banho, ele não está no quarto. Coloco uma camisola, pois não pretendo sair mais hoje e vou para a sala. Encontro Antônio sentado na cadeira e mexendo no notebook.

Quando me vê, sinaliza para mim e me puxa para seu colo. Abraça-me pela cintura e me dá um beijo acolhedor. Consigo relaxar e me sentir bem.

— Antônio, eu...

— Shiii... pequena. Tudo a seu tempo. Eu espero. — E ele torna a me beijar. Sinto meu coração palpitar e como sempre acontece quando ele me toca, me perco em sensações e sentimentos, me entregando ao meu arrogante gostoso.

Passamos uma semana inteira trabalhando feito loucos. Demitimos, contratamos, treinamos, organizamos, fizemos tudo que era necessário para a empresa continuar de onde parou, agora, sem as falcatruas.

Júlio e Aldria embarcam hoje de volta ao Brasil.

Aldria veio emprestada da *Gouvêa & Associados*. Normalmente ela não trabalha com clientes e sim com a estrutura da empresa. Porém, quando vimos como estavam as coisas por aqui, sabíamos que seria necessária uma força extra.

Com tudo isso acontecendo, eu ainda não consegui trabalhar todos esses sentimentos e não me permiti aprofundar demais nisso. Antônio tem sido além do príncipe do conto de fadas. Mesmo trabalhando mais de doze horas por dia, ele não perde a paciência comigo, trata-me bem e realiza todos os meus desejos. Quando digo todos, são todos mesmo!

— Pequena? — Estou perdida em pensamentos e não o vi entrando na sala de reuniões.

— Oi. — Abro um sorriso.

Agora é assim. Toda vez que o vejo, sorrio feito boba.

— Vamos? Por hoje já encerrei, agora é com o novo diretor, que, aliás, lembre-me de comprar algo em agradecimento ao seu tio. Não preciso mais ficar por aqui. Você já terminou?

Enquanto ele falava, já se aproximava da cadeira, me puxando para ficar de pé.

— Claro. Vamos, sim. Partimos amanhã mesmo? — pergunto, saindo dos seus braços e guardando minhas coisas.

— Sim. Já pedi a Carlitos para mandar preparar o jato e Caio já está avisado para nos pegar no aeroporto no Brasil. — Olho para ele, confusa.

— Carlitos? Quem é Carlitos?

— O novo assistente da presidência.

— E o que aconteceu com Iolanda?

Minha careta é inevitável quando menciono a sirigaita.

— Foi remanejada, pequena — ele responde, dando um sorriso de lado.

— Sei... Bom, vamos. Já peguei tudo que preciso. — Ele acena e caminhamos para fora do prédio. Entramos no carro e vejo Antônio fazer um caminho diferente do hotel. — Antônio, onde estamos indo? — Fico olhando em volta para reconhecer e ter alguma ideia.

— Sempre ansiosa, pequena. — Ele sorri de lado, safado como sempre. Logo para em frente ao *Caelis* e olho para ele espantada.

— Aqui? — pergunto, sentindo um desconforto pela nossa última vinda.

— Aqui! — confirma, se aproxima de mim, me *dá* um beijo estalado e sai do carro, o

contornando para abrir minha porta.

Adentramos o restaurante e ao invés de ele me levar para a área privada, vamos para uma parte mais movimentada e que conheço muito. Ali que costumava jantar com meus tios e minhas primas.

— Não acredito! — solto um grito e corro para minhas primas, Ariane e Alexandra.

Estão todos aqui, até meu tio Estevan, que não conseguimos encontrar na pousada, pois justo no dia que chegamos, ele teve uma emergência na cidade vizinha.

— Prima, você está linda! — Ariane diz.

— E você, então? Magnífica! — Ela dá uma voltinha.

Convencida!

— *Hola*, princesa.

Abraço meu tio, que apesar de ser um coroa, continua lindo de morrer.

— A benção, *tío*! — Quando saio do seu abraço, ele direciona um olhar mortal ao meu namorado. Adoro esse novo título!

— *Buenas noches* — ele diz, todo sério, e eu o cutuco.

— *Buenas noches, señor!* — responde Antônio, que não se abala em nada com a postura do meu tio.

— Educado seu namorado.

Meu tio me olha.

— *Tío*, por favor — falo, lamentando essa cena ridícula.

— Tudo bem, parei! — amenina e puxa Antônio para um abraço de urso, rindo da cara espantada do meu namorado.

Cumprimentamos o pessoal na mesa e nos entrosamos em uma conversa gostosa e animada. Minha tia, como uma das apaixonadas por Antônio, faz questão de contar em detalhes o que meu namorado fofo fez. Ele ligou para ela e pediu que organizasse um jantar de despedida com a minha família.

Meu peito infla de alegria e emoção. Antônio sabe o quão importante minha família é para mim e esse gesto me prova que ele realmente se importa comigo. Pena que meus avós não vieram, pois tinham hóspedes antigos na pousada e não poderiam sair de lá.

— Feliz? — ele pergunta em meio as conversas que rolam na mesa.

— Muito. — Dou-lhe um beijo carinhoso. — Antônio, obrigada por tornar essa viagem especial e obrigada por compreender meu passado. — Ruborizo, mas não me envergonho do que fiz. Acontece que o cara que você está afim descobrir de certas intimidades dessa forma, realmente é constrangedor.

— Pequena, eu quero você com tudo que tem. Não vou ser hipócrita de dizer que quero saber de seu passado. Não quero. Mas com certeza vou aproveitar muito o seu presente e futuro — decreta ele, com uma promessa no olhar.

Tem como não me encantar por ele?

O restante do jantar correu tudo bem e foi uma ótima maneira de finalizar nossa estadia na Espanha.

— Pequena, eu preciso te pedir uma coisa — fala Antônio, me acordando dos meus pensamentos sobre a noite de hoje.

— Claro, diga.

Olho para ele, que dirige seu jaguar e o sinto tensionar o corpo.

— Quero que faça um boletim de ocorrência contra seu ex assim que pousarmos no Brasil.

— O quê? Por que isso? — questiono, atônita.

— Pequena, está perguntando isso mesmo? Ele invadiu seu prédio e te agarrou a força no seu apartamento!

— Não acho necessário, Antônio. É exagero! Domênico jamais faria algo para me machucar.

— Jura, Vega? Então a investida dele em você foi consensual. — ele afirma e não pergunta. Fico irada.

— Se você realmente acha que o que aconteceu no meu quarto foi consensual, Antônio, por que está comigo? — questiono, elevando minha voz. Ele me irrita.

— Porque eu te amo, porra! — Ele bate no volante e fico muda. — Vega, você não entende. Esse cara... Eu sei que ele quer mais do que você... Pense com a cabeça, amor. Por que depois de tanto tempo vir atrás de você? — Ele termina, amenizando sua voz. Percebeu que me encolhi com sua explosão.

— Desculpe — falo envergonhada. — O que você quer dizer exatamente, Tom? O que sabe e não está me contando?

— Pequena, lembra quando mencionei com você que Amanda deu trabalho aos seguranças?

— Sim, claro! Até conversei com ela sobre isso.

— Pois bem. Mandeí Caio de volta ao Brasil, pois descobri que o cara que estava com a Amanda na boate era o seu ex.

Fico chocada. Domênico estava com Amanda?

— Não acredito! Mas isso é, no mínimo, estranho — digo, tentando entender tudo isso.

— Foi o que pensei.

— E qual o próximo passo? — pergunto, curiosa.

— Como assim?

— Antônio, você não ia somente mandar Caio de volta. O que está planejando fazer? —
Ele dá um sorriso de lado e me responde.

— Por enquanto só pretendo te foder inteira, pequena. O resto eu resolvo quando chegar
ao Brasil.

E assim como entrou, ele saiu do assunto e conseguiu minha total atenção com o novo
tópico.



Desembarcamos cedo em São Paulo. Assim que ligo o celular, vejo várias mensagens e ligações perdidas de minha mãe e meu pai. Fico preocupada e retorno imediatamente para minha mãe.

Vejo Antônio também ao telefone, entramos no carro e Caio nos leva para a empresa de Antônio. Não podemos perder nem um minuto no processo de reestruturação dos setores.

— Alô? Mãe? Ma... droga — falo, exasperada.

— Tudo bem, estamos a caminho — Antônio diz. — Caio, escritório da *Gouvêa & Associados*.

E desliga o telefone, me olhando com preocupação.

— O que houve? — pergunto, aflita. Tem alguma coisa estranha acontecendo.

— Não sei, pequena. Era a assistente do seu pai e ele solicitou nossa presença urgente para uma reunião — fala e pega minha mão e a beija. Sinto meu coração pular descontroladamente. O que está acontecendo? Tenho um mau pressentimento.

Não demora e chegamos à sede da empresa, entramos e caminhamos diretamente até a sala do meu pai. Sua assistente nos avisa que podemos entrar e sou a primeira a passar pela porta e estacar na entrada. Antônio que vem atrás de mim, solta o ar pesadamente. Estão todos aqui. Minha mãe, papai, Aldria e o que me admira, meu ex, Domênico.

— *Hija! ¿cómo estás?* — Vou até minha *madre* e a abraço. — Antônio. — Ela o cumprimenta só com um acenar de cabeça.

— Boa tarde, senhora. Senhores, como vão? Pedro, qual o motivo desta... reunião? — Antônio questiona apontando em volta, mas não se mostra abalado com nada.

— Boa tarde, Antônio. Eu exijo saber o que está fazendo para minha filha, e agora!

Mas o que está acontecendo?

— *Papá?* — Coloco-me ao lado de Antônio e de frente para ele.

— Calma, Pedro! — pede minha mãe, colocando a mão no braço dele.

— Senhor, eu não entendi. — Antônio se mostra confuso.

— Pois vou lhe explicar. Tenho informações de que está coagindo minha filha a... a... trabalhar com você, e como prova agrediu o pobre do Domênico, que tentou conversar com Vega sobre isso. O que pretende, Sr. Machado?

— COMO É QUE É? — altero-me, olhando para o meu pai, que agora resolve me olhar e não gosto nada do que vejo em seus olhos.

— Deve estar havendo um grande engano — Antônio diz, direcionando seu olhar para um Domênico que parece no mínimo assustado.

— Quieta, Vega! Com você eu me entendo depois!

— Uma ova!

Ele me olha espantado.

— Pequena, deixe — sugere Antônio.

— Não, Antônio! Pai, de onde tirou tudo isso?

— Vega, cale-se! — Olho-o atônita. Ele nunca elevou a voz para mim.

— O que está acontecendo aqui? — Júlio entra na sala.

— Senhor, desculpe, mas deve estar havendo algum equívoco. Eu não coagi sua filha a nada e sobre a agressão ao Sr. Albuquerque, pergunte a ele o que estava fazendo no apartamento de sua filha. — Meu pai vacila o olhar, mas isso já não me importa mais.

— Quem está coagindo você, Vega? — Júlio pergunta com cara de confuso, já que ninguém explicou nada a ele.

— Este homem! Ele está coagindo sua prima — meu pai diz, apontando o dedo em direção a Antônio.

— CHEGA! — Todos me olham assustados. — Você, seu merda — Domênico se encolhe, olhando-me —, não merece o mínimo de respeito! Como ousa vir falar absurdos de minha vida ao meu pai? Você não tem esse direito! — Viro-me para meu pai e aponto o dedo para ele. — E o senhor? Que vergonha sinto agora. Preferiu acreditar em sabe-se lá o que, que estes infelizes, sanguessugas, te falaram, ao invés de vir falar com a própria filha — falo já com lágrimas nos olhos.

— QUE ESTÁ TENDO UM CASO COM UM CLIENTE!

Ele altera a voz.

— SIM! E quer saber de uma coisa, senhor Pedro? Não me arrependo. Neste “caso”, descobri o verdadeiro amor. Aquele que é dado sem pedir nada em troca! — Sinto a mão de Antônio no meu ombro. — Isso pra mim já deu! — falo, e dirigindo à saída.

— Vega! — Olho pra trás e vejo Domênico vindo em minha direção.

— O que você quer? — Como você pode estar tão cega a ponto de trocar algo certo por ele? Você nem sabe suas origens. Aliás, nem ele! Nesse momento tudo acontece como um borrão. Antônio de repente está em cima de Domênico e o soca com gosto. Meu primo, que até então estava em silêncio, entra para apartar a briga.

— Me solta!

Escuto Antônio esbravejar para Júlio.

— Calma, cara! — Júlio diz.

— *Hija!* — Minha mãe me abraça.

— Saia daqui, Sr. Machado! — ordena meu pai, amparando Domênico, que tem o supercílio sangrando.

— Com todo prazer — Antônio fala, ajeitando seu terno.

— Antônio, espere!

Corro até ele, que já está saindo pela porta. Ele me olha e não é mais meu namorado, e sim um menino quebrado. Não entendo o porquê disso.

— Pequena, agora não é o momento. Eu... Preciso ir... Tenho que resolver umas coisas.

— Eu vou com você — falo apressada.

— Não. Fique. Sua mãe está nervosa. Nos se fala mais tarde.

Fico parada, quando o vejo seguindo seu caminho para a saída. Sinto meu coração falhar. O que aconteceu? Por que ele está fugindo de mim?

— Vega... — Escuto a voz irritante de Domênico. Viro-me e pareço uma leoa. Chego bem perto do seu rosto que escorre sangue. Seguro seus dois ombros, ele ameaça sorrir, mas não dou tempo de ele interpretar errado, pois chuto no meio de suas bolas.

Ele urra e eu sorrio.

— Vega! — mamãe e papai falam ao mesmo tempo.

— Me demito, Sr. Gouvêa! — anuncio e saio da sala.

Escuto um “é isso aí, garota!” vindo de Aldria, e Júlio chamando sua atenção para não

piorar as coisas. Deixo a sala que tanto almejei um dia, com a certeza de que isso não me pertence mais.

Dois dias... Dois infinitos dias de merda! Não durmo direito, não como direito, e não falo com ninguém direito. Ainda não sei o que está acontecendo, porque daquele episódio ridículo do meu pai e, principalmente, porque o homem que descobri que amo fervorosamente, saiu daquele jeito.

— Olá, deusa! — fala Lucca, entrando no quarto.

— Oi — respondo, cobrindo minha face com o lençol.

— Tem alguém aqui querendo te ver. — Dou um salto da cama na esperança de ser aquele que roubou meu coração.

— Antônio? — pergunto, arrumando os meus cabelos.

— Não, sou mais legal que ele!

Aparece Íris, minha doce prima.

— Oi, prima! — falo e não consigo controlar a torrente de água que sai dos meus olhos.

Ambos, Lucca e Íris, vêm ao meu encontro e me abraçam, afagando meus cabelos como se eu fosse um bichinho.

— Calma, querida. Tudo vai se resolver.

— É, Vee. Seu pai vai cair em si.

— Não *tô* nem aí *pro* meu pai! — Eles me olham tão assustados que seus olhos saltam da face. — Isso mesmo! Cansei de ser a filha perfeita, a profissional perfeita... Ele que arrume outro pra assumir o posto daquela empresa. Lá eu não piso mais! — digo, convicta.

— Nãoooooooo! — ambos falam, colocando a mão sobre a boca.

— É isso aí, garota! — Viro e vejo uma Aldria toda sorridente encostada no batente da porta. Ela vem ao nosso encontro e me abraça apertado.

— E agora? O que pretende fazer?

Penso por um momento.

— Vou abrir meu escritório de consultoria — comunico, orgulhosa de mim.

— Parabéns! — Os três me abraçam. Aliás, me amassam.

— Isso vai ser ótimo, amiga!

— Você vai brilhar, minha diva!

— Vee, você vai arrasar. Mas e sobre Antônio? Eu não estava lá, mas as notícias correm, Vee.

— Eu não sei. Ele simplesmente se foi.

— Achei muito estranho, amiga. Depois de Domênico falar aquelas idiotices, ele mudou a postura e saiu de lá praticamente correndo. Claro que antes socou a cara do babaca infeliz! — diz Aldria, que presenciou toda a cena.

— Também achei estranho. Eu não entendi o que aconteceu.

— Seu homem sempre foi muito misterioso. Não acha que já está na hora de obter respostas?

— Mas ele não diz nada, Aldria. O que eu posso fazer? Além do mais, tem dois dias que mal nos falamos. Cogitei ir até ele, mas não quero invadir seu espaço.

— Vai atrás, Vega! Você também precisa entender o lado dele. Deus sabe o que ele pode já ter passado.

Até me assusto com o rompante da Íris. Ela costuma ser tão calma.

— Eu não sei...

— Deusa — fala Lucca, me olhando —, eu não sei o que aconteceu aquele dia, mas pelo que a Mortícia contou, a coisa foi feia. Vocês precisam conversar e você precisa entender o que está acontecendo com seu homem.

Isso me dá uma ponta de coragem e começo a pensar que realmente eu deva ir atrás. Ao menos dessa vez, tenho que mostrar a ele que me importo com essa relação e que o amo na mesma proporção que ele me ama, ou amava, isso ainda vou descobrir.

— Tudo bem. — Pego meu celular e procuro o número da única pessoa que é capaz de me ajudar a desvendar Antônio. — João? Oi. Vega Velásquez. Tudo ótimo. Claro, se você me ajudar com uma coisinha.

Desço do meu carro e fico mais ansiosa, se é que isso é possível! Observo a frente da casa e é exatamente como havia visto a primeira vez. Serena e pacata. Um ar familiar que me enche os olhos d'água, pois lembro-me da casa de minha *madre*. Isso fica para outra hora.

Caminho até a porta e bato timidamente.

— Olá, menina! — diz um Cláudio muito animado.

— Oi, senh... Quer dizer, Cláudio — corrijo-me antes de ele me fazer aquela cara de bravo.

— Vamos, entre. Preparei nosso café da tarde. Espero que goste.

— Tenho certeza de que estará ótimo — falo enquanto ele nos leva para uma sala de estar que dá para os fundos de um jardim belíssimo.

— Lindas, não é? Todas foram plantadas por minha estrela! — conta quando me nota observando o lindo jardim.

— Gostaria de tê-la conhecido — falo com sinceridade.

— Ela teria te adorado. — Ele olha além das janelas e percebo que está pensando em algo. Logo volta à realidade, balançando a cabeça. — Bem, o que a traz aqui, minha menina? Garanto que não quer só papear com esse velho homem.

Sorrio de sua brincadeira.

— Não é nada ruim papear com você, Cláudio, mas na verdade eu vim atrás de respostas.

— Ele te afastou, não é? — Olho para ele espantada.

— Sim. — Baixo meus olhos, sentindo um nó na garganta.

— Típico daquele moleque! — ele comenta, balançando a cabeça. — Minha filha, Antônio tem questões, reservas quanto à credibilidade de suas origens.

— Tudo bem, ele foi pobre, mas e daí?

— Não é esse o problema, Vega. Quando conheci Ana Luiza, mãe de Antônio, ela trabalhava numa lanchonete e dava muito duro para manter a casa. Digamos que Antônio estava numa fase meio rebelde e ali percebi que precisaria ser um homem firme para endireitar o garoto. Quando a mãe dele engravidou, logo no começo de nossa relação, ele se rebelou de vez e fui obrigado a dar uma surra nele.

— Você bateu no Antônio?

Fico chocada.

— Sim... E faria de novo! Depois disso consegui enfiar um pouco de juízo em sua cabeça dura e o fiz estudar e entrar para a faculdade. O menino era ótimo com números e ouvi, na época, de um cara, sobre bolsa de valores e apostar em ações. Não tive dúvidas. Entreguei minhas economias na mão dele e bingo! Ganhou seu primeiro milhão!

— Uau!

— Eu sempre soube que ele era um gênio. Ele só não se achava capaz.

— Entendo. Mas o que o fez pensar assim? Sua condição econômica?

— Não. Antônio nunca teve vergonha de sua classe social, menina. O maior orgulho da vida dele foi sua mãe. Ele cuidou dela até o último suspiro.

— Cuidou?

— Menina, eu não sou a pessoa certa para lhe contar essa história. Meu Sol teve câncer, um tipo raro que a levou de nós no período de três meses.

— Oh, *Madre de Dios!* Eu sinto muito. Desculpe-me, não sabia!

— Tudo bem, criança. Isso tem muito tempo.

— Eu não fazia ideia.

— Imagino que aquele cabeça dura tenha lhe mantido no escuro. Antônio sempre foi apaixonado pela mãe e nunca se permitiu ter muito contato com ninguém. Quando ela se foi, ele se quebrou e focou toda sua vida no trabalho e em Amanda.

— Eu imagino.

— Às vezes ele parece um homem sem sentimentos, Vega, mas isso é só a couraça que criou em torno de si para se proteger e não ter decepções com ninguém. Tenha paciência com ele e tudo terá um jeito. — Sorrio para este homem que, apesar do pouco contato, eu já adoro.

Saio de lá mais leve e com uma determinação que não sentia antes. Tenho que recuperar meu gostoso arrogante, nem que tenha que fazer como Cláudio. Dar uma surra nele!



Hoje faz exatamente quatro dias que não vejo o amor da minha vida. Quem diria que um dia pensaria dessa forma. Ele veio sorrateiro e me pegou de jeito.

Quando percebi, já havia me apaixonado e não sei ainda dizer quando começou.

Também faz quatro dias que não vejo e não falo com meus pais. Minha mãe ainda tenta, manda mensagem e liga, mas ignoro tudo. Estou muito magoada. Como meu pai pode acreditar naquele infeliz do Domênico?

Este não perde por esperar. Me lembrei do que Antônio me pediu, antes de sairmos da Espanha. Fui à delegacia e dei parte de Domênico. Poderia não dar em nada, mas Júlio conseguiu uma ordem de restrição dele para mim, por ora é suficiente.

Hoje é o dia de resolver grande parte desta confusão. Marquei uma reunião com meu arrogante gostoso para lhe apresentar minha proposta de assessoria e auditoria, agora não mais como *Gouvêa & Associados* e sim, como *Velásquez Controladoria*. Claro que marquei a reunião através de João, que está sabendo de tudo. Assim ele não pode se negar em me receber.

Estou usando meu vestido tubinho vermelho sangue, fazendo estilo *retrô*. Ele desce até a altura dos joelhos, abraçando todas as minhas curvas. Decote quadrado e na parte de trás, uma fenda que vai até o alto das coxas. Não revela nada, mas ao mesmo tempo é ousado. Sim, eu quero enlouquecer aquele homem.

Para completar, resolvi mexer um pouco com as fantasias masculinas, coloquei um meia

pata, também vermelho, altíssimo, e fiz um coque bagunçado, prendendo com um palito. Deixo alguns fios rebeldes soltos para dar um charme.

Adentro a sala de reuniões com meu coração batendo em meus ouvidos. Qualquer hora acabo tendo um infarto! Respiro fundo e me preparo para apresentar minha empresa, não só a um cliente em potencial, mas ao homem da minha vida. Queria que ele fosse o primeiro a ver a ideia de tudo que planejo.

A porta se abre e por ela passa João, rindo descontraidamente, e logo atrás um Antônio um tanto carrancudo. Respiro fundo e solto o ar. Está na minha hora.

— Bom dia! — João me cumprimenta e eu aceno com a cabeça. Antônio está olhando a pasta aberta e senta-se à mesa, do outro lado, sem me dar um segundo olhar.

— Bom dia, você tem quinze minutos, senhorita... Velásquez? — Ele levanta o olhar quando vê meu sobrenome no papel. Seu rosto está em total espanto. Ele parece realmente muito surpreso em me ver.

Vejo-o percorrer meu corpo e ofego com a intensidade que sinto no seu olhar. Quando ele volta a olhar meus olhos, seu rosto está tenso e seus olhos têm luxúria e brasa, quase na mesma proporção. Engulo em seco.

— Bom dia, Sr. Machado. Agradeço por seu tempo.

— Isso vai ser interessante... — diz João, se recostando na cadeira ao lado de Antônio e entortando o pescoço ao me olhar. Bobo!

— Ai! — grita João.

Olho para Antônio e o vejo encarando o amigo. — Chega de gracinha! — Antônio diz, seco.

— Ok! Mas relaxa, tá legal?! Isso doeu! — reclama João, ainda esfregando o braço. Ele me olha e dá uma piscada. Percebo que fez o comentário para quebrar o clima que estava se

instalando. Aceno com a cabeça e olho de novo para meu arrogante gostoso.

Quatro dias sem colocar os olhos nele e sinto a mesma emoção, até mais, eu diria. Ele continua lindo e perfeito em seu terno três peças, o rosto um pouco abatido, mas isso não muda em nada sua beleza nata.

— Bom dia, senhores...

Começo minha apresentação sobre o meu novo projeto e falo tudo sobre esta empresa que ainda não saiu do papel. Minha intenção aqui não é vender meu peixe e, sim, me aproximar do meu amor. Resolvi fazer dessa maneira, pois foi através do trabalho que nos conhecemos e desenvolvemos esse amor louco.

Passo os próximos quinze minutos falando feito doida, não dou brecha para o nervosismo — que me assola — tomar conta de mim. Antônio só me observa, não diz nada. Apoia uma mão no encosto da cadeira, o outro braço ele apoia o cotovelo e sustenta sua cabeça pelo lápis em sua têmpora. Lindo de se ver.

“Foca, chica... ele é gostoso, mas precisamos amansá-lo.” - tudo bem.

Findo minha apresentação com um João com um sorriso de orelha a orelha. Sorrio de volta e quando olho para Antônio, vejo-o arrumando a papelada sem me olhar. Sinto meu coração comprimir.

João fala algo próximo ao seu ouvido e sai da sala. Antônio termina de guardar os papéis, se levanta, pega a pasta e finalmente me olha.— Srta. Velásquez, agradeço seu tempo. Irei analisar criteriosamente sua proposta, visto que é uma nova firma. Conheço seu trabalho, mas preciso considerar algumas coisas. Aguarde meu retorno — ele diz e simplesmente se vira e vai saindo da sala. Quando está próximo da porta, eu o chamo.

— Antônio! Eu... — ele vira de volta e me olha — ... eu queria falar com você. Algo pessoal.

— Pequena... Vega, eu... realmente estou atolado. Resolvendo as questões das mudanças internas.

— Antônio, nós precisamos conversar. Você sabe disso.

— Então, o que você quer, Vega?

Ouvir meu nome sair de sua boca me dá um resquício de esperança. Ele se senta na cadeira, jogando a pasta sobre a mesa.

— Eu quero você! — Ele me encara, espantado. — Eu te amo, Antônio. Você saiu! Deixou-me para trás. Disse-me coisas que na hora não entendi, só observei você se afastando e me afastando. — Coloco pra fora parte da mágoa que senti naquele momento. — Como se tudo que vivemos na Espanha e até mesmo aqui não significasse nada pra você! — acuso, atropelando as palavras, entregando meus sentimentos.

— Não! Eu amo você! Sempre amei e sempre vou amar, pequena!

— Então por que está fugindo de mim? — pergunto e percebo escorrer uma lágrima dos meus olhos. Ele se levanta no mesmo instante e vem até mim, me abraçando. Finalmente encontro a paz que perdi há quatro dias, quando saiu por aquela porta.

— Eu não tenho raiz, Vega... Não sou digno do seu amor. — Sinto a emoção em sua voz.

— Antônio! Não diga isso! Você é meu tudo! Sem você não tenho mais rumo na minha vida.

Ergo seu rosto para olhá-lo nos olhos.

Ele me solta e se vira, dando distância para nós, mas agora já acionei “Vega modo *hard*” e vou até ele, virando-o de frente para mim. Ele se surpreende com a minha atitude e aproveito o momento que está sem reação e o beijo. Fico na ponta dos pés e alcanço sua boca. No momento em que percebe o contato, ele me enlaça pela cintura e me acompanha no beijo. Necessitado,

sôfrego, delicioso e, puramente reconfortante.

Beijamo-nos até que perdemos totalmente o ar. Sinto-o esfregar sua ereção em mim e fico mais louca do que já estou. Ele do nada se afasta de mim e me olha. Consigo ver a sua luta interna, mas finalmente respira fundo e diz:

— Eu não tenho pai.

— O quê? — Fico confusa.

— Eu não sei quem é meu pai biológico, Vega.

Ele tenta se afastar, mas não permito. Puxo-o até a cadeira mais próxima e sento-o, subo em seu colo e acaricio sua nuca, incentivando a continuar.

— Minha mãe se chamava Ana Luiza Machado e aos dezesseis anos ela conheceu meu pai. Apaixonou-se e engravidou de mim, mas quando o procurou para contar, ele a chamou de todos os nomes e a deixou sozinha e grávida. A família não deu apoio nenhum, e se não fosse uma vizinha lhe dar abrigo, teria morrido de fome comigo ainda em sua barriga.

De repente percebo algo.

— Amor, o nome da sua empresa é o nome da sua mãe? — indago, com lágrimas rolando por minha face novamente.

Droga! Estou muito emotiva.

— Sim, pequena. Ela sempre foi meu pilar e achei merecida a homenagem — ele responde, meio encabulado. — Continuando... Ainda grávida ela começou a trabalhar com pequenas costuras e limpeza de lugares próximos. Quando nasci, ela me deixava com essa vizinha e ia trabalhar. Depois que atingiu a maioridade, me pegou e nos mudamos para São Paulo. Ela me colocou na creche e trabalhou dia após dia para me dar um futuro. Nunca soube o nome dele e, sinceramente, nunca quis saber. Ela nunca falou muito dele e nas raras vezes que dizia algo, eu a interrompia, pois não queria saber de quem não quis saber de nós dois. —

Antônio faz uma pausa e continua: — Quando eu tinha aproximadamente dezoito anos, ela conheceu Cláudio. Ele foi o mais próximo que tive de uma figura de pai. Nessa época eu estava rebelde, me afundando em coisas erradas, e ele foi a mão firme que minha mãe precisava para me colocar no lugar. Deu-me uma surra e me mostrou outro caminho.

— Foi quando ele fez você ir para a faculdade, né?

Ele me olha desconfiado pelo questionamento.

— Aquele velhote linguarudo andou falando com você?

— Na verdade, eu que falei com ele. Fui até sua casa. — Ele me olha, surpreso. — Nem vem com essa cara! Eu precisava de respostas.

— Tudo bem. Sim, fui pra faculdade, peguei a dica dele sobre investimentos e me encaixei bem nesse mundo. Fiz minha fortuna antes de sair da faculdade e comecei a investir em minha empresa.

— E por quê... Por que você se afastou? Quer dizer, é normal casos como o seu hoje em dia.

— Não pra mim. Antes de Cláudio aparecer na vida da minha mãe, ela sofreu muito. Sei que ela amava o meu pai e nunca esqueceu a apunhalada que tomou. Cresci achando que o amor não servia para nada e que eu não precisaria disso. Tive vergonha, não de minha origem, pois minha mãe é meu maior orgulho, Vega, mas sim de alguém pensar mal dela e de sua situação. De julgá-la sem ter conhecido a pessoa maravilhosa que ela foi e que acabou sendo enganada por um idiota.

Sinto-o tenso.

Dou-lhe um abraço forte e ele envolve seus braços em mim. Ficamos assim um tempo e lembro-me de algo que queria mostrar a ele assim que encontrei. Afasto-me de supetão e corro para pegar o celular na minha bolsa. Ele fica me olhando sem entender nada, mas com um ar de

sorriso de menino que me deixa sem fôlego.

“*Foca, chica.*” - tá, tá, tá... Estou indo.

Encontro o que queria e assim que começa a tocar na sala, ele me olha admirado. Caminho até ele e estendo a mão.

— Dança comigo, nobre senhor? — Curvo-me. Ele ri e estende a mão, ficando de pé, então segura-me em seus braços.

— Você não existe, sabia?! — Ele não me dá tempo de dizer nada e me beija, e embalados pelo som de Bon Jovi, *Hallelujah*, dançamos.

— Sua mãe lhe ensinou a dançar, né? — Ele me fita e sorri.

— Sim, pequena. Meu gosto musical veio da época em que ela adoeceu. Se conheço bem o Cláudio, ele já lhe adiantou isso, não é? — Concordo com a cabeça. — É difícil você ver a pessoa que mais admira no mundo morrer aos poucos. Aproveitei o máximo que pude com ela. No tempo em que ficou internada, eu ia para lá todos os dias e ficávamos ouvindo músicas antigas no meu celular e nos dias em que ela estava bem, dizia que ia me ensinar a dançar para eu saber conquistar uma mulher.

Ele ri da lembrança.

Fico tão emocionada que só percebo que estou chorando de novo, pois ele limpa uma lágrima que escorre pelo rosto.

— Desculpe. Eu não queria... — digo, limpando o rosto. Noto que a música já acabou e continuamos dançando. Rio da situação.

— Não tem problema, pequena. Isso já foi há um bom tempo e hoje guardo as boas memórias somente. Obrigado por me ajudar a colocar pra fora. — Ele me abraça novamente, me beijando.

— Opa! Cheguei na hora errada! — João entra e eu solto uma risada, ainda beijando Antônio. Ele rosna e olha para o amigo.

— O que raios você quer? — pergunta, impaciente, e não me deixa sair de seus braços.

— Vejo que a princesa ainda não conseguiu tirar esse seu humor de cão, mas temos uma emergência. Júlio está na sua sala. — Olho para Antônio e vejo sua expressão mudar.

— Estou indo.

Ele não diz mais nada, João entende e sai em seguida.

— O que está havendo, amor? — pergunto enquanto ele me solta, pegando suas pastas.

— Pequena, eu preciso ir. Tenho que resolver toda essa bagunça das fraudes. Eu te ligo assim que sair daqui — fala, já saindo, mas volta correndo e me beija. Rio com sua atitude e ele volta a correr porta afora.

Começo a recolher minhas coisas e me sentindo muito mais leve. Sinto a mesa vibrar e olho para o lado, meu celular está desligado. Percebo que vem da outra ponta da mesa. O celular do Antônio. Corro pegar para levar a ele e vejo quem está ligando.

Meu sangue ferve. A vaca da hiena loira. Não penso duas vezes e atendo o telefone.

— Alô, querido? Mais um presentinho pra você.

E ela desliga. O celular apita com uma mensagem recebida e a diaba dentro de mim não resiste e abre o aplicativo. Fico chocada. A vaca maldita mandou imagens dela nua para o Antônio.

Como raios ela manda isso e ele não a bloqueou, e que merda de ligação é essa? Vejo tudo vermelho e saio feito foguete para a sala dele. Passo pela Val que mal tem tempo de falar alguma coisa e invado sua sala. Três pares de olhos assustados me fitam e eu sei que pareço uma louca. Droga, eu *estou* louca!

— Vega? — Júlio fala, surpreso.

— Pequena, o que... — Ele não termina a frase porque joga o aparelho nele, que desvia a tempo de o aparelho bater na parede e espatifar no chão. — Vega! Tá maluca?!

— Ishhhh... fudeu! — Escuto João e não dou trela.

— ESTOU, SIM, SEU BABACA! PENSA QUE SOU IDIOTA? ACHOU QUE NÃO IA DESCOBRIR? — grito, enfurecida.

— Do que você está falando, amor? — ele pergunta e caminha em minha direção com cautela, mas levanto o dedo em riste.

— Não se aproxime de mim! Eu nunca mais quero ver esta sua cara de pau, mentiroso! — falo isso e viro indo embora. As lágrimas já escorrem pela minha face.

Sinto uma mão me puxar e eu começo a espernear. A coisa que já era bafônica, torna-se o caos.

— Pequena, o que está acontecendo? — Escuto sua voz com desespero me chamar a razão. Eu me controlo, pois Val agora me encara como se eu fosse uma louca.

— Eu descobri que você mantém um caso com a hiena oxigenada. — Ele me solta e eu me viro para ele. — E me faz um favor... Diz pra ela que a depilação ficou cafona.

Ele me olha espantado e eu aproveito a deixa e me viro, indo embora. Ele ainda me chama, mas escuto Júlio dizer que é melhor me deixar esfriar a cabeça.

— PORRA!

Ouçõ Antônio esbravejar e do elevador vejo-o vindo feito touro bravo em minha direção. Aperto apressadamente o botão do térreo e dou graças quando as portas se fecham e ele não me alcança. Fecho os olhos e respiro fundo. Agora não tem mais jeito. Eu preciso esquecê-lo e seguir minha vida.



Chego ao térreo e sinto meu rosto molhado. Não contendo as lágrimas, e a miríade de emoções que passei nos últimos dias vem com força sobre mim.

Ao sair do prédio eu paro, me escorando na parede lateral. A dor que sinto é tão grande que não consigo respirar direito. Sinto uma mão apoiar no meu ombro e quando me viro, achando que é meu arrogante gostoso canalha, dou de cara com quem não queria ver nem pintada de ouro... A hiena oxigenada.

— Olá, queridinha! Vamos dar uma voltinha, sim? Ela agarra meu braço e antes que eu faça qualquer movimento para sair de seu aperto, ela me mostra uma arma que está camuflada em sua outra mão.

— O que você quer? — pergunto, assustada.

— Sem perguntas e andando, mocinha. — Ela me empurra e vai andando pela lateral da rua, vira para uma ruazinha pouco movimentada e tem um carro nos esperando.

Quando chegamos à porta do carro, ela me empurra e bato com a cabeça na lataria. Sinto uma mão forte me puxar e cobrir meu rosto com um pano, e tudo escurece. Uma calma me toma e sinto sono. Meus pensamentos se voltam ao meu arrogante gostoso e o quanto eu gostaria de estar em seus braços agora.

Acordo assustada. Minha cabeça dói bastante, tento levantar a mão, mas percebo que estou amarrada. Desperto totalmente do meu estado sonolento e me vem à memória os últimos acontecimentos. Nesse instante entra por uma porta aquela que eu mais odeio.

— Olha... A bela adormecida acordou! — ela fala rindo. Eu disse que era uma hiena, não disse?

— O que está acontecendo? Por que estou aqui?

— Você vai ficar aqui, queridinha, até seu amado namorado nos devolver o que nos pertence.

— Do que você está falando?

— Cala a boca, Adriana! — Adentra a sala quem eu menos esperava.

— Você? Como?

— Como o quê? Você foi a verdadeira pedra no meu sapato, sabia? Confesso que, quando soube que a auditoria na empresa seria feita por Vega Velásquez, eu pensei: “essa vai me dar trabalho”. E não é que eu tinha razão? Por sua causa e da sua equipezinha eficiente, fui enxotado da empresa onde dei meu sangue por anos.

— Deu sangue? Você estava roubando o Antônio, Marcos! Como teve coragem? Você era chefe do setor jurídico da empresa, estava muito bem. Como se deixou levar pela ganância?

— Você não sabe de nada! Aquele idiota mereceu tudo isso. O pobre que deu o golpe de sorte em ações e resolve ter uma megaempresa. Eu merecia tudo aquilo e não aquele idiota. Eu estava indo bem, porém, o esquema cresceu e eu tive que reajustar, mas se não fosse você, teria conseguido manter aquela torneira aberta.

— Bem feito! Quero que você morra na prisão! — falo e como resposta ele me dá um

tapa na cara. Sinto um gosto metálico na boca.

— Fica quieta, sua vadia!

— Adorei isso! Faz de novo? — a hiena pede ao seu comparça, com um sorriso.

— Cala a boca, sua imbecil! Você foi minha má jogada... Nem pra seduzir seu ex-amante você serviu!

— Ei, não tenho culpa por ele ter se apaixonado pela boceta dessa daí.

— Desculpe, querida! — debocho com todo o sarcasmo que posso.

Ela se aproxima de mim e me dá um tapa do outro lado. Não foi tão forte quanto o de Marcos, mas fez meu rosto arder. Volto meu olhar e ela me encara com os olhos flamejantes.

— Isso vai te custar caro, vadia! — falo entredentes.

— Veremos, vadia!

Ela me encara.

— Já chega! Venha, Adriana, precisamos ir para a próxima parte do plano.

Fala isso saindo da sala e me deixando sozinha. Só então consigo prestar atenção ao redor. Estou no que parece ser um quarto pequeno e mal iluminado, sinto cheiro de mofo e coisa velha. Estou presa pelas mãos e pelos pés em uma cadeira, não consigo me mexer direito. Começo a rezar para que alguém me ajude e rezo para que Antônio me encontre.

Antônio

— ELA O QUÊ?

Perco o ar.

O telefone cai da minha mão e sinto João próximo de mim.

— O que aconteceu, cara? — Ele me ampara e eu solto um urro.

— Alguém sequestrou a Vega! — conto, ainda pensando em como isso foi possível e, pior, quem o fez.

Júlio, que até o momento se mantinha quieto, se manifesta.

— Marcos! Marquei esta reunião justamente para lhe informar que ele foi visto nas redondezas, mas o cara é escorregadio. Encaro-o e contorno a mesa, sentando-me à sua frente.

— O que mais você sabe?

— Não muita coisa. O que sua sombra disse?

Ele chama Caio dessa forma. Nunca entendi o porquê.

— A equipe que estava seguindo Vega se mantém próximo deles. Ele quer que eu aguarde pela ligação, mas não vou conseguir ficar aqui — falo, saindo pela porta.

João me intercepta e entra na frente da passagem.

— Calma aí, irmão! Vamos seguir os protocolos. Sente-se, Tom, você precisa estar calmo. Pelo bem da Vega.

Somente isso que consegue me deter. O bem-estar da minha pequena. Volto à minha cadeira e me jogo nela. João deposita um copo de uísque na minha frente, eu o encaro.

— Pra relaxar. — Bufo e viro o líquido garganta abaixo e de uma vez só.

— Não adiantou. — Encaro-o. Ele ergue as mãos em sinal de rendição e se afasta. Estou tão nervoso que minha real vontade é quebrar a sala inteira, mas mesmo que o fizesse, isso não traria minha pequena para meus braços.

Vejo no canto Júlio falar fervorosamente com alguém e percebo ser Caio. Mas onde diabos ele está?

Como se adivinhando meus questionamentos, Júlio encerra a chamada e me encara.

— Já temos ideia do que ele quer.

— Como? — pergunto, interessado.

— O idiota só conseguiu se esconder por tanto tempo porque ele mantinha suas retiradas aqui na empresa. — Olho para ele confuso. — Ele tinha um cofre em sua sala e quando vazou a demissão na Espanha, não teve outra saída a não ser sumir, mas teve que deixar o cofre e todas as informações pra trás. Contas, documentos e tudo que o compromete terminantemente nesse esquema.

— Entendo. E onde estão essas coisas?

— Em meu poder. Resolvi guardar isso para quando ele aparecesse. Isso eu também mencionaria hoje na reunião.

— Onde Vega entra em tudo isso?

— Ela é sua moeda de troca.

— Meu Deus! Minha pequena está em perigo e eu sou o único culpado!

— Acalme-se, Tom! Nós vamos resgatá-la — João diz, tentando me confortar.

Meu celular toca e aparece a foto da infeliz da Adriana. Penso em ignorar, mas Júlio me para.

— Atenda.

Bufo, mas faço o que ele diz.

— Alô!

— Olá, benzinho... Gostou da última sessão de fotos que te enviei?

— Adriana, eu não tenho tempo para suas gracinhas. Estou ocupado com um problema, se me der licença...

— E seu problema se chama Vega Vadia Velásquez?

Ela ri ao telefone.

— O que você sabe? Você está com ela?

— Sim! Nesse momento vejo Júlio fazer uma ligação. Eu havia colocado o celular no viva-voz para que ele pudesse acompanhar o assunto.

— O que você quer?

— Quero você, benzinho, e obviamente, o cofre que está na antiga sala do seu ex-diretor jurídico.

Olho espantado para Júlio, que mantém seu celular próximo ao meu. Vejo no visor que se trata de Caio na linha.

— Onde? — pergunto, direto.

— Você já sabe onde, meu querido. Pensa que não vimos o seu cão de guarda nos seguindo? Diga a ele que se mover um centímetro, ele morre. Ah, e claro, eu mato sua vadia!

— Não! Ele não vai fazer nada!

— Ótimo! Estou te esperando. — Ela finda a ligação. Maluca infeliz!

— Como Adriana entra nisso tudo?

— *Ela está com ele, senhor* — Caio fala no viva-voz do celular de Júlio.

— Maldita!

— Bom, eles sabem que sabemos, o jeito agora é seguir o que mandaram — Júlio sugere a nós três.

— *Já coloquei meus homens posicionados, senhor. Assim que chegarem, siga o que mandarem e deixe que eu e os meus homens cuidamos do externo. Júlio, você cuida do lado de dentro, até que seja seguro eu entrar* — Caio orienta em seu modo comando e desliga o telefone.

— Pegue esse cofre e vamos logo, João! Avise Aldria para que ela comunique aos pais de Vega. — Mesmo no meu desespero percebo o maxilar de Júlio trincar ao ouvir a menção do nome da Aldria.

— Claro, irmão.

— O que é isso, Júlio? — pergunto, vend-o tirar de trás de si uma arma.

— Uma arma. Fique tranquilo, eu sei usá-la. — Ele a verifica e recoloca em suas costas.

— Ótimo! — digo e saímos eu e ele em busca da minha pequena.

Vega

Não sei quanto tempo se passou, mas meus pensamentos só focam no que irão fazer para Antônio. Não sou idiota, sei que não estão ligando para mim e estou aqui porque sou a mais próxima de Antônio e serei usada como arma contra ele.

Escuto um barulho do lado de fora e a porta se abre.

— Vamos, queridinha. Seu amado príncipe chegou. Fico quieta. Meu coração martela no meu peito. Agora não sou somente eu e sim a vida de Antônio também que corre risco.

Ela me desamarra e me puxa. Saímos do quarto e desço uma escada toda danificada. No final dos degraus percebo Antônio e Júlio na mira da arma de Marcos.

— Antônio! — falo com alegria, mas logo me tomo em desespero.

— Não tão rápido, vadia! — Adriana me segura quando tento ir de encontro ao meu amado.

— Pequena!

Ele ameaça vir até mim.

— Afaste-se! — diz Marcos apontando a arma para a cabeça dele.

— A reunião está formada.

Adriana comenta, rindo.

— Você já tem o cofre, deixe-a sair — pede Antônio, se colocando na minha frente.

— Não! Eu só daqui com você! — digo em desespero.

— Ninguém sai daqui! — Marcos cala a todos com o comentário. — Vou abrir o cofre e verificar se está tudo aqui. Depois conversaremos sobre quem vai e quem fica.

Ele se vira para o cofre pequeno que está sobre uma mesa.

— Sabe, Antônio... Poderíamos ter bons momentos antes de eu fugir com seu dinheiro — a hiena fala sorrindo.

— Nem sonhando, Adriana! — exclama, alternando seu olhar entre ela e eu.

— Está tudo aqui. — Marcos se vira, apontando para Antônio.

— Foi bom fazer negócios com você, Sr. Machado.

Tudo acontece bem rápido. Marco levanta a arma na direção de Antônio, mas Júlio saca algo de trás de suas costas e atira no braço dele. Isso não o impede de disparar e vejo Antônio caindo para trás.

— NÃO! — grito e saio correndo em direção a Antônio, que está no chão.

— Antônio? Amor? Fale comigo! — Começo a chamar por ele, desesperada. Ele levanta a cabeça e me olha.

— Fala de novo? — ele pede, com um sorriso.

— Ai, que susto! Por *Madre de Dios*! Eu aqui preocupada com você, seu *gillipolas*! — resmungo, esbravejando com ele, que sorri ainda mais e se levanta, mas vejo-o fazendo uma careta.

— Merda!

Ele olha para seu braço e vejo escorrer um filete de sangue.

— Antônio! — falo, assustada, pegando seu braço para examinar.

— Senhor, está tudo sob controle. — Caio aparece do meu lado e toma o braço de Antônio para olhar o ferimento. — Foi de raspão, vai sobreviver.

— Claro que vou! — Antônio exclama, se levantando.

Olho em volta e vejo Adriana sentada em uma cadeira, com um homem que eu não tenho a menor ideia de quem seja, apontando uma arma para ela. No chão, desmaiado — prefiro pensar assim —, vejo Marcos, e Júlio de pé com a arma apontando para sua cabeça e na outra mão falando ao celular. Ele desliga e diz:

— A polícia chega em breve. Chamei também uma ambulância.

— Ele está morto? — pergunto, relutante, e sinto Antônio me abraçar com o braço bom.

— Não, prima. Ele desmaiou pelo impacto. Mas vai sobreviver para responder por seus crimes.

— Antônio... Eu não tenho culpa, ele me coagiu — Adriana, que até então estava quieta, choraminga.

— Até parece! — diz Antônio.

— Eu preciso resolver uma coisa — falo.

Aproximo-me de Adriana e a vejo recuar na cadeira. Dou-lhe um tapa na fuça. Ah, como o mundo dá voltas... Agora sim me sinto bem.

— Vadia! — xinga ela.

— Sim! Mas não mais que você! — Viro-me a tempo de ver a cara de espanto de Antônio e Júlio me encarando.

— Que foi?

Pergunto, colocando a mão nas cadeiras.

— Nada — ambos respondem e disfarçam, olhando para outro lado.

Logo a polícia chega, começa o pandemônio de depoimentos e declarações. Marco é levado para o hospital e Antônio é atendido na ambulância mesmo. Como o tiro foi só de raspão, não necessita de maiores cuidados.

— Senhor, podemos ir — diz Caio, se aproximando de nós.

— Ótimo. E seus homens? E os homens que ele tinha aqui fora?

— Que homens, senhor?

Caio faz uma cara de desentendido e não precisa de segundas palavras para compreender.

— Antônio, vocês já estão liberados. O processo vai correr e conforme necessidade, o delegado irá chamar — Júlio comunica.

— Ainda não entendi uma coisa. Por que de tudo isso? Quer dizer, ele tinha o dinheiro e poderia ter fugido. Para que atirar em você?

— Inveja, pequena. A ambição o cegou.

Saímos de lá e não me permito mais pensar nesse episódio horrível. Quero esquecer tudo isso. Adeus fraudes, adeus homem maluco querendo nos matar, e adeus vadia louca!

Finalmente quero me entregar ao meu amor sem culpa, sem intrigas e sem reservas.

Depois de sairmos vivos daquilo tudo, enfrentamos outro pandemônio. Esse é muito pior. Minha louca família!

Caio nos leva direto para o apartamento de Antônio e quando entramos, parece mais a missa de domingo que minha mãe adora.

Todos, e quando digo todos, é porque todos estão rezando o terço de Maria, que minha mãe tanto acredita. Entramos em silêncio e ninguém percebe que estamos aqui. Seguro o riso. Só dona Lena para conseguir colocar todos nesse terço.

— Amém! — todos dizem ao mesmo tempo.

— O que está acontecendo aqui? — Antônio pergunta e todos se viram.

E aí a coisa perde todo o controle.

Uma avalanche de mãos, braços, apertos e perguntas.

Minha mãe me alcança e me gruda feito cola, beijando-me e agradecendo a todos os santos por eu estar viva. No meio da “muvuca”, vejo Antônio abraçando Amanda, que soluça em seus braços. Não muito distante dali, vejo Aldria se aproximar de Júlio. Os dois trocam meia dúzia de palavras e ele se vira, saindo da sala, deixando Aldria com uma expressão de felicidade. Fazia tempo que não via esse sorriso em seu rosto.

— Filha! — Escuto ao longe e vejo meu pai.

Sua cara entrega todo o desespero e agora o alívio que ele sente. Deixo todas as diferenças de lado, afinal, por alguns momentos cheguei a pensar que não o veria mais. Corro em sua direção e ele abre os braços, me recebendo e afagando meus cabelos, como fazia quando eu era criança. Não consigo conter o choro e o abraço mais apertado.

Vejo-o endurecer e se afastar de mim. Quando olho em seu rosto, ele retomou sua postura de advogado e está com o olhar fixo em algo. Viro-me e vejo que esse algo, na verdade é alguém. Antônio.

Afasto-me, indo até meu namorado que me abraça pela cintura. Então meu pai faz o que nunca imaginaria. Estende sua mão a Antônio, que, pela surpresa, olha para a mão de meu pai e depois em seu rosto. Por fim estende a mão e eles se cumprimentam.

— Obrigado, rapaz. Você salvou minha filha.

— Eu faria qualquer coisa por ela, senhor. Acredite.

— Eu sei. Agora eu sei. O julguei mal, Antônio, e me arrependo disso. Deixei-me levar por coisas e... Eu peço desculpas.

Choquei!

Nunca vi meu pai pedir desculpas a ninguém. Ele sempre foi tão firme em suas ações.

— Não foi nada, senhor. Eu amo sua filha e entendo o cuidado que estava tendo com ela. Sei que chegaram coisas absurdas ao senhor e, se pudermos conversar em outro momento, eu agradeço.

— Claro!

Percebo a troca de olhares. Eles querem me deixar no escuro.

— E eu vou participar dessa conversa! — exclamo e os dois me olham.

É até engraçado. Estão com a mesma cara de espanto pelo meu atrevimento.

A conversa se encerra, pois um Lucca e uma Aldria muito eufóricos praticamente pulam em cima de mim e começa o amassa e aperta da Vega novamente.

— Amigaaaaaaaaaaaaa! — fala Aldria, me abraçando. Nunca a vi tão afetuosa, isso me assusta.

— *Larga ela*, Mortícia e me deixa abraçá-la! — Lucca diz isso empurrando Aldria e me olha com cara de cachorro pidão. — Own, venha cá, minha deusa...

Me abraça de novo e logo minha mãe se aproxima e ficamos conversando.

Vejo passar uma mulher, uma senhora, na verdade, a caminho da cozinha. Fico curiosa e vou ao seu encontro. Quando entro na cozinha, escuto algo que me intriga.

— Você é uma mimada! — Caio? Mas cadê aquele homem controlado?

— Mimada ou não, isso não é da sua maldita conta! — rebate uma Amanda raivosa.

— Chega, vocês dois! Querem que o patrão entre aqui e pense o quê? — pergunta a senhora. Agora entendi. Essa é Greta. Antônio já comentou sobre ela. É seu anjo da guarda na casa.

— O que está havendo? — pergunto e percebo que os três se assustam quando me

veem.

— Nada, senhorita. Com licença — Caio diz, se retirando da cozinha imediatamente.

— Vega! Como você está? Que susto, hein? — Amanda fala, vindo me abraçar.

— Pois é! Mas agora isso já é passado. Não quero pensar muito sobre. Amanda, o que estava acontecendo aqui? — pergunto, pois não vou deixá-la fugir disso.

— Oi? Nada! Caio que adora pegar no meu pé — desconversa, indo ajudar Greta com as bandejas para servir o batalhão lá fora.

— Sei... Olá, eu sou Vega, a namorada de Antônio — apresento-me à senhora, que faz com agilidade as bandejas e observa nossa conversa.

— Ah, oi! Sou Greta, empregada da casa — ela também se apresenta, envergonhada.

— Pare, Greta! Ela é quase nossa mãe, viu, Vega?! Adora mimar Antônio.

— Eu não o mimo. Meu menino só precisa de um pouco de cuidado e como ele não tem esposa, acabo tendo que fazer isso — ela diz isso e me olha assustada, com medo da minha reação. Eu, por minha vez, começo a tomar um copo de suco para não dar tempo de cobrar em respostas.

— Mas logo terá, né, Vega?!

— Claro que terei — Antônio responde atrás de mim. Engasgo-me com o suco.

Inferno de homem quer que eu sofra uma tentativa de assassinato duas vezes no dia!

— Tá tudo bem? Ergue os braços dela — Greta sugere, apavorada com meu engasgo. Amanda ri da minha cara e Antônio dá batidinhas nas minhas costas.

— Calma, pequena! Respire, sim?! — ele diz e quando me viro para ele, vejo aquele ar sacana. Filho da mãe!

— Eu... Tô bem... Tô bem — afirmo, me recuperando.

— Greta, pode suspender a quantidade. O pessoal já está indo embora. Estão todos muito cansados e confesso que não tenho cabeça para mais nada.

— Tudo bem, senhor.

— Venha, pequena. Vamos nos despedir de seus pais, porque você não sai daqui hoje!
— ele avisa, me enlaçando pela cintura e voltamos para a sala.

— Tô vendo que sem chance eu ficar aqui hoje, Greta. Vou pra casa. — Escuto-a, rindo.

— Eu ouvi isso, Amanda! — diz Antônio quando já estamos longe.

— Eu sei! — ela responde.

É petulante mesmo.



Já se passou uma semana de todo o acontecido. Continuo dormindo todos os dias no apartamento de Antônio. Ele não me deixa ir embora nem por decreto e, se eu for bem sincera comigo mesma, não quero ir.

Virei mais uma filha agregada de Greta e o único perigo nisso tudo é ganhar vários quilinhos, pois tenho comido todas as delícias que ela prepara. Antônio nos apelidou de irmãs metralha, porque quando nos juntamos, ela, Amanda e eu, ninguém aguenta!

O processo contra Marcos e Adriana acontece em segredo de justiça, isso a pedido e influência do meu namorado. Júlio tem acompanhado o caso e disse que é inevitável a decisão jurídica. Culpados! Com isso descobrimos que Adriana já estava aliada há muito tempo com Marcos e só apareceu novamente na vida de Antônio com o intuito de me tirar de cena, fazendo ciúmes para que eu me afastasse e largasse dele e, conseqüentemente, o problema da empresa. Hiena oxigenada!

Como me demiti recentemente do meu cargo de chefe na empresa do meu pai, Antônio como um lindo namorado que é, tem me arrastado para a empresa dele. Ele mandou colocar uma mesa para mim em sua sala para eu trabalhar em meu projeto, aquele que apresentei a ele e João no dia fatídico.

— Fala, irmão! Oi, princesa! — João entra na sala de Antônio e vem à minha mesa me cumprimentar.

Antônio bufa de sua cadeira e eu rio. Tem sido dessa forma a semana inteira.

— O que você quer, João? Não tem nada pra fazer, não, além de vir aqui amolar minha namorada? — Antonio pergunta, irritado.

É incrível como se mostra cada vez mais ciumento. João aproveita disso e deita e rola com gracinhas para provocar meu arrogante gostoso.

— Que isso, Tom? Deixa essa possessividade de lado.

— O que você quer?

— Vim avisar que a reunião com os Albuquerque já está marcada.

— Ok. — Antônio me olha no mesmo instante e pela minha cara percebe que entendi quem são os “Albuquerque”, além de perceber que exijo explicações.

— Ela não sabia? — João pergunta o óbvio quando vê a cara branca de Antônio e a minha de possessa. — Boa sorte, irmão. Fui! Se sobreviver, a reunião é hoje às 16h, na *Gouvêa & Associados*.

Agora estou surpresa com o lugar da reunião. Tem algo aí e meu pai e Antônio estão juntos nisso. Antônio abaixa a cabeça para uns papéis que estava analisando. Sério isso? Vai tentar ignorar? Ótimo!

Levanto-me calmamente e vou até sua mesa, parando de frente para ele. Ele me olha e engole seco.

Sim, meu amor, nós vamos brigar!

— Então? — Arqueio uma sobrancelha.

— O que, amor? Tô meio ocupado aqui — ele diz, voltando seu olhar para o monitor.

Ele quer guerra, então teremos guerra. Finjo que vou me virar e esbarro, por querer, no peso de papel que Antônio tem sobre a mesa, que cai rolando no chão e para mais à frente de sua

mesa. Perfeito!

Caminho até lá, andando com toda a sensualidade que aprendi nesses meus anos de diva do poder. Penso em Anitta, Beyoncé, as Kardashians, todas elas. Sei que ele está me olhando, posso sentir seu olhar me perfurando. Abaixo-me, curvando totalmente meu tronco e arrebitando meu traseiro em uma saia lápis nude que estou usando hoje. Para minha sorte, resolvi vir sem calcinha hoje. Eu já tinha a intenção de me aproveitar do meu namorado teimoso, mas não imaginei que isso seria minha arma para tirar certas informações, que agora sei que ele vem escondendo. Escuto um “foda” vindo detrás de mim e rapidamente sou puxada de encontro a algo muito duro.

Assusto-me e levanto quando Antônio passa a mão pela minha cintura e se esfrega em mim. Nossa, eu não sabia que tinha esse poder todo com esse homem. Ele está tão duro que me fez ofegar. A merda de tentar seduzir esse homem é acabar tão seduzida quanto ele.

— Sem calcinha, Srta. Velásquez? — Ele ofega no meu ouvido. Pronto, perdi o raciocínio.

Antônio mordisca minha orelha e isso aciona meu lado devassa. Viro-me em seus braços e agarro seu pescoço. Antônio me beija com fome e vontade. Ele me pega pela bunda e começa a me dar um amasso delicioso.

Meu cérebro entra em curto e eu começo a me entregar a esse desejo desenfreado que sinto quando ele me toca. Será que algum dia isso vai mudar? Acho pouco provável.

Antônio se empolga e me ergue pela bunda, nessa hora tenho uma crise de consciência e lembro que a ideia é persuadi-lo e o cachorro está conseguindo totalmente o contrário. Mordo o lábio dele e no susto ele me solta e grita.

— PORRA, Vega!

— Não grite! E além do que, Sr. Machado, você está pedindo por isso. Quer me enrolar,

né?! — Ele me encara e percebo que acertei na minha teoria. — Nem tente, Antônio! Que história é essa de reunião com a família do Domênico?

— Pequena, esqueça isso...

— Uma porra, Antônio! Me fala agora ou eu saio por essa porta e você nunca mais coloca seus olhos em mim.

— Você vai me ameaçar, pequena?

Pergunta ele, indignado.

— Sim! — confirmo, cruzando os braços. Ele não vai ganhar essa.

Encaramo-nos pelo que parece uma eternidade. Se ele sabe ser teimoso, eu também sei. Antônio desiste, bufando, e jogando os braços para o alto.

— Mulher teimosa! — Vira-se para a janela. — Tudo bem. Sente-se. Vou lhe contar tudo.

Estamos no escritório da presidência, Antônio, papai e eu. Ambos estão com as mesmas caras, posturas rígidas e emburrados. Como posso ter um dedo tão certo de me apaixonar por alguém com o mesmo gênio do meu pai? Agora virei o motivo de ambos terem cabelos brancos. Bom, meu pai já tem e Antônio disse que o alcança rapidamente se eu continuar a desafiá-lo. Que sejam brancos, então!

— Você não tinha que estar aqui — Antônio reclama, me fitando.

— E você não decide sobre o que faço ou não! — rebato, petulante, folheando uma das revistas da mesinha de centro da sala.

— Não adianta, Antônio... Essa saiu igual à mãe!

— Há quem diga que o teimoso é o senhor, Sr. Gouvêa! — digo, ainda olhando para a

revista e folheando-a.

— Minha filha... Pare com isso e vá para casa. Sua mãe sente sua falta. Por que não faz uma visita a ela? Paro a página que estou virando no ar e quando o fito, ele sabe que vem chumbo grosso.

— *Papá*, parece que o senhor não aprendeu tendo uma mulher com gênio forte e uma filha que saiu uma bela mistura de vocês dois. — Ele se resigna.

— Minha filha, não é nada disso. Você sabe que confio em você, Vega. Sei das suas capacidades, minha filha. Eu quero te poupar da parte suja desse mundo.

— Seu pai tem razão, Vega.

Acho que eu preferia quando eles não eram amiguinhos.

— Eu não sou de vidro! — exclamo, apontando o dedo para os dois.

Neste momento o telefone toca e meu pai atende.

— Pode mandar entrar.

Prendo a respiração. Eu sei que estou bancando a forte aqui, mas depois de tudo que Antônio me confidenciou, e com os acontecimentos da última semana, não sei o que esperar dessa reunião.

A porta se abre e por ela passa um sorridente Heitor, que perde a alegria assim que vê a mim e Antonio na sala. Domênico vem logo atrás, cabisbaixo.

— Boa tarde a todos. — Heitor encara a mim e Antônio. Meu possessivo namorado vem para o meu lado e gruda em mim. Dramático!

— Boa tarde, meu amigo. Vamos, sente-se.

Heitor ajeita o paletó e se senta. Domênico me encara antes de se virar e sentar.

— Por que estamos aqui, meu amigo, e ainda com esse rapaz aqui? — indaga, olhando

de soslaio para Antônio. Sinto-o tensionar ao meu lado, mas tomo a dianteira.

— Sr. Heitor, esse rapaz tem nome. Antônio Machado, meu namorado, e exijo mais respeito! — decreto, dando um passo à frente. Antônio coloca a mão no meu ombro.

— Filha, acalme-se — meu pai diz.

— Menina Vega, você não entende. Há questões sociais que não podem ser ignoradas aqui. Seu pai me entende, não é, Pedro? — Ele se dirige ao meu pai, que mantém a mesma postura.

— O que eu entendo, meu amigo — Ele da ênfase ao amigo —, é que fui manipulado por uma história sem pé nem cabeça, que você e seu filho inventaram sobre a índole deste homem. Eu, como pai zeloso e preocupado, me deixei levar e fiz um julgamento sem provas. Já me redimi e hoje digo, meu caro amigo: faço muito gosto que minha filha se relacione com um homem como Antônio Machado.

— E a troco de que me chamou aqui? Eu dispenso esse tipo de convívio, Pedro. Uma família como a minha tem uma reputação a zelar!

Heitor usa de todo seu desdém.

— O chamei, Heitor, só para que você tenha ciência que sei das mentiras que falou. Sei que seu filho tentou abusar da minha filha e, só Deus sabe o esforço que estou fazendo para não dar-lhe uma lição! Sei de todas as mentiras que disse sobre o caráter de Antônio, colocando-o como um aproveitador e, pior, usando o relacionamento de minha menina com ele como algo sujo e imoral. Deveria envergonhar-se!

— Eu só lhe mostrei meu ponto de vista, amigo. Se não concorda, não tenho muito o que fazer — ele contrapõe, mantendo o pouco caso.

— Pois bem, não há mesmo! Fiquei sabendo da venda das suas empresas, amigo. Não me lembro de comentar sobre isso. — Meu pai entra no jogo que montamos.

— Parcial. Uma venda parcial — ele retifica.

— Exatos oitenta por cento. Não é tão parcial assim, não é?

Agora é Antônio quem se manifesta.

— Como você sabe disso? — Ele se vira, assustado. — Isso era sigilo de contrato. Está me espionando?

— Não, na verdade. Eu sei de tudo sobre a compra e venda das ações, dos seus negócios, e até da sua vida falida, Sr. Albuquerque. Sou o novo sócio majoritário da *Albuquerque S/A*, que agora fará parte integrante e terceirizada da *Gouvêa & Associados*. Área jurídica nunca foi minha praia, então deixarei nas mãos de um CEO competente que facilmente conseguirá reerguê-la.

— Isso é absurdo. Fiz negócios com Sr. Amorim! — ele diz, indignado, e se levanta da cadeira.

— Meu testa de ferro. O senhor achou realmente que eu me calaria quando peguei a primeira mentira sua para o Pedro sobre a filha dele e seu filho? O investiguei, Sr. Albuquerque. E o que um homem não faz para manter as aparências, não é?! Pensou que daria o golpe em seu amigo, casando seus filhos e fundindo as empresas, assim manteria sua fortuna e status.

— Mentira! Absurdo! Pedro, meu amigo, você vai acreditar neste moleque sem berço?

— Já chega, Heitor! Meus laços com você a partir de agora são somente profissionais.

— Não vê que ele está tentando enganar a todos vocês, menina? Você vai se arrepender de deixar meu filho para ficar com esse...

— CHEGA!

Me assusto com o grito atrás de Heitor.

— Domênico... — Heitor fala, espantado.

— Eu cansei dessa palhaçada toda, meu pai! Já chega! Vega, eu gosto de você de verdade, mas jamais faria qualquer coisa daquelas para ter você! Quando se nasce um Albuquerque, não se tem muitas escolhas. Errei muito e lhe peço desculpas. A você também, Antônio. Eu menti, manipulei, acusei, me aproveitei da inocência de Vega e também de Amanda, e a troco de quê? Eu sinto vergonha de mim e mais ainda de você! — Ele aponta para o pai.

— Cale a boca, Domênico!

Heitor ainda mantém a pose altiva, mesmo estando na merda.

— Não! Pra mim, isso basta! Eu cansei! — ele diz isso e sai da sala deixando a todos chocados.

— Com licença — Heitor pede, ajeitando o paletó e vai saindo da também.

— Sr. Albuquerque? — Antônio chama, ele se vira e encara meu namorado. — Segunda feira às 8h, esteja pronto para receber o novo diretor geral da empresa.

Ele engole seco, acena e dessa vez sai de nossas vistas.

— Cho.ca.da! — exclamo simplesmente.

— Impressionante como uma posição social pode destruir uma pessoa. Eu o conhecia há anos ou achava que conhecia — meu pai lamenta.

— Acalme-se, Pedro. Nós nunca sabemos do que o ser humano é capaz.

Eu sei que ele pensa na sua origem. Vou até ele e o abraço.

— Vamos falar de coisas mais animadas, sim? — sugiro para sair desse clima chato.

— Sim, minha filha. Que tal falarmos da sua volta para a empresa? Como CEO — meu pai diz, esperançoso.

— *Papá...* Já conversamos sobre isso. Eu não vou voltar. Quero algo meu e quanto mais trabalho no projeto, mais me animo com tudo isso.

Ele murcha com minhas palavras. Tadinho! Vou até ele e o abraço.

— Quem vai ser a mão de ferro para assumir tudo isso aqui? — pergunta em lamento. A porta do escritório se abre e por lá passa Olavo cheio de si. Meu primo caçula é lindo e muito brincalhão, mas quando se trata da empresa, ele é fera!

Meu pai me encara e torna a olhar para Olavo, parecendo que uma luz se acende em sua cabeça. Já entendi tudo. A minha luz também acendeu.

— Acho que encontrou um candidato, hein, Sr. Gouvêa? — murmuro, com uma risada, para que só ele escute.

Antônio e eu nos despedimos do meu pai e de Olavo, seguindo para o meu apartamento. Claro que ocorreu quase a terceira guerra mundial, pois eu disse que passaria esse fim de semana em meu apartamento arrumando algumas coisas e, também, pelo fato de que agora que resolvemos essas questões entre meus pais, Antônio e a família Albuquerque, quero ir para a casa da minha *madre*. Estou com saudades.

Um Antônio um tanto emburrado me deixa em meu apartamento, prometendo vir mais tarde me buscar. Dou-lhe um chega pra lá e digo que nos veremos na segunda. Esse fim de semana é dos meus amigos e da minha família.



Capítulo 28
Você é minha paz, meu amor, minha vida

Antônio

— Com, você está me deixando tonto! — fala João, sentado no escritório do meu apartamento.

— Me deixa, João! — rebato, ainda andando de um lado para o outro. Eu preciso me acalmar.

— Cara, relaxe! Ela vai dizer sim para esse rostinho lindo!

Tranquilo, irmão!

Ainda ri da minha cara, o filho da mãe.

Não sei onde estava com a porra da minha cabeça quando resolvi dividir com João a minha pretensão no jantar desta noite na casa dos Gouvêa. Na verdade, o jantar foi criado somente para isso. Vou pedir minha pequena atrevida em casamento.

Já se passou um mês que estamos na mesma rotina. Ela dorme a semana inteira no meu apartamento, e, aos fins de semana, volta para o seu. Fico louco sem ela aqui. Até Greta diz que fico insuportavelmente chato sem minha pequena por perto e olha que Greta nunca pegou no meu pé.

Eu simplesmente não tenho paz sem ela aqui. Ela faz parte da minha vida, da minha rotina. Ela manda, pinta e borda no meu coração, e posso parecer um fraco, mas ela é o meu tudo. Eu não quero mais ter que sentir que ela pode partir. Quero-a aqui! Comigo!

— Ainda acho loucura, cara. Três meses! Faz três meses que vocês estão juntos. Não me entenda mal, eu amo a nossa princesa, mas não via você amarrado assim tão rápido! — João argumenta e o encaro.

— Quando você cair de quatro por alguém, meu amigo, vai entender o que estou

sentindo. Saiba que estarei aqui para ver isso. E esqueça esse “nossa”, ela é minha! M-I-N-H-A!

O filho da mãe gargalha da minha cara.

— Maninho, tô pronta! — Entra Amanda saltitando no escritório.

— Já estava na hora, pirralha. Vamos, quero chegar antes da Vega lá — falo, já saindo feito rojão porta afora.

— O que deu nele?

Escuto Amanda perguntando.

— Nada. Só tá doido pra se enforcar logo! — João responde a ela, seguindo-me junto com Amanda.

Vega

Chego a casa dos meus pais para mais uma reuniãozinha.

Como estava no meu apartamento, combinei com Antônio que eu iria com meus fiéis escudeiros e nós nos encontraríamos lá.

Nossa! Minha *madre* exagerou dessa vez. Quanto carro!

Entramos e levo um baita susto. Meus tios, Jonas e Agna estão aqui com minhas primas. Começa uma gritaria e cumprimentos, e vejo que também vieram meus *abuelos* e meu *tío* Esteban. Pronto! Reunião de família completa!

— Não acredito! Como eu não soube que vinham? — pergunto.

— Era surpresa, prima — responde Alexandra.

Cumprimentamo-nos e emendamos num papo gostoso. Olho ao redor e não vejo Antônio, mas vejo alguém que me intriga. Cláudio. Vou até ele.

— Olá! — digo, sorridente.

— Olá, menina linda! Como está bela! — ele me cumprimenta.

Dou uma voltinha, rindo. Estou usando hoje um vestido lindo de seda azul claro, faz estilo grego de um ombro só, com a barra em detalhes dourados, presente do meu namorado.

— Obrigada! Você não está nada mal. Antônio não mencionou que você viria, aliás, isso aqui hoje está muito esquisito. Minha família da Espanha veio e eu também não sabia. Ele ri como se soubesse de um segredo.

— Eu não perderia essa noite por nada! — exclama e quando eu vou perguntar o que isso significa, sinto minha nuca se arrepiar.

Eu sei que é ele, meu corpo o reconhece sempre. Viro-me.

Como não poderia ser diferente, meu mundo para. Ele está perfeito! Veste um terno escuro, cabelo revoltos, um sorriso encantador. Ele é lindo! Seu olhar me diz tantas coisas e hoje eles me mostram... Insegurança?! Vou até ele e sinto-o tenso apesar do sorriso.

— Oi, amor! — digo e ele me abraça, me dando um beijo.

— Oi, pequena. Você está magnífica!

— Gostou? Presente do meu namorado. — Faço graça.

— Homem de bom gosto. Pelo vestido e, claro, por você!

— Eu que tenho sorte por tê-lo em minha vida.

— Pela vida toda, meu amor — promete, falando próximo ao meu ouvido, num sussurro.

Arrepio-me inteira e sinto meu coração martelar. Ele volta a me olhar, agora enigmático. Enlaça-me a cintura e saímos para cumprimentar a todos.

Noto olhares curiosos em nossa direção, acho que é por Antônio. Minhas tias e minha *madre*, por exemplo, babam em cima dele, principalmente por este jeito galante à moda antiga.

Elas piram.

Desta vez minha mãe optou por um coquetel, então todos estão em trajes mais formais. Separo-me de Antônio e vou conversar com minhas primas. Percebo que a música ambiente muda e sinto meu coração palpitar. Toca *Iris*, Goo Goo Dolls, e de alguma forma sei que isso tem a ver com meu arrogante gostoso. Quando me viro, vejo Antônio parado no meio da sala com algo na mão. Todos silenciam.

— Pequena! — ele chama.

Aproximo-me um pouco, de repente tudo a nossa volta some e só vejo *ele*. Eu e ele, somente.

— Oi... — digo, encabulada. Eu não sei ao certo o porquê, mas escutar essa música me faz lembrar tudo que eu sentia naquela época em que a mandei para ele, e que não difere de hoje. Eu já o amava, só não queria admitir.

— Você foi o melhor acidente de percurso da minha vida, sabia? — Todos riem, eu também. — Ver você, esta pequena atrevida, virar uma leoa em defesa de alguém e, além disso, me ofender, realmente mexeu comigo — ele fala, lembrando como nos conhecemos.

— Você mereceu, *gilipolla!* — acuso, cruzando os braços e fazendo todos sorrirem de novo, inclusive ele.

— Sim, mereci, admito! Eu só não esperava que você fosse capaz de me mudar tanto. Certa vez aprendi com alguém muito especial que a vida não para. Nós estamos em constante mudança e que coisas vêm e vão, pessoas vêm e vão, e nos cabe aproveitar cada momento. — De alguma forma sei que ele se refere a Cláudio. — Eu percebi, pequena, que os melhores momentos da minha vida têm sido todos com você e eu não quero mais ficar um dia longe do seu sorriso. Você é minha paz, meu amor, minha vida! Fico chocada!

Antônio se aproxima, pega uma das minhas mãos que estão frias e suando. Estou nervosa, muito nervosa!

Então ele se ajoelha na minha frente e minha tensão aumenta tanto que minhas mãos tremem. Olha-me, esperançoso, como um menino que quer muito algo especial. Meu peito infla em perceber que eu sou seu “algo especial”.

— Vega Velásquez, você aceita se casar comigo? — pergunta com a voz rouca e vejo emoção em seus olhos.

— S-sim... — Meus olhos marejam de emoção e vejo Antônio soltar o ar, aliviado.

— Graças a Deus! — solta, colocando um lindo solitário no meu dedo e me abraça, girando-me no ar.

Escuto um arroubo de aplausos e felicitações, volto à realidade e vejo todos em volta emocionados.

— Eu não ouvi o sim, irmão! — Escuto João falar enquanto meu agora noivo me beija.

— Ela disse sim! — Antônio grita e todos caem na risada e começam as felicitações.

Olho-me no espelho e fico abismada em como estou. Uso um modelo sereia da *Berta*, que delineia todo o meu corpo com um decote que se desenha até a altura dos seios, fazendo o mesmo desenho nas costas e se estendendo até a altura de meu cóccix. Contorna meu corpo até a altura dos joelhos e se abre numa linda cauda. Esse vestido vai causar a morte cerebral do meu futuro marido!

Eu nunca imaginei que conseguiria organizar um casamento em três meses. Exatamente três meses, foi o prazo que meu arrogante gostoso me deu. Alegou que não aguentaria esperar nem um dia a mais para me chamar de esposa e ver seu sobrenome no meu.

Hoje me tornarei Vega Velásquez Gouvêa Machado, mas como ele gosta de dizer Sra. Machado. Eu prefiro Sra. Velásquez, afinal, era esse sobrenome que eu usava como solteira, mas ele diz que não é válido, já que agora serei mulher dele. Quanto machismo!

A verdade é que eu amo provocar meu noivo — adoro essa palavra, só não amo mais que marido! —, ele fica louco cada vez que penso em colocar qualquer separação de minha vida da dele. Ele diz que agora seremos um só. E eu? Amo isso, claro! Mas ele não precisa saber.

— Você está linda! — elogia minha amiga do peito, quase irmã e minha madrinha master, Aldria.

Claro que saiu briga para saber quem seria minha madrinha, então resolvi colocar três casais em estilo americano e findar o problema. Aldria e Júlio, Lucca e Íris, João e Amanda. Claro que Aldria fez uma guerra, pois ela queria ir com Lucca, mas ele negou dizendo que Íris

combinaria mais com ele no altar. Papo furado, claro!

— Obrigada, amiga! — agradeço e meus olhos enchem d'água.

— Não chore, prima! — fala Íris, que corre com um lençinho para mim.

— Eu estou tentando, mas tá difícil. — Nisso a porta se abre e minha *mamita* entra, acompanhada das minhas *tías* e minha *abuelita*.

Todas elas fazem um coro de “ohh” e eu vejo Íris correndo com lençinhos para elas também. Não vou chegar inteira ao altar.

— Minha *hija*... Está perfeita! — *mamá* fala, me abraçando.

— Deixem essa velha passar! Oh, minha preciosa! Está igualzinha a sua *mamita* quando ela se casou. Tome, lhe trouxe algo velho. — Olho para suas mãos e vejo um bracelete lindo. Reconheço-o de um dos álbuns de minha avó. Ela ganhou de meu avô quando fizeram dez anos de casados.

— *Abuelita*... — falo, chocada.

— É algo velho, minha linda, e muito especial.

Só concordo com a cabeça, pois já estou emocionada demais para falar.

— E eu lhe dou o algo emprestado — diz minha *madre*. Ela coloca em minha cabeça um enfeite, lindo e delicado. Afasta-se já chorando e eu seguro minha emoção.

— Te trouxe algo azul, amiga... E quente, claro! — Aldria estende para mim uma liga azul belíssima.

Rimos e ela me ajuda a colocá-la na perna por baixo do vestido.

— E eu represento seu noivo — se pronuncia Amanda. — Ele quis participar lhe dando o algo novo.

Ela estende um estojo da *Cartier* e abre para eu ver o lindo par de brincos e uma

gargantilha fazendo par. Perfeito!

Os brincos têm formato de gotas e a gargantilha é muito fina, delicada, e seu fecho é frontal, transpassando por um símbolo do infinito e ficando uma ponta pendurada, com um brilhante adornando-a. Ele me conhece tão bem.

Depois de muita emoção e uma Aldria se descabelando para manter minha maquiagem intacta, elas saem, seguindo a cerimonialista para seus lugares. Eu estou no meu antigo quarto na casa de meus pais. Quando fui decidir o lugar onde seria meu casamento, não precisei pensar nem por um instante, e nem preciso dizer o quanto isso alegrou dona Lena.

E para evitar maiores confusões com a tal “despedida de solteiro”, meu noivo muito ciumento resolveu que todos deveriam dormir aqui no dia que antecedeu o casamento. Todos não, mas eu e ele, sim. Então Aldria deu a idéia de fazer o clube das lulús e o clube dos bolinhas. Os meninos ficaram com o andar de baixo para beberem, jogarem e assistirem futebol; nós ficamos com o andar de cima, claro! Deu tudo certo até estarmos todos bêbados e querendo misturar os clubes. Conclusão: minha *madre* e meu *papá* tiveram que intervir e colocar todo mundo para dormir. Cada um no seu espaço, óbvio!

A tão esperada hora chega e meu pai vem me buscar e me conduzir para o altar.

Não consigo descrever o que sinto... É uma mistura de euforia e tranquilidade, amor e desespero, ansiedade e nostalgia... É tudo e nada ao mesmo tempo.

— Respire, filha! — aconselha meu pai. Olho-o e vejo o quão emocionado está. Ele conseguiu se redimir bem de seu erro, e hoje ele e Antonio são amigos inseparáveis. Isso me dá medo, às vezes. Sinto que posso perder batalhas, mas aí me lembro que tenho dona Lena do meu lado e fica tudo equilibrado.

Entro ao som de Bon Jovi, *Hallelujah*. Dançamos essa música em seu escritório no dia em que nos entregamos de corpo e alma a nós mesmos. Foi também um dia tenso e que nos marcou. O que quero lhe mostrar é que apesar de tudo que passamos, sempre serei grata aos céus

por tê-lo em minha vida.

Chegamos ao pé do altar e Antônio vem cumprimentar meu *papá* e me receber. Olho dentro de seus olhos, ele não diz nada, mas não precisa. Eu vejo o amor, a intensidade, o carinho e o respeito que tem por mim. Ele pega minha mão, beijando-a, nunca perdendo o contato com meus olhos. Voltamo-nos ao altar e o padre dá início à cerimônia.

Foi tudo perfeito! O meu conto de fadas que nunca imaginei que gostaria de ter. Quando o padre finalmente nos declara marido e mulher, Antônio me toma em um beijo cinematográfico, me curvando até quase o chão.

Saímos com a tradicional chuva de arroz e vamos para a festa.

— Ai, amor. Mais devagar! — Faço drama, voltando a atenção de Antônio para o meu pé. Ele faz uma massagem deliciosa em meus pés, pois estou acabada. A festa está a todo vapor, mas ser a noiva cansa.

— Desculpe, pequena. — Antônio se inclina e beija minha face.

Olho para a pista de dança e vejo todos aproveitando e curtindo. Foi montada uma pista de dança no meio da tenda improvisada para o casamento e, claro, foi um sucesso. Passo meu olhar pelo ambiente e fecho a cara.

O que esta infeliz está fazendo aqui?

— Inacreditável! — reclamo.

— O que foi, pequena? — Antônio dirige sua atenção para onde meus olhos estão focados. — Quem é aquela com Júlio? — ele pergunta.

— A sem sal da namorada dele. Eu não sabia que ela viria ao casamento — respondo, pensando na cara de pau do meu primo. Não aprende mesmo!

Vejo Aldria passando por eles e “sem querer” esbarrar na Isabela, namorada do Júlio. Ela continua seu caminho, sem ao menos se virar para pedir desculpas. É... Minha amiga não sabe ser sutil. Eu ainda arranco dela toda a história que envolve esses dois.

— Vamos embora? — Antônio sussurra no meu ouvido e lógico que meu corpo reage automaticamente.

— Vamos! — respondo sorrindo e o beijo.

Beijo o meu marido, meu amor, minha vida, e saímos do salão à francesa. Bom, não tão à francesa assim, pois ouvimos quase na saída, João gritando que tinha gente que não sabia esperar a festa acabar. Babaca!

Caio deixou o carro estrategicamente parado na saída e entramos correndo e rindo. Parecemos duas crianças aprontando alguma coisa.

— Finalmente nós, Sra. Machado! — Antônio exclama e me puxa para o seu colo, me beijando fervorosamente. Eu me afasto e olho em seus olhos.

— Obrigada! — digo.

— Pelo que, pequena?

— Por me mostrar que, me entregando ao amor, eu conheceria a verdadeira felicidade. Ela só é possível porque tenho você. Eu te amo, Antônio Machado!

— Eu te amo, Vega Machado! — Ele ri e me beija.

Chegamos ao *Fasano*, mas isso em nada me surpreende, pois para um homem como Antônio, somente um hotel que tem sua estrutura voltada aos anos trinta é capaz de agradá-lo.

Ele me ajuda a descer do carro e nos leva direto para o elevador. Quando o *concierge* nos segue para o elevador, Antônio o para.

— Obrigado! Mas me viro daqui.

O pobre coitado fica olhando para ele sem entender nada. Antônio me pega no colo e entra comigo no elevador.

— Antônio! — Dou uma gargalhada e a porta se fecha, deixando o pobre homem sem saber como agir.

— Finalmente a sós, pequena — diz isso e ataca minha boca com um beijo devastador.

A fome que sentimos um pelo outro se intensifica e os beijos quentes se tornam algo a mais.

— Amor... Eu preciso... — falo sem saber ao certo o que dizer.

— Eu sei. Eu também!

Ele entende. Entende a necessidade crescente em mim, pois é a mesma que está nele.

As portas do elevador se abrem e Antônio entra comigo no hall da saleta. Não presto atenção em nada. Ele me coloca no chão ainda me beijando. Preciso ser possuída por ele, preciso senti-lo dentro de mim.

— Droga de vestido — ele esbraveja e eu sorrio. Ele também sente a urgência.

— Aqui, amor. Puxe este zíper. — Mostro para ele que o fazer e, por milagre, não rasga meu vestido de noiva. O vestido é finalmente aberto e cai aos meus pés. Como o modelo não me permitia usar um corpete ou sutiã, estou agora nua de frente para o meu marido, que me olha hipnotizado. Uso apenas uma calcinha *La Perla* branca com amarração lateral, toda delicada e tão fina que chega a ser transparente. Na perna ostento a liga azul que minha amiga me deu e meias 7/8 brancas.

Antônio acorda do seu estado hipnótico e me ataca. Literalmente. Ele me agarra e me levanta, enlaço sua cintura com as minhas pernas e mesmo ele de terno, já sinto a firmeza do seu membro em contato com a minha intimidade.

— Preciso te comer! — decreta, para minha diversão.

— Quanto romantismo, marido — brinco, sacana, enquanto ele beija meu queixo e pescoço.

— Romantismo depois. Agora eu preciso estar dentro de você, senão eu ficarei louco.
— Nem percebi que ele caminhava, só noto quando ele me joga na cama.

— Você e essa sua mania de me jogar! — digo e ele vai tirando a própria roupa. — Humm strip-tease na lua de mel. Este casamento já está tendo vantagens. — Ele ainda está de calça, mas para de se despir e puxa minha perna, trazendo meu corpo para perto do seu. Eu grito pelo susto.

— A maior vantagem que você terá, pequena atrevida, vai ser meu pau enfiado em todos os seus orifícios. Todo. Santo. Dia! — ele promete, me dando beijos intercalados. Jamais eu iria reclamar disso.

Antônio continua descendo e me beijando, e quando chega na altura do meu ventre, passa os dedos pelas amarras laterais da calcinha e me olha.

— Achou que isso me impediria, pequena? — questiona e puxa o meio da minha calcinha, partindo a pobrezinha em duas partes. — Continue contando, pequena. Quando voltarmos da lua de mel, você terá um estoque imenso, só para eu rasgar todas às vezes.

Ai, meu Pai... Eu já perdi o raciocínio! Além da tortura física, ele judia do meu cérebro. Como ele consegue isso, só *Dio* sabe.

Antônio começa me dando lambidas e juro que vou enlouquecer. Quando ele enfia dois dedos em mim, me perco no gozo que me toma. A necessidade é tanta que não aguento por muito tempo.

— Molhadinha... Do jeito que eu gosto!

Diz e percebo que seu timbre de voz mudou para mais rouco, e isso significa que ele

chegou ao seu limite.

Antônio se levanta, tirando a calça e a boxer juntas. Seu membro delicioso salta livre. É lindo de se ver e minha boca seca de vontade de sentir seu gosto.

— Pequena? — Eu olho para ele, que me encara com olhos escuros e o seu rosto condena seu tesão. — Venha aqui!

Eu não consigo dizer nada, simplesmente obedeco. Quando chego diante dele, me beija e alisa meu rosto.

— Ajoelhe-se!

Se eu não tivesse acabado de gozar, acho que gozaria de novo. Meu pai amado! Como ele consegue isso comigo, eu não sei, só sei que amo. Ajoelho-me e ele não precisa mais me dar comando algum.

Antônio segura a base do seu membro e mais que depressa eu o engulo. Ele urra, mas eu não dou trégua. O chupo como se fosse o melhor sorvete da minha vida, sinto o gosto do liquido pré-ejaculatório e isso me deixa mais empolgada ainda.

— Pequena... Eu vou... se não parar... Ahhhh.

Ele tenta me avisar daquilo que, na verdade, eu quero.

— Deixe vir, amor. Eu quero tudo de você — falo e volto a chupá-lo. Isso o aciona e o joga da borda. Antônio goza feito um animal na minha boca e quase engasgo com a quantidade de sêmen, mas faço o meu esforço e engulo tudo.

Ele que segurava meus cabelos, alivia a pressão e os alisa.

Olho para ele ainda de joelhos e pergunto:

— Satisfeito, senhor?

Não escondo o sorriso sacana de quem conseguiu o queria.

Antônio me junta do chão, jogando-me novamente na cama. Ele segura minhas pernas e me vira de bruços. Dá-me um tapa na bunda e diz:

— De quatro e mãos na cabeceira, pequena. Estou longe de atingir minha satisfação de você!

Eu sinto que teremos vários embates, quase guerras nucleares, uma montanha russa de vida, mas eu estou loucamente ansiosa para viver tudo isso com meu arrogante gostoso!



Três meses depois...

Inferno de trânsito!

Tenho exatos vinte minutos para chegar nesse cliente, se não estou perdida. São Paulo e seu peculiar trânsito abarrotado. Eu não sei como não desisto de carros e começo a ir de ônibus ou metrô.

Exatos quinze minutos depois, consigo chegar ao hotel onde acontecerá a reunião. Desço correndo e praticamente jogo a chave do carro no manobrista. Dou graças a esses clientes excêntricos que amam reuniões em hotéis de luxo, assim não preciso me preocupar com vaga para estacionar.

Meu celular toca de novo e, pelo que me lembro, é a quinta vez consecutiva. Isso me mostra que só pode ser uma pessoa desesperada me ligando. Meu marido! Como ainda tenho cinco minutos, resolvo retornar sua ligação, caso contrário ele é capaz de rastrear meu celular e mandar Caio vir averiguar o que está acontecendo.

— Alô?

— Onde raios você se meteu que não atende essa merda? — Mas é um grosso mesmo!
— Já mandei Caio até seu escritório e disseram que você saiu tem mais de uma hora, te ligo e

você não atende! Eu te liguei quinze vezes, Vega Machado!

Exagerado.

— Jura?! Na próxima eu mudo seu nome de identificação no meu celular para AMANTE, aí atendo de primeira — ironizo, petulante. Onde já se viu me tratar assim?

— Não brinque comigo, Vega! — Ele está nervoso mesmo.

— Amor, olha, eu tô ocupada, prestes a entrar em uma reunião importantíssima. Estava num trânsito infernal e quase não chego a tempo. Podemos nos falar à noite? No jantar que marquei contigo?

Tento manter a minha paciência, afinal, agora preciso ser mais zelosa com minhas alterações de humor, que já não eram poucas, agora, tenho até medo.

— Não sei se irei a esse jantar — ele diz, fazendo birra. *Dio*, eu tentei, juro que tentei, mas este homem testa meus limites.

— Ótimo! Me avise a tempo, que eu chamo o AMANTE! — Desligo o telefone.

Sei que não deveria provocá-lo desse jeito, mas ele aflora o pior de mim quando age assim.

Entro para minha reunião, mas tenho o cuidado de desligar o celular. Tenho certeza de que ele não encerrou essa discussão sem pé e sem cabeça.

Hoje completamos três meses de casados e tem sido a melhor experiência da minha vida. Eu amo demais o Antônio e a cada dia eu descubro algo novo nele para me apaixonar.

Moramos no apartamento dele, aliás, nosso. Ele diz que agora tudo que temos é em conjunto. Não quer nenhum tipo de separação ou distinção entre nós.

Desde o primeiro mês de aniversário de casamento, Antônio tem me surpreendido com algo. No primeiro mês, que eu sinceramente não me lembrava, cheguei em casa e ele havia

espalhado velas e rosas vermelhas por todo o apartamento. No segundo mês, já estava preparada, me surpreendeu de novo. Levou-me para o cinema e quando pegamos nossos acentos na poltrona, ao invés de começar o filme, o que começou foi um vídeo feito por ele, mostrando nossos melhores momentos até ali.

Não preciso dizer que chorei feito doida, né?! No cinema estava a nossa família e amigos, espalhados entre as outras pessoas que se encontravam ali pelo filme real. Saímos dali e fomos comemorar com um belo jantar.

Naquele dia o amor da minha vida me deu outro presente, e por esse eu nunca serei grata o suficiente. Há dois dias descobri que estou grávida. Não sei como ainda me aguentei e não falei.

Marquei esse jantar com ele com o pretexto da comemoração dos nossos três meses de casados, mas a verdade é que vou lhe dar a notícia da gravidez.

A reunião termina e não foi como eu esperava. Minha cabeça não estava ali, não consegui me concentrar em nada e, agora que discuti com Antônio, estou aflita e com medo.

Cumprimento a todos e saio cabisbaixa. Saco meu celular da bolsa e começo a digitar alguma mensagem para ele. Quando olho para cima, vejo-o parado e encostado no meu carro, me olhando.

Toda minha angústia se dissipa e meu peito explode de emoção. Ele veio aqui. Corro feito idiota e ele me pega, me ergue e me beija.

— Desculpe, amor — eu falo entre beijos.

— Não... Me desculpe você. Eu fui um idiota! — ele diz e me coloca no chão. — Vim te buscar.

— Mas eu estou de carro — lembro-o, apontando para o carro atrás dele.

— Eu sei. Mas quem disse que vamos de carro embora? — pergunta, sorrindo de forma

enigmática.

— Do que você está falando? — A curiosidade me toma.

— Venha comigo, pequena. — Ele me puxa para dentro do hotel novamente.

Subimos pelo elevador e ele me leva ao último andar. Saímos e passamos por uma porta e mais um lance de escadas, até que saímos no heliponto do hotel. Eu o olho, surpresa.

— Vamos voar, pequena! — comunica e me leva para o helicóptero que já está pronto à nossa espera.

E mais uma vez ele me surpreende. Antônio coloca o cinto em mim e me entrega o fone de comunicação. Dá sinal para o piloto e saímos do chão. Olho encantada para ele e para fora, admirando a paisagem.

Meu peito se enche de alegria quando sobrevoamos o Museu do Ipiranga e vejo no jardim de entrada escrito no chão “FELIZ BODAS DE ALGODÃO DOCE”.

— Amor... — Olho para ele e volto a olhar para fora.

Como esse homem consegue fazer essas coisas? Ele passa disparado no quesito romântico. De repente, tudo sobrecarrega para mim e começo a chorar. Não só chorar, mas quase me descabelo. Antônio que sorria fica sério e vem em meu socorro.

— Pequena, o que foi? Não gostou, amor? — E eu só choro e soluço. — Amor, fala comigo?

Ele me abraça e afaga meus cabelos. Afasto-me e resolvo botar tudo para fora.— E-eu... N-não... Me-mereço issoooooo... — falo entre soluços e ele me olha, atônito.

— Claro que merece, pequena. Você é meu tudo, amor! — declara ele, segurando meu rosto e me beijando no rosto.

— Mas eu briguei com você... e, e você só estava preocupado... e eu te provoquei... —

O choro ameaça voltar.

— Shiiii... Pequena. Esquece isso, tá?! Eu passei da conta, fiquei preocupado que pudesse ter acontecido algo com você? Você é minha pequena atrevida e quando age desse jeito me deixa louco... E duro! — ele diz isso e me beija e, por *Madre de Dios*, um fogo acende em mim. Meus hormônios em frangalhos ganham uma carga de energia.

Dio Santo, eu estou uma bagunça emocional!

— Eu tô grávida! — anuncio simplesmente.

Antônio me fita e seus olhos se arregalam. Ele olha para mim e não fala nada, olha para minha barriga e espalma sua mão nela.

— Grávida? — indaga e sinto a emoção em sua voz.

Quando ele me olha vejo seu olhar marejado e isso aciona meu lado chorão novamente. Acho que não sobrevivo a esses hormônios até o fim da gravidez.

— S-sim...

— Amor... Eu querendo te surpreender e no fim você que é minha vida, meu tudo, conseguiu tornar ainda mais perfeito a nossa vida. Obrigado!

Então beija com amor, e nele sinto todo o sentimento que quer me passar e eu sei que sempre serei amada por esse homem.

Nós vivemos nessa tempestade de sentimentos, eu sou explosiva e ele um arrogante gostoso, mas quando nos permitimos nos entregar ao amor, tudo se torna mais que perfeito.



2 anos depois...

— Mas que merda... — falo, atordoada.

— Meda... Meda...me-e-da...

— Ana Luz, não pode! Feio! — digo, me abaixando para falar com minha filha muito espertinha.

— Na... Na... Na... Na... — Ela faz sinal de não com o dedinho e me olha com aqueles enormes olhos claros, um rosto delicado, feito boneca. Branquinha e loira, Antônio diz que ela é a cara da Amanda quando nasceu. Então foi certo o nome escolhido para ela.

Meu arrogante gostoso morreu de orgulho quando contei a ele que ela se chamaria Ana Luz Velásquez Gouvêa Machado. Disse que eu só vivia para trazer alegrias para ele e fazer a homenagem à sua mãe foi a prova disso.

Não sei bem dessa parte de alegria, pois ainda continuamos os nossos embates. Ele é muito turrão, mandão, arrogante, gostoso e supercarinhoso comigo e com sua pequenina. Ainda somos os mesmos, mas ele me surpreende sempre e me mostra o quanto me ama. Só vira uma fera quando acha que quero desafiá-lo. Bom, eu quero, mas nego até a morte!

Pego minha filha que tenta sair correndo. Ana Luz é muito espoleta, só pode ter puxado

ao pai.

“*Ah sim!*” - você de novo, não! Nunca mais consegui me livrar dessa vozinha, que teima em sempre dar razão ao meu marido.

“*Alguém precisa defender o pobre coitado!*” - sei bem o que você quer defender, mente pervertida!

Volto à minha realidade, pois com essa vozinha não adianta discutir e caio em mim. Grávida! Estou novamente grávida e agora com uma filha de um ano e meio nos braços. Estou perdida. Já foi uma verdadeira guerra conseguir voltar a trabalhar em meu escritório de controladoria, mesmo que meio período por dia.

Antônio, machista como só ele é, disse que eu tinha que ficar em casa e cuidar da nossa filha, pois ela requeria todos os cuidados que só uma mãe poderia dar. Provei a ele o que um pai também pode trocar uma fralda e dar uma mamadeira.

Quando Ana Luz estava com oito meses de idade, eu voltei ao trabalho. Já havia montado minha pequena equipe. Como já tinha alguns contatos, não foi tão difícil me inserir no meio, agora como profissional independente. E, claro, não serei hipócrita em negar que carregar no sobrenome, Gouvêa Machado, tem seu peso.

Enfim, quando finalmente voltei a trabalhar, mesmo que por meio período, eu arrumei a terceira e quarta guerra mundial em casa. Antônio ficou exatos três dias sem falar comigo, mas como adoro uma guerra, não dei bola e continuei me dividindo entre cuidar da minha filha e dar conta de gerenciar o escritório.

Nesta mesma semana em que estava tudo muito tumultuado e o escritório precisou de mais tempo da minha parte, e mesmo sentindo culpa — porque mãe sente isso o tempo todo —, deixei Ana Luz de mala e cuia no escritório da *ALM Enterprises*. Antônio quase enfartou quando invadi seu escritório com ela em um braço e todos os apetrechos no outro.

João, que estava com ele e só fazia rir, calou-se rapidinho quando coloquei minha filha em seus braços e avisei que padrinho também era para essas coisas. Ele tentou argumentar, mas comigo não adianta que não tem vez.

Depois desse episódio, ele aprendeu o quão difícil é ter uma carreira e ainda cuidar de um serzinho que requer muita atenção e carinho.

Não posso reclamar do meu arrogante gostoso. Ele saiu, além de um ótimo marido, um excelente pai. Lembro-me de quando estava grávida de seis meses de Ana Luz. Despertei de madrugada com vontade de comer aquelas lasanhas pontas, que a gente vê nas propagandas de comidas rápidas.

Eu o acordei fazendo um delicioso de um boquete, até me empolguei, confesso, mas aí à vontade da *bendita* lasanha voltou e então pedi que ele fosse buscar.

— Agora? — ele perguntou, indignado.

— Não. Pode esperar sua filha nascer com cara de massa congelada — falei, já irritada. Meu humor oscilava demais nessa época.

Ele saiu bufando, chamando-me de atrevida e maluca, mas trouxe minha lasanha. Huumm... Começo a sentir água na boca só de lembrar-me dela.

Resolvo dar a notícia como havia planejado da primeira vez e não deu certo. Marco a reserva no restaurante, arrumo a surpresa, que agora vai ser de um jeito um pouquinho diferente e mando uma mensagem avisando.

Eu - Amor?

Antônio - Oi, pequena

Eu - Fiz reserva naquele restaurante que você adora. Me encontra lá às 19h?

Antonio - Claro, pequena... te encontro lá... e minha Luz?

Ele sempre faz isso. Não importa quando ou onde, pergunta da filha.

Eu - Está ótima... bjs, até à noite

Antônio - Até, meu amor...

Chego ao restaurante antes dele, coloco Ana Luz na cadeirinha e quando me viro para pegar seus brinquedos, vejo Domênico. Ele está com uma criança nos braços e, ao me ver, acena.

Eu aceno de volta, vejo-o se aproximar de uma moça e eles caminham para sua mesa. Fico feliz que ele seguiu seu caminho e parece realmente bem.

— Demorei? — Antônio chega à mesa e me dá um beijo carinhoso.

— Não, amor. Acabei de chegar.

— Papa... pa... papa... paaaaa... — Ana Luz fica louca quando vê o pai.

— Cadê minha princesa? Vem *pro* papai — Antônio fala, parecendo um bobo.

É incrível como ele perde toda a pose de CEO arrogante quando está em volta da filha.

Fazemos o pedido e Antônio se entretém brincando com Ana Luz. Estou com a caixa que revela nosso novo membro da família, mas insegura de entregar a ele. Vai que isso é demais para ele?

“Para de ser medrosa. Esse homem te atura há mais de dois anos. Se não largou até agora, não larga mais!” - muito animadora, você!

— Amor! Não te contei. Caio está pirando com a Amanda.

— Ué, por quê? — Eles acabaram de descobrir que estão grávidos, o que pode estar dando errado com aqueles dois?

— Ele não aguenta as oscilações de humor dela e os pedidos descabidos de desejo — esclarece, rindo e balançando a cabeça.

— E o que tem demais nisso? Carregar um filho não é fácil e, se ele só tem que lidar com os efeitos colaterais, não deveria reclamar! — justifico, já ficando irritada com o andar da conversa.

— Ah, pequena, você sabe que não é fácil pra nenhum dos lados. Eu lembro que quase fiquei maluco com suas alterações.

— Que alterações, Antônio Machado? — Agora me altero de vez.

— Vega, você não se lembra? Quase me colocou maluco com seu humor e quase me matou com sua vontade de s-e-x-o! — FILHO DA MÃE! Pego a caixa que estava guardada com tanto carinho e praticamente jogo sobre a mesa.

— Pois então, parabéns, papai, pois acho que você ficará maluco junto com seu cunhado — comunico com raiva e mágoa.

Levanto-me, pego Ana Luz no colo e saio do restaurante, deixando um Antônio com cara de bobo para trás.

Antônio

Eu e minha boca enorme. Mas que merda!

Não foi à toa que quando a conheci, Vega me chamou de *Gilipollas*! Eu sou um! Demoro em torno de dois minutos para entender toda a situação, abro a caixa de presentes e lá dentro tem um par de sapatinhos azuis, com a mensagem “*será que dessa vez vem um menino?*”.

Tomo-me por uma grande emoção. Meu Deus, eu nunca quis criticar minha pequena. A filha que ela me deu foi o melhor presente que eu poderia ganhar.

Não menti quando disse que ela me deixou quase louco e sem pau. Vega já traz em sua natureza algo explosivo, somado isso aos hormônios da gravidez, ela virou quase a bomba de Hiroshima! Ela que não me escute falar isso...

A parte boa foi o sexo, até o dia que ela resolveu me amarrar na cama e dizer que era um desejo de grávida me manter para seu bel prazer. Depois desse dia aprendi que aguentar três *rounds* é brincadeira de criança.

Levanto correndo e vou em busca das minhas pequenas. Chego do lado de fora, mas não vejo ninguém. Droga, ela já saiu! Pego meu carro e vou para casa.

Não vejo seu carro na garagem, mesmo assim entro em casa. Está tudo quieto. Merda! Ela só pode ter ido para um lugar. Saco o celular do bolso, discando o número.

— Ela está aqui! — informa Júlio logo que atende.

— Deixe-me falar com ela? — peço, esperançoso.

— Espera! Vou ver se ela quer atender.

Escuto no fundo minha filha e o filho de Júlio brincando.

— GILIPOLLAS! — ela grita assim que pega o telefone, e a linha fica muda.

Minha mulher já começou com suas oscilações de humor. Vou para meu quarto em minha miséria e tiro a roupa, deitando próximo ao seu lado da cama. Posso sentir seu cheiro.

Um filho! Eu serei pai novamente e isso me emociona ao extremo. Não pensei que sentiria isso de novo, afinal, já sei o que é ser pai de alguém. Ana Luz, o brilho de minha vida.

Acordo assustado, olho para o relógio e vejo que ainda pego o pessoal na casa da Aldria tomando café. O que um homem apaixonado não faz? Quem te viu e quem te vê, Antônio Machado!

Chego em frente a casa do Júlio e da Aldria, e entro. Ouço os barulhos vindos da cozinha e sei que estão todos lá.

— Bom dia! — falo o mais animado possível.

As crianças correm para me cumprimentar, Júlio me acena com a cabeça, Aldria me dá

aquele sorriso de “você está na merda e sabe que está” e Vega nem me olha.

— Café? — Júlio oferece e eu pego a caneca de sua mão.

É sempre assim. Quando um de nós dois chateia nossa esposa, uma corre para a casa da outra e no outro dia, nós que somos apaixonados e totalmente paus mandados delas, vamos atrás.

— Então, amiga, a Amanda pediu pra confirmar a compra. O Lucca também vai.

— Pode confirmar — ela responde comendo, e não me dá uma mísera atenção.

— Aonde? — pergunto e elas não respondem.

Olho para Júlio e ele esclarece:

— Show do Maluma, aqui em São Paulo.

— O QUÊ? — Mas nem fodendo! — Vega, eu não vou nessa merda ficar vendo vocês gritarem para aquele viadinho.

— Vidinho... vividinho... vivi...

Que porra! Esqueci da Ana Luz!

— Olha aí, esperto! Filha, não pode! Muito feio falar assim — Vega se abaixa para falar com nossa filha. Aproveito e me abaixo também, ficando próxima dela.

— Papa, na pode... — minha filha fala para mim, me repreendendo. Linda e mandona feito a mãe.

— Não, minha linda. Não pode. Papai às vezes fala coisas que não deve, mas isso não quer dizer que papai não ama vocês — eu me dirijo à Vega através da nossa filha.

— Papai é *gilipollas* — diz ela com sorriso no rosto.

— Gili... gililo... — Ana Luz testa a palavra.

— Pelo menos essa, a professora não vai entender! — argumento, me levantando e

ajudando Vega a se levantar. Ela me encara.

— Desculpe. Eu exagerei — admite, me olhando nos olhos.

— Me perdoa, amor. Eu não deveria ter dito aquelas coisas.

— Tudo bem. Não foi mentira — ela diz com ar de sapeca e sei que tenho minha pequena de volta. Aproveito e a beijo intensamente, desço e fico de joelhos na sua frente, beijando sua barriga.

— Oi, filhão! Papai está muito feliz por saber que você tá aí, viu?! — converso com a barriga de Vega e quando olho para cima, vejo uma lágrima escorrendo de sua face. — Pequena, não chore.

Levanto e a beijo de novo.

— Crianças no recinto, ô casal apaixonado! — Aldria chama nossa atenção, então largo minha pequena atrevida. — Já mandei mensagem para a Amanda confirmando — ela fala.

— Tudo bem — Vega concorda.

Mas será possível, Meu Deus?

— Vega! Já disse que eu não vou. E além do mais, você está grávida — argumento.

— Primeiro, você não vai mesmo, eu não te convidei. Segundo, gravidez não é doença! — ela diz, toda atrevida, fazendo sinais com as mãos.

— Isso é o que nós vamos ver, pequena atrevida! — Saio da cozinha pior do que entrei. Será possível que ela sempre vai me pôr louco?

Dias depois...

— Isso vai dar merda! — Júlio resmunga, abrindo caminho para chegarmos à área VIP do show.

— Cale a boca e ande! — Caio ordena.

— Olhem *elas* ali! — Mostro quando vejo a cabeça loira de Amanda e logo ao lado dela está Aldria, Lucca, e por último minha pequena atrevida.

Pois é. Ela bateu o pé e conseguiu vir nesta porcaria de show deste cantorzinho de quinta. Não sei o que elas veem nele, o cara é um idiota!

Tivemos que fazer o maior malabarismo para nenhuma delas desconfiar que viríamos. Eu sabia que minha batalha estava perdida quando minha pequena me pressionou a ceder no meio de um boquete dos deuses... Merda! Eu cedi. Claro que cedi!

Nossos filhos ficaram com os respectivos avós e foi uma correria da porra conseguir fazer isso rápido o suficiente para não as deixar à mercê desses babacas.

— Vamos ficar por aqui — Caio fala, se esgueirando da vista da minha irmã.

— Tá com medo, é?! — implico.

— Jamais! Só não quero começar a batalha antes da guerra! — Boa escolha de palavras. Com duas grávidas temperamentais, uma Aldria e Lucca — Bom, Lucca não conta —, vai ser uma boa briga quando elas nos perceberem aqui.

Ficamos um pouco afastados. Nós viemos para garantir o bem-estar e segurança física das nossas mulheres. E, claro, não queremos nenhum babaca filho da puta colocando a mão no que é nosso.

As luzes se apagam e começa a gritaria. Pelo amor de Deus, ninguém merece! O Maluco — Vega odeia quando troco o nome dele de Maluma para Maluco — entra no palco e começa o showzinho de quinta.

Acho que já era metade do show e já estávamos na terceira rodada de cerveja, quando vejo o babaca interagindo com o público. As meninas começam a gritar feito loucas, Vega é a mais descontrolada.

A gritaria é tanta que o Maluco nota o canto das nossas meninas e se aproxima dali, se abaixa e faz sinal para alguém.

Epa! Tem coisa aí.

— Merda! — Vejo Caio sair em disparada, seguido de um Júlio que xinga todos os palavrões.

Mas que merda é essa?! Vega é colocada no palco, junto com Aldria, Amanda e Lucca. Fodeu!

Não chegamos rápido o suficiente para impedir. Agora estão todos no meio do palco e começa a tocar uma música. As atrevidas dançam e rebolam, e a batida fala algo de ‘*sim ou não*’, sei lá o quê.

Quando Vega vira, ela me olha nos olhos. Ficamos nos encarando e a pequena atrevida que tem dentro dela começa a se oferecer para mim. Ela dança, sempre me olhando e sorrindo com cara de safada. É hoje que ela apanha naquela bunda gostosa!

Júlio solta mais palavrão que um estádio de futebol, Caio cruza os braços e bufa feito touro, e eu, só observo a minha doce pequena atrevida me provocar.

Quando a música acaba, eles são retirados do palco pelo acesso lateral. Vamos os três para lá encontrar com nossas esposas. O primeiro a aparecer é Lucca, que nos encara com os olhos esbugalhados. Também, pudera! Caio com cara de touro bravo e um Júlio que só xinga para todos os lados, o coitado se assusta.

Logo aparece o trio de malucas e cada uma delas perde o riso quando nos vê. Vega toma a frente e vem em minha direção, cruzando os braços.

— O que você faz aqui, Antônio? — pergunta, petulante.

Maldita mulher que me deixa puto e duro ao mesmo tempo!

— Vim garantir que minha linda esposa errante volte para casa intacta e segura — falo.

Enquanto isso o barraco rola ao lado com Aldria e Júlio, e um Caio bufante já sai arrastando Amanda e seu barrigão de seis meses de gravidez para a saída.

— Estou indo embora, Vega. O Júlio está tendo um ataque — avisa Aldria, que já sai em disparada com um Júlio esbravejando atrás.

— Então?

—Então o quê? Eu não vou embora, quero terminar de ver o show.

Ela mal termina de falar e eu a pego no colo. No susto ela circula as mãos em volta do meu pescoço.

— Vai ser do jeito difícil, pequena — falo isso e me viro, saindo daquele inferno que me enfie para buscar o que me pertence.

Vega

Mal entramos em casa e Antônio ataca minha boca em um beijo possessivo, me beijando enlouquecidamente. Na pressa ele rasga minha blusa e meu sutiã. Ele nunca vai perder essa mania. Continua me beijando e me puxando para... a sala de jantar?!

— Amor, o quarto é para lá — digo entre beijos. Ele não dá bola e me pega, colocando-me sobre a mesa.

— Eu quero jantar, pequena... — avisa, com cara de safado e se senta na cadeira à minha frente, passando a mão pela minha calcinha, visto que a saia já subiu e está na cintura. Claro que ele rasga a pobre coitada. Esta contagem nunca terá fim.

Ele ataca minha vagina e me faz estremecer. Adoro quando ele fica assim, sem controle e limite. Ele me chupa como se realmente ‘ela’ fosse seu alimento mais valioso. Não demora muito e estou segurando em seus cabelos e gritando seu nome no meio do meu orgasmo intenso.

— Delícia de boceta! Venha, eu quero você na nossa cama — diz, se levantando e me levando para o quarto no colo.

Ele entra no quarto e me coloca na cama, diferente de todas outras vezes, agora que estou grávida novamente, ele volta a ter certos cuidados. Tira a roupa, me olhando intensamente e ficando nu. Admiro sua beleza. Nunca vou enjoar destes momentos com ele. Antônio sabe me envolver como quer e nem ligo. Ele me satisfaz plenamente.

Mesmo em meio às brigas, pirraças, minhas explosões e suas arrogâncias, nós somos perfeitos assim. Desafiamo-nos e nos desentendemos dia sim e outro também, mas quando estamos aqui, na nossa intimidade, sabemos que tudo isso é só a pitada que precisamos para não cair na rotina.

Ele vem a meu encontro como um leão que se prepara para pegar sua presa, e quando

paira sobre mim, sinto seu membro esfregando em minha entrada e isso me excita e me deixa na borda novamente.

— Eu te amo! — exclama.

— Eu também te amo. Obrigada por fazer valer a pena me entregar ao amor.

Fim

Agradecimentos

Quanta coisa, pessoas e momentos para agradecer. Difícil montar uma lista completa, aos que não forem citados, por favor, não se ofendam. Perdoem a falha dessa escritora que tenta, em poucas palavras, passar sua gratidão. Claro, acima de tudo agradeço a Deus e ao meu marido, que me deu o apoio e por entender as horas incontáveis em frente ao computador digitando, interagindo e criando.

Agradeço ao grupo de amigas “Taradas Doces Insanas”, sem vocês esse sonho realmente não aconteceria.

Helô com sua betagem, incentivo, crítica e dicas importantes e, a minha amiga, Cintia Rafaela, que embora tenhamos nos separado da parceria, ela sempre foi meu apoio dentro e fora das páginas.

Não posso deixar de mencionar Blaire, administradora do grupo “Somos Tagarelas e daí?”, que me apresentou a minha querida Editora Livros Prontos. Como a Lene, Natasha e Julli, minhas adm’s betas do projeto divulgação. Agradeço a cada leitora do Wattpad e ainda mais, as meninas do grupo “Pequenas Atrevidas”, vocês são demais.

Agradeço as minhas irmãs de sangue e alma Leticia, Aldria e Fernanda, o apoio de vocês sempre foi fundamental neste início de caminhada, e claro na minha vida.

Meu core explode por Tatiane Sousa e as meninas do Café com Letras – Parceiras, Nana Simons, Patricia Rossi, Anne Krause, que me ajudaram a entender esse mundo literário, livros, escritas, registros, postagens e todos os desafios que envolvem o mundo da escrita.

Aos grupos do facebook, blogs e páginas de interação entre leitores, escritores, resenhistas e tantos outros, um beijo especial para Cinthia Gutierrez e Scar Miranda do grupo Lunáticas por Romance, a Emillainy do grupo Leitoras Insanas e a Tate

e OnnyxTeller do Somos Tagarelas, e daí?

Claro, jamais deixaria passar sem agradecer a minha editora Dani Moreno, e a toda a equipe da Livros Prontos. Orgulho por fazer parte desse sonho conjunto. Mantenho em meu coração a gratidão por cada um que participou direta ou indiretamente desta obra.

Obrigada pelo apoio e que Deus abençoe cada um de vocês.

^[1] Kardashians – referência as socialites americanas Kim, Kllhoé, Kourtney, Kendall e Kylie. (N.A.)

^[2] Los ojos del Diablo – os olhos do diabo, em espanhol (N.A)

^[3] Judith Flores – personagem principal do romance erótico “Peça-me o que quiser”, da autora Megan Maxwell.(N.A)

^[4] bondage – é um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida. Pode ou não envolver a prática de sexo com penetração. (fonte: Dicionário Informal. <http://www.dicionarioinformal.com.br>)

^[5] Hacia arriba toro - Para cima do touro, referencia à tourada. (N.A)

^[6] BDSM é um acrónimo para a expressão "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo" um grupo de padrões de comportamento sexual humano. (N.A.)

^[7] Montblanc – Uma das marcas mais tradicionais em canetas, criada em 1906, com sede em Hamburgo-Alemanha, batizada em homenagem ao Monte Branco (em francês **Mont Blanc**), a montanha mais alta da Europa Ocidental. (N.A.)

^[8] Madre de Dios Santo, estoy perdida! – Santa Mãe de Deus, estou perdida! (tradução livre) (N.A.)

^[9] Hola niño, Dios los bendiga – oi criança, Deus a abençoe

^[10] Hija - filha

^[11] Cenar- jantar

^[12] Cuadrilla - turma

^[13] Nada, cosa madre – Nada, coisa de mãe.

^[14] Enfriarlo – acalme-se

^[15] Sant Feliu de Guíxols é um município da Espanha na província de Girona, comunidade autónoma da Catalunha. (N.A.)